



*E-book digitalizado por: Levita Digital
Com exclusividade para:*



<http://ebooksgospel.blogspot.com>

www.ebooksgospel.com.br

ANTES DE LER

Estes e-books são disponibilizados gratuitamente, com a única finalidade de oferecer leitura edificante à aqueles que não tem condições econômicas para comprar.

Se você é financeiramente privilegiado, então utilize nosso acervo apenas para avaliação, e, se gostar, abençoe autores, editoras e livrarias, adquirindo os livros.

* * * *

“Se você encontrar erros de ortografia durante a leitura deste e-book, você pode nos ajudar fazendo a revisão do mesmo e nos enviando.”

Precisamos de seu auxílio para esta obra. Boa leitura!

E-books Evangélicos

Aramis C. DeBarros

**DOZE HOMENS,
UMA MISSÃO**

D286d

DeBarros, Aramis C.

Doze homens e uma missão / Aramis C. DeBarros. - Curitiba : Editora Luz e Vida, 1999.

338pp ; 16x23cm.

ISBN 85-86113-44-1

Inclui bibliografia

1. Jesus Cristo - Missões dos doze apóstolos.
2. apóstolos - Biografia. I. Título.

CDD-225.92

© 1999 Editora Luz e Vida

Editor: *Samuel Eberle dos Santos*

Coord. de Criação: *Dieter Fuchs*

Revisão e Diagramação: *David de Araújo*

Capa: *Marianne Bettina Richter*

Obra da capa: *Ultima Ceia - 1445/50 Andréa Del Castagno*

Todos os direitos reservados para:

EDITORA LUZ E VIDA

Rua Trajano Reis, 672

80510-220 Curitiba/PR

Fone/fax 041 323-2244

www.luzevida.com.br

1ª edição 1999: 3.000 exemplares

2ª edição 1999: 4.000 exemplares

Dedico esta obra...

Ao meu pai Claudino,

Uma personalidade marcante, uma mente brilhante e um pai sempre presente.

A minha mãe Nelita,

Pelo amor, carinho e dedicação acima de qualquer medida.

Ao meu irmão DArtagnan,

Exemplo que conservo de um viver laborioso, triunfante e generoso.

A minha irmã Cláudia,

Cuja perseverança, as vicissitudes da vida não puderam furtar.

E a minha Vó Izolina,

Que, partindo, levou para o porvir um pouco da minha história.

Sumário

Nota do Autor

Prefácio

Uma Introdução ao Mundo Apostólico

Os aspectos facilitadores da difusão da fé cristã no mundo greco-romano

Os fatores inibidores da historicidade apostólica

A visão estratégica dos apóstolos

Bartolomeu

A vocação de Bartolomeu

Bartolomeu na Ásia Menor

Bartolomeu rumo ao oriente

Bartolomeu, o Iluminador da Armênia

Os restos mortais

Mateus

Uma profissão indigna

Mateus visto pelas lendas da tradição cristã

A morte de Mateus

Os restos mortais de Mateus

Simão Zelote

A obscura origem de Simão Zelote

Violência e morte na saga dos zelotes

A missão às Ilhas Britânicas

As contradições acerca de sua morte

Os restos mortais de Simão Zelote

Judas Iscariotes

Judas, um tesoureiro pouco confiável

O breve apostolado de Judas

A traição

O suicídio de Judas

Uma vaga a ser preenchida

Matias, o incógnito substituto de Judas

Tomé

Uma personalidade marcante

A rica tradição sobre as missões de Tomé

Como se deu o martírio de Tomé?

As relíquias e o túmulo de Tomé

André

Seguindo os passos de João Batista

As missões no leste europeu e o martírio em Patras, na Grécia

Teria André estabelecido a Igreja de Bizâncio?

Os restos mortais

Filipe

O outro apóstolo Filipe

O apóstolo Filipe, um dos doze do Senhor

O apostolado de Filipe na Frígia

O embate teológico em Atenas

Teria Filipe evangelizado a Gália?

Filipe, sepultado em Hierápolis ou em Roma?

Judas Tadeu

A conexão com a Igreja Armênia

Outras possíveis missões de Tadeu pelo mundo antigo

A morte de Judas Tadeu

João

A influência de João Batista

João, discípulo de Cristo

O discípulo a quem Jesus amava

João e a ressurreição de Cristo

O ministério de João no Livro de Atos

O ministério de João em Éfeso

Teria João ministrado na capital imperial?

O exílio em Patmos e o retorno a Éfeso

O local do descanso de João

Os dois Tiagos

Quem foi Tiago, o Justo?

O obscuro Tiago, filho de Alfeu

A lendária semelhança física com Jesus

Seria Tiago Menor também um zelote?

A semelhança entre o martírio de Tiago Menor e de

Tiago, o Justo

Os restos de Tiago Menor seriam de Tiago, irmão de Jesus?

Tiago Maior, o filho de Zebedeu

Como se explica a ausência de Tiago Maior em Atos?

Teria ocorrido a missão de Tiago à Espanha?

Tiago Maior, o primeiro mártir dos doze

O lendário traslado dos restos de Tiago para a Hispânia

As alternativas ao achado das relíquias de Tiago na Espanha

Simão Pedro

O chamado de Pedro

As peripécias de um discípulo tempestuoso

Pedro nega a Jesus

A ressurreição de Cristo: um recomeço para Pedro

A ousadia de Pedro em Atos dos Apóstolos

As missões de Pedro no mundo gentílico

O ministério e a execução de Pedro em Roma

Petronila, a lendária filha de Pedro

Os restos mortais de Pedro

A controversa primazia de Pedro e sua suposta relação com o papado

O bispo de Roma e o título de "Pontífice Máximo"

Pedro, o príncipe dos apóstolos

Bibliografia

NOTA DO AUTOR

Fazia frio naquela manhã ensolarada de primavera de 1988, quando eu e um recém conhecido pastor americano nos dirigimos a *Rainbow Christian Supplies*, no centro de Great Falls, uma cidade de Montana, Estados Unidos. Meu encanto em pisar pela primeira vez numa livraria evangélica americana não pode ser disfarçado; entretanto, o objetivo inicial de concentrar minhas compras na seção de música *gospel* foi imediatamente mudado em face da abundância literária que ali encontrei. Jamais havia presenciado qualquer coisa semelhante! Títulos e títulos dos mais variados autores sobre os temas mais impensáveis disputavam minha atenção. Ao passar lenta e repetidamente por aquelas prateleiras, deparei com um livro que, embora pequeno e quase escondido por outros volumes, fez-me esquecer dos demais atrativos da loja. *The Search for the Twelve Apostles (Em Busca dos Doze Apóstolos)*, do até então por mim desconhecido William Steuart McBirnie, era o único título disponível sobre um assunto que há muito acendia meu interesse. O agradável folhear daquelas páginas deu-me a certeza de ter, finalmente, encontrado algo que poderia responder às indagações que há muito nutria com respeito ao destino dos discípulos de Jesus.

Ao retornar ao Brasil, um mês depois, decidi começar alguns estudos sobre a matéria, já que me considerava privilegiado por poder recorrer a esta importante fonte de consulta. Esses planos, infelizmente, tiveram de ser interrompidos ainda em sua fase embrionária, para dar lugar a outras atividades prioritárias naquele momento.

Contudo, em fins de outubro de 1994, ao assumir a direção do culto de estudos bíblicos da Igreja Batista Nova Vida, em Guaratinguetá (SP), pensei em reiniciar as investigações sobre o tema e ministrá-lo em tempo oportuno. Poucas semanas após a retomada do projeto, percebi que o assunto, por seu pesado conteúdo histórico, tornaria-se por demais "indigesto" para ser apresentado a um público tão heterogêneo como o daquela Igreja. Ao mesmo tempo, ocorreu-me estar de posse daquilo que poderia se tornar o começo de um ousado projeto literário de investigação sobre a carreira bíblica e extra-bíblica dos apóstolos de Jesus.

Deste modo surgia aquilo que chamei, a princípio, *Doze Homens, Uma Missão*.

Hoje, quase onze anos depois, sinto-me grato a Deus por poder encerrar esta pequena contribuição ao universo literário cristão de meu país. Devo confessar, entretanto, que por vezes pensei seriamente em desistir. A inexperiência com o exercício

da autodisciplina — indispensável para quem se envolve em trabalhos extensos como este — e a quase inexistência de fontes de pesquisa sobre o tema em língua portuguesa ocasionalmente deixaram-me abatido. Fortaleceu-me, por outro lado, a certeza de que esta obra preencheria uma importante lacuna na literatura cristã brasileira e conferiria aos seus leitores o raro prazer de viajar através das muitas tradições que relatam — as vezes fantasiosamente, é verdade — alguns feitos dos doze homens aos quais devemos as raízes de nossa fé.

Motivou-me também o desejo de contribuir para a fragmentação dos mitos que a tradição eclesiástica gradativamente erigiu sobre eles — em especial sobre os mais destacados — e que tanto tem contribuído para desfocar seu verdadeiro perfil. Portanto, nas páginas que cabem a cada um dos doze, o leitor não os encontrará apresentados como heróis infalíveis ou "santarrões" inabaláveis, pois se assim os retratasse, não estaria sendo honesto com o propósito que assumi ao iniciar essa pesquisa.

Nesses dias em que presencio jubiloso o florescimento da fé cristã no Brasil, cresce proporcionalmente em mim a preocupação com a apostilicidade daquilo que vejo ser propalado aqui e acolá como doutrina cristã. A história eclesiástica nos tem legado alguns exemplos de como o crescimento explosivo da Igreja, por vezes, ocorre em detrimento da pureza de sua doutrina original. Preocupa-me também constatar que os mecanismos de aferição daquilo que proclamamos de nossos púlpitos — contagiados que estão por um secularismo ameaçador — parecem cada vez mais confusos e distantes da simplicidade dos longínquos tempos de Simão Pedro e seus companheiros.

Por outro lado, reconheço que o resgate dos valores históricos importantes e tangentes de nossa fé não é uma tarefa fácil, especialmente nesses confusos dias de pós-modernidade. Muitos cristãos "modernos" infelizmente têm espelhado a superficialidade e a trivialidade com que o cidadão atual se relaciona com a realidade que o cerca. De modo crescente, uma fé utilitarista e hedonista tem ocupado, nas mentes e corações de muitos fiéis, o espaço outrora preenchido pelas preocupações com a historicidade e o conteúdo doutrinário daquilo que nós cristãos professamos crer.

Diante disto, creio que a familiarização com a carreira dos doze vocacionados de Cristo — dentro das limitações históricas que nos são impostas — pode significar para o crente sincero um conhecimento mais significativo dos valores, das ênfases, das prioridades e da estratégia com os quais estes santos lançaram o chamado *fundamento dos apóstolos*, do qual Jesus é a pedra angular e sobre o qual estamos todos edificados (Ef 2.20). Essa preocupação, diga-se de passagem, constituiu parte crucial daquilo que me compeliu a elaborar *Doze Homens, Uma Missão*.

Confesso, ademais, que não pretendi solucionar todos os mistérios milenares que envolvem a carreira dos discípulos de Cristo. Na verdade, estou seguro de que tal tarefa seria impossível mesmo ao mais capacitado e bem servido dos pesquisadores. Afinal, uma parcela significativa dos empreendimentos desses santos - como o leitor logo perceberá - foi desafortunadamente sepultada por um silêncio histórico que não nos legou senão conjecturas sobre lendas - muitas delas inconsistentes - de suas missões pelo mundo antigo. Nessas narrativas, com freqüência, a fiel descrição das realizações apostólicas ficou comprometida ao ceder lugar à fantasia e ao misticismo do escritor medieval, em sua sede de associar os discípulos de Cristo às origens de muitas igrejas ao redor da Europa, Oriente Médio e norte da África.

Finalmente, e a despeito de todas essas dificuldades, meu desejo preponderante é de que estas páginas sejam um convite a que o leitor reflita, de modo particular, sobre a dedicação com que esse homens valorosos empreenderam as missões através das quais a fé cristã — atravessando os tormentos da história - chegou até nós, bem como sua disposição de selar com a vida o testemunho do evangelho que anunciaram *não só em Jerusalém, como em toda a Judéia e Samaria, e até os confins da Terra* (At 1.8)!

Este trabalho é, portanto, um humilde tributo ao esforço, ao desprendimento à sabedoria, à fidelidade dos quais o mundo certamente não era digno (Hb 11.38).

Aramis C. DeBarros

São José dos Campos, SP, Brasil

aos 12 de Junho do ano de N. S. Jesus Cristo 1999

"Porque a mim me parece que Deus nos pôs a nós, os apóstolos, em último lugar, como se fôssemos condenados à morte; porque nos tornamos espetáculo ao mundo, tanto a anjos, como a homens.(...)

Até à presente hora sofremos fome, e sede, e nudez; e somos esbofeteados, e não temos morada certa, e nos afadigamos, trabalhando com nossas próprias mãos. Quando somos injuriados, bendizemos; quando perseguidos, suportamos; quando caluniados, procuramos conciliação: até agora temos chegado a ser considerados lixo do mundo, escória de todos."

1 Coríntios 4.9,11-13



PREFÁCIO

Todos os que verdadeiramente amam ao Senhor Jesus gostariam de conhecer, de modo mais aprofundado, as biografias de seus discípulos, para além das informações disponíveis nos evangelhos e no Livro de Atos. Quando, há algum tempo, meu amigo Aramis DeBarros me procurou para solicitar um prefácio para o livro que estava escrevendo sobre a vida dos apóstolos, cuidei que se tratava de uma obra simples e superficial. Não imaginava que este nobre autor teria a capacidade e a determinação necessárias para produzir um tomo de semelhante qualidade e magnitude.

Doze Homens, Uma Missão é uma obra séria sobre os discípulos de Cristo e dotada de uma envergadura - creio eu - nunca antes alcançada por qualquer autor evangélico ou católico no Brasil. Pelo menos, que eu conheça.

Lendo este livro, surpreendi-me com o alcance e a profundidade da pesquisa aqui conduzida. Uma vasta gama de informação inédita e muito interessante é oferecida. O autor teve muito cuidado em recriar o ambiente histórico da época apostólica, necessário para uma melhor compreensão da vida dos santos em questão.

Com efeito, informações as mais diversas tiveram de ser devidamente avaliadas na produção deste livro. Afinal, como saber se o escritor antigo ou medieval reproduziu em sua obra um fato verídico ou uma fantasia? Sabemos que, infelizmente, dados seguros acerca da vida dos apóstolos, fora do Novo Testamento, são muito escassos. Imagino que não tenha sido fácil ao nosso autor avaliar com precisão todas essas informações. Mas, quem teria sido mais equilibrado e cuidadoso ao apresentá-las?

Os leitores que se interessam por biografias apostólicas certamente sentirão que têm uma enorme dívida para com o autor, em função deste extraordinário trabalho de pesquisa. Aramis não mediu esforços para garimpar informações apostólicas de fontes onde não se pensava encontrá-las. Uma rápida olhada nas páginas desta obra evidenciará seus esforços na busca de fatos e escritos sobre a vida daqueles que - excetuados Jesus e Paulo - foram os personagens mais famosos do primeiro século. Quem poderia imaginar que semelhante obra procederia da pena de um leigo e não de um acadêmico, de um seminarista ou de um teólogo de gabinete?

Doze Homens, Uma Missão é muito bem escrito. Não é uma leitura monótona ou cansativa e seu valor sobressai pelos vários assuntos edificantes que permeiam a investigação do autor sobre a vida dos discípulos de Cristo.

Aramis DeBarros não é um evangélico que deseja reputar como fruto de lendas

desprezíveis a exaltação que a Igreja Católica faz dos apóstolos. Ele não escreve motivado por tendências sectárias ou iconoclastas. Acredito que ninguém poderá acusá-lo de favorecer algum segmento religioso em particular, mesmo sendo ele um autor de persuasão evangélica.

A extensão desta *obra, per se*, faz-nos concluir que o autor não omitiu os elementos essenciais de uma genuína pesquisa biográfica sobre os doze de Cristo. Antes, fez o máximo para iluminar o leitor sobre tudo o que, de modo relevante, diz respeito ao tema tratado. Creio, igualmente, que o leitor ficará satisfeito e esclarecido com a maneira pela qual o livro revela o panorama do mundo neotestamentário. Muita informação relevante, como alguns costumes típicos dos judeus e gentios de então, o episódio da destruição de Jerusalém, a penetração do evangelho no mundo romano, além de outros temas e acontecimentos que certamente interessam ao pesquisador bíblico, estão encerrados entre as capas deste livro.

Enfim, parabênizo ao amigo Aramis DeBarros e recomendo a leitura atenta de seu trabalho. Não encontrei praticamente nenhum motivo para discordar de suas posições aqui representadas. Penso que esta obra literária será recebida com muito sucesso, tanto dentro como fora dos meios evangélicos. Isso deve, inclusive, encorajar o autor a escolher outro tema interessante para dirigir suas futuras pesquisas. Baseado neste primeiro livro, acredito que seus leitores aguardarão ansiosamente outras obras neste estilo.

A Deus toda a glória!

Russell P. Shedd, Ph.D.

UMA INTRODUÇÃO AO MUNDO APOSTÓLICO

"...e sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém, como em toda a Judéia e Samaria, e até os confins da terra."

Atos 1.8

Para melhor compreendermos o ministério apostólico dos doze discípulos de Jesus, é interessante que, antes, gastemos algum tempo analisando as condições culturais, políticas e religiosas vigentes no período do primeiro século da era cristã, cenário onde se desenrolaram as atividades missionárias dos apóstolos, cujas vidas serão objeto de nossa investigação.

Uma vez incumbidos de anunciar a boa nova do Evangelho a toda a criatura (Mt 28; 19; At 1:8), os apóstolos passaram por um processo gradativo e, por vezes, penoso de ruptura com o típico sectarismo judaico, que lhes imprime um forte sentimento de exclusividade em relação ao Todo-Poderoso. A desafiadora perspectiva de evangelizar os gentios impulsionou suas numerosas campanhas missionárias, orientadas para um mundo que, embora ostentasse uma atmosfera relativamente pacífica, apresentava muitas situações de conflitos sociais localizados, típicas de uma sociedade que experimentava o impacto de profundas transformações culturais, como aquelas vividas no primeiro século. Essa conjuntura social ofereceu às missões apostólicas horizontes tão atraentes quanto perigosos, como veremos detalhadamente mais adiante.

As primeiras experiências de oposição enfrentadas pelos doze, no exercício da propagação de sua fé, não vieram do estrangeiro, mas de seu próprio ambiente, da sua própria casa: a Palestina. Ali, a tenaz resistência das instituições judaicas sedimentou, aos poucos, a realidade de que aqueles para os quais o Messias viera não o receberiam (Mt 20.16, Jo 1.11).

Embora a palavra tenha encontrado solo fértil em muitos corações em Israel, tornava-se cada vez mais clara a direção divina que os impelia ao encontro dos gentios e judeus de além fronteira, para um ministério em que o limite seria o próprio mundo então conhecido. Entretanto, o livro *de Atos* nos permite constatar que as perseguições levantadas contra o evangelho nas cercanias de Jerusalém, por mais severas que se tenham demonstrado, não foram suficientes para consolidar nos apóstolos, num primeiro momento, a noção da mudança na rota missionária que, em poucos anos, passaria a ser caracterizada principalmente por aspectos transculturais (At 8.1,4).

*"Naquele dia levantou-se grande perseguição contra a Igreja em Jerusalém, e todos, **exceto os apóstolos**, foram dispersos pelas regiões da Judéia e Samaria. (...)*

*Entrementes os que foram dispersos **iam por toda a parte** pregando a palavra."*

A despeito de toda essa relutância, o caráter universal do evangelho não esteve oculto dos apóstolos nem mesmo no momento do desabrochar da Igreja, no Pentecostes. Essa experiência, magnífica em toda sua transcendência, ganhara um caráter universal pela presença e pelo testemunho de judeus e prosélitos procedentes de diversas nações do mundo antigo, milhares dos quais creram e foram batizados naquele mesmo dia (At 2.41).

Mais adiante, missionários como Paulo, Silas, Barnabé e Timóteo, embora não pertencendo ao seletivo rol dos doze apóstolos, influenciariam definitivamente a mudança de curso na ministração apostólica, em função de seu grande êxito na evangelização das populações greco-romanas. Em sua obra *The Search for the Twelve Apostles* (p. 41), o dr. William Steuart McBirnie comenta a repercussão positiva do ministério gentílico de Paulo entre os demais apóstolos, ainda resolutos em dar as costas às missões internacionais.

"É possível que as experiências de Paulo tenham se transformado num desafio direto para muitos cristãos primitivos, e mesmo para alguns dos apóstolos, quanto ao seu alinhamento com a tarefa que desde o princípio lhes pertencia, a saber, abrir o caminho do evangelho para as nações do mundo.(...)

O livro de Atos pode ter sido posteriormente usado como um manual histórico dos métodos evangelísticos triunfantes dos quais Paulo se valeu, assim como uma prova clara de como o Espírito Santo estava inclinado a abençoar - embora não sem tantos obstáculos - a missão aos gentios. Porém, embora não estejamos aqui sugerindo que os apóstolos tenham sido constrangidos a sua tarefa de evangelização mundial pelo Livro de Atos- uma vez que a própria data de sua escrita impediria esta conclusão

- cremos, ainda assim, na possibilidade de que algumas de suas mais antigas porções, assim como as experiências de Paulo nele relatadas, tenham acabado por surtir esse efeito. (...)

O próprio Paulo, de fato, constatou a relutância dos apóstolos em se dirigirem aos gentios, ao apontar sua estratégia, como vemos.'E, quando conheceram a graça que me

foi dada, Tiago, Cefas e João, que eram reputados colunas, me estenderam , a mim e a Barnabé, a destra de comunhão, a fim de que nós fôssemos para os gentios e eles para a circuncisão.'(Gl 2.9).

Se o registro das experiências de São Paulo, naquilo que mais tarde veio a se tornar o livro de Atos, teve como um de seus propósitos o encorajar e instruir os apóstolos e outros obreiros cristãos primitivos quanto a sua missão aos gentios, isto, de fato, foi o que veio a se suceder. Em algum lugar e nalgum momento, formal ou naturalmente, os apóstolos acabaram por decidir pela estratégia da evangelização mundial, tendo cada qual seguido seu destino estabelecido."

Essa tendência da expansão missionária aos gentios acabou reclamando para si um tratado que lhe oferecesse uma devida apologia. Tal obra, conhecida como *Os Atos dos Apóstolos*, foi preparada com esmero pelo médico, historiador e também evangelista Lucas, e passou para a posteridade não como uma narrativa fragmentada da história eclesiástica do primeiro século, mas como um forte argumento de que o próprio Deus, por Seu Espírito, impeliu o cristianismo para além dos limites da tradição judaica, tornando-o irreversivelmente universal.

Os estudiosos das biografias apostólicas têm sido incomodados com a questão acerca da permanência dos discípulos em Jerusalém, após a experiência do Pentecostes. Embora as Escrituras, assim como a história, não tenham deixado rastros que nos permitam elucidar essa dúvida, é bem provável que a maior parte deles tenha permanecido ligada ao templo e às demais tradições do judaísmo por mais de vinte anos, a despeito da incisiva ordenança do Mestre em ir e *ensinar todas as nações*. Talvez, a perspectiva do rompimento com o judaísmo tradicional tenha representado para aqueles devotos algo muito mais temeroso do que podemos imaginar, resultando, assim, numa ofuscação da gloriosa tarefa que os aguardava nas searas estrangeiras.

As circunstâncias políticas, sociais e religiosas que os esperavam nesse campo missionário cosmopolita serão o objeto de nossa análise a seguir. Ela nos ajudará a compreender como esses humildes galileus conseguiram, em menos de meio século, ressoar a obra salvífica da Cruz por quase todo o mundo então conhecido.

Os aspectos facilitadores da difusão da fé cristã no mundo greco-romano

Paulo de Tarso, um dos maiores eruditos do cristianismo e autor de grande parte do Novo Testamento definiu como a *plenitude dos tempos* (Gl 4.4) o momento histórico no qual Cristo encarnou e, de maneira transformadora, penetrou a realidade humana. Se o

próprio apóstolo não tinha uma noção clara da abrangência dessa afirmação, hoje, contudo, podemos atestar sua procedência histórica. De fato, a conjuntura que caracterizou o primeiro século foi por demais benéfica para o alastramento da fé cristã, embora pelo menos duas cruéis perseguições do estado contra a Igreja tenham sido verificadas. Contudo, a mesma política romana que, em dados momentos, tão severamente perseguiu, acabou, por outro lado, legando àquela geração cristã uma contribuição sumamente relevante para o sucesso de sua missão evangelizadora. Essa contribuição política, associada à influência cultural grega e à participação religiosa dos judeus da Dispersão (ou Diáspora), transformaram o primeiro século num fertilíssimo campo missionário transcultural. McBirnie resumiu assim as circunstâncias que caracterizaram o ambiente sociopolítico do primeiro século (*ibidem*, p. 31).

"Sinais de algumas rebeliões localizadas ainda se levantavam de tempos em tempos, contudo não pairava qualquer dúvida de que Roma era a sela sobre a qual se assentavam as regiões da Europa, norte da África e Ásia Menor. Augusto e seu sucessor, Tibério, cavalgaram firmemente e por longo tempo sobre essa sela. Qualquer rei que questionasse essa posição, ou qualquer província que ousasse desafiar a César, rapidamente se convencia - não sem sangüinolência - de quem realmente dirigia o mundo.(...)"

O prolongamento da Pax Romana trouxe prosperidade, comércio, educação e homogeneidade cultural e lingüística, além de segurança para as viagens, ou seja, uma preparação ideal para a chegada dos apóstolos e missionários cristãos."

Consideremos mais acuradamente as circunstâncias sobre as quais tratou McBirnie e de que forma afetaram os missionários cristãos daquele momento, proporcionando-lhes uma conjuntura social propícia para a rápido avanço do evangelho.

1. O senso de unidade e universalidade política do império romano.

A disseminação da fé crista teria sido seriamente comprometida no mundo anterior ao dos césares, onde a divisão política e as constantes guerras entre as cidades-estados e os pequenos reinos, fechados em si mesmos, tornavam a rápida propagação de idéias uma tarefa quase impossível.

Embora a humanidade já tivesse presenciado, em outras épocas, a ascensão de impérios que, pelo poderio de seus exércitos, estenderam suas fronteiras para muito além de suas origens, nunca antes fora verificada a conquista de tal unidade social sob uma

mesma bandeira, como a que se seguiu ao advento de Roma. Nem mesmo Alexandre Magno, com seu vasto império macedônio - cujos limites atingiram as longínquas regiões da Índia - conseguiu imprimir nos corações de seus contemporâneos semelhante senso de unidade política.

Roma, com sua ênfase sobre a justiça e a dignidade do cidadão, construiu uma sociedade que reunia diferentes raças e credos sob uma mesma lei e um mesmo soberano. A universalidade resultante desse regime político acabou colaborando para uma atmosfera receptiva ao evangelho, já que a mensagem cristã ressaltava as condições iguais dos homens diante do Criador - como pecadores e, portanto, sob uma mesma lei espiritual. Com o evangelho abria-se também a oportunidade de participação no reino divino, mediante a fé na obra redentora da Cruz, que tornaria os que nela cressem membros indistintos do organismo cosmopolita conhecido como Igreja. Diversas referências neotestamentárias, como a de Paulo em Ef 2.19, ou de Pedro em 1 Pe 2.9a, estão impregnadas desse raciocínio:

"Assim já não sois estrangeiros e peregrinos, mas concidadãos dos santos, e sois da família de Deus."

"Vós, porém, sois raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus..."

Do mesmo modo, a idéia de um soberano absoluto, Concretizada com o poder dos césares, contribuiu positivamente para uma clara compreensão do Deus anunciado pelos apóstolos, já que o Messias era também apresentado como rei supremo e universal. Este conceito parece ter sido impresso com tal profundidade na mente dos cristãos primitivos que acabou por se adotar, com muita freqüência, a expressão *Pantocrator* (aquele que governa sobre todo o universo), um dos termos gregos que mais evidenciam a íntima relação da Igreja dos primeiros três séculos com seu Senhor e Salvador.

O exército romano, com suas formidáveis legiões incumbidas da missão de manter viva essa unidade política, também desempenhou um papel relevante na difusão do cristianismo, ao arregimentar em suas fileiras habitantes das diversas províncias conquistadas. Muitos deles, ao entrar em contato com a cultura romana, receberam também o evangelho, tornando-se missionários em sua terra natal e nas regiões onde serviam.

Infelizmente, esse mesmo pendor romano para a supremacia mundial sob o estandarte de uma autoridade universal acabou, mais tarde, influenciando negativamente

os rumos da Igreja, estimulando-a a uma rápida e danosa secularização. Essa influência encontrou na pessoa do perspicaz imperador Constantino (que, no séc. IV, proclamou-se *Pontifex Maximus* da Igreja), o ingrediente necessário para transformar grande parte da Igreja na versão cristã do poderio político imperial. Foi, portanto, dessa semente que germinou a Igreja Católica Apostólica Romana.

2. A relativa segurança e facilidade de trânsito proporcionada por Roma

A enorme extensão territorial do império romano tornou necessário o desenvolvimento e a construção de uma malha viária que permitisse um fluxo comercial e militar compatível às suas riquezas. O cidadão romano do primeiro século habitava regiões sobremodo distantes entre si, como, por exemplo, a Lusitânia (hoje Portugal), a Índia ou o Egito. O governo romano tratou de tornar, o quanto fosse possível, seguro e confortável o trânsito entre as regiões que compunham o império.

Na verdade, as técnicas romanas de pavimentação já existiam, pelo menos, desde o séc. IV a.C, quando da construção da *Via Appia* - uma obra-prima da engenharia antiga que ainda hoje é utilizada. O emprego sistemático da mão-de-obra escrava tornou economicamente possível aos romanos a construção de um sistema viário que atingiu, ainda nos tempos apostólicos, a marca extraordinária de cem mil quilômetros de extensão. Para que se tenha uma idéia mais precisa da magnitude desse feito, basta dizer que, até 1980, o Brasil, em sua proporção continental, possuía menos de cento e noventa mil quilômetros de rodovias, entre federais e estaduais — ou seja, menos de o dobro daquilo que os romanos edificaram dois mil anos atrás!

Esse magnífico sistema viário do primeiro século era composto por estradas dispostas de modo estratégico, cruzando vales e montes e atingindo não apenas as regiões mais distantes do Império, como também as fronteiras das nações não dominadas por Roma. Por esses caminhos - tornados relativamente seguros pela presença do exército - pisaram, em missão evangelizadora, não apenas os célebres apóstolos, mas muitos cristãos incógnitos os quais, como mercadores, escravos, soldados ou simples viajantes contribuíram de maneira preponderante para a explosão da mensagem cristã no mundo de então.

As rotas marítimas ofereciam, de igual modo, uma perspectiva bastante animadora para aqueles que delas se valiam com intenções missionárias. Com efeito, a paz no *Maré Nostrum* (hoje Mar Mediterrâneo) havia sido arduamente garantida algumas décadas antes do advento de Cristo, com as incursões da frota romana, sob Pompeu, diante de cujo poderio foram varridos os perigosos piratas mediterrâneos. Acerca dessa conjuntura,

Justo González, em seu livro *Uma História Ilustrada do Cristianismo* (Vol. I p.24-5), comenta:

"De fato, ao ler acerca das viagens de Paulo vemos que o grande perigo da navegação nessa época era o mau tempo. Uns séculos antes, os piratas que infestavam o Mediterrâneo eram muito mais terríveis do que qualquer tempestade."

3. A universalidade da língua grega e a expansão do latim

Assim como um indivíduo que domina o inglês comunica-se perfeitamente por quase todo mundo moderno, na Antigüidade esse mesmo conforto poderia ser desfrutado por quem pudesse se expressar através do grego popular. Na verdade, a língua grega começara seu processo de popularização já no séc. IV a.O, com a proposta ideológica de Alexandre Magno de exportar a cultura grega através das conquistas que formaram o vasto Império Macedônio. Seus incontáveis soldados falavam uma variante do grego clássico, conhecida como *koinê*, que se disseminou por toda a bacia do Mediterrâneo, levada não só por eles, mas também por comerciantes e transeuntes de origem helênica.

Embora aversos a todo tipo de cultura forasteira, considerada uma ameaça a suas tradições sagradas, os judeus acabaram igualmente influenciados pelo uso da língua grega, uma vez que a Palestina também estivera inserida nos limites do Império Macedônio.

Assim, em Israel, onde o aramaico dissemina-se alguns séculos antes do período apostólico, a popularização do língua helênica veio a tornar-se uma realidade incontestável muito antes do advento da era cristã. Semelhantemente, os judeus que viviam fora da Terra Santa, chamados *de judeus da Dispersão* - sobre os quais trataremos mais adiante - já haviam adotado o grego como língua natural, cerca de dois séculos antes de Cristo. No Egito, por exemplo, onde existia uma grande colônia de judeus, de tal modo se perdeu o contato com o idioma hebraico, que se fez necessária uma tradução das Escrituras para o grego, conhecida como *Septuaginta* ou *Versão dos Setenta*. Esse trabalho literário cumpriu um papel de suma relevância para o cristianismo apostólico, como lembra Justo González (*ibidem*, p.21):

"...a importância da Septuaginta foi enorme para a Igreja cristã primitiva. Esta é a Bíblia que a maioria dos autores do Novo Testamento cita, e exerceu uma influência indubitável sobre a formação do vocabulário cristão dos primeiros séculos. Ademais, quando aqueles primeiros crentes se derramaram por todo o Império com a mensagem

do evangelho, encontraram na Septuaginta um instrumento útil para sua propaganda. De fato, o uso que os cristãos fizeram da Septuaginta foi tal e tão efetivo que os judeus se viram obrigados a produzir novas versões - como a de Aquila - e a deixar os cristãos na posse da Septuaginta."

Embora militarmente dominados pelos romanos, os gregos deixaram claro, através de expressões culturais como a língua, as artes e o pensamento filosófico, que haviam logrado um incontestável triunfo sobre seus conquistadores no campo intelectual. A influência helênica sofrida pelos romanos foi tal, que contribuiu efetivamente para a transformação da cultura rústica da antiga República na riqueza intelectual que caracterizou o Império. Portanto, a expansão do poderio de Roma trouxe consigo uma disseminação ainda maior da língua grega, naquilo que se tornaria uma contribuição de inestimável valor para a pregação do evangelho, especialmente no período apostólico e imediatamente pós-apostólico.

É aceitável que os apóstolos, de modo geral, falassem grego fluente, em particular, pelo fato de quase todos serem oriundos da Galiléia, região caracterizada por uma considerável influência cultural helênica, dada sua proximidade com a província da Síria, assim como das cidades gregas de Decápolis.

Por outro lado, é importante termos em mente que os romanos também possuíam sua própria língua, o latim, língua esta igualmente difundida em larga escala, especialmente nas partes ocidentais do Império, como por toda a península itálica, as Gálias, a Lusitânia, a Britânia, além da Numídia, na África, onde se encontrava a próspera Cartago. Note-se que a cruz sobre a qual Jesus pendeu ostentava o escrito de sua condenação também em latim (*Jesus Nazarenus Rex Iudaerum*), como vemos em Jo 19.19-20. A familiaridade dos apóstolos com esse idioma pode ser verificada pelo emprego de algumas palavras de origem latina nas narrativas neotestamentárias, como, por exemplo, *denárw* (Mt 18.28; 20.2; 22.19; Mc 6.37; 12.15; Lc 20.24; Jo 6.7; 12.5 e Ap 6.6) *epretório* (Mt 27.27; Mc 15.16; Jo 18.28,33; 19.9; At 23.35 e Fl 1.13).

Para que missionários como Pedro, João, Filipe, Simão Zelote, Paulo e José de Arimatéia pregassem a Palavra nas regiões ocidentais do Império, como reza a tradição apostólica, era necessário que possuíssem algum conhecimento da língua latina.

Assim, pois, o mundo apostólico, com a predominância do idioma grego e a larga difusão do latim, ofereceu um panorama lingüístico indubitavelmente favorável à veloz difusão do evangelho, tanto nas grandes concentrações urbanas, como nas regiões mais afastadas do Império.

4. A expansão do judaísmo da Dispersão (ou Diáspora)

A partir dos tempos do exílio babilônico (séc. VI a.C.) começou-se a verificar uma população cada vez maior de judeus que habitavam terras estrangeiras. Primeiramente, as maiores colônias judaicas concentraram-se na Mesopotâmia, como resultado direto da presença dos judeus deportados para aquele lugar.

Dois séculos antes de Cristo, numerosas comunidades judaicas já podiam ser encontradas através de toda a Pérsia, Síria, Ásia Menor, Península Itálica, ilhas mediterrâneas e norte da África. A descoberta dos papiros de Elefantina revelou que já no séc. V a.C. o Egito abrigara uma populosa colônia judaica na região de Assuã. Essa comunidade - que alcançou significativa prosperidade na prática do comércio — ousou edificar para si um templo, fato repetido pelos judeus do séc. II a.C, que habitavam o Delta do Nilo.

A cidade de Alexandria, no Egito, habitada por judeus desde sua fundação em 331 a.C. por Alexandre Magno, registrou uma população próxima de um milhão de judeus entre 30 a.C. e 50 A.D., número semelhante à soma de seus compatriotas que habitaram a Pérsia e a Ásia Menor no mesmo período. Na Itália e na Cirenaica somavam-se cerca de cem mil no primeiro século, muito embora já tivessem amargado a expulsão de Roma em 139 a.C, o que se repetiria mais tarde sob Cláudio Nero, em 50 A.D. (conf. At 18.2).

Portanto, é tão curioso quanto relevante constatarmos que, no período apostólico, havia mais judeus habitando as terras estrangeiras do que a própria Israel. Essa distribuição populacional acarretada pela Diáspora cumpriu um papel altamente estratégico para a rápida difusão do cristianismo através do mundo romano, naquele momento histórico.

Marcadamente distinto do judaísmo palestino pela adoção da língua grega, assim como pela influência dos costumes gentílicos, o judaísmo da Diáspora procurou manter fortes seus vínculos com a sagrada tradição judaica através do implemento de uma instituição que se tornou proeminente na difusão do cristianismo durante o período apostólico: a sinagoga.

Originada nos tempos de cativo babilônico, em função do afastamento do templo e visando manter viva a chama da fidelidade aos ensinamentos de Jeová, a sinagoga transformou-se, a partir de mais ou menos 200 a.C. numa organização desenvolvida, estruturada e solidamente infiltrada na cultura dos judeus, tanto dos que habitavam a Palestina como dos dispersos pela imensidão do mundo romano. Na sinagoga, não apenas se cultuava ao Deus de Israel, mas também instruía-se o povo na Lei e nos

Profetas, através da leitura assídua e devocional dos manuscritos sagrados, ali cuidadosamente conservados. A sinagoga era também o baluarte de preservação da língua hebraica — então, em franco processo de extinção — e da análise das traduções escriturísticas para o aramaico e para o grego. Servia tanto de escola básica para a criança judia, quanto de tribunal para os transgressores, que ali recebiam não apenas sua sentença, mas também sua execução.

Tendo se espalhado pelos mais variados lugares onde se verificava a presença judaica, essa instituição tornou-se fonte de notável influência sobre o mundo gentílico — envolto na mais crassa idolatria — aproximando muitos de seus habitantes da mensagem mono teísta dos judeus, que trazia em seu bojo um sistema ético e moral muito superior ao conhecido e apregoado pela cultura paga. Nas sinagogas, os judeus da dispersão, assim como os prosélitos e simpatizantes dentre os gentios, disseminavam, com grande ardor, a esperança messiânica, colaborando para a familiarização do mundo greco-romano com a mensagem apostólica, que anunciava na pessoa de Jesus o *prometido das nações*.

A forte influência da sinagoga atingiu também o seio da Igreja primitiva, para a qual exportou alguns de seus elementos, perceptíveis tanto na estrutura organizacional, como na liturgia daquele período.

Como podemos verificar nas viagens missionárias de Paulo, narradas ao longo do livro de Atos, a sinagoga transformou-se numa parada obrigatória para os muitos cristãos primitivos de ascendência judaica, os quais, em suas missões evangelizadoras, se valeram dessa instituição para praticarem a regra de irem primeiro aos judeus e, então, aos gentios (conf. At 13.46).

O judaísmo da Diáspora, da mesma sorte, colaborou com a mensagem dos apóstolos ao estimular a produção das primeiras traduções das Escrituras para o grego, uma vez que grande parte dessa população havia perdido a familiaridade com o hebraico. Essas traduções viabilizaram a utilização do Velho Testamento num mundo de língua grega, dinamizando e enriquecendo a transmissão da mensagem evangélica. A Septuaginta, por exemplo, a mais antiga tradução bíblica de que se tem notícia, foi organizada em Alexandria, entre 200 e 100 a.C, vindo a consagrar-se como uma espécie de "versão autorizada" do cristianismo primitivo. A ela pertence a maior parte das citações veterotestamentárias encontradas nos escritos apostólicos. Seu reconhecimento por parte da Igreja cristã pode ser medido pelo fato de a Igreja Ortodoxa Grega adotá-la, até os dias atuais, como sua versão oficial do Velho Testamento.

Muitos estudiosos das traduções bíblicas acreditam que as colônias judaicas a

leste da Palestina, especialmente as do norte da Mesopotâmia, traduziram o Velho Testamento - parcial ou integralmente - para o siríaco, uma variante do aramaico falada naquela região. Crê-se que tal tradução teria, posteriormente, prestado grande auxílio na evangelização daquela região, que se transformou, no período pós-apostólico, num distinto centro do cristianismo primitivo. Mais tarde, os cristãos daqueles termos, particularmente os de origem judaica, agregaram ao seu Velho Testamento siríaco uma tradução do Novo Testamento na mesma linguagem, cuja composição transformou-se na famosa versão siríaca da Bíblia, conhecida como *Peshitta*. Embora as cópias remanescentes dessa versão remontem ao século V, é provável que outras versões incompletas tenham surgido ainda no fim do período apostólico. Sabe-se, atualmente, que essas comunidades cristãs de língua siríaca dispunham de grande ardor missionário, sendo responsáveis por parte das correntes evangelizantes voltadas para o oriente, especialmente para a Armênia, a Índia e regiões da Ásia Central, como a China. Diz-se que nessas campanhas chegou-se a traduzir diversas porções das Escrituras Sagradas - hoje perdidas - para os dialetos de muitas das tribos alcançadas, a partir das traduções siríacas. É possível, portanto, que apóstolos como Tomé, Judas Tadeu e Bartolomeu, cujas missões evangelísticas orientaram-se nessa direção, tenham se beneficiado com a contribuição das colônias judaicas de língua siríaca.

5. A decadência religiosa dos povos conquistados por Roma

O Império Romano passou como um rolo compressor sobre muitos povos da Antigüidade. Essas nações possuíam, cada qual, variadas divindades às quais confiavam cegamente seu destino. Com a hegemonia romana veio também a descrença dos povos dominados em seus respectivos deuses, muitos dos quais acabaram sendo engolfados pela política de sincretismo religioso estimulada por Roma, em vigor desde o séc. III a.C. Essa fusão indiscriminada de religiões, a *Pax Romana*, visava, em última análise, imprimir nos povos dominados pelo Império a idéia de que seus deuses, embora possuidores de nomes diferentes, eram, na realidade, os mesmos adorados pelos romanos. Essa iniciativa contribuía para a diminuição dos focos de tensão social ligados às diferenças religiosas e produzia um senso de homogeneidade ainda maior ao Império (especialmente com a introdução, no primeiro século, do culto a César).

Embora tenha se tornado uma verdadeira coqueluche no princípio da era cristã, o sincretismo religioso — à parte seus méritos como estratégia política — não abrandou o grande vácuo espiritual deixado no coração de muitos dos cidadãos de então, especialmente do estrangeiro, que havia testemunhado a impotência de suas divindades

ante a fúria conquistadora de Roma.

A desilusão com a multiplicidade de deuses do panteão romano, somado a uma crescente busca pelo espiritual, estimulou o surgimento e o crescimento de muitas das chamadas religiões de mistério, originárias de regiões como a Pérsia, o Egito e a Ásia Menor e marcadas pela devoção a deuses de caráter mais pessoal. Algumas dessas religiões, como o culto a Cibele, a Isis e ao deus Mitra, ainda que representantes do mais vil paganismo, acabaram curiosamente aproximando o cidadão do primeiro século - ainda que sob uma perspectiva corrompida — de alguns conceitos espirituais importantes, que viriam a ser proclamados pelos apóstolos do cristianismo, tais como o sacrifício vicário (ou substitutivo), o derramamento de sangue para purificação e a intervenção de um deus-salvador.

Portanto, o primeiro século - com a decadência religiosa dos povos conquistados por Roma - apresentou uma atmosfera essencialmente favorável à pregação e à aceitação do evangelho em larga escala, embora devamos reconhecer que o mesmo sincretismo religioso, largamente estimulado então, tenha influenciado boa parte da sociedade da época a considerar judeus e cristãos praticantes de um ateísmo que ameaçava a paz social, assim como a unidade do Império, dada sua rejeição a qualquer forma de união com o paganismo romano. Assim, aos poucos, estabeleceu-se o clima apropriado para as perseguições político-religiosas infligidas pelo Império contra a Igreja primitiva, as quais, apesar de resultarem no bárbaro massacre de milhares de cristãos, por outro lado contribuíram para o fortalecimento do vínculo da fé e do amor entre aqueles que sofriam por amor a Cristo.

6. A contribuição da filosofia grega

O sistema filosófico greco-romano igualmente colaborou na preparação do mundo para o recebimento do evangelho, naquilo que Paulo chamou "plenitude dos tempos". Isto porque o exercício intelectual a que a filosofia expôs muitos dos cidadãos de então acabou por tornar incompatível a devoção destes a muitas das antigas religiões pagas. Justo González, comenta assim esse fenômeno (*op. cit.*, p.29).

"Ora, Sócrates, Platão e toda a tradição de que ambos eram parte, haviam criticado os deuses pagãos, dizendo que eram mais perversos do que os seres humanos. E, acima de tudo isto, Platão falava de um ser supremo, imutável, perfeito que era a suprema bondade e beleza. E ainda, tanto Sócrates como Platão criam na imortalidade da alma, e portanto na vida depois da morte. (...) Por estas razões, a filosofia platônica

exerceu um influxo sobre o pensamento cristão que ainda hoje perdura."

Assim como o Platonismo, o Estoicismo também trouxe à luz a necessidade de uma vida cuja sabedoria estivesse permeada por fortes valores morais. Embora no período apostólico o Estoicismo fosse apenas sombra de sua glória passada, seus ensinamentos continuavam a enfatizar aspectos morais importantes, como a lei universal que agia sobre a consciência humana e a sujeição das paixões à razão.

Foi no apelo às doutrinas filosóficas estoicistas e platonistas que muitos crentes primitivos elaboraram a defesa da fé cristã, diante das crescentes acusações de ateísmo que tinham de enfrentar face a uma sociedade absolutamente idolátrica. Essa apologia, não obstante tenha tido sua função naquele momento histórico, acabou abrindo o perigoso precedente da tentativa de se estabelecer paralelos teológicos entre a fé cristã e a filosofia paga. Essa tendência foi especialmente sentida no período imediatamente pós-apostólico, com os chamados *apologistas*.

Contudo, não foi apenas questionando os valores éticos das religiões pagas que a filosofia greco-romana contribuiu para o triunfo do cristianismo.

Na verdade, ela própria acabou se transformando num sistema de individualismo subjetivista, incapaz de responder aos anseios daqueles que buscavam por um Deus com o qual se pudesse estabelecer um relacionamento íntimo, como registra Earle Cairns (*O Cristianismo Através dos Séculos*, p. 33):

"Na maioria dos casos, a filosofia apenas aspirava por Deus, fazendo dEle uma abstração; jamais revelava um Deus pessoal de amor. Este fracasso da filosofia do tempo de Cristo tornou as mentes humanas prontas para atender uma apresentação mais espiritual da vida. Só o cristianismo pode preencher o vazio na vida espiritual de então."

A filosofia também contribuiu estrategicamente para o sucesso da mensagem apostólica na medida em que enfatizava uma realidade transcendental, em detrimento do mundo temporal. Valores abstratos como o bem, a verdade e a perfeição eram, via de regra, apregoados pela filosofia como pertencentes ao mundo espiritual e não ao material. Desta forma, a mensagem do evangelho satisfez os anseios de muitos daqueles que acolheram o pensamento platônico ou aristotélico, justamente por anunciar que o Bem, a Verdade e a Perfeição encarnaram (ou seja, deixaram a realidade transcendente e penetraram a história humana) na Pessoa de Jesus Cristo, o Filho de Deus, permitindo ao homem não apenas a contemplação filosófica desses elementos, senão também o

relacionamento pessoal com eles.

Devemos reconhecer, ainda, que eventualmente alguns apóstolos se valeram de premissas filosóficas como parte de sua estratégia de evangelização. Paulo, por exemplo, em seu sermão no Areópago, em Atenas (At 17.22-34), sabiamente inseriu uma frase de origem estóica em seu discurso, a fim de trazer aos pés de Cristo muitos daqueles pensadores pagãos ali concentrados, como explica Frank Stagg (*O Livro de Atos*, p.178):

"Paulo impugnou a crença estóica do panteísmo e a prática da idolatria, fazendo referência a poetas deles, que disseram: 'Pois dele também somos geração' (v.28). Deus é distinto de suas criaturas, e, visto que somos geração dele, segue-se que a natureza divina (to theion) é do nosso gênero (espécie), e não da espécie do ouro, da prata, ou da pedra. Paulo corrigiu a doutrina epicurista, que admitia que Deus (para eles, os deuses) é completamente transcendente e indiferente para com os homens, afirmando que Deus não só criou tudo quanto existe (v.24), mas sustenta (v.25) e dirige (v.26) todos os homens no sentido de que o busquem, pois que não está longe de cada um de nós (v.27)."

Essa influência também pode ser observada, embora palidamente, em parte do trabalho literário do apóstolo João. Mesmo não tendo sido exposto a um contato mais profundo com a filosofia grega, o "discípulo amado" descortinou seu evangelho com uma verdadeira cristianização da doutrina filosófica do *Logos*. O *Logos* (ou Razão) de Deus que fora, cinco séculos antes, foco de conjecturas platônicas, também inspirou, ao longo dos primeiros quatrocentos anos de nossa era, muitos teólogos cristãos — especialmente aqueles pertencentes à escola alexandrina. Acerca disso, nos deteremos mais adiante, ao tratarmos da biografia de João.

Nessas reflexões iniciais, vimos que o mundo apostólico foi devidamente preparado pelo Criador para uma fértil sementeira do evangelho. Se, por um lado, a conjuntura daquele período contribuiu enormemente para a rápida difusão da mensagem apostólica, apresentou também, em diversas ocasiões, alguns desafios para a ainda jovem Igreja cristã. Foi em meio a esses desafios que os seguidores de Cristo espalharam-se por grande parte do mundo de então, levando consigo a mensagem que transformaria para sempre os rumos da História, como reconhece o Dr. Justo González (*op. cit.*, vol. I, p. 30).

"A 'plenitude do tempo' não quer dizer que o mundo estivesse pronto para se tornar

cristão, como uma fruta madura pronta para cair da árvore, mas quer dizer que, nos desígnios inescrutáveis de Deus, havia chegado o momento de enviar o seu Filho ao mundo para sofrer morte de cruz, e de espalhar os discípulos por esse mesmo mundo, a fim de que eles também dessem um testemunho custoso de sua fé no crucificado."

Com efeito, os apóstolos, ao tomarem sobre si o desafio da *Grande Comissão*, não estavam completamente alheios a essa conjunção de circunstâncias favoráveis reinante no primeiro século. Muito pelo contrário, foi justamente a conscientização dessa realidade, aliada a uma obediência incondicional à vontade do Mestre, que resultou no investimento de suas vidas na evangelização tanto da Judéia, como da Samaria — e até dos confins da terra!

Ao conhecermos a vida e a obra dos doze enviados, mergulhamos na própria história da evangelização mundial na Igreja primitiva, com suas lutas e suas perspectivas. Por outro lado, esse conhecimento desafia as mentes mais ávidas em história apostólica a encontrar as razões que porventura justifiquem o hiato de informação registrado nas biografias desses memoráveis galileus. Como e por que a história silenciou grandemente nesse particular, deixando rastros imprecisos sobre a carreira desses homens que, afinal, protagonizaram tão significativas mudanças na sociedade de sua época? A seguir, trataremos da difícil tarefa de investigar e registrar algumas das diversas causas que resultaram nesse silêncio histórico.

Os fatores inibidores da historicidade apostólica

Após a contribuição de autores bíblicos como Lucas e Paulo, aos quais devemos grande parte da informação de que dispomos acerca da Igreja em sua era apostólica, a história eclesiástica apresentou longos períodos de silêncio, eventualmente quebrados com a adição de informações, embora freqüentemente escassas e depreciadas em seu cunho histórico. Essa tendência minou severamente a historicidade apostólica, diluindo o conjunto de informações - orais ou escritas - que a compunham, gradativamente transformando-a em um verdadeiro coquetel de lendas e superstições, muitas das quais absolutamente indignas de qualquer credibilidade. Vejamos cinco razões básicas por que isso se sucedeu.

1. A modéstia e a simplicidade dos apóstolos não os tornava objeto de análise biográfica para os primeiros cristãos

Conquanto respeitados, amados e profundamente admirados por sua ação pastoral

e evangelística, os doze apóstolos eram vistos pela Igreja primitiva apenas como irmãos de fé e cooperadores na missão de espalhar a Boa Nova. A origem humilde fez deles indivíduos perfeitamente identificados com o cidadão simples da época, ao qual se dirigia a mensagem salvífica. Além disso, a autoridade dos apóstolos repousava basicamente sobre a unção do Espírito Santo e não sobre qualquer formação catedrática que os tornassem expoentes teólogos ou fundadores de complexas estruturas eclesiais.

O Concílio de Jerusalém (cerca de 50 A.D.), foi sem dúvida um bom exemplo da autoridade dos apóstolos enquanto colunas da Igreja (Gl 2.9). Entretanto muito pouco ou quase nada ouviu-se deles, coletivamente se falando, a partir de então. A história não registra qualquer outro pronunciamento conjunto dos doze com respeito a assuntos de interesse geral da Igreja, como formas de governo eclesiástico, refutações às heresias, apologia da fé cristã ou questões de cunho social.

Organizações eclesiásticas burocratizadas e teologicamente complexas, que foram se estabelecendo com o passar do tempo, revelaram-se totalmente divorciadas da prática espiritual desses varões que, de maneira modesta, edificavam suas congregações, fundamentadas num poderoso, porém descomplicado, testemunho do evangelho.

A história dos discípulos é, portanto, a história de humildes pregadores e não de célebres pensadores ou renomados teólogos. Talvez por isso saibamos tão pouco sobre seus empreendimentos, desde a dispersão da Igreja de Jerusalém em cerca de 68 A.D., quando para muitos deles a missão de evangelizar os gentios tornou-se algo que não mais poderia ser postergado.

Por fim, a veneração e a adoração desses homens só se tornou realidade a partir do momento em que o cristianismo primitivo, por razões diversas, viu-se invadido por conceitos estranhos a sua natureza teológica.

2. A ausência de uma perspectiva histórica duradoura, por parte da Igreja primitiva

E importante reconhecermos que tanto os apóstolos como grande parte de seus discípulos encontravam-se por demais ocupados *cm fazer História*, para porventura escrever sobre ela, visando um legado às futuras gerações. Ademais, os primeiros cristãos, a princípio, não estavam muito preocupados com o registro de suas raízes históricas para os séculos vindouros. Isso porque, em sua perspectiva, o retorno de Cristo - tão enfaticamente pregado e aguardado naqueles dias — era algo que se daria ainda naquela geração. Essa ênfase exagerada acabou exigindo algumas posturas teológicas corretivas - como, por exemplo, a assumida por Paulo em sua Segunda Carta aos

Tessalonicenses. E notável que, se em sua primeira carta aos fiéis daquela congregação, o apóstolo descreve detalhes importantes relativos à segunda vinda de Cristo (1 Ts 4.13-18; 5.1-4), em sua mensagem seguinte mostra-se claramente mais cauteloso no trato do assunto, lembrando seus leitores que alguns eventos de grande magnitude necessariamente precederiam aquele dia desejado (2 Ts 2.1-12).

Portanto, muito pouco se produziu de história eclesiástica, tal como a compreendemos, até a geração dos pais pré-nicenos, na segunda metade do terceiro século, quando a Igreja finalmente amadurecera a ponto de compreender que a expectativa profética da volta de Cristo exigia uma perspectiva equilibrada, tendo em vista principalmente a enorme tarefa da evangelização mundial, sem a qual não se cumpriria (Mt 24.14).

3. O silêncio da história secular ante ao cristianismo primitivo

A maioria esmagadora dos cristãos do primeiro século pertencia às classes sociais menos favorecidas. Eram, em grande parte, escravos, carpinteiros, ferreiros, pedreiros e artesãos em geral. Esse perfil é atestado pelo próprio apóstolo Paulo, em sua Primeira Carta aos Coríntios (1.26-29). Assim, o cristianismo, como movimento sócio-religioso, não atraiu muita atenção de escritores seculares renomados como Celso, Tácito, Cornélio Frontón e Marco Aurélio, para os quais os cristãos não passavam de pessoas insignificantes e desprovidas de qualquer valor intelectual. Quem, pois, se aventuraria a desperdiçar tempo escrevendo sobre a história dos humildes e ignorantes?

A carta de Plínio, o Jovem, governador da Bitínia, ao Imperador Trajano (cerca de 111 A.D.), através da qual buscava conhecer mais sobre a crença e os costumes dos cristãos - que via se multiplicarem naquela região - conta-se entre os raros documentos históricos de origem paga referentes ao cristianismo do período apostólico. Mesmo o historiador judeu Flavius Josefo — cujo testemunho tem sido muito questionado atualmente — exceto pela menção da morte de Tiago, praticamente ignorou em suas obras o advento e a difusão da fé cristã naqueles dias, embora tenha sido contemporâneo dos apóstolos.

Devemos a esforços surgidos bem mais tarde, através de cristãos como Hegésipo, na segunda metade do século II e Eusébio de Cesaréia, em fins do terceiro século, as primeiras investigações que rastrearam as origens apostólicas do cristianismo primitivo.

Como fruto de seus empreendimentos na busca de documentos dos primórdios da Igreja, Eusébio escreveu sua obra-prima, *A História Eclesiástica*, que até o presente se mantém como uma das mais importantes referências de pesquisa sobre o cristianismo da

era apostólica e imediatamente posterior.

4. O advento da Sucessão Apostólica

Em fins do primeiro século a Igreja presenciou o surgimento e a expansão de seu mais sutil inimigo, o chamado *gnosticismo cristão*. Mais adiante em nossa análise, trataremos acerca de algumas particularidades dessa terrível ameaça ao cristianismo primitivo. No momento, entretanto, basta-nos ter em mente que os gnósticos cristãos arrebanhavam inúmeros fiéis nas fileiras da Igreja ao se apresentarem como possuidores de uma teologia secreta — a verdadeira *gnosis* ou conhecimento — herdada diretamente dos apóstolos, que, por sua vez, a teriam recebido de Cristo.

Como reação a essa corrente herética, a Igreja suscitou a chamada Sucessão Apostólica, ou seja, um mecanismo de defesa da ortodoxia cristã, segundo o qual se afirmava que, se Jesus de fato passara algum ensino secreto a alguém, teria de ser, necessariamente, aos seus discípulos, isto é, àqueles aos quais confiara a direção de Sua Igreja. Estes, por sua vez, só poderiam ter perpetuado tal ensinamento passando-o aos líderes das comunidades que iam fundando, e assim sucessivamente (conf. 2Tm 2.2). Deste modo, desmascarava-se os intentos obscuros daqueles hereges, cuja procedência nada tinha de apostólica.

A Sucessão Apostólica, enquanto dispositivo teológico, teve, portanto, seu mérito no que diz respeito a estratégia de defesa da fé crista naqueles dias, quando era grande a ameaça do gnosticismo. De fato, para algumas comunidades cristãs como as de Roma, Éfeso, Antioquia e Corinto, não foi tarefa difícil rastrear suas origens apostólicas. Muitas delas possuíam seus próprios registros episcopais, os quais documentavam a ligação do presente com seu passado apostólico. Por outro lado, como diversas congregações de localidades menores não podiam reclamar para si qualquer base apostólica sustentável para suas origens - já que em várias cidades do Império o cristianismo havia chegado por vias desconhecidas — muitas delas trataram de criar suas próprias lendas e tradições acerca de suas pretensas matrizes apostólicas.

O Dr. Justo González {*op. cit.*, vol. I, p. 42) atesta a contribuição negativa da sucessão apostólica para a historicidade das missões primitivas, citando o exemplo de dois personagens apostólicos.

"Pelos finais do século segundo, começa a aparecer um fenômeno que dificulta sobremaneira todo intento para descobrir o paradeiro dos apóstolos. Este fenômeno consistiu em que todas as principais igrejas tratavam de reclamar para si uma origem

diretamente apostólica. Já que a Igreja de Alexandria rivalizava com as de Antioquia e de Roma, ela também tinha de reclamar para si a autoridade e o prestígio de algum apóstolo, e isto por sua vez deu origem à tradição segundo a qual São Marcos havia fundado a Igreja nessa cidade. De igual modo, quando Constantinopla chegou a ser capital do império, a nova cidade não podia tolerar o fato de que tantas outras igrejas tenham reclamado para si uma origem apostólica e ela não pudesse fazer o mesmo. Daí surgiu a tradição que dizia que o apóstolo Filipe havia fundado a Igreja de Bizâncio, a cidade que se encontrava no lugar onde Constantinopla foi edificada mais tarde."

Diante disso, é plausível que, num curto período de tempo, o volume de informação fidedigna sobre as missões apostólicas acabou sendo penetrado de modo comprometedor pela avalanche de superstições que rapidamente se formaram em função da necessidade de se comprovar a origem apostólica de algumas congregações primitivas.

5. A crescente rivalidade entre a Igreja oriental e ocidental e a corrida pelas relíquias apostólicas

No século IV, a divisão do Império Romano em duas partes, uma ocidental, com sede em Roma, e outra oriental com sede em Constantinopla, causou considerável impacto na Igreja de então, já infiltrada por relações cada vez mais íntimas com o estado. O fortalecimento político dos bispos destas cidades, sedentos pela primazia no Corpo de Cristo, somado a crescente rivalidade entre a Igreja ocidental, de fala latina e a oriental, de fala grega, motivou uma busca desenfreada por provas históricas que sustentassem suas ousadas pretensões. Nesse frenesi, desencadeou-se uma onda de descobertas de relíquias ditas apostólicas, as quais, em sua maioria, apresentavam-se absolutamente indignas de qualquer crédito.

A corrida pelos restos mortais dos apóstolos e sua posterior veneração, ganhou uma ênfase ainda maior com a construção, pelo imperador Constantino, da Igreja dos Santos Apóstolos, em Constantinopla (antiga Bizâncio e atual Istambul). Nesse santuário, dedicado em 337 A.D., Constantino, já ostentando o título de *Pontifex Maximus* da Igreja, pretendeu coletar as relíquias dos doze apóstolos em tumbas dispostas em semicírculo ao redor do túmulo que construía para si, talvez como forma de se perpetuar na história como o décimo terceiro dentre os apóstolos.

Se Constantino falhou na coleta dos restos mortais dos doze — posto que veio a falecer pouco depois da consagração daquela basílica - acabou, no entanto, colaborando

de forma decisiva para o incremento de uma prática estranha aos costumes cristãos: a coleta e a veneração das relíquias dos santos. Essa tendência, estimulada pela crescente disputa entre líderes eclesiásticos orientais e ocidentais pela primazia na Igreja e levada aos extremos da insensatez durante a Idade Média, contribuiu de maneira negativa para a historicidade dos apóstolos, por alimentar o surgimento de um conjunto de lendas que pudesse, via de regra, emprestar crédito àqueles achados. Com o passar dos anos a tradição popular acabou sedimentando essas lendas e, pouco a pouco, combinando-as às poucas informações procedentes acerca dos doze. O resultado dessa mistura foi a crescente diluição daquilo que se podia considerar historicamente aceitável sobre a vida dos apóstolos.

Mesmo tendo minado, em grande parte, a genuinidade dos relatos sobre os apóstolos, esses fatores não puderam ocultar da posteridade a certeza de que, embora humildes em sua ação ministerial, os enviados de Cristo desenvolveram uma visão estratégica que se demonstrou eficaz no cumprimento da ordem de *ir por todas as nações e fazer discípulos*. Apenas a conjuntura favorável do primeiro século não seria, por si só, suficiente para justificar tão rápido alastramento da fé cristã, como o verificado no período apostólico. Como se sabe, em poucas décadas de ministração aos gentios, os apóstolos contribuíram decisivamente para que as boas novas de Cristo ecoassem desde Londres até Alexandria, ou desde Lyon até a Babilônia. É, portanto, muito provável que a evangelização simples e objetiva dos doze estivesse balizada não apenas na unção celestial que sobre eles pairava, mas também numa correta perspectiva missionária, que visava disseminar o evangelho pelas mais distantes regiões do mundo antigo, no mínimo espaço de tempo.

Uma reflexão sobre as prováveis vias pelas quais esses homens transformaram em realidade esse formidável fenômeno evangelístico será o nosso objetivo a seguir.

A visão estratégica dos apóstolos

Embora o Império Romano tenha se demonstrado, sob certos aspectos, ainda mais hostil do que Israel no que tange à disseminação da fé cristã, essa oposição não pode refrear a expansão da mensagem apostólica, que velozmente atingiu corações e mentes tanto de judeus como de gentios através de todo o Império. Como mencionamos antes, ainda no período de vida da maior parte dos doze apóstolos o evangelho de Cristo tomou o rumo das extensas estradas romanas, assim como dos mares, e alcançou com sucesso regiões como as Gálias, a Hispânia e a Britânia, no oeste da Europa e o Egito, a Cirenaica, a Abissínia e a Numídia, ao longo de todo o norte da África. Ao mesmo tempo,

os esforços missionários voltados para o oriente não deixaram regiões como a Pérsia, a Armênia, a Arábia, a Mesopotâmia e até mesmo a Índia sem traços da mensagem salvadora.



O surgimento e o desenvolvimento de algum tipo de estratégia por parte dos discípulos, visando uma evangelização mundial, parece muito provável, especialmente se atentarmos para alguns vestígios deixados pela tradição eclesiástica, como esclarece Stuart McBirnie (*op. cit.*, p. 42-3).

"Em algum lugar, em algum momento, formal ou naturalmente, os apóstolos decidiram por uma estratégia de evangelização mundial, seguindo cada qual seu próprio destino. Eusébio nos conta que os apóstolos 'dividiram o mundo' entre si, considerando todos os pontos cardeais.(...)"

No princípio do Livro III de sua História Eclesiástica - após descrever a queda de Jerusalém - Eusébio declara que 'o mundo habitado' fora dividido pelos apóstolos em zonas de influência. A Tomé coube a região da Partia; João incumbiu-se da Ásia, Pedro cuidou da região do Ponto e de Roma e André da Cítia. Esta afirmação contém uma certa porção de verdade histórica, como podemos verificar no caso de João. Quanto aos demais, no entanto, torna-se muito difícil esta constatação."

A opinião de McBirnie é confirmada por boa parte da literatura apócrifa do Novo Testamento que não apenas reconhece a existência dessa estratégia, como também define as regiões de atuação de alguns dos apóstolos: a Mesopotâmia, por exemplo, estaria ligada a Tomé e Tiago; a próspera Ásia Menor a cargo de João e Filipe e as regiões da Fenícia, Ponto, Acaia e Roma, sob atuação de Pedro. A divisão de algumas

regiões do mundo antigo em jurisdições apostólicas, como componente de uma ampla estratégia que visava o alcance de judeus e gentios para Cristo, pode estar conectada à citação de Paulo em sua Carta aos Romanos (15-20).

"esforçando-me deste modo por pregar o evangelho, não onde Cristo já fora anunciado, para não edificar sobre fundamento alheio;"

Com efeito, essa partilha de regiões descrita pelo historiador Eusébio de Cesaréia, conquanto possa ter apresentado bons resultados na disseminação do evangelho nos primórdios da Igreja, não basta para explicar tanta eficiência evangelística em tão pouco tempo. Há, ainda, alguns detalhes interessantes e dignos de serem considerados no que tange à visão missionária dos doze.

A biografia de alguns dos discípulos, assim como a de Paulo, nos sugere um conceito de atuação missionária delineado por uma estratégia que excedeu em muito a simples divisão do mundo antigo em áreas de influência. Pelo que podemos deduzir de alguns relatos, tanto bíblicos como tradicionais, esses homens caracterizaram suas missões especialmente por uma eficiente formação de liderança (conf. 2 Tm2.2) e uma criteriosa delegação de responsabilidades (conf. At 6.1-7). Temperando esses valores estava a consciência geopolítica dos apóstolos, uma vez que muitas das cidades atingidas por suas campanhas eram localidades não apenas populosas, mas econômica e politicamente influentes. Muitas delas gozavam de uma localização privilegiada, às margens das movimentadas rotas comerciais romanas. Dali, os líderes por eles treinados e transformados em verdadeiros multiplicadores da mensagem cristã eram enviados às cidades circunvizinhas, estabelecendo então pequenas congregações e fazendo ecoar o evangelho na região. Citando o exemplo de Paulo, Earle Cairns, acrescenta alguns detalhes sobre a mecânica da evangelização apostólica *{op. cit., p.52}*.

"Paulo pensava também em termos de áreas que poderiam ser alcançadas a partir de centros estratégicos. Ele sempre começava seu trabalho numa nova área na cidade mais estrategicamente localizada e usava os convertidos para levar a mensagem às cidades e regiões adjacentes.(...)"

Ele iniciava seu trabalho nos centros romanos estratégicos indo primeiro às sinagogas, onde pregava sua mensagem enquanto fosse bem recebido. Quando surgia a oposição, ele partia para uma proclamação direta do Evangelho aos gentios em qualquer lugar que julgasse adequado. (...)"

Depois de fundar uma nova Igreja, Paulo a organizava com presbíteros e diáconos, a fim de que o trabalho continuasse após sua partida. Ele procurava colocar fundamentos sólidos."

Uma maneira bem simples de compreendermos esse princípio de crescimento — e visualizarmos seus desdobramentos — é tomarmos emprestado da aviação comercial o conceito conhecido como *Hub and Spoke*:

Imaginemos uma roda de bicicleta. O *hub* é seu eixo central e os *spokes*, seus raios. Nas rotas aéreas comerciais, os vôos entre grandes metrópoles como, por exemplo, São Paulo e Dallas são denominados ligações entre *hubs*, enquanto as conexões a partir delas para cidades menores como Ribeirão Preto (no caso de São Paulo) e Brownwood (no caso de Dallas), os *spokes*.

Voltando nossa atenção aos fluxos missionários dos apóstolos, consideremos atentamente o quadro da página seguinte.

Apliquemos o princípio do *hub and spoke* ao teatro das operações apostólicas, ou seja, o mundo do primeiro século. A seguir, supomos — a partir da ilustração acima - que o *hub 1* seja, por exemplo, a cidade de Tarso, na Cilícia, enquanto o *hub 2*, Éfeso, na Ásia Menor e o *hub 3*, Corinto, na Grécia. Os pontos menores, por sua vez, seriam as pequenas localidades adjacentes a esses centros urbanos. Desta forma, *hubs* como os propostos acima seriam exemplos de eixos sobre os quais fluíram as principais rotas missionárias dos discípulos, enquanto os pontos menores ou *spokes*, as áreas de atuação dos multiplicadores, ou seja, dos líderes por eles treinados.

Um exemplo clássico dessa estratégia de multiplicação da Palavra pode ser atestado no ministério de Paulo em Éfeso, descrito em Atos 19. Naquela influente cidade da Ásia Menor, o apóstolo, após sofrer radical oposição da comunidade judaica local, passou a ministrar seus sermões na escola de Tirano, onde, por um espaço de quase dois anos, pode não apenas exercer um eficiente evangelismo, como também treinar uma liderança cristã que fizesse o evangelho de Cristo se espalhar rapidamente por toda província da Ásia Menor, conforme registra At 19.9-10.

Esse princípio, agregado às demais virtudes apostólicas, assim como ao panorama historicamente propício à ministração do evangelho, parece lançar alguma luz sobre a mecânica das primeiras evangelizações transculturais vividas pela Igreja primitiva, cujo rápido sucesso ainda se constitui num verdadeiro desafio às instituições missionárias modernas, particularmente quando lembramos que boa parte das regiões alcançadas por aqueles homens laboriosos encontram-se hoje imersas na *chamada*. *Jane la 10/40*, a

porção geográfica de maior silêncio do evangelho em todo mundo!

Nosso alvo nessa introdução ao mundo dos apóstolos foi reunir alguns elementos essenciais para uma investigação criteriosa a que nos propomos fazer acerca da vida e da obra dos doze escolhidos de Cristo.

Essa reflexão, embora tenha somado algo mais sobre o panorama da época, não deve nos distanciar do fato de que a historicidade apostólica permanece, até hoje, como um campo repleto de *tesouros* a serem garimpados. Isto porque, esses humildes galileus, cujas vidas serão objeto de nossa atenção a seguir, parecem não ter tido uma exata noção do papel que cumpriam diante do curso da história humana. Talvez por isso, tenham se limitado a registrar para a posteridade muito pouco daquilo que realizaram. Grande parte dos registros que dispomos sobre eles - excetuados os textos bíblicos - demonstram, freqüentemente, consideráveis lacunas em sua rastreabilidade histórica. Isso torna muitos desses textos obras próximas do imaginário e, portanto, comprometidas em sua confiabilidade.

Dada a carência de fontes fidedignas, esgotar o tema dos apóstolos não poderia ser o escopo dessa pesquisa. Mesmo porque, da pá do laborioso arqueólogo ou do interior de algum distante mosteiro ortodoxo, podem a qualquer momento surgir importantes novidades que estendam nosso horizonte de conhecimento sobre a vida dos doze discípulos e de seus cooperadores.

Por fim, o leitor atento perceberá, nas análises biográficas subseqüentes, que a metodologia de nossa investigação foi orientada, primeiramente, pelo levantamento das informações bíblicas disponíveis acerca de cada um dos apóstolos. É verdade que isto, por si só, representa muito pouco diante de uma análise mais acurada desses personagens, já que as Escrituras mencionam muitos deles apenas brevemente, através das listas apostólicas de Mt 10.2-4, Mc 3.16-19, Lc 6.14-16, At 1.13-14.

Após a extração do conteúdo bíblico sobre cada um dos discípulos, voltamo-nos para a parte mais delicada de nossa pesquisa: o desafio de selecionar, a partir das variadas narrativas apócrifas e históricas, o procedente do fantasioso. Devemos lembrar que vários desses textos não-canônicos que citaremos a seguir, conquanto apresentem, em sua forma final, uma narrativa historicamente imprecisa, mostram-se valorosos em conferir a nossa pesquisa elementos adicionais que, combinados a outros já conhecidos, mitificam muitas vezes numa reconstituição mais próxima daquilo que seria o curso ministerial de alguns dos discípulos, particularmente daqueles sobre os quais as Escrituras não deixaram qualquer rastro.

BARTOLOMEU

"Perguntou-lhe Natanael: Pode haver coisa boa vinda de Nazaré? Disse-lhe Filipe: Vem e vê."

João 1.46

Desse discípulo, cujo nome significa literalmente *Filho de Talmai*, muito pouco se sabe, do ponto de vista bíblico.

Natural de Cana da Galiléia (Jo 21.2), Bartolomeu é citado por alguns escritores cristãos primitivos como sendo descendente da casa de Naftali, embora outros autores, numa alusão ao historiador Jerônimo, sugiram um paralelo entre seu nome e os descendentes de *Talmai*, rei de Gesur (2 Sm 3.3), que fora pai de Maaca, mãe de Absalão.

Outra tradição, não menos curiosa, conecta as origens do apóstolo à casa real egípcia dos *Ptolomeu*. Nenhuma das três hipóteses, infelizmente, vai muito além da simples conjectura.

Elias de Damasco, escritor cristão do século IX, foi o primeiro autor de que se tem notícia a identificar Bartolomeu com Natanael, personagem levado a Cristo por Filipe, como vemos em Jo 1.45,46. Sobre essa questão, o saudoso escritor britânico John D. Jones em seu livro *The Apostles of Jesus* (p-75), esclarece:

"Nada havia de incomum no fato de um apóstolo possuir dois nomes. Simão era também chamado Pedro; Levi era conhecido na Igreja como Mateus e um outro dentre os doze se regozijava em ser conhecido por três nomes: Lebeu, Tadeu e Judas! Não há, portanto, a priori, qualquer improbabilidade quanto à sugestão de que o sexto apóstolo, de igual modo, possuísse dois nomes, especialmente quando lembramos que Bartolomeu (Bar-Tohnai), assim como Bar-Jonas, tratava-se apenas de um nome patronímico ou, ainda, de um sobrenome."

Vejamos se há, de fato, alguma outra razão bíblica para a associarmos o quase desconhecido Natanael com o discípulo de nome Bartolomeu. Natanael é um nome que aparece mencionado exclusivamente no Evangelho de João e, assim mesmo, em apenas duas ocasiões: no primeiro capítulo (Jo 1.45-51) - onde temos sua vocação - e,



timidamente, no último (Jo 21.2). Ora, se todos os vocacionados no capítulo inicial desse evangelho (André, João, Pedro e Filipe) se tornaram, mais adiante, discípulos de Jesus, temos na chamada de Natanael uma forçosa sugestão de que ele também veio a se tornar um dos doze. Se assim não fosse, seria deveras difícil compreender porque João - no início de seu evangelho - dedicou tanta atenção a alguém sem íntima ligação com a vida de Jesus e de Seus seguidores.

Se o primeiro capítulo de João torna provável o discipulado de Natanael, o último faz disto um fato acima de qualquer dúvida. Ali, acompanhando Pedro, João, Tiago e Tomé em seu antigo ofício, Natanael é citado pelo evangelista como um dos *discípulos* (Jo 21.2), ao lado dos quais testemunhara as gloriosas aparições do Cristo ressurreto na Galiléia.

Contudo, se Natanael foi de fato um dos doze, com qual deles seria mais razoável identificá-lo? Não haveria nada que vinculasse esse nome com qualquer um dos apóstolos, não fosse por um pequeno detalhe que veremos a seguir. Uma rápida leitura em três das quatro citações que contêm a listados apóstolos (Mt 10.2-4; Mc 3.16- 19; Lc 6.14-16) é suficiente para percebermos que o nome de Bartolomeu aparece associado ao de Filipe; esse fato, endossado pelas narrativas posteriores da história eclesiástica, nos faz suspeitar de uma relação próxima entre ambos, precedente à chamada de Bartolomeu ao discipulado cristão. Se interpretarmos esse relacionamento à luz de Jo 1.45-46, onde vemos Filipe buscando testemunhar de Cristo para seu amigo Natanael, poderemos ter, então, nas figuras de Bartolomeu e Natanael a mesma pessoa. Embora insuficientes, são essas as únicas sustentações bíblicas que justificam a alegada fusão dos personagens citados. A despeito de sua fragilidade, essa hipótese norteará, a seguir, o perfil do apóstolo que enfocamos nesse capítulo. Desta forma, associaremos, daqui em diante, o nome de Bartolomeu ao de Natanael.

A vocação de Bartolomeu

Nos dias apostólicos, dizia-se em Israel que alguém que costumava descansar sob a sombra de uma figueira era, certamente, uma pessoa de posses. Embora tenha sido exatamente essa a situação em que Bartolomeu se encontrava, momentos antes de ser abordado por Filipe (Jo 1.48), sugerir algo semelhante acerca do apóstolo em questão tendo por base apenas essa passagem seria, no mínimo, uma especulação grosseira. E

muito mais provável, entretanto, que Bartolomeu — assim como a maior parte de seus discípulos — tenha desfrutado de uma vida típica dos galileus habitantes das regiões próximas ao Lago de Genesaré, marcada pela simplicidade e pelo trabalho árduo.

Como a maior parte dos discípulos, Bartolomeu parece ter sido um homem profundamente sintonizado com as expectativas messiânicas de sua época. O notável testemunho de Jesus a seu respeito (Jo 1.47) deixa transparecer o perfil de alguém que serviu-se da Lei e dos profetas não apenas para orientar suas esperanças na gloriosa redenção de Israel, mas também para desenvolver em seu íntimo uma espiritualidade frutífera, determinada pelas diretrizes da sabedoria divina, sobre a qual comenta o apóstolo Tiago (Tg3.17).

"A sabedoria, porém, lá do alto, é primeiramente pura; depois pacífica, indulgente, tratável, plena de misericórdia e de bons frutos, imparcial, sem fingimento."

A irônica resposta dada a Filipe (Jo 1.46), consoante ao fato de o Messias ser proveniente de Nazaré, não deve ser interpretada como uma atitude discriminatória de Bartolomeu contra essa pequena cidade da Galiléia, em cujas proximidades ele próprio nascera. Aqui, o mais provável é que o futuro apóstolo estivesse externando seu ceticismo diante da possibilidade de alguém da magnitude do Messias — tal como era aguardado em Israel — ser procedente de um lugar tão irrelevante e sem nenhuma representatividade nacional. Sobre esse detalhe, comenta John D. Jones (*op. cit.*, p. 80).

"Embora grande estudante das Escrituras, Natanael as enxergava, eu diria, através das 'lentes' rabínicas. Ele aguardava o Messias, porém aquele por quem esperava certamente não era o Messias descrito como Servo Sofredor em Isaías 53, um homem de dores e que sabia o que era padecer; Aquele para quem Natanael dirigia suas expectativas era apregoado pelos 'rabbis' como um grande príncipe, vestido de púrpura e circundado por toda pompa e esplendor da realeza."

Se há algo que se pode afirmar sobre Bartolomeu, antes de sua vocação apostólica, é que se tratava de um homem veraz em seu coração. No caso do apóstolo, essa virtuosidade pressupõe uma intensa devoção e integridade religiosa. Isso é o que se pode concluir a partir da observação feita por Aquele que o separou para o discipulado (Jo 1.47):

"Jesus, vendo Natanael (Bartolomeu) aproximar-se dele, disse a seu respeito: Eis um verdadeiro israelita, em quem não há dolo!"

E provável que Jesus, ao se valer da expressão "verdadeiro israelita", estivesse tentando avultar não o zelo de Bartolomeu quanto à observância exterior da Lei, mas sua fidelidade para com os mandamentos divinos no mais íntimo da alma. Essa expressão nos remete à Epístola aos Romanos, onde o ex-fariseu Paulo complementa (Rm 2.28-29).

"Porque não é judeu quem o é apenas exteriormente, nem é circuncisão a que é somente na carne.

Porém judeu é aquele que o é interiormente, e circuncisão a que é de coração, no espírito, não segundo a letra, e cujo louvor não procede dos homens, mas de Deus."

O louvor do qual Bartolomeu foi alvo complementa-se com a significativa observação *em quem não há dolo*. No ensinamento contido em Mt 7.21-23, Jesus referiu-se ao dolo como um dos males originários do coração, responsáveis pela contaminação do ser humano. O termo grego *dolos* corresponde em significado ao seu descendente português, isto é., fraude, astúcia, engano, maquinação. Na referência a índole de Bartolomeu, Jesus emprega seu equivalente negativo, *a dolos*. Essa expressão, ocorre também em 1 Pe 2.22, onde descreve a pureza e a perfeição de caráter do Senhor.

Inspirado nas palavras de apreço do Mestre em relação a Seu futuro discípulo - mas certamente cruzando as fronteiras da conjectura - John D. Jones concebeu assim o perfil de Bartolomeu (*op. cit.*, p.77, 82):

"A primeira coisa que diria acerca de Natanael é que era um homem entregue ao estudo, à meditação e à oração. Julgando pelo fato de seu nome ocorrer na lista daqueles que decidiram retornar, ao lado de Pedro, à pescaria, deduzo que Natanael, assim como seus irmãos e apóstolos, era pescador. Contudo, nunca se permitiu absorver por seus negócios. Praticava a pesca apenas como meio de subsistência, porém seu coração estava voltado para as coisas lá do alto. Cada momento que podia arrebatá-lo de seus afazeres diários, ele os devotava à meditação e à oração silenciosa.

Havia, naqueles tempos, um círculo de israelitas cujas almas estavam voltadas à oração. Homens como Simeão, que ansiava pela consolação de Israel, e mulheres como Ana, que jamais deixava o templo, onde adorava com súplicas e jejuns, dia e noite. Natanael era um dos que compunham esse seleto e consagrado círculo.

No jardim que possuía, junto a sua humilde casa, havia uma figueira sob a sombra de cujas folhas Natanael passava horas a fio, em clamor a Deus ou absorvido em estudos sobre os legados de Moisés e dos profetas.

(...)

Ele era qual o patriarca Jacó, um príncipe diante de Deus, no poder de suas orações. Contudo, ao contrário daquele, não tinha em sua natureza qualquer traço de engano ou sagacidade.

Newman, no segundo volume de seus 'Sermões', nos mostra como o 'homem sem dolo' é descrito no décimo quinto salmo: 'Então Davi pergunta: Senhor, quem habitará no teu tabernáculo? Quem há de morar no teu santo monte? O que vive em integridade e pratica a justiça, e, de coração, fala a verdade; o que não difama com sua língua, não faz mal ao próximo, nem lança injúria contra o seu vizinho; o que jura com dano próprio, e não se retrata.' Este é o perfil de Natanael."

Conquanto fantasiosas em alguns aspectos, as diversas descrições sobre o ministério pós-bíblico de Bartolomeu, sobre o qual falaremos adiante, sugerem que o jovem discípulo não poupou esforços para proclamar o evangelho através de regiões por vezes hostis, freqüentemente longínquas e quase sempre estranhas a sua terra e sua cultura. Num desses lugares, Bartolomeu, como muitos dos condiscípulos, parece ter selado com seu próprio sangue o testemunho de Jesus.

Os vestígios deixados por suas jornadas, ainda que raros, podem ser mais uma evidência de que as missões apostólicas atingiram, antes do final do primeiro século, a distante Índia, país que, pela dimensão de suas trevas espirituais, constitui ainda hoje um dos maiores desafios missionários transculturais.

Bartolomeu na Ásia Menor

A região da Ásia Menor (atual Turquia) é notoriamente apontada pela tradição como um dos palcos de maior atuação do apóstolo Bartolomeu em suas jornadas missionárias.

A obra apócrifa *Atos de Filipe*, por exemplo, registra a incursão de Bartolomeu nessa região onde, ao lado de Filipe (provavelmente o apóstolo), ministrou a Palavra em Hierápolis. Ali, após curar a esposa do procônsul e conseguir sua conversão, despertou a fúria do magistrado romano que os teria condenado à morte por crucificação. Filipe parece ter realmente sofrido o martírio em tal ocasião, como veremos mais adiante, mas Bartolomeu, por alguma razão desconhecida, obteve a suspensão da pena quando já se

encontrava no madeiro.

Dorman Newman, historiador cristão do século XVII, comenta em sua obra *The Lives and Deaths of the Holy Apostles*, esse momento extraordinário de Bartolomeu na Ásia Menor.

"Em Hierápolis, na Frigia, o encontramos em companhia do apóstolo Filipe (como já fora antes observado em sua vida), diante de cujo martírio por crucificação, Bartolomeu acabou preso e também condenado à mesma pena capital. Entretanto, em razão de algo que desconhecemos, os magistrados interromperam seu suplício e o despediram. Dali, Bartolomeu dirigiu-se à Licaônia, onde João Crisóstomo afirma ter o apóstolo iniciado muitos na fé cristã."

A despeito dessa narrativa tradicional, devemos reconhecer que seria quase um milagre, em tais circunstâncias, a sobrevivência de um condenado ao suplício da cruz. Fixado pelos pulsos e pelos pés ao madeiro com os terríveis *cravi trabales* — pregos enferrujados de quase vinte centímetros de comprimento - o crucificado tinha como destino inevitável o tétano. É bem verdade que, embora essa tenha sido a maneira mais usual de se perpetrar a crucificação, houve ocasiões em que se objetivou prolongar ainda mais o sofrimento dos crucificados. Nesse caso, um dos expedientes utilizados era a fixação dos sentenciados à cruz com cordas, ao invés de cravos. Embora, nesse caso, a dor fosse incomparavelmente inferior, o tempo de agonia dos condenados costumava superar razoavelmente o período de dois a nove dias estimados para a expiração pelo método mais violento. Se aplicarmos essa possibilidade à pretensa crucificação de Bartolomeu em Hierápolis, devemos atribuir ao milagre não sua sobrevivência após a já iniciada execução, mas sim à inusitada reversão da sentença por parte dos romanos.

Após a misteriosa libertação, algumas lendas localizam Bartolomeu na vizinha Licaônia, onde teria anunciado a salvação aos pagãos, bem como ministrado às congregações cristãs já existentes naquela região.

A longa tradição da Igreja ortodoxa sobre o apóstolo Bartolomeu tem alguns pontos em comum com as demais, especialmente no que tange à interrupção de seu martírio ao lado de Filipe. Para ela, ambos apóstolos operaram sinais poderosos e curaram muitos enfermos. Em certa ocasião, Bartolomeu e Filipe teriam destruído pelo poder da oração uma terrível serpente, preservada e cultuada num santuário pagão. Irados, os moradores locais decidiram executar os apóstolos, crucificando-os. Enquanto os santos sucumbiam ante a terrível sentença, um grande terremoto teria sacudido a localidade, fazendo

perecer não apenas seus juízes mas também parte da população que assistia à execução. Cheios de temor diante do ocorrido, aqueles moradores decidiram, então, libertar imediatamente os apóstolos, mas constataram que Filipe já havia falecido.

Bartolomeu rumo ao oriente

Vários escritos tradicionais da Igreja, como o apócrifo *Evangelho de Bartolomeu*, apresentam o apóstolo como enviado ao Oriente, mais especificamente à Índia, onde teria deixado uma cópia do Evangelho de Mateus, escrito em hebraico. Acerca dessa possibilidade, comenta o historiador Rufino.

"Panteno, filósofo de formação estoíca, segundo tradições alexandrinas (...) era de tão notória erudição, tanto bíblica como secular que, atendendo às solicitações das autoridades, foi enviado como missionário à Índia, por Demétrio, Bispo de Alexandria.

Naquele lugar, descobriu que Bartolomeu, um dos doze Apóstolos, já havia anunciado o Senhor Jesus e difundido o Evangelho de Mateus. Ao retornar a Alexandria, Panteno trouxe consigo esta obra, escrita em caracteres hebraicos."

Os ortodoxos também crêem que Bartolomeu exerceu seu ministério na Índia, levando consigo um exemplar do Evangelho Segundo Mateus, a fim de auxiliá-lo em suas ministrações. Entretanto, o grande obstáculo na investigação dessa possível jornada reside no próprio significado do termo *Índia*, deveras abrangente naquela época. Os escritores de língua grega e latina se valiam, com frequência, do termo para se referirem a lugares diversos como a Arábia, Etiópia, Líbia, Partia, Pérsia e Média. No caso específico da viagem missionária de Panteno, alguns escritores acham mais provável que o nome "Índia" se refira à Etiópia ou, ainda, à Arábia e não ao país que conhecemos hoje por esse nome. Se estiverem certos, devemos - em função do relato supracitado - incluir esses dois países no rol das possibilidades missionárias de Bartolomeu.

Na tentativa de lançar alguma luz sobre a possível missão de Bartolomeu à Índia, o Dr. Edgard Goodspeed comenta em seu livro *The Twelve* (p. 97,98).

*"Ainda que tenhamos em mente que o termo 'Índia' era empregado de uma forma razoavelmente ampla naqueles tempos, a afirmação de que Bartolomeu lá esteve como missionário, achando um 'Evangelho de Mateus em Hebraico', faz certo sentido. Eusébio declara, em sua **História Eclesiástica** (v.10.12) que, ao tempo da ascensão do imperador Cômodo em 180 A.D., Panteno, mestre e expoente da Igreja de Alexandria, foi*

enviado como missionário à longínqua Índia, onde Bartolomeu já havia pregado e deixado um certo Evangelho de Mateus em língua hebraica (...)."

Chamando Índia a uma região que abrangia desde a Etiópia até a Média, o texto apócrifo *O Martírio do Santo e Glorioso Apóstolo Bartolomeu*, acrescenta alguns detalhes que, embora aparentemente imaginários em alguns momentos, podem constituir a forma exagerada com que antigos cristãos perpetuaram a possível missão do apóstolo na região.

"Para a Índia partiu São Bartolomeu, o apóstolo de Cristo, alojando-se no templo de Astarote e ali vivendo entre os pobres e peregrinos. Havia, pois, nesse templo, um ídolo de nome Astarote, que supostamente curava os enfermos do povo. Mas, na verdade, os enfermava ainda mais. O povo jazia na total ignorância do Deus verdadeiro. Na busca do conhecimento, sem contudo ter a quem recorrer, todos se refugiavam no falso deus o qual lhes trazia problemas, enfermidades, danos, violência e muita aflição. Quando a ele sacrificavam, o demônio, retirando-se dos enfermos, parecia curá-los. Vendo estas coisas a população, engodada, continuava a crer nele."

A lenda continua, afirmando que a simples presença de Bartolomeu naqueles termos acabou suprimindo a atuação demoníaca sobre a população. Indignados com o silêncio do ídolo ao qual serviam, aqueles homens evocaram um certo demônio de nome Becher, na tentativa de descobrirem a razão da impotência de Astarote.

"O demônio Becher respondeu-lhes dizendo: Desde o dia e a hora em que o verdadeiro Deus, que habita nos céus, enviou seu apóstolo Bartolomeu a essa região, vosso deus Astarote está aprisionado em cadeias de fogo, não podendo falar ou mesmo respirar."

De tal sorte a presença de Bartolomeu provocou os fiéis de Astarote que estes, após as referências dadas pelo demônio, saíram ao encalço do apóstolo por dois dias inteiros, procurando-o entre os pobres e peregrinos da cidade, sem contudo encontrá-lo.

Mesmo perseguido pelos adoradores de Astarote, conta a lenda que Bartolomeu prosseguiu sua missão naquele lugar, curando os enfermos e libertando os endemoninhados. Essas operações chegaram aos ouvidos de Polímio, o soberano local, que, afligido pela situação de sua filha, ordenou a imediata busca pelo apóstolo. Ao ser

trazido diante do rei, Bartolomeu comoveu-se com as súplicas do soberano para que libertasse sua filha da opressão maligna que a mantinha acorrentada por longos anos. Orando poderosamente, Bartolomeu trouxe completa libertação para a jovem, muito embora os servos do rei, tomados de pavor, não ousassem aproximar-se da ex-possessa para soltá-la. O apóstolo, então, ordenou-lhes.

"Eis que mantenho preso o inimigo dessa alma; estais vós ainda amedrontados com essa pequena? Ide, soltai-a e, após dardes a ela de comer, deixai-a descansar."

Profundamente agradecido pelo que lhe fizera Bartolomeu, Polímio carrega alguns de seus camelos com ouro, prata e pedras preciosas e, a seguir, ordena que seus servos encontrem e presenteiem o apóstolo com aquela inestimável fortuna. Entretanto, na manhã seguinte, enquanto ainda lamentava não poder encontrar o santo de Deus e gratificá-lo com sua riqueza, o rei é surpreendido em sua câmara pela presença do apóstolo.

"Por que te esforçaste em me buscar ontem por todo o dia com ouro, prata, pedras preciosas, pérolas e vestimentas? Pelo que, anseiam por essas coisas aqueles que buscam o que é da terra; mas eis que eu nada busco de terreno ou carnal."

Recusando a oferta real, Bartolomeu pede a atenção do soberano por alguns instantes, a fim de revelar-lhe seu verdadeiro tesouro. Tendo lhe exposto a obra redentora da cruz, o apóstolo dirigiu-lhe o convite para que recebesse Jesus em seu coração.

"Pelo que, se desejas ser batizado e anelas pela iluminação, far-te-ei contemplá-Lo e poderás, então, compreender de quão grandes males foste redimido."

Relutante em seu coração quanto àquela novidade, o rei desafia Bartolomeu a estar presente, na manhã seguinte, no templo de Astarote, onde o soberano se juntaria aos demais nas costumeiras oferendas ao ídolo.

Conta a lenda que, ao aceitar o convite e comparecer ao santuário pagão, Bartolomeu impede, pelo poder de Deus, a manifestação dos demônios e os desmascara diante de grande multidão de fiéis. Fustigada pela santa interces-são do apóstolo, uma criatura infernal teria clamado:

"Cessai de ofertar-me, ó vós, miseráveis, para que não sofraís ainda mais por minha causa, porquanto estou aprisionado em cadeias de chamas, e mantido em sujeição pelo anjo do Senhor Jesus Cristo, o Filho de Deus, aquele a quem os judeus crucificaram,"

Desejoso de que todos os presentes fossem definitivamente esclarecidos, Bartolomeu conjura o demônio a que fale a verdade acerca do ídolo venerado por todos naquele lugar.

"Confessa, ó demônio imundo, quem é o que fere todos estes que aqui jazem pesadamente enfermos! O demônio então respondeu: O diabo, nosso guia, que está aprisionado; ele nos manda para que venhamos contra os homens e, primeiramente ferindo seus corpos, tomemos de assalto suas almas quando sacrificam a nós. Assim, ao crerem em nós e nos trazerem ofertas, temos poder sobre eles."

Tendo apresentado a verdade à multidão, Bartolomeu, com grande autoridade, conclama os presentes a crerem no nome de Jesus e a serem batizados nessa fé. Narra a lenda que, por toda a região, se fizeram sentir os efeitos da mensagem e do testemunho do apóstolo naquele lugar:

"Eis que o rei, a rainha, seus dois filhos e toda sua gente, bem como toda a multidão da cidade e das cidades e terras vizinhas e das demais regiões sobre as quais reinavam, creram, foram salvos e batizados em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. O rei, tendo deixado sua coroa, seguiu os passos de Bartolomeu, o apóstolo de Cristo."

Bartolomeu, o Iluminador da Armênia

Conquanto careça do respaldo de escritores primitivos, a crença de que Bartolomeu figura entre os fundadores da Igreja armênia tornou-se influente com o passar dos séculos.

Apoiados em diversas lendas — algumas das quais atribuídas a Jerônimo — autores como William Barclay sugerem que após o período de ministração na Ásia Menor e na região imprecisa denominada Índia, Bartolomeu teria seguido em viagem às terras da Armênia, onde aliou-se ao apóstolo Judas Tadeu em meados de 60 A.D. Ali, no decorrer de um ministério de mais de dezesseis anos e em meio a uma abominável

idolatria, Bartolomeu operou a cura miraculosa da filha de um certo rei, expondo a inoperância do poste-ídolo adorado pelo soberano e seus súditos. Conta ainda a tradição que, durante a ministração do apóstolo, um anjo teria expulsado o demônio flamejante que habitava o interior do ídolo, diante dos olhos atônitos da população. O rei e muitos de seus súditos foram, conseqüentemente, batizados, suscitando a ira do irmão do soberano, Astiages, e de toda a classe sacerdotal paga. Após definirem como o matariam, Astiages e aqueles líderes religiosos arrebataram Bartolomeu e, escarpelando-o vivo, o crucificaram de cabeça para baixo.

Lendas semelhantes, conservadas pelos ortodoxos, afirmam que Bartolomeu não pode livrar-se da ira de um certo rei armênio, nem mesmo após ter curado a loucura de sua irmã. Enfurecido com a presença do apóstolo, o rei teria ordenado sua crucificação e sua posterior decapitação.

Como veremos adiante, as tradições mais fortes apontam a cidade de Albana como o cenário do martírio de Bartolomeu.

Mesmo que as narrativas tradicionais tenham, com o passar dos anos, romanceado ou acrescentado fábulas ao ministério do jovem discípulo, o fato é que tanto Bartolomeu como Judas Tadeu são considerados popular-mente os fundadores da Igreja armênia. Tal tradição, por ser milenar, merece cuidadosa atenção. O Patriarcado Armênio de Jerusalém, num tratado sobre o assunto, resume.

"O indestrutível e duradouro amor dos armênios e sua devoção pela Terra Santa têm seu início no primeiro século da era Cristã, quando o cristianismo foi trazido diretamente deste lugar pelos apóstolos São Tadeu e São Bartolomeu. A Igreja que fundaram tornou-se responsável pela conversão de grande parte da população ao longo do segundo e terceiro séculos. No começo do quarto século, em 301 A.D., através dos esforços de São Gregório, o Iluminador, o rei armênio Tiridates, o Grande, e todos os membros da realeza converteram-se e foram batizados."

Sobre o ministério apostólico de Bartolomeu na Armênia, Aziz Atiya afirma, em seu livro *A History of Eastern Christianity* (p. 316).

"Os primeiros Iluminadores da Armênia foram São Tadeu e São Bartolomeu, cujos santuários ainda permanecem de pé em Artaz (Macao) e Alpac (Bashlake), no sudeste da Armênia, sendo há muito tempo venerados pelos armênios.

Uma tradição popular entre eles atribui a primeira evangelização da Armênia ao

apóstolo Judas Tadeu que, segundo sua cronologia, lá permaneceu entre os anos 43 e 66 A.D., sendo, a partir de 60 A.D., acompanhado por Bartolomeu, cujo suplício deu-se em 68 A.D. na localidade de Albanus (Derbent)"

Atualmente, a antiga cidade de Albanópolis (também chamada Albana ou Albanus), apontada pela tradição como local do suplício de Bartolomeu, recebe o nome de Derbent. Localizada ao sul da Federação Russa, Derbent está situada próxima à fronteira com o Azerbaijão, na costa oeste do Mar Cáspio. No passado, devido a sua posição estratégica, a região foi um corredor geográfico por onde passaram, em direção às civilizações ocidentais, cavaleiros bárbaros procedentes geralmente das estepes asiáticas.

A tradição apostólica, embora passível de significativas distorções, parece não ter se equivocado ao afirmar que o evangelho atingiu a Armênia no princípio da Era Cristã. Em fins do terceiro século, Gregório, o Iluminador — outra figura preponderante na evangelização da Armênia — deve ter encontrado ali algum resquício do trabalho realizado por Bartolomeu e Judas Tadeu, tal a facilidade com que difundiu a fé cristã naquele país. Sua missão, com a qual logrou a conversão do rei Tiridates, abriu novas portas para a cristianização do país, de sorte que a Armênia tornou-se, em meados do quarto século, a primeira nação na História a proclamar-se oficialmente cristã.

O Patriarcado Armênio de Jerusalém se orgulha em citar o caso de Macário, Bispo de Jerusalém (séc. IV), que teria mantido uma estreita comunhão com aquela comunidade oriental. Entre 325 e 335 A.D., numa de suas cartas ao bispo armênio Vertanes, Macário, além de tratar de vários assuntos de interesse eclesiástico, saúda o ministério pastoral assim como todos os crentes daquele lugar, sugerindo a existência de uma Igreja muito bem disseminada entre a população local. Aliás, no princípio do século seguinte, cem anos após a missão de Gregório, a população armênia já somava mais de dois milhões de cristãos, transformando o país num dos principais centros do cristianismo no mundo de então!

Assim como seu ministério, as características físicas de Bartolomeu também foram alvo de especulações tradicionais. A curiosa descrição do apóstolo encontrada no livro *A História Apostólica* de Abdias apresenta alguns detalhes fantasiosos; entretanto, pode conter traços daquilo que realmente constituiu o retrato do jovem missionário:

"[Bartolomeu] Tinha os cabelos encaracolados e negros, que cobriam as orelhas. Sua pele era clara, seus olhos grandes e seu nariz reto e comprido. A barba era longa e grisalha e sua estatura mediana.

Vestia roupas brancas e cingia-se com uma cinta púrpura, tendo sobre si um manto branco com quatro pedras preciosas de cor púrpura em seus cantos. Durante vinte e seis anos as vestiu sem que sequer ficassem velhas. Assim, também, suas alparcas por vinte e seis anos perduraram.

Orava cem vezes ao dia e cem vezes à noite. Sua voz era como de uma trombeta e anjos velavam sobre ele. Era sempre jovial e conhecia todas as línguas."

Os restos mortais

Se os relatos tradicionais não se mostraram precisos quanto ao ministério de Bartolomeu, pode-se afirmar o mesmo acerca do verdadeiro local de seu descanso, também alvo de um sem número de narrativas divergentes, das quais poucas transmitem alguma credibilidade.

Otto Hophan, em seu livro *The Apostles* (p. 167), apoia as tradições armênias acerca do paradeiro dos restos de Bartolomeu.

"A tradição armênia sustenta que o corpo do apóstolo foi sepultado em Albanópolis (ou Urbanópolis), cidade da Armênia onde é tido como martirizado. Dali, seus restos mortais foram levados a Nefergerd-Mijafardin e, posteriormente, a Duras, na Mesopotâmia."

A condução dos restos do apóstolo para a Mesopotâmia surge como um ponto comum entre muitas das lendas sobre as relíquias de Bartolomeu. Não obstante, a autora católico-romana Mary Sharp, em seu *A Traveller's Guide to Saints in Europe* (p. 29), mostra que a Mesopotâmia não deve ter sido o paradeiro final das relíquias de Bartolomeu, conforme narram alguns textos antigos:

"Um relato nos diz que, após o imperador Anastácio construir a cidade de Duras, na Mesopotâmia em 508 A.D., para lá foram levados os restos mortais de Bartolomeu. Entretanto São Cregório de Tours afirma que, antes do fim do sexto século, o que restou do apóstolo teria sido levado às Ilhas Lipari, próximas da Sicília. Já Anastácio, o Bibliotecário, conta que ano 809 A.D. os restos de Bartolomeu foram levados até Benevento e de lá para Roma, em 983 A.D., pelo imperador Otto III. Atualmente, repousam na Igreja de São Bartolomeu-Sobre-o-Tibre num santuário pórfiro sobre o altar. Um dos braços foi enviado pelo Bispo de Benevento a Eduardo, o Confessor, que o doou à Catedral da Cantuária."

Se os restos de Bartolomeu foram realmente trasladados desde a Mesopotâmia até seu destino final em Roma, como afirmam alguns autores católicos, não o sabemos com certeza. A presença do apóstolo na Armênia parece muito provável, dada a quantidade de tradições distintas que a confirmam. O posterior transporte de seus restos para a vizinha região da Mesopotâmia também encontra eco em muitos relatos antigos. Porém, quanto ao mais, devemos ter em mente que, ao longo de toda a Idade Média, a supremacia absoluta da Igreja romana tratou de estimular o surgimento de lendas ligando o paradeiro das relíquias apostólicas à capital do império. Tal tendência, por si mesma, nos obriga a abordar com todo cuidado as tradições que sustentam o envio indiscriminado de restos apostólicos para Roma.

Por outro lado, o cristão de origem ortodoxa, por certo, se identificaria muito mais com o relato de John Julius Norwich, em seu livro *Mount Athos* (p. 142). Na obra, Norwich descreve sua saga ao *Hagion Oros* (Monte Santo), como os gregos o chamam, uma montanha de quase dois mil metros, onde muitos de seus vinte mosteiros ortodoxos da ordem de S. Basílio conservam silenciosamente um raro exemplo da beleza arquitetônica bizantina. Ali, em meio a uma atmosfera que remonta aos dias medievais, o autor afirma ter sido conduzido por um monge aos restos mortais do apóstolo Bartolomeu, assim como aos de Dionísio, o Areopagita, o personagem convertido por Paulo em Atenas (At 17.34).

MATEUS

"Partindo Jesus dali, viu sentado na coletaria um homem chamado Mateus, e disse-lhe: Segue-me. E ele, levantando-se, o seguiu."

Mateus 9.9

A importante Cafarnaum, na Galiléia, é apontada pela tradição como a localidade de origem desse discípulo, cujo nome verdadeiro era Levi (Mc 2.14), sendo Mateus (ou *Dom de Jeová*), seu nome apostólico. As variantes Matias e Matatias, indicam que era um nome relativamente comum entre os judeus naqueles tempos.

O apóstolo Mateus era filho de Alfeu e provavelmente irmão de Tiago, o menor (conf. Lc 6.15). Como morador de Cafarnaum, Mateus teve repetidas oportunidades de ver os sinais que Jesus operou durante o tempo em que ministrou naquela relevante cidade da Galiléia. E provável que o impacto desse testemunho tenha contribuído para sua resoluta decisão de abandonar tudo e seguir o Mestre, quando foi assim desafiado (Mt 9.9-15).

Ao contrário de alguns outros discípulos, Mateus não havia sido seguidor de João Batista antes de sua vocação cristã e, como é de se supor pela natureza da profissão que exercia, deve ter vivido uma vida nada piedosa até então.

Uma profissão indigna

Como coletor de impostos, Mateus estava incumbido da cobrança de taxas tanto dos que cruzavam o Mar da Galiléia como dos que transitavam pela importante estrada de Damasco, que cortava os domínios do tetrarca Herodes Antipas, passando pelas estratégicas Cafarnaum e Betsaida Julias.

Nos tempos apostólicos, a Palestina encontrava-se direta (no caso da Judéia) ou indiretamente (no caso da Galiléia) submetida ao domínio romano.

Os impostos arrecadados por Roma eram de duas espécies: os tributos que recaíam sobre propriedades (*tributum agri*) ou sobre pessoas (*tributum capitis*), e os *vectigalia*, abrangendo todos os outros ingressos do Estado. O *tributum capitis* aparece na discussão de Mt 22.15-22, quando Jesus é provocado pelos fariseus, com a pergunta

"Dize-nos, pois, que te parece? É lícito pagar tributo a César, ou não?"

Dentre os *vectigalia* interessa-nos destacar sobretudo o *portorium*, termo técnico que indica o imposto sobre o trânsito de mercadorias através do território romano, correspondente a três tipos de imposto moderno: o *alfandegário*, recebido na fronteira de uma província ou Estado; *de consumo*, recebido à entrada ou saída de uma cidade e o *pedágio*, ou seja, o pagamento pelo trânsito em determinados lugares como, por exemplo, em algumas estradas. O termo bíblico erroneamente traduzido por *publicano* geralmente se aplica aos *portitores*, ou seja, os cobradores do *portorium*.



Os verdadeiros publicanos (lat. *publicanus*) eram, na realidade, membros da reduzida casta oligárquica que habitava a capital imperial. Responsáveis pela arrecadação *do publicum*, a renda tributária do Estado, os publicanos formavam sociedades anônimas com pomposos dividendos.

Durante o período republicano - que oficialmente durou até 27 a.C. - os publicanos dominaram a arrecadação do "publicum", a renda tributária do Estado, função esta que - deve-se anotar - foi pouco a pouco sendo absorvida pelos futuros imperadores, ávidos pela absoluta centralização de poder.

Formavam os publicanos uma sociedade encabeçada por um diretor, o *magister societatis*, representado nas províncias por um vice-diretor, o *pro magistro*, que, por sua vez, tinha à disposição um grande número de empregados. Dentre os que lhes estavam sujeitos destacamos os *submagistri* (gr. *arcbitelontes*), os quais coordenavam a coleta de impostos nas muitas províncias do império. Suspeita-se que Zaqueu (Lc 19.1-10), pertencia a esta categoria. Finalmente, subordinados aos *submagistri*, estavam os *portitores* (gr. *telontes*), que, como dissemos, encarregavam-se da cobrança do *portorium*. Sobre estes, recaía a difícil tarefa do contato com a população na coleta fiscal. Embora não passassem de subalternos, o povo os conhecia como publicanos. Mateus era um deles.

Mesmo em Roma, os publicanos, tanto em níveis superiores como inferiores, eram sempre tratados com muita desconfiança, sendo constantemente comparados a gatunos e oportunistas. Alguns escritores romanos como Cícero, Terêncio, Tito Lívio, Suetônio e Quintiliano expressaram juízos severos sobre eles.

No caso de Israel a discriminação contra os *submagistri e portitores* chegava a patamares extremos. Como funcionários a serviço da dominação estrangeira, eram considerados traidores nacionais, apóstatas, gentios e pecadores (Mt 18.17). *Eram de tal maneira desprezados pelos judeus que nem mesmo seus dízimos e ofertas eram aceitos*

nas sinagogas. Os escritos rabínicos traçavam juízos duríssimos contra eles, por considerá-los não apenas impuros, mas transmissores de impureza por sua mera presença. No dizer do teólogo italiano Giovanni Canfora, essa lógica obedecia um raciocínio muito simples.

"Enquanto cobradores, os publicanos eram os agentes da dominação estrangeira, isto é, dos pagãos; e por estes serem impuros, impuros eram também os publicanos."

Nas Escrituras, especificamente no Novo Testamento, os cobradores de impostos são freqüentemente associados a *pecadores* (Mt 9.10-13), *meretrizes* (Mt 21.31-32) e *pagãos* (Mt 18.15-17).

A questão do pagamento de impostos assumira proporções nacionais em Israel (conf. Mt 17.24-27). Era a própria evidência da opressão estrangeira; uma ferida aberta no seio do sentimento cívico do povo judeu, no qual causava a mais profunda indignação, tornando-se a centelha de ignição de insurreições nacionalistas que culminaram no surgimento de movimentos radicais como o dos *Zelotes* e *Gaulanitas*. Teudas e Judas, o Galileu (At 5-36) são alguns exemplos do tipo de sentimento que esta prática dominante provocou entre os judeus.

Diante de semelhante panorama, não é difícil entender porque os fariseus e doutores da Lei se mostravam profundamente escandalizados com Jesus e seus discípulos, ao vê-los em companhia de Mateus e seus camaradas (Lc 5-30).

"Murmuravam, pois, os fariseus e seus escribas (...) perguntando: Por que comeis e bebeis com publicanos e pecadores?"

Mateus, como de resto todo cobrador de impostos, pela corrupção com que estava acostumado mediante freqüente recebimento de propinas e extorsões, devia ser um homem abastado. A festa dada por ele a Jesus e seus companheiros (Mt 9.11-12) sugere alguém cujas posses o elevavam consideravelmente acima da média da população local. Dentro dessa perspectiva, as parábolas da *pérola de grande preço* e do *tesouro escondido* (Mt 13.44-46), só por ele registradas, talvez reflitam parte de seu próprio testemunho de conversão.

Sua humildade e simplicidade como cristão podem ser percebidas em pequenos detalhes, se compararmos as narrativas dos evangelhos sinópticos. E, por exemplo, o único que, nas listas apostólicas, se apresenta como "Mateus, o publicano" (Mt 10.3),

enquanto os outros evangelistas suprimem este adjetivo, por demais degradante. Por outro lado, é em Lucas e não em Mateus que tomamos conhecimento que ele "deixou tudo" para seguir após seu Mestre e que "lhe ofereceu um grande banquete em sua casa" (compare Mt 9.9-10 com Lc 5: 27-29).

No que tange à capacitação pessoal, Mateus deve ter sido o mais instruído de todos os discípulos. Além de hábil escritor, como coletor de impostos certamente possuía razoável conhecimento nas áreas de matemática e contabilidade. Considerando-se a região onde exercia seu ofício, Mateus com certeza dominava o grego, o latim e o aramaico. A notoriedade alcançada por seu evangelho foi ressaltada por eminentes autores patrísticos como, por exemplo, Jerônimo {*Os Pais Nicenos e Pós-Nicenos*, p. 362).

"Mateus, também chamado Levi, apóstolo e ex-publicano, compôs um evangelho de Cristo, a princípio escrito na Judéia em Hebraico (aramaico), visando os que creram, dentre os da circuncisão. Esta obra, no entanto, foi mais tarde traduzida para o grego, embora não nos seja conhecido seu autor. A versão em hebraico foi preservada até o dia de hoje na Biblioteca de Cesaréia, cuja coleção foi tão diligentemente reunida por Panfílio."

Mateus visto pelas lendas da tradição cristã

A última menção que temos do evangelista no Novo Testamento encontra-se em At 1.13, em que participou da vigília que antecedeu ao Pente -costes. Segundo o testemunho de Clemente de Alexandria, acredita-se que Mateus tenha permanecido na Judéia por pelo menos mais quinze anos após a ascensão de Cristo, testemunhando do Senhor aos seus compatriotas que, na época, ainda eram maioria na Igreja. O mesmo autor alexandrino ainda nos informa que o apóstolo era dedicadamente vegetariano, restringindo suas refeições a sementes e nozes.

Embora Irineu afirme que Mateus dedicou-se ao ministério entre os judeus, não nos informa se esse exercício limitou-se aos termos da Palestina ou se estendeu-se aos judeus da dispersão, espalhados por quase todo o mundo ocidental.

Dentre todas as narrativas tradicionais ligadas ao apostolado de Mateus, talvez nenhuma sobrepuje em fantasia e imaginação à encontrada no apócrifo *Atos de André e Mateus*, assim referido por William Barclay, em seu *The Master's Men* (p. 66-68).



*"O apócrifo **Atos de André e Mateus** que, mais tarde, foi traduzido para a língua anglo-saxã, descreve o envio de Mateus aos antropófagos, os quais teriam arrancado seus olhos e o lançado numa prisão por 30 dias para, ao cabo deles, o devorarem. Porém, aconteceu que, ao vigésimo sétimo dia, o apóstolo foi resgatado por André que ali chegara após escapar miraculosamente de uma tempestade marítima.*

Mateus, então, teria retornado aos antropófagos e operado milagres entre eles, suscitando o ciúme do rei. Assim, tomaram-no novamente e, cobrindo-o com papiro embebido em óleo de golfinho, derramaram sobre ele betume e enxofre, cercando-o com estopa e madeira, numa fogueira rodeada por doze imagens de deuses nativos. Contudo, o fogo ateado tornou-se em orvalho e as chamas que restaram voaram na direção dos ídolos metálicos, derretendo-os todos. Finalmente, o fogo tomou a forma de um dragão que perseguiu o rei até o interior de seu palácio, envolvendo-o de tal maneira que não podia se mover. Mateus, então, repreendendo o fogo, orou e ali mesmo expirou. O rei converteu-se, vindo a tornar-se sacerdote, e o apóstolo partiu ao Céu em companhia de dois anjos."

Existem diversos relatos que vinculam o ministério de Mateus a lugares como Pérsia, Partia, Macedônia e Etiópia. Conquanto não se possa precisar a localização geográfica da referida Etiópia, é justamente esta região o ponto de convergência de grande parte das narrativas que tratam das missões evangelísticas de Mateus. Sócrates em sua *História Eclesiástica* (I, 19) afirma que essa região foi o próprio centro de seus esforços na difusão do Evangelho. O tradicional *Perfetto Legendário* confirma essa tradição ao mencionar a incrível campanha missionária empreendida por Mateus no Egito e na Etiópia. Ali, honrosamente recebido na casa do eunuco batizado por Filipe (At 8.27-39), o apóstolo teria enfrentado dois feiticeiros locais que mantinham a população em submissão, afligindo-a com estranhas enfermidades deflagradas a partir de seus encantamentos. Desafiando-os para um confronto espiritual, Mateus os derrotou, libertando o povo da terrível opressão e disseminando rapidamente a fé cristã naquela região.

Bem alicerçadas ou não, o fato é que as lendas sobre a remota cristianização da Etiópia atravessaram toda a Idade Média. No séc. XII, o bispo Otto de Freising, escreveu

sobre a coragem de um lendário rei cristão da Etiópia, Presto João (ou Presbítero João), e suas lutas vitoriosas contra os muçulmanos. Com o recrudescimento das cruzadas, as narrativas sobre esse personagem imaginário foram sendo cada vez mais incrementadas. Na segunda metade do séc. XV, no raiar dos grandes descobrimentos marítimos, o navegador português Afonso de Paiva foi incumbido pelo rei de Portugal de penetrar no norte da África à procura do lendário soberano, com quem os portugueses nutriam a esperança de se associar na reconquista de Jerusalém. Paiva faleceu no Egito sem atingir seu objetivo; entretanto, seu amigo de aventuras Pero de Covilhã, ao voltar de sua epopéia marítima até a Índia, retomou a missão e atingiu a Etiópia em 1493, encontrando ali um rei cristão de nome Alexandre, além de grande número de cristãos coptas. Embora a descoberta tenha incentivado as missões católicas portuguesas para a Etiópia ao longo do século seguinte, o estado miserável em que se encontravam os fiéis etíopes enterrou definitivamente a lenda sobre Presto João.

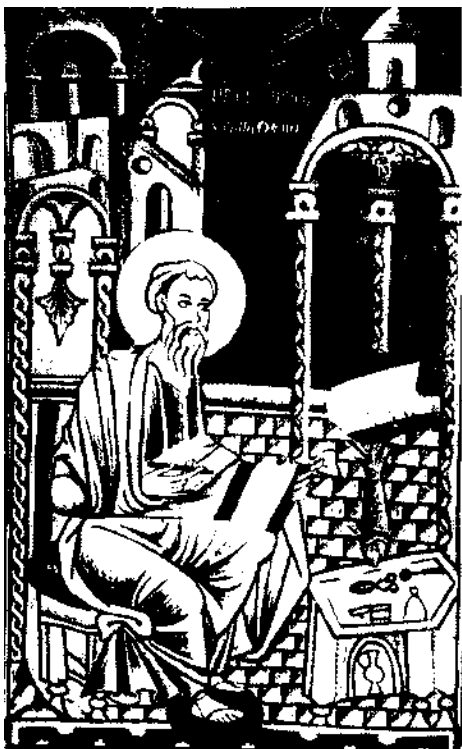
Outros relatos contam que Mateus teria ressuscitado, no Egito, o filho do rei e operado a cura de sua filha leprosa. Esta princesa, de nome Efigênia, tornou-se a dirigente de uma comunidade de virgens dedicadas ao serviço divino. Se este relato for preciso, podemos estar diante de uma das mais antigas menções de monasticismo comunal feminino de que temos notícia.

São muito freqüentes as lendas que retratam Mateus evangelizando reis, príncipes e outras autoridades políticas. É possível que sua formação cultural, assim como sua experiência burocrática, o tenham capacitado para a anunciação da mensagem do evangelho entre os cidadãos de proeminência daquela época.

A morte de Mateus

Embora os registros de Heracleon e Clemente de Alexandria afirmem que Mateus expirou em idade avançada, de morte natural, são muitas as narrativas que apontam para um fim de carreira coroado por um doloroso martírio. Anna Jamerson em seu *Sacred and Legendary Art* (p. 142-3), resume assim o assunto.

"São Mateus permaneceu vinte e três anos no Egito e Etiópia. Diz-se que teria perecido no nonagésimo ano da era cristã, sob o reinado de Domiciano, não se sabendo ao certo quais as Circunstâncias que envolveram sua morte. De acordo com lendas gregas Mateus teria morrido pacificamente, embora a tradição da Igreja Oriental diga que o apóstolo sofreu martírio, por lança ou por espada."



O Dr. Edward Goodspeed em seu livro *Mathew, Apostle and Evangelist* explica que, com o decorrer dos séculos, as lendas acabaram confundindo as narrativas a respeito do apóstolo e de Matias, o personagem de Atos. Segundo Goodspeed, a semelhança entre os nomes no hebraico comprometeu seriamente qualquer tentativa atual de se precisar o verdadeiro fim do ex-coletor de impostos.

Não obstante, existem outros escritos que conectam a execução de Mateus ao Sinédrio de Alexandria, um corpo de anciãos que representava os interesses da classe judaica naquela cidade egípcia. Acredita-se que um certo Mathai", julgado e condenado à pena capital por essa instituição durante a segunda

metade do primeiro século seja, na realidade, o apóstolo Mateus. Tal possibilidade deve ser considerada, já que Mateus, por essa época - de acordo com várias tradições — exercia seu ministério no Egito, após longa jornada missionária na Etiópia.

As narrativas tradicionais que localizam a morte de Mateus na Etiópia também são numerosas e não podem ser desprezadas. Entretanto, se tomarmos esse caminho, teremos de enfrentar, novamente, a difícil tarefa de identificar um termo cuja precisão geográfica nos é totalmente incerta na atualidade. Chamava-se *Etiópia* a várias regiões da Antigüidade. A Etiópia africana nos é conhecida por ainda hoje designar, basicamente, a mesma região referida na Antigüidade; entretanto, havia uma certa *Etiópia Asiática*, localizada ao sul do Mar Cáspio, próxima do reino dos partos e corredor de muitas rotas comerciais. Levando-se em conta as lendas acerca do *Evangelho de Mateus* em hebraico achado na Índia e os registros — como o de Ambrósio, por exemplo - acerca do ministério de Mateus na vizinha Pérsia, é bem possível que a Etiópia enfocada nas narrativas tradicionais seja uma alusão a essa região asiática que, assim, figuraria entre os prováveis sítios do martírio de Mateus.

Os restos mortais de Mateus

A tradição católico-romana identifica um monge de nome Atanasias como o descobridor das relíquias de Mateus. Ele as teria entregue a João, bispo de Paestum que, posteriormente, as conduziu a Salerno, na Itália, em 1054 A.D. Nessa milenar cidade

italiana erigiu-se, logo após sua conquista em 1076 A.D., uma catedral com o propósito de abrigar os supostos restos mortais do apóstolo. A consagração do santuário foi realizada em 1084 e, conquanto tenha sido construído a partir da tumba do apóstolo Mateus, o edifício foi dedicado à Virgem Maria.

Arturo Carucci, autor do guia do museu arqueológico da Catedral de Salerno nos dá maiores detalhes sobre o que se crê ser o local de repouso de Mateus.

"Um afresco, ao lado do balcão central, mostra João, bispo de Paestum, recebendo Atanasias, o monge que encontrara os restos de Mateus. Em um outro vemos Gisolfo I ordenando ao abade João que busque o corpo do evangelista em Capaccio e o traga a Salerno. Acima das poltronas do coral há uma lembrança do traslado dos restos mortais de São Mateus. Nela podemos ver retratada a procissão que acompanhou o envio do corpo do apóstolo até a Igreja.

No centro da cripta está a tumba de São Mateus, com cerca de dois metros de profundidade, encimada por um rico altar de duas frentes, feito em mármore e coberto por uma ampla abóbada em forma de guarda-chuva, finamente adornada, a qual encerra duas estátuas de bronze representando o evangelista, uma para cada frente do altar. Ambas foram obra de Michelângelo Naccarino, em 1606."

Mensurar a contribuição que esse ex-coletor de impostos conferiu à causa do evangelho é tarefa quase impossível. Desprezado por seus compatriotas - especialmente pelos líderes religiosos - em função de seu ofício, Mateus rendeu-se incondicionalmente



ao evangelho deixando para trás, como vimos, uma vida bem mais confortável que a média de seus contemporâneos galileus. A convivência pacífica ao lado de radicais como Simão Zelote, o discípulo cujo passado fora marcado por uma ideologia diametralmente oposta à sua, evidencia a restauração que se processou no coração do futuro evangelista.

Por fim, seu ardor missionário, bem destacado pela tradição, o constrangeu a despojar-se de seus próprios interesses e lançar-se mundo afora, conduzindo a mensagem de Cristo diante de situações

freqüentemente hostis. O texto canônico denominado *O Evangelho Segundo Mateus* constitui sua única obra literária preservada pelo tempo. Esse documento, embora tão precioso para a Igreja ao longo dos séculos, não representa senão uma fração dos memoráveis feitos que o apóstolo empreendeu em prol dAquele que o resgatou das trevas para a Sua gloriosa luz.

O Dr. McBirnie encerra de maneira honrosa sua biografia sobre o evangelista (*op. cit.*, p.182):

"Mateus foi, por certo, um talentoso escritor e um ardoroso discípulo, dotado, provavelmente, do melhor preparo intelectual dentre os doze. Sua formação o equipou devidamente para testemunhar àqueles que ocupavam posições de autoridade e o tornou um vaso escolhido para escrever o Evangelho que leva seu nome."

SIMÃO ZELOTE

"Pregou a Cristo através de toda Mauritânia e África Menor. Foi, por fim, crucificado, dilacerado e enterrado na Britânia."

Doroteu, Bispo de Tiro

Simão Zelote figura entre os discípulos sobre cuja vida e obra muito pouco (ou quase nada) se sabe, além das especulações ou suposições históricas traçadas dezenas ou mesmo centenas de anos após sua morte.

Não obstante o silêncio do Novo Testamento sobre seus feitos como apóstolo, a tradição cristã subsequente deixou alguns rastros que podem esclarecer — pelo menos em parte — suas jornadas missionárias, particularmente no período pós-bíblico.

Existem, como veremos a seguir, outros aspectos enigmáticos a serem desvendados acerca desse discípulo, antes de nos ocuparmos com suas prováveis ações missionárias.

Simão e a variante *Simeão* significam, originalmente, "ouvindo" ou "aquele que ouve". O nome parece ter sido bastante comum entre os judeus. A prova disso está no número de seus homônimos que encontramos ao longo do Novo Testamento.

- Simão, irmão de Jesus (Mt 13-55, Mc 6.3)
- Simão Cireneu (Mt 27.32, Mc 15.21, Lc 23.26)
- Simão Leproso (Mt 26.6, Mc 14.3)
- Simão Mago (At 8: 9)
- Simão Barjonas (Pedro) (Mt 10.4)
- Simão Fariseu (Lc 7.40)
- Simeão, um certo ancião piedoso (Lc 2.25)
- Simeão, um nome na genealogia de Jesus (Lc 3.30)
- Simão, pai de Judas Iscariotes (Jo 6.71, 13.2)
- Simeão, chamado Niger, profeta de Antioquia (At 13.1)

A obscura origem de Simão Zelote

Nem mesmo as mais antigas lendas cristãs se aventuraram a detalhar as origens de Simão Zelote. Uma delas, contudo, narra que o apóstolo, em sua infância, estava entre os pastores aos quais foi dirigida a anunciação do nascimento de Jesus por um anjo, nos arrabaldes de Belém (Lc 2.8-20).

As Escrituras Sagradas infelizmente não foram generosas quanto aos detalhes biográficos de Simão. As descrições do rol apostólico (Mt 10.2-4, Mc 3-16-19, Lc 6.13-16 e At 1.13) encerram tudo o que sabemos, bíblica-mente, acerca de Simão.

O teólogo e historiador Nicéforo, que se tornou Patriarca de Constantinopla em 806 A.D., afirma (embora sem apresentar provas convincentes) que o apóstolo era proveniente da pequena Cana da Galiléia, cidade que se tornou o marco inicial dos sinais miraculosos operados por Jesus (Jo 2.11). Pelo relato joanino anterior ao evento das bodas de Cana (Jo 2.1-13), pode-se inferir que, até então, apenas João, André, Pedro, Filipe e Bartolomeu (ou Natanael) haviam se tornado discípulos de Cristo. Se Nicéforo estiver correto, Simão Zelote, como morador do pequeno vilarejo, pode ter sido um dos convidados àquela festa nupcial, durante a qual teria testemunhado o milagre, vindo a contar-se entre os que creram e seguiram a Jesus.

Ao contrário de Nicéforo, o texto apócrifo do *Evangelho dos Ebionitas*, também conhecido como *O Evangelho dos Doze Apóstolos* (séc. II), propõe que Simão Zelote teria recebido o chamamento do Senhor ao lado de Pedro, André, Tiago e João (Mt 4.18-22), junto às margens do Mar da Galiléia. Se assim for, teremos em Simão provavelmente mais um pescador no rol dos doze discípulos. De qualquer modo, por razões que fogem ao nosso conhecimento, devemos reconhecer que o momento da vocação de Simão Zelote, ao contrário do ocorrido com alguns outros discípulos, não foi objeto de atenção dos evangelistas.

Algumas traduções inglesas da Bíblia como, por exemplo, a *KingJames Version*, em Mt 10.4 e Mc 3.18, referem-se a Simão como *Cananita*, do grego *kanaios*, termo derivado não de Canaã como a princípio pode-se presumir, mas do aramaico *Qannâ*, que significa *ciúmes*, *zelo excessivo*. Lucas, ao contrário de Mateus e Marcos, prefere chamá-lo pelo sinônimo *zelote* (Lc 6.15), com o qual o apóstolo é freqüentemente identificado.

A emprego do termo grego *zelotes* (zeloso, ardoroso, fervoroso), ou mesmo de seu equivalente *kanaios*, no que se refere às origens do apóstolo, implica em pelo menos três possibilidades.

1. Seu zelo e devoção pela tradição judaica;
2. Seu ardor como aprendiz de Cristo;
3. Sua participação ativa no partido radical de resistência dos zelotes.

A conjugação da primeira e terceira hipótese nos parece razoável uma vez que, via de regra, todo zelote — como veremos a seguir — era um judeu cujo ardor religioso verdadeiramente beirava os limites da insensatez. A segunda hipótese se apresenta pouco provável, sobretudo pelo silêncio dedicado ao apóstolo no universo do Novo

Testamento. Basta-nos considerar, por exemplo, o destaque que semelhante fervor conferiu a apóstolos como Pedro e João, dentro das Escrituras.

Sem embargo, a maioria absoluta dos estudiosos de biografia apostólica crê que Simão fora, por algum tempo, um participante ativo do movimento de resistência armada dos zelotes. Em fidelidade a esses pesquisadores e à longa tradição crista, adotaremos também essa possibilidade em nossa análise subsequente da carreira de Simão.

Mas, afinal, quem eram e o que pretendiam esses revoltosos chamados zelotes? Até que ponto teria uma passagem por esse segmento político-religioso judaico influenciado o pensamento do futuro apóstolo de Cristo? A carreira desses revolucionários, que se abrihantou com elementos de bravura e grande fervor nacionalista raramente assemelhados na História, teve seus ideais conduzidos pela coragem ímpar de homens que se dispunham a resgatar com o próprio sangue a liberdade de seu povo. Simão possivelmente esteve entre eles.



Uma breve olhadela nos rastros que os zelotes imprimiram na História nos conferirá uma idéia aproximada da ideologia que, por algum tempo, marcou a vida desse discípulo de Cristo.

Violência e morte na saga dos zelotes

Dentre todos os povos dominados pelos romanos, certamente os judeus estavam entre os mais insurretos. Dia a dia se elevavam os ânimos contra Roma e seus cúmplices, os herodianos, os quais controlavam politicamente parte da Palestina.

Devido à aversão ao politeísmo e às demais práticas típicas da cultura paga, os judeus rejeitaram qualquer afinidade com a política da *Pax Romana* que incluía, entre outras coisas, o sincretismo com a religião dos povos dominados.

Pelo que parece, a história dos zelotes começa com uma rebelião ocorrida na Galiléia e liderada por Judas, o Galileu (At 5.36-37), que se insurgira contra o recenseamento efetuado pelos romanos nos dias anteriores ao nascimento de Jesus.

Em face do turbulento panorama social reinante na Palestina, os zelotes emergiram como o mais significativo movimento de resistência judaico, embora jamais tenham ostentado uma unidade político-militar que pudesse concretizar seus ousados objetivos. A diversidade dos rebeldes judeus aos quais chamamos zelotes incluía

algumas facções terrivelmente cruéis como a dos sicarii. Segundo alguns pesquisadores modernos, os sicarii formavam uma ala ultra radical de zelotes que transformaram no objeto maior de seu ódio não os invasores romanos propriamente ditos, mas aqueles dentre seus compatriotas suspeitos de os servirem. Embora não se possa comprovar, é possível que o punhal dos sicarii nunca tenha derramado sangue romano, uma vez que estava muito ocupado na extinção dos traidores judeus.

Transbordante de ódio pelos romanos, em função do assassinio de seu avô, seu pai e dois de seus irmãos, Menahen Bar-Judá liderou os sicarii na esperança de aniquilar os traidores, expulsar os invasores e tornar-se o Messias de Israel. O ex-líder zelote e historiador Flavius Josefo, em sua *Guerras dos Judeus*, deixou para a posteridade uma imagem pouco convidativa deste homem.

"Menahen tornou-se terrivelmente cruel e como pensava não ter com quem disputar a liderança, agia como um insuportável tirano."

Ao ordenar a execução do sumo sacerdote, a quem acusava de colaboração com os romanos, Menahen Bar-Judá atraiu para si a hostilidade de outro personagem que doravante marcaria a história dos zelotes: Eleazar, filho do religioso assassinado e oficial do templo em Jerusalém. Este, reunindo os sacerdotes, conseguiu a captura e a execução pública de Menahen. Aos fiéis seguidores de Menahen coube apenas a fuga e a continuidade da resistência na quase inexpugnável fortaleza de Masada, às margens do Mar Morto, sobre o que nos deteremos mais adiante. Com a morte de Menahen estava terminado o capítulo inicial da história dos zelotes, que nos seis anos subsequentes ainda banhariam o solo árido da Galiléia e da Judéia com o sangue de quase meio milhão de vidas.

Crê-se que os zelotes, em sua busca frenética pela restauração nacional, se inspiraram no movimento de libertação liderado por Judas Macabeu que, duzentos anos antes, libertara Israel do domínio sírio de Antíoco Epífanes. Frequentemente armados com um punhal debaixo do manto e motivados por um ódio inominável aos romanos, os zelotes demonstraram uma devoção quase doentia ao praticarem atos de sabotagem e assassinato.

A citada falta de homogeneidade e organização militar desses rebeldes não impediu que, uma vez agrupados em células espalhadas por toda a Palestina, se fizessem conhecer rapidamente, nos dias de Herodes Magno e de seu ímpio filho Arquelau, após alguns incidentes ocorridos na Judéia. A partir daí, o movimento avultou-

se, vindo a se tornar o ponto de convergência dos judeus fanáticos e desgostosos com a dominação estrangeira, cujo número se multiplicava dia após dia.

A ocasião propícia para a deflagração da guerra contra os romanos aconteceu em maio de 66 A.D., quando o procurador Floro, ao exigir dois talentos de ouro do tesouro do templo de Jerusalém como tributo, fora ridicularizado pelos sacerdotes judeus. O castigo humilhante a que foram submetidos aqueles líderes religiosos fez com que Eleazar, filho do sumo sacerdote morto por Menahen e oficial do templo, promulgasse o que Roma considerava nada menos que uma decretação de independência: o cancelamento do culto a César!

A explosão de violência que se seguiu a esses acontecimentos levou o povo, liderado pelos zelotes, a tomar Jerusalém e declarar sua ruptura com Roma. Naquele mesmo ano, Cestius Galo, governador da Síria, tentou debalde reconquistar a cidade, sendo entretanto banido pelos rebeldes. Essa inexplicável retirada das tropas de Cestius e o rápido contra-ataque dos zelotes, que se lançaram ao seu encalço, propiciaram a oportunidade ideal para os judeus cristãos — já profeticamente alertados (Lc 21.20-22) — deixarem a cidade e se dirigirem para um lugar distante do palco de batalhas. Segundo alguns autores, a cidade de Pela, do outro lado do Jordão, na Peréia, foi um dos principais centros de convergência de cristãos retirantes, durante o cerco de Jerusalém. Por isso, crê-se que muito poucos cristãos tenham morrido no sufocamento da revolta zelote e na conseqüente destruição da cidade santa pelos romanos em 70 A.D.

Jerusalém, todavia, não sucumbiu sem que antes os zelotes escrevessem nas páginas da história seu testemunho de coragem e determinação, frente a um inimigo muito mais poderoso e capacitado. Vejamos rapidamente como isso se sucedeu.

Nas mãos do já consagrado Vespasiano e de seu filho Tito, a contra-ofensiva romana aos zelotes começou quando a revolta ainda se concentrava na Galiléia, com a assolação de seus mais de duzentos pequenos povoados. Lideradas pelo controvertido Josefo — que, dizem, não aprovava a revolta — as forças rebeldes em Jotapata se rendem aos legionários após cinquenta dias de cerco. Gamala, no alto das colinas de Golã, resiste sete meses, mas também sucumbe e presencia grande parte de seus cinco mil habitantes perecerem no confronto. Segundo Josefo, teriam se suicidado saltando dos penhascos ao verem a irremediável aproximação das tropas de Vespasiano.

Com a queda de Safed, Jotapata e Gamala em 66-67 A.D., os romanos retomam o controle da Galiléia e dirigem suas legiões para o sul em direção a Jerusalém, ainda ocupada por forças rebeldes.

Vendo-se sozinho e temendo por sua vida, Josefo entrega-se aos romanos, numa

atitude absolutamente imprópria aos verdadeiros zelotes. Como a simples rendição não era garantia de que seria poupado, Josefo apresenta-se como possuidor de poderes sobrenaturais e prediz a subida de Vespasiano ao trono imperial, o que de fato se sucede pouco mais de um ano depois. Atraindo, assim, a admiração e a confiança do futuro César, Josefo garante para si um porvir repleto de conforto e tranqüilidade, longe dos tumultos que freqüentemente sacudiam a Judéia. Na casa de Vespasiano em Roma, para onde se mudou posteriormente, o historiador judeu, embora tenha prestado grande benefício a posteridade ao compor suas obras literárias, tornou-se um bajulador dos césaes e acabou despindo-se dos últimos vestígios da personalidade de um líder zelote.

Na primavera de 70 A.D., Tito, filho de Vespasiano, comanda em direção a Jerusalém suas legiões — entre as quais a temida *Legio X fretensis* — acompanhadas de cavalaria, tropas de sapadores e tropas auxiliares, num efetivo aproximado de oitenta mil homens.

Mesmo protegida por várias torres, fortalezas e invejáveis muralhas — dos tempos de Herodes Magno — a Jerusalém dos zelotes não se defenderia por muito tempo. Do lado de dentro das muralhas, a cidade, que fervilhava de gente oriunda das inúmeras peregrinações para a Páscoa, presenciava também as lutas entre os segmentos moderados e extremistas dos zelotes, numa evidência do estresse que dominava esses insurretos nessa longa jornada pela liberdade. Mortos e feridos já se amontoavam pelas ruas.

Os esforços de Tito no sentido de convencer os zelotes a se entregarem foram recebidos com risos de escárnio. Nem mesmo o pesado ataque de artilharia dos *scorpiones* que se seguiu trouxe os rebeldes à consciência de que uma tragédia sem precedentes se aproximava. Apertados por sobre o velho muro, os sitiados, comandados pelo moderado Simão Bar-Giora e pelo extremista João de Giscala, não demonstravam senão hostilidade e flagrante desprezo.

Como derradeiro esforço diplomático, Tito se valeu da influência de Josefo, destacando-o como mediador entre romanos e zelotes. Conduzido até os portões da cidade, o ex-líder galileu discursou inflamadamente, num apelo ao segmento mais radical dos zelotes, os quais lhe ouviam por sobre os muros da cidade. Embora contundentes e apaixonadas, suas palavras não lograram a rendição de uma única alma revoltosa.

Esgotadas as possibilidades diplomáticas, os combates recomeçaram, desta vez ainda mais encarniçados. A fome, dentro das muralhas, atingiu patamares insuportáveis. Os judeus que arriscavam a fuga eram imediatamente presos e crucificados ao tentarem cruzar os muros. O número desses desafortunados chegou a impressionante marca de

quinhentos por dia!

A fim de bloquear as furtivas investidas daqueles que se lançaram, na escuridão da noite, para além das muralhas em busca de alguma provisão, Tito mandou isolar a cidade através de um *circumvallatio*. Esse imenso fosso que rodeou a cidade santa, somado as lutas entre as facções rivais dos zelotes, maximizou os horrores da fome, cujo espectro já assolava a população rebelde há meses.

Notícias de canibalismo praticado pelos sitiados chegaram aos ouvidos dos romanos que, exasperados em seu furor contra os rebeldes, preparavam-se com maior afinco para o assalto final. Rumores de que trãsfugas levavam consigo parte do riquíssimo tesouro do templo, engolindo pedras preciosas e ouro, fizeram com que esses miseráveis fugitivos, uma vez capturados, fossem imediatamente mortos e dilacerados por legionários ávidos de riquezas. A heróica resistência zelote estava, finalmente, conhecendo seu limite.

Os avanços romanos continuaram e a fortaleza Antônia, ao lado do templo, sucumbiu em meados de julho. Tito, numa tentativa de salvar da destruição o magnífico santuário de Jerusalém, propôs mais uma vez a rendição aos insurgentes. Diante de uma nova negativa, o comandante romano acena para a ofensiva final à cidade santa. Embora lutando como possessos, os zelotes não puderam deter o massacre de miríades de seus compatriotas, assim como o incêndio e destruição daquele que foi, durante séculos, o âmago de sua fé e sentimento cívico.

Em agosto de 70 A.D., as legiões romanas fixaram suas insígnias no que restou do templo sagrado, oferecendo sacrifícios pagãos em seu interior. Em setembro caía o último foco de resistência, localizado na cidade alta e liderado pelo zelote extremista João de Giscala. Outrora encantadora, Jerusalém achava-se agora arrasada e reduzida a escombros. De volta às mãos romanas, a cidade seria, nos anos seguintes, guarnecida por uma das mais temíveis máquinas de guerra de então: a décima legião *Fretensis*. Estava cumprido — pelo menos numa primeira instância — o terrível vaticínio de Jesus registrado em Mt 24.2.

Os números desse holocausto não são precisos. Segundo o historiador Tácito, havia na cidade durante o cerco seiscentas mil pessoas, grande parte das quais teria perecido de fome ou em combate. Outros comentaristas elevam esse número para cerca do dobro. No registro de Josefo algo em torno de noventa e sete mil homens teriam sido levados a Roma para serem comercializados como escravos ou apenas para "abrilhantar" os sangüinolentos espetáculos do Circo Máximo. Entre os capturados estavam duas das maiores expressões do movimento zelote: João de Giscala e Simão Bar-Giora.

Tão grande morticínio teria arrefecido os ânimos de muitos insurretos ao longo da história, quaisquer que fossem as causas de sua subversão. Porém, essa lógica não funcionava com os zelotes. Sua obstinação não se fez intimidar, nem mesmo diante da devastação de Jerusalém. Um remanescente deles, os violentos *sicarii*, liderados por Eliezer Ben Yair, refugiou-se na fortaleza de Masada, construída por Herodes Magno em 40 a.C, no cimo de um platô às margens do Mar Morto, de onde novamente desafiaram o poderio romano.

Mesmo apresentando uma infra-estrutura dotada de armazéns de víveres e uma gigantesca cisterna, além de uma posição estratégica invejável, Masada não foi suficiente para sustentar os sonhos de liberdade dos zelotes. Ameaçados pelo general Flavius Silva, que os cercara com a décima legião, e assolados pela fome, os rebeldes - inflamados por Ben Yair — decidiram, em abril de 73 A.D., pelo suicídio coletivo, ante a possibilidade de cair em mãos inimigas. Conta Josefo que, lançando sorte entre si, os zelotes escolheram dez varões cuja incumbência era a difícil tarefa de *traspasar os outros quase novecentos compatriotas*. Duas mulheres e cinco crianças, escondidas nos armazéns, foram os únicos sobreviventes desse episódio que, por sua magnitude, despertou, mesmo nos romanos, um sentimento de admiração pela bravura com que seus protagonistas encararam a luta pela liberdade.

Episódios trágicos como estes tornaram-se constantes na carreira revolucionária dos zelotes e permearam seus anseios pela restauração da independência de Israel.

De fato, a saga dos zelotes pertence mais a história secular do que a narrativa das Escrituras Sagradas. Entretanto, é possível encontrar algum vestígio desses insurretos nas páginas bíblicas. Mesmo não o apresentando explicitamente como um zelote, as passagens de Mt 27.16, Mc 15.7, Lc 23.18 e Jo 18.40 revelam Barrabás como um rebelde preso e condenado por envolver-se num motim, no qual cometera um homicídio. Essa era, via de regra, uma ação tipicamente zelote, assim como a crucificação o invariável castigo romano para ela. É, portanto, digno de nota o fato de que foi um zelote o beneficiado direto da execução de Jesus.

Esse panorama histórico que resume a brutal trajetória dos zelotes foi proposto visando uma reflexão mais profunda sobre a herança ideológica que permeou o coração de um homem como Simão. Conquanto nosso apóstolo não tenha participado diretamente dos episódios supracitados, certo é que a intolerância política e o clamor pelo sangue do inimigo opressor — pelo menos durante algum tempo - fizeram parte de seu cotidiano.

Um passado marcado pela violência e brutalidade como, possivelmente, o vivenciado por Simão Zelote, nos convida à indagação: como um homem, membro de um

partido de extremistas, se vê imbuído pelo forte desejo de tornar-se um seguidor de Jesus, dispondo-se a compartilhar sua vida com homens que — a exemplo de Mateus — personificavam muito daquilo contra o que cegamente lutava? De fato, a convivência de Simão com o ex-coletor tributário, cuja ignóbil estirpe o transformara num traidor nacional — merece nossa atenção no que diz respeito à ação conciliadora de Jesus. Atento a esse detalhe, o pastor britânico John D. Jones comenta, com alguns acréscimos imaginários (*op. cit.*, p.l 14-115):

"A presença de Simão Zelote, o feroz e indomável patriota, na lista dos apóstolos é uma bela ilustração do poder reconciliador de Jesus Cristo. Uma das marcas do reino de Cristo é exatamente a reconciliação. Isaías, antevendo este reino, revelou a solução de velhos antagonismos e a abolição das mais inveteradas inimizades. 'Morará o lobo com o cordeiro' - escreveu ele em sua belíssima e poética linguagem - 'e o leopardo com o cordeiro se deitará; o bezerro, o filho do leão e o animal cevado viverão juntos e um pequeno menino os guiará. A vaca e a urso pastarão juntas, seus filhos lado a lado se deitarão e o leão comerá palha com o boi. Brincarão a criança de peito sobre a toca da áspide e o desmamado meterá a mão na cova do basilisco. Não se fará mal nem dano algum em todo o monte da minha santidade...' (Is 11.6-9a). O vaticínio do profeta não constitui uma falsa visão. No reino de Cristo todas as porfias hão de ser abolidas.

Na primeira companhia de discípulos reunidos ao redor do Mestre, no próprio círculo de seus apóstolos, pode-se perceber o cumprimento desta profecia. Ali, vê-se o lobo habitando junto ao cordeiro, assim como o leopardo repousando junto à criança. Na lista dos doze, encontram-se os nomes de dois discípulos que outrora, sempre prontos para a luta, odiavam-se mutuamente com ódio feroz e amargo, até que Jesus, atraindo-os para Si, atraiu-os um ao outro. Estes dois homens eram Mateus, o publicano, e Simão, o zelote. O primeiro, agente pago pelo poder romano e o segundo, seu devoto adversário. Mateus, o covarde judeu, instrumento do opressor, e Simão, o turbulento e selvagem patriota. Simão e Mateus cresceram juntos e foram amigos nos dias de sua juventude. É possível que fossem aparentados. Entretanto, quando Mateus se veste com o uniforme romano, interrompe-se aquela amizade. A união transforma-se num ódio amargo. Simão considera Mateus um traidor e (...) vê-se pronto a afundar sua adaga no coração falso e traiçoeiro de Mateus. Se algum dia houve uma inimizade incorrigível e irreconciliável, esta foi a de Simão Zelote e do publicano Mateus.

Mas, aqui estão ambos, lado a lado, não mais estrangeiros, muito menos estranhos um ao outro, antes amigos e irmãos. Eis que Mateus e Simão foram reconciliados em Jesus Cristo."

Não devemos ignorar a possibilidade de que, inicialmente, Simão tenha se aproximado de Jesus motivado pela crença de que nEle se daria a personificação do esperado "messias-herói", o libertador nacional que há muito se desenhara na mente de reacionários como os zelotes. Na inflexibilidade de seu raciocínio, seria uma mera questão de tempo para que o manso Nazareno subitamente se transformasse naquele por quem Israel há séculos suspirava. Simão ansiava pelo momento em que, empunhando com bravura a espada, Jesus se manifestaria como um estadista de inigualável coragem, a favor de quem Jeová, com sua irresistível intervenção, submeteria o império romano, restaurando aos judeus os esplendorosos tempos davídicos e salomônicos.

Se toda essa conjectura estiver próxima da realidade, devemos reconhecer que uma expectativa predominantemente política foi o fator decisivo que aproximou Simão Zelote de Jesus, embora não se deva descartar a presença de valores eminentemente espirituais nessa decisão.

Ainda que as inquietações de cunho sociopolítico tenham ditado, por muito tempo, os rumos na vida de Simão, poucos anos em companhia do Mestre, testemunhando sinais e prodígios sem precedentes, sempre permeados de ternura e misericórdia, foram suficientes para alterar a escala de valores deste idealista radical. Doutra sorte, como poderíamos imaginar um zelote tolerando seu mestre atender o rogo de um centurião romano para que sarasse seu servo, como vemos em Mt 8.5-13 e Lc 7.1-10?

De qualquer modo, se um entendimento mais amplo acerca do Messias só se estabeleceu no coração do apóstolo após a ascensão de Cristo ou durante o Pentecostes — como crêem alguns — temos em Simão um candidato a autoria da célebre pergunta de At 1.6, nos momentos que antecederam a subida de Jesus às alturas.

"...Senhor, será este o tempo em que restaures o reino a Israel?"

A missão às Ilhas Britânicas

Embora divergentes quanto à extensão de seus esforços missionários, as tradições parecem concordar com o fato de que Simão se dispôs a um longo e dedicado ministério, que incluiu viagens missionárias a regiões distantes como Egito, Cirenaica, Mauritânia, Líbia e, principalmente, as ilhas Britânicas.

Não são poucas as lendas que vinculam o ministério de vários dos grandes vultos apostólicos do primeiro século às ilhas Britânicas. Algumas delas, evidentemente, não passam de meras fantasias, resultado de um esforço maculado pela falta de historicidade,

voltado para a tentativa de vincular o surgimento de algumas igrejas a nomes apostólicos que lhe conferissem notoriedade. Outras, no entanto, são sustentadas por lampejos históricos que, embora pálidos, não podem de todo ser ignorados. Nomes como os de Simão Pedro, Paulo, José de Arimatéia e Simão Zelote são freqüentemente encontrados em documentos que relatam a tradição apostólica da Inglaterra do primeiro século.

A História não deixou registrada com precisão a chegada do evangelho às ilhas Britânicas, mas alguns indícios nos asseguram que a fé cristã ali aportou muito antes dos memoráveis esforços de Columba de Iona e seus monges irlandeses e do enviado papal Agostinho, nos sécs. VI e VII.

Para alguns historiadores, na Britânia — assim como na Gália — a atuação dos soldados convertidos ao cristianismo, integrantes das legiões romanas ali estacionadas, foi decisiva na difusão do Evangelho de Cristo, especialmente porque o país era, então, um dos lugares de repouso preferidos dos legionários aposentados. O édito de Cláudio em 50A.D. (At 18.2), expulsando os judeus de Roma, também motivou muitos deles - entre os quais vários líderes cristãos — a se dirigirem às ilhas Britânicas em busca de refúgio.

Conta-se que, em 57A.D., a esposa do General Aulus Plautius, delegado de Cláudio para a administração da ilha, sofreu acusações de ser adepta de "costumes judaicos". Essa era uma expressão típica dos convertidos ao evangelho num tempo em que a fé cristã ainda não havia sido totalmente dissociada de seu berço judaico. Seria essa uma evidência de que o cristianismo tão cedo atingiu os escalões mais nobres da sociedade romana na Britânia?

Há indícios de presença cristã na Britânia também no terceiro século. A *Acta Martyrum* de Santo Albano relata a conversão e a execução desse nobre bretão, após hospedar um líder cristão foragido em sua casa durante a perseguição de Diocleciano, que atingiu a Britânia em fins do séc. III. Santo Albano é apresentado em alguns textos como o primeiro mártir inglês.

No século seguinte, vemos registrada a presença de representantes da Igreja inglesa tanto no sínodo regional de Aries na Gália, em 314 A.D., como o primeiro concílio ecumênico, realizado em Nicéia, na Ásia Menor, em 325 A.D. O mesmo pode-se dizer dos concílios realizados a seguir, em Sárdica (342-3 A.D.) e Ariminum (359 A.D.).

Mas, se parece claro que a fé cristã chegou à Britânia no primeiro século, duas perguntas ainda merecem cuidadosa atenção: teria o Evangelho lá chegado diretamente por mãos apostólicas? E ainda: esses pioneiros e seus seguidores teriam encontrado naquela região condições adequadas para a disseminação da mensagem cristã? Em

resposta a essas e outras questões, veremos a seguir, como a Inglaterra do período apostólico transformou-se no palco de importantes missões evangelísticas, entre as quais, possivelmente, a de Simão Zelote.

Localizada no extremo norte do Império, a Britânia, como era conhecida então, tornara-se notória por sua riqueza em diversos tipos de minerais, especialmente o chumbo, a prata e o estanho que, desde muitos séculos, comercializava com o continente. A menção profética de Ez 38.13 aTársis (*Tarkisb* ou *Tartesus*) faz alusão à cidade portuária espanhola de onde partiam ostensivas rotas comerciais para as ilhas Britânicas em busca de minerais, aproximadamente meio milênio antes de Cristo.

Devemos ter em mente o fato de que a Europa chamada "bárbara" não era assim tão primitiva, como desejavam ilustrar os historiadores romanos. A França e a Espanha, por exemplo, já apresentavam cidades desenvolvidas ao tempo de Júlio César. O mesmo acontecia, embora em menor escala, com a Britânia. A arqueologia se incumbiu de provar que a Inglaterra do período pré-apostólico e apostólico estava muito mais próxima da Europa e do Norte da África (culturalmente falando) do que podemos supor. O que dizer, por exemplo, dos pequenos artefatos egípcios encontrados nas cavernas de Wessex? Ou da adaga desenhada em uma das pedras do monumento de Stonehenge, de aparência idêntica às usadas na Grécia?

Os povos que habitavam a Inglaterra naqueles dias compartilhavam, em sua maioria, da cultura celta que, muito ao contrário do que declara a história romana, nada tinha de bárbara ou primitiva. E possível que o tétrico hábito cultivado pelos guerreiros celtas de lutarem nus e cortarem as cabeças de seus inimigos para ostentá-las como troféus tenha estimulado os romanos a classificá-los como brutos e selvagens.



Na verdade, o termo celta é empregado para denominar uma cultura mais do que uma raça ou um povo em particular. Os povos de cultura celta habitavam desde a península ibérica (os ibéricos) até o sul da Escandinávia (os teutões), passando por toda Europa central e ilhas Britânicas. Como fruto de uma cultura sobremodo criativa, os celtas foram responsáveis por algumas das mais belas artes do mundo antigo. Ademais, foram também os introdutores do ferro no norte da Europa, com o que iniciaram a produção de aros sem emenda para carroças. Pertence

igualmente aos celtas a invenção das primeiras cotas de malha, das ferraduras, das relhas de arado, do sabão, da pedra de moer rotativa e do moinho movido a braço. As melhores bigas de guerra, segundo o próprio Júlio César, eram de fabricação celta! Sua agricultura, considerada por alguns historiadores modernos como superior a dos romanos, teve sua produtividade maximizada pela introdução de elementos até então desconhecidos na Antigüidade, como os fertilizantes, a foice balanceada, o arado de aiveca e a ceifadeira movida a mula, conhecida por *vallus*.

Embora profusos nas invenções e nas artes, os celtas - distantes que estavam de uma coesão política - nunca conseguiram formar grandes estados unificados, apesar da fúria animalesca com que encaravam os campos de batalha. Este quadro de divisão interna viabilizou as campanhas de conquista lançadas sobre eles pelos romanos, como vemos na Britânia dos dias neotestamentários.

Não obstante só ter sido definitivamente conquistada em 43 A.D. pelo imperador Cláudio, a Britânia há muito se familiarizara com os costumes romanos. Diz-se que os reinos bretões que se situavam ao sul da ilha, de certa forma, se sentiam atraídos pelo estilo romano de vida e manifestavam desejo de fazer parte do suntuoso império, a fim de desfrutar dos benefícios que supunham advir dele. Esta é a lógica com a qual muitos historiadores justificam a rendição incondicional de onze reis e a conseqüente tomada da Britânia em apenas dezesseis dias, pelas legiões de Cláudio.

Desejada ou não pelos bretões, o fato é que, a invasão e a ocupação da Britânia tornou-a, em sua região meridional, predominantemente romana no que se refere ao padrão e estilo de vida.

A construção de estradas, fortificações e cidades como *Londinium* (Londres), *Eburacum* (York), *Verulamium* (St. Albans) e *Camulodunum* (Colchester) trouxe consigo um afluxo crescente de romanos provenientes do continente, transformando as ilhas Britânicas num lugar atraente para aqueles se dedicavam à difusão do evangelho. Leonard Cottrell, em seu livro *Seeing Roman Britain* (p. 202), descreve as condições culturais da Britânia, sob regime romano, durante o segundo século do cristianismo.

" A vida era, basicamente, confortável e pacífica durante os tempos de Adriano e Antonino. O padrão cultural dos habitantes era, sem dúvida, pouco elevado, embora, tanto quanto nos revelam seus precários escritos até hoje preservados, podemos julgá-los majoritariamente instruídos e capazes de escrever em latim, conquanto não estivessem aptos a usar esse idioma habitualmente."

Mas muito sangue seria vertido antes que essa atmosfera de paz citada por Cottrell se instaurasse na Britânia dos séculos II e III. Uma das mais violentas rebeliões enfrentadas pelos conquistadores romanos foi a comandada pela rainha celta Boudica, na metade do primeiro século. Poucas vezes na história as legiões de César depararam com tamanha sede de vingança, transformada repentinamente numa fúria devastadora que sacudiu o poderio romano na Britânia. Esse incidente e alguns de seus detalhes nos são de particular interesse, visto que se passaram no período em que, segundo algumas lendas, o apóstolo Simão Zelote pregava na região.

A insurreição de Boudica teve início com um erro diplomático de Roma diante da morte de Prasutagus, seu marido e rei de Norfolk, entre 60 e 61 A.D., durante o governo de Nero. Os reinos daquela região — embora já começassem a presenciar o destronamento de muitos de seus soberanos — juraram fidelidade a Roma, na esperança de atrair alguma riqueza oriunda dessa nova coalizão. Essa lógica talvez fizesse sentido nos dias de Cláudio, mas com a ascensão de Nero ao trono, os pactos comerciais do antigo imperador foram declarados extintos por Roma.

O equívoco final deu-se por mãos de Catus Decianus, o procurador local que decidiu enviar tropas para devastar o castelo da rainha viúva. Além de contemplar a destruição de seu patrimônio, Boudica presenciou o estupro de suas irmãs, antes de ser submetida ao terrível *flagelum*. Muitos dos nobres do reino de Norfolk foram humilhados e vendidos como escravos pelos romanos. O caos instaurou-se por completo e a contrapartida foi a explosão de revolta dos nativos locais, os icenis. Num rápido contra-ataque, os icenis, sob liderança de Boudica, lançaram-se sobre os romanos em Grimsdyke, pulverizando suas tropas que, em vão, tentaram impedir a passagem dos rebeldes em direção sudoeste. Colchester caiu em seguida, embora contasse com o apoio de dois mil homens da poderosa nona legião. De seus componentes, somente a cavalaria conseguiu escapar. Aparentemente, nada poderia deter a sede de vingança daqueles nativos que, agora, se dirigiam à região de população majoritariamente romana do sul da Britânia.

As horríveis notícias vindas de Norfolk e Cambridgeshire alvoroçaram o ânimo dos habitantes da pacata Londres. Fundada pelos romanos há menos de vinte anos, *Londinium* — como era chamada então - assim como sua vizinha St. Albans (*Verulamium*), ainda se encontrava desguarnecida de muralhas limítrofes, o que a tornava um alvo fácil para seus assaltantes. Desta forma, as tropas de Boudica, ao alcançarem a cidade, não tiveram dificuldades para, primeiramente, saqueá-la e, depois, incendiá-la completamente. Segundo o historiador Tácito, aproximadamente setenta mil pessoas,

entre civis e militares, pereceram na destruição de Londres e de sua circunvizinhança.

A onda de horror apocalíptica detonada por Boudica só encontrou limite com a chegada dos reforços liderados pelo General Suetônio, que massacrou os rebeldes, reduzindo a pó grande parte da tribo iceni, da qual Boudica tornara-se a valente comandante. Com o suicídio por envenenamento da líder revoltosa, a Britânia voltaria a gozar de paz e prosperidade por um período de tempo relativamente longo.

Alguns relatos concordam que Simão Zelote encontrava-se em campanha na ilha durante o período do levante de Boudica. Dentre os que endossam essa tradição está Nicéforo, historiador bizantino e Patriarca de

Constantinopla (758-829 A.D.), que assim descreve a chegada do apóstolo à Britânia.

" Simão atingiu a Britânia durante o primeiro ano da guerra de Boudica, em 60 A.D., quando toda a ilha se encontrava convulsionada por uma profunda e exacerbada ira contra os romanos, a qual nunca encontrou paralelo durante os longos anos de conflito entre as duas nações. Tácito afirma que, entre 59 e 62 A.D., as brutalidades da guerra atingiram seu clímax. Atrocidades ocorriam de ambas as partes, embora do lado romano tenham sido viciosamente perpetradas - a ponto de chocar a própria Roma."

Diante da atmosfera de violência contagiante registrada por Nicéforo, a Britânia visitada por Simão tornara-se um lugar demasiadamente perigoso de ser evangelizado. George Jowett, em sua obra *The Drama of the Lost Disciples* (p. 159), comenta o desempenho do apóstolo em terras britânicas, naquele momento de caos e terror.

"Neste perigoso território Simão estava imerso no que lhe era peculiar. Tomado por infinita coragem, ele começa a apregoar o evangelho de Cristo em meio às regiões de domínio romano. Seus fervorosos sermões rapidamente o levaram diante de Catus Decianus, porém não sem antes plantar a semente de Cristo nos corações dos bretões e de muitos romanos que, a despeito do persistente ódio de Decianus por tudo o que era cristão, mantiveram o segredo da verdade devidamente guardado em seus corações."

De acordo com McBirnie, Simão Zelote atingiu a Britânia após provável campanha no norte da África e na Gália, onde se associou a doze outros voluntários na missão liderada pelo ex-fariseu José de Arimatéia (Jo 19.38) a Glastonbury, Inglaterra.

Se muitos historiadores reputam por fantasiosa a campanha de Arimatéia à

Britânia, outros tantos têm se detido na análise cuidadosa dos pormenores dessa que é uma das mais fortes tradições cristãs da Inglaterra. George Jowett está entre os que crêem na procedência histórica da lenda de Glastonbury.

"No ano 60 A.D. é feita especial menção à jornada de José (de Arimatéia) à Gália, quando trouxe consigo uma leva de recrutas, entre cujos nomes se menciona particularmente o de Simão Zelote, um dos discípulos de Cristo. Esta é a segunda vez que se registra o fato de ter Filipe consagrado a José e sua equipe de colaboradores, previamente ao seu embarque para a Britânia. Provavelmente a inclusão de Simão Zelote indicasse um importante esforço missionário, por isso a consagração. Esta foi a segunda e última jornada de Simão Zelote à Britânia. De acordo com Hipólito e com o cardeal Baronius (ou Barônio), a primeira chegada de Simão às terras Britânicas deu-se em 44 A.D., durante as guerras de Cláudio."

McBirnie sugere uma data próxima a 50 A.D. para a chegada de Simão à Britânia, ou seja, alguns anos antes das perturbações sociais mencionadas anteriormente. Se estiver correto, Simão Zelote dispôs de tempo suficiente para evangelizar o sul e o sudeste da ilha, então habitados majoritariamente por romanos. O trabalho do ex-zelote pode ter sido facilitado pela predominância do latim na região, idioma àquela altura já difundido entre os bretões e entre os missionários cristãos que se aventuraram através da metade ocidental do império.

Com o decreto do imperador Cláudio em 50 A.D., é possível que muitos dos judeus expulsos de Roma tenham se dirigido ao norte, rumo às Gálias e à Britânia. Uma colônia de refugiados judeus assentada na região seria, naturalmente, um dos alvos prioritários do apóstolo nessa campanha evangelística.

A presença de cristãos na Britânia nos três primeiros séculos pode realmente ter sido resultado de esforços apostólicos, como os que a tradição atribui não só a Simão Zelote, mas também a Pedro, Paulo, José de Arimatéia, Aristóbulo e outros. De qualquer modo, esse cristianismo primitivo que, com o passar dos anos, foi agregando elementos celtas, desapareceu da Britânia a partir de 410 A.D., com a saída das legiões romanas e com a chegada das hordas invasoras anglo-saxãs. Mais tarde, as missões irlandesas estabelecidas por Columba na ilha de Iona (563 A.D.) e o trabalho católi-co-romano iniciado por Agostinho de Canterbury em Kent (597 A.D.) visaram justamente trazer à fé cristã os reinos dos saxões, que passaram a dominar a Britânia a partir do século V. Portanto, o cristianismo herdado do período apostólico já não mais deixava vestígios na

Britânia do sexto século.

Os relatos que sustentam a presença de Simão na Inglaterra também registram sua morte naquele país, sob ordem do procurador Catus Decianus, como veremos a seguir. Outras tradições, entretanto, afirmam que, com o aumento da tensão política na região, Simão abandonou a ilha, alguns anos antes da violenta devastação de Londres por Boudica, em cerca de 62 A.D., dirigindo-se de volta ao Oriente Médio, possivelmente à Mesopotâmia.

As contradições acerca de sua morte

Tanto quanto os detalhes de seu ministério, as circunstâncias e o local do martírio do ex-zelote estão distantes de qualquer comprovação histórica. Para Doroteu, bispo de Tiro - citado pelo Rev. R. W. Morgan em seu livro *St*

Paulin Britain (p.79) — foi na longínqua Britânia que o apóstolo coroou sua carreira ministerial:

"Simão Zelote atravessou toda Mauritânia e as regiões africanas anunciando a Cristo. Foi, por fim, crucificado, morto e enterrado na Britânia. Como a crucificação era uma penalidade tipicamente romana para escravos foragidos, desertores e rebeldes, era, portanto, desconhecida das leis britânicas. Assim, concluímos que Simão Zelote foi martirizado no leste da Britânia, talvez, como reza a tradição, nos arredores de Caistor, sob a jurisdição de Caius Decius (Catus Decianus), o oficial cujas atrocidades causaram a eclosão da Guerra de Boudica."

George Jowett compartilha da mesma opinião {*op. cit*, p. 158):

"A missão evangelística de Simão foi de curta duração. O apóstolo viu-se, por fim, preso sob ordens de Catus Decianus. Como de costume, seu julgamento foi um ato de escárnio. Assim, Simão foi condenado à morte e crucificado pelos romanos em Caistor, Lincolnshire, e lá mesmo enterrado em 10 de maio de 61 A.D."

A data e o local da morte do apóstolo citados por Jowett são confirmados pelo Cardeal Barônio, em seu *Annales Ecclesiastici*, assim como pelo menológico da Igreja Grega, que celebra 10 de maio como a data oficial do martírio de São Simão.

A principal dificuldade apresentada pelos relatos sobre o martírio de Simão na Britânia está na definição da localidade onde teria ocorrido. A atual cidade de Caistor,

onde a tradição acredita ter se dado o suplício, está edificada sobre a antiga cidade romana de *Venta Icenorum*. A questão é que, em 61 A.D. - data tradicional da morte do apóstolo - *Venta Icenorum* ainda não havia sido erigida. O Dr. John Peterson, especialista da *East Anglia University* em colonização romana na região de Norfolk, opina que *Venta Icenorum* só foi construída em cerca de 70 A.D., alguns anos após o fim do levante de Boudica e a conseqüente pacificação da região pelos romanos. Não há, segundo Peterson, qualquer traço arqueológico que justifique a existência de alguma aldeia iceni no local anteriormente aos romanos.

Por outro lado, há que se considerar que a diferença entre a data lendária da morte de Simão (61 A.D.) e o surgimento de *Venta Icenorum* (70 A.D.) é tão pequena, historicamente se falando, que seria impróprio descartar os relatos de seu martírio naquele local apenas por isso. Talvez o apóstolo tenha permanecido mais tempo na região do que calculam as lendas ou, ainda talvez, a construção de *Venta Icenorum* tenha se dado alguns anos antes do que pensam os estudiosos da atualidade. A prisão e execução de Simão em *Venta* é, portanto, mais um dos muitos mistérios apostólicos que aguardam esclarecimento pelas pás da arqueologia.

A alternativa oferecida pelas tradições para o martírio do apóstolo encontra-se a milhares de quilômetros da Inglaterra, no Oriente Médio, para onde Simão Zelote teria partido após avistar as negras nuvens da revolução no horizonte britânico. Segundo tais relatos, Simão, deixando prudentemente a ilha, navegou em direção ao oriente, onde se associou a Judas Tadeu na evangelização local. A dupla apostólica, atravessando a Mesopotâmia, atingiu lugares distantes da antiga Pérsia anunciando a Cristo. Ali, por fim, o ex-zelote teria conhecido o martírio após negar-se a adorar o deus Sol, cultuado pelos nativos que tencionava evangelizar.

Acerca do fim de ambos apóstolos na Mesopotâmia, Mary Sharp complementa (*A Travellers Guide to Saints in Europe*, p. 198):

"Diz-se que ambos pregaram juntos através da Síria e Mesopotâmia, tendo se deslocado até a distante Pérsia e que sofreram martírio, sendo Simão serrado ao meio e Judas Tadeu atingido por uma alabarda."

As lendas que falam de Judas Tadeu na Armênia entre 43 e 66 A.D. são muito significativas. Para alguns, sua campanha missionária na região, ao lado de Simão Zelote, não se realizou senão em fins da década de sessenta ou - no mais tardar - começo de setenta, o que se encaixaria perfeitamente com a partida de Simão da Inglaterra, por volta

de 60 A.D.

Os restos mortais de Simão Zelote

A tradição apostólica da Igreja Católica sustenta que as relíquias de Simão e Judas Tadeu estão depositadas juntas em uma das tumbas da Catedral de São Pedro e São Paulo, em Roma. A sé romana reconhece, entretanto, que fragmentos do que se atribui ter sido o corpo de Simão estejam espalhados através da Europa por diversas igrejas, entre as quais São Saturnino, na Espanha, St. Sernin, na França e - até fins da Segunda Guerra Mundial - na capela do mosteiro St. Norbet, em Colônia, na Alemanha, destruída por bombardeios aliados em fins de 1944.

E fato que o universo de informação bíblica e histórica de que dispomos sobre Simão Zelote não torna viável um perfil preciso do apóstolo. Por outro lado, a análise das características do grupo político a que pertencia, bem como os lampejos que a tradição eclesiástica lançou sobre suas campanhas missionárias, nos permitem concluir que Simão, após experimentar uma genuína conversão ao evangelho, viu se concretizarem em Cristo Jesus — se bem que sob uma nova perspectiva — todos os anseios de liberdade e justiça pelos quais, outrora, destemidamente arriscara a vida. Diante dessa nova e transformadora realidade, Roma já não significava mais o inimigo a ser vencido. Cingido de toda armadura de Deus (Ef 6.13), sua luta não mais seria contra a carne ou sangue, porém contra principados e potestades espirituais da maldade que reinam nos ares. Suas palavras mais veementes não se destinariam aos invasores romanos, mas à iniquidade e injustiça de seus dias, das quais tornou-se um zeloso opositor. John D. Jones registra a turbulenta revolução interior que mudou as diretrizes e ampliou os horizontes do revolucionário zelote (*op. cit.*, p.l 12).

"Quando Simão tornou-se discípulo de Jesus, não deixou de ser um patriota. Todavia, seu patriotismo assumiu contornos mais nobres e profundos. Sob os ensinamentos de Jesus, Simão percebeu que o grande poder escravizador na Palestina não era Roma, mas o pecado. Eis assim que, lançando para longe de si a adaga e a lança, Simão tornou-se um pregador do Evangelho de Jesus Cristo."

Somente os anais celestiais poderão revelar quanto sangue inimigo foi poupado com a conversão do sedicioso Simão Zelote. Tendo a violência de sua ideologia desmoronado ante a pregação e o testemunho do manso Galileu, Simão passou a conceber a liberdade como uma conquista muito além do conceito judaico de banir o

dominador e resgatar a prosperidade de Israel. Para o novo Simão, liberdade tornou-se sinônimo de servir Aquele ante quem todo joelho se dobrará e toda língua confessará Sua majestade (Fl 2.10-11)!

Portando a mensagem de Cristo até os confins da Terra, o apóstolo abraçou uma "revolução", diametralmente oposta àquela que experimentara como zelote. Agora, os inimigos deveriam ser amados, os amaldiçoadores abençoados e os perseguidores alimentados. Mas, acima de tudo e paradoxalmente, nesse novo embate os vencedores seriam, por vezes, aqueles que tomariam ante o furor da espada opositora.

A bravura forjada pelos perigos da vida zelote e o espírito restaurado pela fé em Cristo produziram em Simão um ardoroso missionário que vislumbrou o mundo de seu tempo como uma imensa oportunidade de *combater o bom combate da fé* (I Tm 6.12), como finaliza John D. Jones (*op. cit*, p. 113).

"Encontramos o verdadeiro patriota não no Simão de antes, mas no Simão de depois de Cristo. Não no inimigo jurado de Roma, mas no devotado adversário do pecado. Este é, pois, o mais belo e elevado patriotismo, aquele que diligentemente busca libertar uma nação de suas transgressões."

JUDAS ISCARIOTES

"(...) ai daquele por intermédio de quem o Filho do homem está sendo traído!
Melhor lhe fora não haver nascido!"

Mateus 26.24b

Dentre os numerosos personagens bíblicos, talvez nenhum tenha deixado para a posteridade uma memória tão trágica e ignominiosa quanto Judas Iscariotes.

Seu nome tornou-se, ao longo dos séculos, sinônimo de desprezo e escárnio, transformando-se na própria epítome da traição. A ignomínia que se apropriou desse nome pode ser facilmente percebida em festas folclóricas como a "Malhação de Judas", que todos os anos vemos repetir-se em nosso país, durante as comemorações da Semana Santa.

Embora, com o decorrer do tempo, o nome Judas tenha sido grandemente estigmatizado, seu emprego nos tempos bíblicos era muito comum, como vemos nos exemplos que o Novo Testamento nos fornece.

- Judas, irmão do Senhor (Mt 13.55, Mc 6.3);
- Judas Tadeu, um dos doze apóstolos (Lc 6.16, Jo 14.22);
- Judas, o Galileu, líder do partido de resistência dos gaulanitas (At 5.37);
- Judas, habitante de Damasco, onde Saulo foi recolhido (At 9.11);
- Judas, chamado Barsabás, apóstolo da Igreja de Jerusalém (At 15-22).

Na história de Israel, o nome Judas foi coroado de glória com o fervor revolucionário de um dos membros da casa dos Macabeus. Personagem destacado do período inter-bíblico, Judas Macabeu sagrou-se - ao lado do pai e dos irmãos — por sua luta para libertar Israel da opressão do rei sírio Antíoco Epífanês, tornando-se um dos grandes heróis daquela nação.

Quando se estabelece o propósito de escrever sobre a biografia dos apóstolos, tem-se em mente a trajetória vitoriosa de homens ungidos pelo Espírito Santo, audaciosos peregrinos que percorreram longas distâncias do mundo antigo testemunhando da graça de Deus e operando sinais e prodígios conforme o Senhor lhes concedia (At 2.43). Nessa perseverança, muitos deles derramaram suas vidas no cumprimento da comissão de Cristo, mas não sem antes padecer indizíveis humilhações e torturas que quase anteciparam suas execuções. Nada disso, entretanto, diz respeito ao caminho seguido por Judas Iscariotes. Tomado por objetivos estranhos à causa do evangelho, o jovem

discípulo perdeu-se no labirinto de suas paixões, abortando uma gloriosa carreira de fé que se descortinava a sua frente. Por isso, ao pesquisador apostólico, escrever sobre Judas traz consigo um sabor de desgosto, muito distinto daquele despertado pelas vidas dos demais apóstolos.

Filho de Simão Iscariotes (Jo 6.71), Judas tem seu nome derivado da forma grega de Judá *{louvor}*. O sobrenome Iscariotes, por sua vez, é uma provável corruptela do hebraico *Ish Kerioth*, ou "homem de Querioth". Seria esta uma referência ao vilarejo de *Querioth Hezrom*, localizado ao sul de Hebrom? Em se confirmando essa suposição, Judas Iscariotes pode ser o único dos doze apóstolos a proceder da Judéia, num flagrante contraste com seus condiscípulos, todos galileus. Isto, por si só, representaria para o apóstolo uma característica distintiva na comunidade dos doze.

Não há referências pormenorizadas ajudadas no Novo Testamento antes da apresentação dos discípulos, descrita nas listas apostólicas (Mt 10.4), nas quais seu nome figura sempre por último, como que em repúdio a sua vergonhosa carreira. Deste modo, ficamos sem o registro bíblico do momento de sua vocação como discípulo, assim como das circunstâncias e dos pormenores que a envolveram.

Se Judas for, de fato, procedente da Judéia, sua vocação deve ter se dado de modo distinto de seus companheiros de discipulado, contatados nas proximidades do Mar da Galiléia. E provável que o futuro traidor tenha conhecido Jesus durante alguma incursão do Mestre pelo território da Judéia. Lembremos que, durante o batismo de Jesus (num local além Jordão, porém próximo da Judéia), *então saíam a ter com ele Jerusalém, toda a judéia e toda a circunvizinhança do Jordão* (Mt 3.5). Judas talvez estivesse entre eles. Ou, ainda, é possível que a fama do Nazareno, propagada entre os cidadãos da Judéia a partir de Seu batismo, tenha despertado em Judas curiosidade suficiente para fazê-lo seguir rumo à Galiléia, em busca dos milagres e dos sermões de seu futuro mestre (Mt 4.23-25).

Judas, um tesoureiro pouco confiável

Da época de sua vocação como discípulo até a Semana da Paixão, quase nenhuma menção é feita acerca de Judas. Esse silêncio só é rompido pelo evangelista João em seu relato da unção de Jesus por Maria em Betânia, de onde podemos deduzir a ocupação que Judas exercia entre os doze e os indícios da torpe ganância que germinava em seu coração (Jo 12.4-6).

"Mas Judas Iscariotes, um dos seus discípulos, o que estava para trai-lo, disse:

Por que não se vendeu este perfume por trezentos denários, e não se deu aos pobres? Isto disse ele, não porque tivesse cuidado dos pobres; mas porque era ladrão e, tendo a bolsa, tirava o que nela se lançava..."

Para um coração avarento como o de Judas a atitude de Maria era, de fato, digna de toda murmuração. Fabricado a partir de flores cultivadas na Índia, o bálsamo de nardo derramado sobre a cabeça de Jesus era um dos perfumes mais caros da Antiguidade. O volume da especiaria com que a devota ungiu Jesus equivalia a um ano de salário de um trabalhador comum!

Mas, por que Jesus e seus seguidores mais íntimos precisariam de um tesoureiro? E como o futuro traidor pode preencher o perfil necessário para ocupar este posto? O relato dos evangelhos nos deixa claro que, à medida que eram chamados, os apóstolos abandonavam seus ofícios e priorizavam, em suas vidas, o discipulado aos pés de Cristo (cf. Mt 19.27, Mc 1.16-18 e Lc 5.11). Assim, ao se estabelecerem como um corpo, os doze e seu Mestre passaram a sobreviver basicamente de ofertas que recebiam dos corações mais generosos que de perto os seguiam (Lc 8.3). Com o crescimento desses donativos, surgiu também a necessidade de se escolher alguém dentre os doze que assumisse a responsabilidade por sua administração. Essa honrosa tarefa, por mais paradoxal que a princípio nos pareça, recaiu sobre Judas, conforme Jo 12.6.



Embora a Bíblia nada comente a respeito, a escolha de Judas para a tesouraria do grupo nos leva a deduzir que o traidor não era alvo de qualquer desconfiança de seus discípulos; muito ao contrário, é bem provável que tenha conquistado a simpatia de todos. Para seus amigos ele aparentava ser (como no episódio de Betânia) alguém altruísta e dotado de uma sensibilidade especial para com os necessitados. Ademais, com a disponibilidade de um hábil contador como Mateus integrando o grupo, presume-se que Judas também fosse dotado de preparo intelectual e alguma experiência administrativa que justificasse sua eleição para aquela função.

Embora a suposta simplicidade de Judas Iscariotes tenha cativado seus parceiros, não o fez com o Mestre que, desde cedo, conhecia os intentos de seu coração. Em Jo 6.70 vemos Jesus, mais de um ano antes da crucificação, profetizando um futuro sombrio

acerca do apóstolo:

"(...) Não vos escolhi eu em número de doze? Contudo um de vós é diabo."

Embora conhecesse as motivações de Judas, Jesus todavia nunca o desmascarou diante de seus companheiros. Se o fizesse, podemos imaginar que Pedro e os demais tomariam suas próprias providências para que a traição nunca se concretizasse. Note-se que, ao ser indagado acerca do traidor (Mt 26.22-23), durante a última ceia, Jesus respondeu de maneira tal que todos continuaram ignorando sua identidade:

"(...) O que mete comigo a mão no prato, esse me trairá."

Durante as refeições, os judeus não usavam talheres, mas "garfavam" seu bocado de comida usando um pedaço de pão, na mesma vasilha de alimento, como símbolo de união. Assim, no momento em Jesus responde à mórbida pergunta, é provável que vários dos discípulos, apenas separados por lapsos de segundos, estivessem fazendo a mesma coisa que Judas. Isso talvez explique porque, mesmo após essa indicação, os onze continuaram incertos quanto a quem dentre eles seria o traidor. Nem mesmo o cinismo de Judas trouxe sobre ele a desconfiança dos demais (Mt 26:25):

"Então, Judas, que o traía, perguntou: Acaso sou eu, Mestre?(...)"

O breve apostolado de Judas

Ao contrário dos demais apóstolos, Judas experimentou, em função de seu suicídio, um ministério limitado ao tempo em que esteve na companhia do Mestre, ou seja, cerca de três anos apenas. Mas, a grande dúvida que envolve o apostolado de Judas nesse período não diz respeito a sua duração, mas ao seu desempenho propriamente dito. Teria o futuro traidor conhecido o sucesso ministerial ao lado de seus companheiros? Em algum momento, através de sua intercessão, teriam sido saradas as enfermidades ou expulsos os demônios? Se tomarmos como referência o episódio do envio dos apóstolos por Jesus, descrito em Mt 10, é possível que sim. Vejamos o que Jesus diz aos



doze missionários, ao enviá-los à campanha (Mt 10.5-8).

"A estes doze enviou Jesus, dando-lhes as seguintes instruções: (...) curai enfermos, ressuscitai mortos, purificai leprosos, expeli demônios (...)"

A participação ativa de Judas nas ações apostólicas parece clara no sermão com que Pedro introduziu a escolha de Matias para o posto do discípulo ausente, conforme vemos em At 1.17:

"Porque ele era contado entre nós e teve parte neste ministério..."

No texto grego original, Pedro refere-se a Judas como alguém que *obteve a mesma categoria* dos demais discípulos, ou seja, alguém que, antes de desviar-se por caminhos tortuosos, logrou reconhecido sucesso em seu apostolado.

A traição

Os dias que antecederam o momento da traição foram certamente de grande conflito para Judas. Afinal, como um discípulo próximo de Jesus, por três longos anos ele testemunhara tanto a riqueza dos ensinamentos quanto a sublimidade dos prodígios realizados por seu Mestre. Por isso, a única certeza que tinha ao prosseguir com aquela maquinação era a de não estar traindo um impostor. Entretanto, à medida que o dia se aproximava, sua ganância encontrava na covardia e no medo seus piores inimigos. Destarte, permanecendo com toda dissimulação junto aos demais até momentos antes da última ceia, Judas encontra nas palavras do Mestre (Jo 13.27b) o ímpeto que lhe faltava para a consolidação de seu intento:

"(...) O que pretendes fazer, faze-o depressa."

Uma vez consumada a traição, a tentativa implícita de Judas compartilhar a responsabilidade de sua iniquidade com os sacerdotes e anciãos judeus (Mt 27.3,4), demonstrou-se infrutífera em amenizar os tormentos de sua consciência e fê-lo precipitar-se num sentimento de autodestruição irrefreável (Mt 27.5).

Antes de tratarmos objetivamente do suicídio de Judas, devemos considerar algumas perguntas que têm incomodado os biblicistas no que se refere à pessoa do traidor. Por exemplo, quais os aspectos motivacionais que o teriam feito se aproximar de Jesus e assumir o árduo compromisso do discipulado, tarefa que já havia custado a

desistência de tantos ao longo do caminho (conf. Jo 6.65-67)? Ou, ainda, teria sido ele um discípulo sincero a princípio, ou já se infiltrara entre os demais trazendo consigo seus ímpios intentos? Já que o Novo Testamento não deixa pistas suficientes para esquadriharmos essas questões, tudo que podemos fazer é considerar algumas possibilidades.

Na tentativa de elucidar alguns mistérios que cercam essa personalidade intrigante, alguns estudiosos presumem que Judas teria planejado friamente sua traição desde o princípio, entendendo que Jesus, de alguma maneira, representava um perigo para a nação de Israel. Entretanto, antes de se adotar tal sugestão, é necessário que se aponte exatamente que tipo de perigo algum nacionalista exacerbado poderia encontrar em Jesus. Estaria tal ameaça em sua atitude de confronto — se é que assim pode ser chamada — com a classe rabínica, tão influente na vida social judaica? Ou a encontraríamos na ausência de aceção mostrada por Jesus para com os gentios? Poderíamos considerar aqui outros possíveis pontos de conflito entre o pensamento de Jesus e de algum fanático judeu da época; no entanto, é muito pouco provável que alguém como Judas arquitetasse semelhante plano de infiltração no meio dos discípulos, abrindo mão de seu conforto e de seus projetos particulares, apenas para trair Jesus posteriormente.

Outra hipótese à chegada de Judas sugere que ele estava, a princípio, sinceramente motivado em seus objetivos. Judas poderia ser apenas mais um dentre tantos milhares de judeus que suspiravam pela manifestação de um libertador nacional, naqueles tempos de opressão romana. Contudo, ao convencer-se de que Jesus decididamente não se tornaria o protagonista da reviravolta política associada ao Messias, o jovem discípulo decidiu desertar, tirando proveito financeiro dos anos gastos no discipulado, através da traição estimulada pelos principais dos sacerdotes, como nota o rev. Russell Shedd em sua obra *O Mundo, A Carne e o Diabo* (p.99).

"Quando esse discípulo finalmente percebeu que Jesus não tencionava lutar contra seus inimigos nem liderar qualquer movimento que o estabelecesse no poder, ficou profundamente decepcionado. Se o Senhor não ia assumir o domínio político, para quê todo aquele sacrifício e perigo? Justificou a traição com base na atitude generalizada: um movimento que não tem condições de prosperar não merece suor nem sangue. Pelo contrário, 'é justo' tirar alguma vantagem enquanto há tempo."

Há também os adeptos do raciocínio fatalista, que preferem atribuir a culpa do

caráter de Judas à predestinação divina, ancorados em referências proféticas do Velho Testamento como, por exemplo, o Salmo 41.9, cumprido durante a última ceia (Jo 13.18).

"(...) O que comia do meu pão, levantou contra mim seu calcanhar."

Se adotarmos a segunda hipótese, devemos concluir que em nenhum dos discípulos o colapso do sonho de ver no Nazareno a restauração da glória de Israel tenha causado tamanha frustração como em Judas.

Qualquer que tenha sido a motivação inicial, o certo é que, ao cabo de sua breve jornada como discípulo e diante da irreversibilidade de sua traição, Judas mostrou-se tomado por um sentimento de remorso que o precipitou na autodestruição. Pendendo desfigurado sob aquela árvore, o discípulo transformou-se na mórbida imagem da amargura e do desespero, fruto dos extravios de seu próprio coração. No redemoinho que atormentava a alma de Judas, podia-se encontrar muitos sentimentos, exceto o arrependimento sincero que teria, em si mesmo, o potencial de salvá-lo do destino ao qual se entregara, como nos lembra o apóstolo Paulo em 2 Co 7.10,11:

"Por que a tristeza segundo Deus produz arrependimento para a salvação que a ninguém traz pesar; mas a tristeza do mundo produz morte."

Ora, se pode ter havido perdão celestial para os carrascos nazistas Johaquirim von Ribentropp, Wilhelm Frick e Wilhelm Keitel - responsáveis diretos pelo extermínio de milhões de judeus na Segunda Guerra, mas sinceramente arrependidos segundo o pastor que os assistiu em Nuremberg — poderia igualmente ter havido misericórdia para o traidor, se este a buscasse de todo coração diante do Pai.

O suicídio de Judas

A perturbação que se apoderou de Judas diante de sua infidelidade, assim como a vã tentativa de compartilhar seu desespero com os que estimularam a traição está retratada em Mt 27.3-10. Ali, vemos o discípulo tentando devolver a paga de seu crime — trinta moedas de prata — aos sacerdotes e oficiais do templo, que, por sua vez, se recusaram a recebê-la, por se tratar de "preço de sangue", ou seja, uma soma inconcebível de ser ofertada a Deus. Diante disso Judas, atirando a sacola com as moedas no pátio do templo, retirou-se incontinenti com o propósito de atender ao último sussurro que o Maligno soprara em seus ouvidos: dar cabo a sua própria vida.

Em At 1.15-20, Pedro relembra, em seu sermão, o vergonhoso galardão recebido pelo apóstolo como paga por sua traição (1.18a).

"Ora, este homem adquiriu um campo com o preço da iniquidade..."

Aqui deparamos com uma dificuldade na seqüência do relato bíblico. Se Judas, tomado pelo remorso, devolveu as moedas de prata aos anciãos do templo, conforme Mateus 27.5, como poderia ter adquirido um imóvel, como nos dá a conhecer Pedro em sua mensagem no cenáculo? O Dr. Gieason Archer em sua *Encyclopedia of Bible Difficulties* (p. 344), propõe duas possibilidades para o esclarecimento dessa aparente contradição. Primeiramente, Judas já havia se antecipado e fechado negócio com o proprietário do terreno que pretendia adquirir com o soma da traição embora, no último momento, tenha preferido devolver o dinheiro a concretizar a compra. Em segundo lugar, Pedro estaria, em seu sermão, referindo-se de modo irônico ao fato de que Judas realmente adquiriu, com a traição, um pedaço de terra (gr. *chorion*), mas não um imóvel para morar e sim sua própria sepultura! Archer lembra que, aqui, o termo *chorion* poderia se aplicar perfeitamente a esse sentido.

O quadro do suicídio de Judas também reserva alguns detalhes confusos que demandam muita atenção do estudioso bíblico. Em seu sermão para os cento e vinte que aguardavam a promessa do Pai no cenáculo, Pedro acrescenta alguns fatos inéditos sobre a morte do discípulo, aparentemente desconexos com o relato de Mateus (At 1.18b-19a).

"e, precipitando-se, rompeu pelo meio, e todas as suas entranhas se derramaram. E foi notório a todos os que habitam em Jerusalém;"

Como podemos conciliar essa descrição de Pedro com o texto de Mt 27-5. onde a narrativa do suicídio de Judas não apresenta qualquer referência a essa cena macabra?

O verbo grego empregado no relato de Mateus (*apexato*, aoristo de *apancho*), cujo significado tornou-se específico a partir do quinto século antes de Cristo, dá a idéia de que Judas apertou um nó ao redor de seu pescoço e saltou de um galho de árvore ao qual estava atado. Mateus, portanto, encerra seu enfoque sobre Judas com a cena do enforcamento. Por outro lado, no cenáculo, Pedro tem em mente não o enforcamento em si, mas a cena macabra que se sucedeu a ele, algo que de tão medonho, ficou gravado na memória de quem o testemunhou.

Diante das diferenças apresentadas por estes relatos, supõe-se que o galho no qual o traidor se pendurou projetava-se sobre um precipício relativamente alto e, talvez

por um forte vento, rompeu-se, lançando ribanceira abaixo corpo de Judas. O verbo "romper" (gr. *lakeo*) empregado por Pedro, significa também "estourar", sugerindo que o despencar do corpo de Judas resultou numa violenta queda com conseqüente mutilação, devido ao forte impacto.

Uma versão estranha e curiosa do suicídio de Judas é fornecida por Papias de Hierápolis, um dos grandes nomes do cristianismo do segundo século. Em sua *Exposição dos Oráculos do Senhor* — de cujo conteúdo só restaram fragmentos — o autor pré-niceno comenta o fim do traidor.

"Judas andou por esse mundo como um triste exemplo de impiedade. De tal maneira inchou-se em sua soberba, que já não podia passar por onde uma carroça facilmente passava. Foi, então, esmagado por uma carruagem de sorte que suas entranhas se derramaram."

Uma vaga a ser preenchida

Em seu livro *The Apostles*, o dr. Donald Guthrie comenta, com muita propriedade, as circunstâncias que envolveram a decisão de se preencher a lacuna deixada por Judas e algumas de suas conseqüências imediatas (At 1.15-26):

"Dentre os dias que os discípulos empreenderam orando e aguardando a vinda do Espírito Santo, o mais notável foi aquele no qual decidiram completar a vacância resultante da defecção de Judas.

Pedro foi quem suscitou a questão e a maneira como o fez é digna de nota, uma vez que evidencia a perspectiva pela qual os discípulos viam a carreira apostólica. A esse ofício era atribuída tal importância que seu significado não podia ser dissociado nem mesmo de seu número original, estabelecido por Jesus. Como judeus, os discípulos certamente conferiram alguma relevância simbólica ao número doze, como correspondente das tribos de Israel. Mesmo os judeus sectários de Qumram, no deserto da Judéia, contavam com um concílio de doze anciãos. Entretanto, a causa mais provável segundo a qual os apóstolos insistiram na permanência dos doze foi devido ao peso da autoridade que o próprio Senhor Jesus deu a ele.(...)

O fato mais significativo sobre a referência de Lucas quanto ao fim de Judas está no apelo de Pedro às Escrituras, como garantia de que aquele posto deveria ser preenchido. Pedro reconhece que aquilo que as Escrituras dizem é o que fala o Espírito. Ele, então, apela aos Salmos 69 e 109, os quais, embora de autoria atribuída a Davi, são compreendidos como a voz do Espírito. Esta visão acurada do Velho Testamento está

refletida em outras passagens da narrativa lucana.(...)

Os dois Salmos certamente não se referem ajudas, mas, uma vez que Davi representa uma alegoria do Messias, seus inimigos são identificados como tipos dos inimigos de Jesus. (...) De tal maneira estavam os apóstolos conscientes da relevância do cumprimento das Escrituras que, mesmo diante de uma eleição para tal ofício, consideravam imperativo apelar para elas, o que por sua vez demonstra a importância que atribuíam ao encargo apostólico.

O enfoque sobre a elegibilidade para o exercício do apostolado é de grande importância. Dirigidos pelo propósito de determinarem um substituto para Judas com base nas Escrituras, eles depararam, a princípio, com a questão relativa às prerrogativas essenciais para o ofício apostólico. Isto se deveu, basicamente, pelo fato de nenhum deles ter tido a experiência de escolher apóstolos anteriormente; Jesus o havia feito. Provavelmente, esta foi a ocasião propícia para considerar as razões pelas quais o Mestre os tornou Seus escolhidos. Até então, a única e óbvia qualificação que podiam encontrar para tal era o fato de que todos eles seguiram a Jesus desde os dias da pregação de João Batista até o momento de Sua ascensão aos Céus.

Pedro sugere, então, que essa mesma qualificação seja requerida para o complemento da vaga. É óbvio que semelhante exigência limitaria severamente o universo de escolha.(...)

Assim, apenas dois homens satisfaziam as exigências determinadas: José Barsabás e Matias. Tornou-se, portanto, necessário o estabelecimento de algum método de escolha. Todos eram unânimes em crer que a eleição de um apóstolo se constituía numa tarefa divina e não humana, por isso consagraram a Deus, em oração, todo o procedimento para a escolha. Os discípulos eram sinceros quanto a querer que a vontade de Deus se cumprisse em resposta às suas orações, através do lançamento de sortes. Este procedimento, todavia, acabou por suscitar alguns problemas. Como poderiam eles saber se o método usado conferia com a vontade divina? Eles poderiam, por certo, apelar para o exemplo veterotestamentário, no qual o ato de se lançar sortes revelava o propósito de Deus(Pv 16:33). Todavia, é importante notar que a igreja primitiva não deu continuidade a esta prática. De fato, ela é mencionada exclusivamente nessa passagem do Livro de Atos. E possível que os apóstolos tenham então aprendido que a era Cristã possuía soluções mais excelentes do que o Urim e Tumim do Velho Testamento (cf. 1Sm Sm 14.41) e que esta Era seria definitivamente regida pelo Espírito Santo, Aquele que Jesus prometeu ser o Guia infalível."

Alguns comentaristas, numa visão severamente crítica, reputam por precipitada a

eleição de Matias para a vacância alegando, basicamente, três razões: em primeiro lugar, o caráter duvidoso do método utilizado para sua escolha, como vimos registrar o Dr. Guthrie. Em segundo, o silêncio absoluto das Escrituras acerca do ministério apostólico de Matias, tanto nos dias que antecederam como nos que sucederam sua eleição. E, por fim, o surgimento de Paulo, como um dos maiores vultos do cristianismo da Era apostólica.

Entretanto, fechar questão quanto à precocidade da escolha de Matias -como sugerem alguns - é pouco recomendável, ainda que o ministério desse apóstolo permaneça obscurecido pelo silêncio da Escrituras e - em menor grau - da própria tradição cristã posterior. Basta lembrarmos que vários dos apóstolos também passaram pela história quase sem deixar rastro de seus ministérios. O que sabemos, segundo a tradição eclesiástica, sobre a carreira de Simão Zelote, Tiago Maior e, especialmente, Tiago Menor não supera significativamente o que se conhece sobre Matias.

Diversas são as razões que podem ter determinado a tímida repercussão histórica de apóstolos como o do substituto de Judas. Viagens por regiões pouco conhecidas ou muito afastadas das fronteiras do império e a povos cuja cultura foi posteriormente destruída estão entre elas. Deve-se considerar, ainda, o morte ou o martírio prematuro, como no caso de Tiago Maior.

McBirnie dá sua impressão sobre a polêmica envolvendo a escolha de Matias (*op. cit*, p.241).

"Alguns eruditos como David Smith e Campbell Morgan questionam o modo de sua escolha. Devido ao silêncio das Escrituras com relação ao seu ministério posterior, concluíram que os onze se precipitaram ao eleger Matias. Eles argumentam que Paulo é quem deveria ter sido escolhido e que os discípulos se adiantaram à direção do Espírito. Não devemos, entretanto, acatar essa idéia como verdadeira. A conversão de Paulo não se sucedeu senão muitos anos após a data da escolha de Matias, e o ministério de Paulo como apóstolo deu-se ainda mais adiante no tempo. Paulo teve de permanecer por anos em Tarso, em completa obscuridade até se tornar um missionário. Por esse tempo, Tiago Maior, foi assassinado por Herodes, deixando, assim, outra vaga entre os Doze. Paulo nunca foi aceito como um dos apóstolos originais e nem de fato poderia ser, uma vez que não conheceu Jesus segundo a carne."

Matias, o incógnito substituto de Judas

São escassas as informações bíblicas acerca desse a quem os discípulos escolheram como suplente de Judas. Mas, se o Novo Testamento se cala a respeito dele,

a tradição eclesiástica deixou registrados alguns vestígios que nos permitem algumas conjecturas sobre os passos de Matias no ministério apostólico.

O grande historiador Eusébio, por exemplo, sugere que Matias estava entre os setenta discípulos enviados por Jesus em Lc 10.1. Se isto for verdade, é possível que esta tenha sido a ocasião perfeita para Matias mostrar algumas de suas qualidades espirituais que, mais tarde, tornaram seu nome escolhido para o *posto* deixado por Judas.

De qualquer modo, a exigência de que o substituto devia ser um dos que acompanharam os doze todo o tempo em que o Senhor Jesus andou entre eles (At 1.21), deixa claro que Matias sempre se manteve perto dos apóstolos. Essa proximidade, por suposto, conferiu a Matias uma experiência que enriqueceu seu ministério nos lugares por onde apregoou o nome de Cristo.

McBirnie propõe um perfil para o obscuro discípulo (*op. cit.*, p.246-247).

"Como um dos primeiros seguidores de Jesus, tornou-se proeminente dentre os Setenta. Ele parece ter acompanhado os Doze em numerosas ocasiões e pode muito bem ter sido, a princípio, mais um dentre os discípulos de João Batista, assim como São João e Santo André. Foi seguramente eleito para ocupar o lugar de Judas imediatamente após a ascensão de Jesus. Portanto, Matias estava presente em Jerusalém no dia de Pentecostes, participando ativamente dos turbulentos dias de expansão da Igreja primitiva. Como judeu, Matias provavelmente deixou Jerusalém para dirigir-se à distante parcela judaica da Diáspora."

A história da milenar Igreja da Armênia aponta Matias como sendo um dos evangelistas pioneiros naquela região, ao lado de André, Bartolomeu, Judas Tadeu e Simão Zelote. Algumas lendas mencionam ainda possíveis campanhas missionárias do apóstolo a Damasco, na Síria, à Macedônia e à imprecisa região da Etiópia oriental.

Uma antiga tradição martirológica afirma que Matias foi executado por mãos judaicas em Jerusalém, após retornar de uma campanha na Macedônia, entre 61 e 64 A.D. Para outras lendas, entretanto, seu martírio deu-se em 64 A.D. em Sebastopol, na Ucrânia, ao sul da península da Criméia.

TOMÉ

"E logo disse a Tomé: Põe aqui o teu dedo e vê as minhas mãos; chega também a tua mão e põe-na no meu lado; não sejas incrédulo, mas crente..."

João 20.27

Devemos ao Evangelho de João a maior parte das informações bíblicas que temos acerca desse que é conhecido como o *discípulo da incredulidade*. Sua eleição apostólica também está registrada nas passagens sínópticas de Mt 10 e paralelas.

O termo hebraico Tomé significa *Gêmeo*, assim como a palavra grega Dídimos, pela qual o apóstolo também era chamado (Jo 11.16, 20.24, 21.2).

As freqüentes alusões a Tomé, da parte de João, podem ser um sinal de que o evangelista o conhecia anteriormente ao discipulado, já que ambos eram procedentes do mesmo lugar (embora algumas tradições apontem Antioquia da Síria como lugar de origem de Tomé). A passagem de Jo 21.1-4, onde o vemos pescando no Mar da Galiléia, em companhia de Pedro, Natanael e dos filhos de Zebedeu, durante a terceira aparição do Cristo ressurreto, sugere que Tomé também exercia esse ofício, tradicional dos moradores daquela região. Diante dessas circunstâncias, torna-se justificável pressupor a existência de uma amizade entre Tomé e João, anterior a vocação de ambos apóstolos. Adotaremos essa pressuposição na análise biográfica que faremos a seguir acerca de Tomé.

Eusébio, famoso historiador cristão do quarto século, baseado em fonte não revelada, deixou registrado que o verdadeiro nome de Tomé era Judas, -embora se desconheça a origem e, portanto, se questione a consistência dessa informação, não é de todo improvável que o termo Tomé realmente significasse o sobrenome do apóstolo, enquanto Dídimos a forma gentílica pela qual era tratado, já que o grego era popularmente utilizado na Galiléia. Temos ainda a possibilidade de que Judas fosse seu nome original e Tomé seu nome de discipulado, como vemos ocorrer nos casos de Pedro e Mateus (conf. Mt 16.18 e Mc 3.17).

Estimuladas pelo significado do nome Dídimos, muitas tradições surgiram na tentativa de identificar o suposto irmão (ou irmã) gêmeo de Tomé. Dentre as muitas lendas preservadas pelos séculos, destaca-se a que menciona uma certa Lídia, como sua irmã gêmea. Outra, particularmente improvável, propõe a associação de Tomé ao personagem Judas citado em Mt 13.55 - *um dos quatro irmãos do Senhor!* A

impropriedade teológica dessa sugestão reside no ato de que, segundo as Escrituras, nenhum dos irmãos sangüíneos de Jesus creu nEle antes de Sua morte e ressurreição, como vemos em Jo 7.5.

Uma personalidade marcante

As referências bíblicas a Tomé, conquanto sejam mais numerosas que as da maioria dos discípulos, são insuficientes para uma diagnose precisa de sua personalidade, excetuando-se, naturalmente, as narrativas que deixam transparecer certos traços de pessimismo e incredulidade em seu temperamento, como veremos em detalhes, mais adiante. E interessante observarmos a opinião do Dr. McBirnie a respeito das características pessoais desse discípulo (*op. cit*, 142).



"As escassas referências bíblicas que o destacam dentre os Doze parecem indicar um homem questionador e incrédulo.(...) Tomé possuía uma natureza que continha em si mesma certos elementos conflitantes e excessivamente difíceis de serem conciliados: uma peculiar vivacidade de espírito e, concomitantemente, uma inclinação natural que o fazia, com freqüência, enxergar a vida sob uma perspectiva de frieza e desalento. Ainda assim, Tomé era um homem de coragem indomável e de traços marcadamente altruístas."

Todo esse dualismo presente na alma do apóstolo parece saltar das linhas bíblicas em cenas como as de Jo 11.1-16, onde encontramos Jesus declarando sua intenção de voltar à Judéia, no intuito de auxiliar o moribundo Lázaro. Os discípulos, atemorizados diante da possibilidade de perseguição por parte dos judeus, tentam dissuadi-lo da idéia, enquanto são surpreendidos pelo convite de Tomé:

"(...) Vamos também nós para morrermos com ele."

Um repente de coragem ou apenas uma colocação irônica? Não sabemos com certeza. Talvez, mais do que qualquer um desses extremos, o convite de Tomé revele uma natureza ansiosa e inquieta que lhe valeu, mais tarde, o peso de um estigma que os séculos não apagaram.

Alguns comentaristas bíblicos vêem no episódio da noite em que Jesus foi traído outro indício da tão propalada incredulidade de Tomé. Na ocasião, enquanto o Mestre consolava os corações aflitos de seus seguidores, mostrando-lhes que estava prestes a lhes preparar lugar junto ao Pai, Tomé ansiosamente o interrompe (Jo 14.5).

"(...) Senhor, não sabemos para onde vais; como saber o caminho?"

Seria justo considerar essa interpelação, tão ingenuamente expressada por Tomé, como uma evidência de sua incredulidade? Talvez, ao contrário, ela represente um retrato fiel da absoluta alienação que reinava no entendimento dos discípulos — não apenas de Tomé — quanto ao destino de seu Mestre.

Se, entretanto, esta passagem não deixa traços muito nítidos do ceticismo de Tomé, o mesmo infelizmente não se pode dizer de seu posicionamento inicial quanto à ressurreição do Mestre. Mas, antes de nos atermos à histórica desconfiança de Tomé, que tal compararmos sua fé com a de seus condiscípulos no que tange à ressurreição de Jesus? Não devemos nos surpreender ao verificarmos que o demérito da incredulidade não foi exclusivo do nosso apóstolo, embora os séculos assim o tenham consolidado. Note-se, por exemplo, como os discípulos unanimemente reagiram à reportagem de Maria Madalena e suas amigas que, emocionadas, não continham as lágrimas ante a lembrança do sepulcro vazio:

"Estes, ouvindo que ele vivia e que fora visto por ela, não acreditaram."

Mc 16.11

"Tais palavras lhes pareciam como um delírio, e não acreditaram nelas."

Lc 24.11

E verdade que essa atitude de descrença por parte dos discípulos, teoricamente, se explicaria pela indiferença com que os judeus, então, tratavam as mulheres. Contudo, o evangelista Marcos deixa claro que não apenas Maria e suas companheiras haviam testemunhado a ressurreição, mas também outros dois discípulos desconhecidos, os quais depararam com Jesus a caminho de Emaús. É certo que ambos imediatamente notificaram os todos que ali estavam acerca do sucedido. Ainda assim, a disposição geral à incredulidade parece não ter sido alterada.

"E, indo, eles o anunciaram aos demais, mas também a estes dois não deram crédito."

Mc 16.13

Se todas essas citações não são ainda suficientes para convencer o leitor bíblico da injustiça de se culpar apenas Tomé por incredulidade, devemos então considerar as próprias palavras do Mestre aos discípulos, em Seu súbito aparecimento naquela tarde de domingo (Mc 16.14).

"Finalmente apareceu Jesus aos onze, quando estavam à mesa, e censurou-lhes a incredulidade e dureza de coração, porque não deram crédito aos que o tinham visto já ressuscitado"

Para o Dr. Scofield (*A Bíblia Anotada*, p.1020), o termo *onze* foi aqui empregado de forma genérica, não significando, necessariamente, que os onze apóstolos estivessem presentes. Destarte, essa passagem estaria se referindo a mesma situação descrita em Jo 20.19-23, quando da primeira aparição de Cristo, estando Tomé ausente. Não há, portanto, qualquer dúvida de que todos os discípulos, invariavelmente, manifestaram flagrante disposição em descrer dos relatos da ressurreição, mesmo que procedentes de seus fiéis companheiros de jornada.

Na atmosfera desoladora que varria o refúgio dos discípulos, imperava tanto a incerteza quanto o medo, e a descrença de Tomé certamente não se destacava da de seus condiscípulos. Confusos sobre o turbilhão de acontecimentos que lhes reservara aqueles últimos dias, os discípulos fecharam-se em uma casa, tomados sobretudo pelo pavor de uma potencial perseguição dos líderes religiosos judaicos (conf. Jo 18.19). Porém, a maneira como Jesus interrompe esse *momentum* é, no mínimo, espetacular. João deixa claro que a aparição do Senhor foi miraculosa, sugerindo algo como uma materialização instantânea em meio aos acabrunhados galileus. Mesmo diante de tão grande maravilha, pode-se perceber ainda alguns resquícios de incredulidade no coração dos presentes (Lc 24.37):

"Eles, porém, surpresos e atemorizados, acreditavam estar vendo um espírito."

As últimas dúvidas de que tudo aquilo não passava de uma manifestação espiritual só caíram por terra quando, um a um, todos os presentes O apalparam e, por fim, o

presenciaram degustar um pedaço de peixe assado (Lc 24.38-43). Nesse momento, em que um júbilo arrebatador pareceu fundir realidade e sonho, a incredulidade de cada um dos apóstolos cedeu lugar à maior de todas as certezas: o Senhor ressuscitou!

Entretanto houve um que não desfrutou desse momento de glória. Por razões que desconhecemos, Tomé não estava presente durante a primeira aparição de Jesus aos discípulos. Infelizmente, essa ausência custou ao apóstolo o ônus da descrença, até então experimentada por cada um de seus companheiros.

Mas, por onde andaria Tomé quando algo tão importante se sucedia em sua pequena comunidade? Sua ausência é registrada nas Escrituras (Jo 20.24), mas não justificada já que, para um discípulo de Cristo, vagar pela alvoroçada Jerusalém naquele momento era algo que envolvia certo risco. Basta considerar a delicada situação em que Pedro se viu envolvido poucos dias antes (Mt 26.58, 69-75), ao seguir seu Mestre à distância, até as cercanias da casa de Caifás, onde se dava o julgamento. O fato de o simples sotaque galileu ter imediatamente despertado contra ele suspeitas de cumplicidade com o acusado, demonstra bem o clima de hostilidade a que os seguidores de Jesus, de maneira geral, estavam sujeitos naquela ocasião.

Se Tomé ausentou-se do refúgio a despeito de todo risco que isso implicava, é certo que teve razões para fazê-lo. Primeiramente, pode-se presumir uma crise interior enfrentada pelo apóstolo, diante do desmantelamento de sua estrutura emocional, em face da frustração de suas expectativas. E provável que o choque daquela realidade inusitada tenha requerido de Tomé algumas horas ou mesmo dias de isolamento, na busca de uma reflexão que emprestasse sentido a tudo aquilo que subitamente lhe sucedera. O peso dos anos investidos em seguir Aquele sobre quem depositara sua esperança e seus projetos de futuro, pode ter despencado com todo vigor sobre Tomé naquele momento. Daí a busca por um momento de solitude.

Mas devemos considerar também a possibilidade de que essa histórica ausência do apóstolo se tenha dado por uma razão muito simples e corriqueira. Tomé poderia, por exemplo, ter sido escalado para providenciar os mantimentos necessários para a subsistência dos discípulos, então refugiados. Isso teria feito com que Tomé se ausentasse dos demais por um razoável período de tempo, visto que essa tarefa deveria ser conduzida de maneira a não levantar qualquer suspeita sobre sua ligação com o Nazareno.

Quaisquer que tenham sido as razões que justificaram sua saída, o fato é que nosso apóstolo não presenciou o glorioso momento na manifestação de Cristo a seus companheiros naquele domingo. Não testemunhou Suas pisaduras, nem tampouco pode

ouvir as explicações sobre as profecias que nEle se cumpriram. A partir daquela tarde, todos os que compunham o círculo íntimo de Jesus, de um modo ou de outro, já O haviam contemplado ressuscitado. Exceto Tomé.

A análise das circunstâncias que envolveram o ceticismo de Tomé sobre a ressurreição de Cristo diante do testemunho de tantos amigos nos leva a reconhecer que o apóstolo acabou estigmatizado pela incredulidade e pela descrença não por ter sido o único dentre os onze a duvidar, mas por ter conduzido seu ceticismo a um nível de detalhamento e impertinência sem paralelo nos corações dos demais discípulos. Em contrapartida às declarações de seus amigos que jubilosamente lhe diziam *"Vimos o Senhor"* (Jo 20.25), Tomé resolutamente estendia suas exigências, sem as quais jamais engrossaria a fileira dos que creram. Para a mente racionalista de Tomé, cercar-se de tantos cuidados naquele momento tinha sua razão: não teriam o estresse e a forte pressão psicológica daqueles dias afetado os sentidos dos discípulos, a ponto de transformá-los em alvos de alucinações arrebatadoras? Como uma miragem para o sedento no deserto, esses testemunhos não refletiriam um delírio causado pelo desejo incontrolável de reverter aquela desalentadora realidade? Aos olhos de Tomé, como que por contágio, aquele "mal" parecia ter rapidamente se disseminado desde o coração de Maria Madalena até os impetuosos Pedro, Tiago e João.

Para certificar-se de que não seria mais uma vítima dessas armadilhas sen-soriais, nosso apóstolo estabelece alguns critérios práticos. Para ele, não bastaria a simples contemplação do Ressurreto, mas a constatação tátil dos ferimentos de Sua cruz, causados de maneira inconfundível pelo suplício que o apóstolo provavelmente testemunhou (conf. Lc 23.49). Até mesmo o mórbido detalhe da perfuração pela lança do centurião, por sob as costelas de Jesus, não deveria ser esquecido:

"(...) Se eu não vir nas suas mãos o sinal dos cravos, e ali não puser o meu dedo, e não puser a minha mão no seu lado, de modo algum acreditarei."

Jo 20.25

Oito dias após a primeira aparição (Jo 20.26), Jesus torna a manifestar-se aos Seus ainda temerosos aprendizes. Na ocasião, Tomé foi, por fim, confrontado com a amargura de sua descrença. João registra a admoestação da qual foi alvo o apóstolo, não omitindo a ênfase com que o Senhor repudia semelhante disposição (Jo 20.26,29):

"E logo disse a Tomé: Põe aqui o teu dedo e vê as minhas mãos; chega também a

tua mão e põe-na no meu lado; não sejas incrédulo, mas crente.

(...)

Porque me viste creste? Bem-aventurados os que não viram e creram."

A forte repreensão dirigida a Tomé produziu, contudo, "frutos dignos de arrependimento". O efeito sobre ele foi imediato e a convicção espiritual detonada pela remoção da dúvida - pelo menos naquele momento - tornou-se mais profunda e vigorosa que em qualquer um dos demais discípulos. As palavras com as quais Tomé expressa seu júbilo e sua confiança no Cristo Ressurreto estão impregnadas de um conteúdo teológico, até então, jamais encontrado em lábios apostólicos (Jo 20.28).

"Respondeu-lhe Tomé: Senhor meu e Deus meu!"

Durante o lapso de quarenta dias, entre a ressurreição e a ascensão, Jesus manifesta-Se aos discípulos também na Galiléia, como já lhes havia predito (Mt 28.7). Embora algumas outras aparições possam ter se sucedido nesse intervalo de tempo (conf. 1 Co 15-4-8), interessa-nos particularmente observar o marcante encontro de Jesus com sete de Seus discípulos — entre os quais Tomé - às margens do Mar da Galiléia (Jo 21).

Tomé, tanto quanto os demais, permanecia em suspenso e repleto de indagações acerca do futuro de seu discipulado, embora já não mais tivesse qualquer dúvida sobre o cumprimento das Escrituras no sofrimento, morte e ressurreição de seu Mestre. Essas asseverações teológicas, entretanto, não pouparam Tomé e seus amigos da incômoda expectativa que se seguiu às primeiras duas aparições de Cristo. De tal sorte que, durante o intervalo entre a ressurreição e a ascensão, lá estavam eles, de volta ao exercício de sua antiga profissão às margens do Mar da Galiléia. Estariam eles apenas se ocupando enquanto aguardavam a prometida manifestação de Jesus por aquelas bandas (Mt 28.7, Mc 16.7)? Ou seria, antes, um sinal de desânimo e retorno à velha rotina, face às perturbações de um apostolado incerto? O que quer que tenha motivado o retorno dos discípulos ao seu antigo ofício na Galiléia, o fato é que as aparições do Ressurreto, tanto na Judéia quanto na Galiléia, principiaram um tempo de transformação profunda no entendimento dos onze, especialmente no que se refere ao comprometimento do discipulado; tanto que, pouco depois, os encontramos novamente congregados na Judéia, sobre o Monte da Oliveiras, atentando às instruções que precederam a ascensão do Senhor.

O tremendo impacto exercido por esse episódio sobre o coração de Tomé e seus companheiros foi registrado por Lucas, ao final de seu Evangelho.

"E aconteceu que, enquanto os abençoava, ia-se retirando deles, sendo elevado para o céu. Então eles, adorando-o, voltaram para Jerusalém, tomados de grande júbilo; e estavam sempre no templo, louvando a Deus."

(Lc 24.51-55)

As determinações de Jesus aos Seus espectadores no Monte das Oliveiras incluíam - entre outras coisas - a necessidade da permanência em Jerusalém pela espera da anunciada "Promessa do Pai" (Jo 15.26; Lc 24.49), que se tornaria realidade no Pentecostes e que lhes outorgaria o "revestimento de poder", necessário para o pleno exercício de suas funções apostólicas. Então, devidamente equipados pelo Espírito, aqueles galileus estenderiam suas ações ministeriais aos lugares mais remotos do mundo antigo e sob circunstâncias as mais variadas, diante das quais triunfariam como campeões da fé cristã.

Como um significativo componente motivacional, a experiência do Batismo no Espírito Santo vivida no Pentecostes por Tomé e seus companheiros culminou na entrega incondicional de suas vidas à causa cristã, a despeito das severas conseqüências que adviriam. Foi em função dessa entrega que Tomé edificou sua carreira apostólica, amplamente tratada pela tradição cristã primitiva. Veremos a seguir um pouco do que as lendas da Antigüidade narram sobre ela.

A rica tradição sobre as missões de Tomé

Historicamente falando, sabe-se mais acerca de Tomé do que de qualquer dos demais discípulos, excetuados Pedro e João. São tão numerosas quanto variadas as tradições que relatam suas campanhas missionárias pelo mundo do primeiro século.

Constam das regiões tradicionalmente visitadas por Tomé a Babilônia, a Pérsia, a Média, a misteriosa Etiópia asiática, a China e, sobretudo, a exótica Índia, cujo cristianismo deve suas origens à determinação evangelística do apóstolo.

A cristianização da Índia por Tomé — ou Judas



Tomé, como algumas lendas o chamam — é atestada por manuscritos antigos como *O Ensino dos Apóstolos (Didascalia Apostolorum)*, composto entre o fim do segundo e início do terceiro século.

"A Índia e todas as regiões a ela pertencentes, assim como suas adjacências até o mais distante mar, receberam a ordenação apostólica do sacerdócio de Judas Tomé, que se tornou o guia e o líder da Igreja ali estabelecida, na qual ele mesmo ministrou."

Uma publicação que comemorou a visita do Patriarca da Igreja Oriental à Índia registra um interessante testemunho das missões de Tomé àquela região:

"Há mais de mil e novecentos anos, o apóstolo São Tomé, após estabelecer a primeira comunidade cristã em meio ao seu povo em Babilônia, voltou-se à Índia, dirigido pelo Espírito Santo e, movido por um zelo evangélico, atravessou todo esse subcontinente anunciando as Boas-Novas e batizando todos quantos creram no Senhor. Suas palavras caíram em terra boa e, produzindo fruto cento por um, se espalharam por todos os países da Ásia. No entanto, dadas as vicissitudes da história, esta Igreja fundada com sangue dos mártires, através dos séculos, tornou-se quase extinta, sendo reduzida a um pequeno e disperso remanescente."

Na distante Índia, Tomé não apenas conquistou vários milhares de almas para Cristo, mas também estabeleceu congregações por onde passou. Em função do sucesso de seu ministério, Tomé foi alvo de severas perseguições que culminaram em seu martírio, como veremos mais adiante.

Entretanto, antes de atingir esse país, entre 49 e 50 A.D., nosso apóstolo é citado pela história eclesiástica como protagonista de importantes missões na Pérsia (atual Irã), em companhia de Judas Tadeu.

As tradições ligadas às igrejas do sul da Índia relatam que Tomé atingiu a região aportando em Malabar, em 52 A.D., com o provável objetivo de alcançar com o evangelho as colônias sírias, gregas e judaicas de Murizis-Cranganora. A partir dali, o apóstolo iniciou suas missões evangelísticas, das quais germinariam diversas igrejas ao longo de todo sul da Índia. Pelo que sugerem lendas locais, os cristãos de Malabar, devido ao isolamento geográfico da região, mantiveram a pureza doutrinária da fé durante vários séculos.

Os relatos que ligam Tomé à evangelização da Índia reforçam a tese — defendida

por muitos autores atuais — de que a Igreja daquele país teve seu início ainda em tempos apostólicos. O historiador Aziz Atya defende essa possibilidade, comentando uma antiga lenda que envolve nosso personagem e o rei indiano Gondofares (citado em *The Search for The Twelve Apostles*, p.148).

"A congregação cristã do sul da Índia sempre se orgulhou da longa tradição apostólica de seu cristianismo, que se diz ter sido introduzido em Malabar pelo apóstolo Tomé, cujo nome foi por ela adotado.

A origem literária dessa tradição é fundamentada no apócrifo 'Atos de Judas-Tomé', atribuído ao famoso escritor Bardesanes (154-222 A.D.), por volta do fim do segundo século ou começo do terceiro. Segundo ela, um certo Abanes, mercador enviado à Síria, foi comissionado pelo rei indiano Gondofares a procurar, naquele país, um hábil arquiteto que pudesse construir seu palácio. A lenda afirma que o comerciante foi dirigido pelo Espírito Santo ao mercado de Jerusalém de encontro a Tomé, que o acompanha de volta à Índia. Lá chegando, Tomé concordou com o rei em assumir a tarefa durante o inverno, ao invés do verão quando costumeiramente se iniciavam construções naquele lugar. Isso porque o santo idealizava em seu coração um palácio celestial e não material, o que o motivou a dissipar os fundos reais, distribuindo-os entre os pobres. Tomé foi, por isso, capturado e preso por ordem do rei. Entrementes, Gad, o irmão do soberano, faleceu e durante seu velório o mesmo teria contemplado todo o esplendor do palácio celestial anunciado por Tomé. Voltando miraculosamente à vida, Gad testemunhou de sua espantosa visão. O rei e seu irmão, então, libertaram o apóstolo e foram por ele batizados."

Com efeito, os traços sobrenaturais desse relato envolvendo Tomé e o rei indiano fizeram-no permanecer por muitos anos no campo da mera fantasia. Entretanto, pesquisas recentes desenterraram informações que sugerem a historicidade — ao menos parcial — dessa tradição. Primeiramente, deve-se considerar que, no período apostólico, a rota marítima para Índia já era muito utilizada por mercadores ocidentais, especialmente com vistas ao comércio de pimenta. Isso explica porque moedas romanas do primeiro século foram encontradas no solo de Malabar. Esse fluxo comercial deve ter trazido ao conhecimento de alguns apóstolos a existência de populosas cidades e de colônias judaicas naquela região. A numismática lançou outra importante luz sobre a lenda, ao encontrar moedas com as inscrições de dois personagens tidos, até então, como figuras imaginárias: o rei Gondofares e seu irmão Gad. Com base em uma inscrição descoberta

em Gandara, também contendo citações de ambos soberanos, determinou-se o período do reinado de Gondofares entre 19 e 45 A.D., o que o situa próximo à chegada de Tomé àquele país. Existe, portanto, plausibilidade histórica para o relato de Tomé e Gondofares, embora seus detalhes possam e devam ser, com justiça, questionados.

As missões de Tomé ao Oriente aparecem também citadas no manuscrito *Atos de São Tomé na Índia*, uma das mais antigas referências sobre o assunto, cuja produção data de fins do século II. De acordo com essa narrativa, os apóstolos dividiram o mundo entre si, visando equacionar os esforços evangelísticos a serem empreendidos. Feita a partilha, Tomé é designado à longínqua e desconhecida Índia. Revoltado com a escolha, o apóstolo nega-se a aceitar o compromisso. Jesus, então, aparece-lhe em visão e confirma sua vocação para o Oriente. Como permanecesse irreduzível, o Senhor permitiu que Tomé fosse tomado e vendido como escravo ao mercador indiano Abanes, que o conduziu à Índia em cumprimento aos desígnios divinos. Posteriormente, contudo, Tomé reconhece a direção divina naquela escolha e rende-se à parte que lhe fora proposta no ministério, tornando-se célebre por sua significativa colheita de almas na Índia.

Lendas à parte, é possível que missões cristãs à Índia, como as atribuídas a Tomé, na segunda metade do séc. I, tenham seguido um alvo bem definido: as colônias judaicas lá estabelecidas. Sabe-se que uma leva de judeus aportou no país por volta de 72 A.D., após a fracassada revolta contra os romanos, quando Jerusalém e outras localidades palestinas foram pulverizadas. Isso significa dizer que os judeus de então já tinham algum conhecimento daquele país oriental. Mas, curiosamente, a chegada desses colonos ao sul da Índia pode ter antecedentes históricos que remontam a tempos bem anteriores ao período apostólico.

Baseado na obra de Marcellus Bless, clérigo da Companhia Holandesa das Índias Orientais, o erudito alemão J. G. Eichhorn publicou, cerca de duzentos anos atrás, um documento sobre a comunidade judaica de Cochin, na Índia. Bless elaborara seu escrito a partir das informações do judeu convertido Leopold Immanuel Jacob Van Dorf que, em 1757, tivera contato com um importante manuscrito do patriarcado judaico de Cochin. Segundo a *Crônica dos Judeus de Cochin*, a história da colonização judaica no sul da Índia teve início com o exílio imposto pelo rei Salmaneser (727-722 a.O), responsável pelo cerco e conquista da Samaria durante os dias do rei Oséias, nino de Elá (1 Rs 17). Segundo o texto, o soberano assírio exilou cerca de 460 judeus numa região que hoje compreende o Iêmen. Após alguns séculos muitos desses exilados, ouvindo falar das regiões de Poona e Gujerat na Índia, decidiram deslocar-se para lá, levando consigo cópias dos livros sagrados. Ali, tendo sofrido várias pressões para abdicar da fé, muitos

decidiram rumar para a região de Malabar, onde fixaram residência, após as voas-vindas de Cherman Perumal, o governador local.

Ainda que imprecisas ou mesmo contraditórias, as lendas que relatam as imigrações judaicas para a região de Cochim tornam presumível a existência de colônias judaicas na Índia durante o período apostólico. Isso, por certo, transformaria o sul daquele país, particularmente a costa de Malabar - onde se concentra a maior parte das lendas sobre as viagens de Tomé ao Oriente — num atraente pólo para evangelização.

Em 378 A.D., o monge e escritor Jerônimo de Belém, ao comentar a maravilhosa propagação do cristianismo a partir do período apostólico, não deixa dúvidas de que a Índia estava inserida nas principais rotas missionárias dos primeiros séculos.

"Desde a Índia até a Britânia, por todas as nações ecoam a morte e a ressurreição de Cristo."

Escrevendo sobre a vida e a obra dos apóstolos em 1685, o autor britânico Dorman Newman também registra o ministério de Tomé em diversas regiões do Oriente:

"A região designada ao apostolado de Tomé foi a Partia. Mais tarde, pregou o evangelho na Média, na Pérsia, na Horcânia, na Bactria e nas regiões vizinhas. Na Pérsia, encontrou-se com um sábio que fora por ele batizado, e que o seguiu em sua jornada. Dali, anunciou a Palavra na Etiópia, atingindo a Índia. Embora temeroso, uma visão o confortou acerca da presença de Deus ao seu lado nesse empreendimento.

Os portugueses nos afirmam que São Tomé chegou primeiramente a Socotara, uma ilha no Mar Árabe e, então, a Canianor onde, após ter convertido a muitos, estendeu sua viagem mais ao oriente. Ao retornar a Coromandel, começou a construção de um local de adoração cristã, até ser proibido pelo sacerdote e príncipe da região. Não obstante, a sucessão de seus milagres fez não apenas com que esse trabalho fosse concluído, mas também com que Sagamo, o rei, abraçasse a fé cristã."

O teólogo católico A. M. Mundadan, um dos mais respeitáveis pesquisadores da missão de Tomé na Índia, compilou os resultados de seus estudos sobre o assunto para sua tese de doutorado no livro denominado *The Traditions of Saint Thomas Christians (As Tradições dos Cristãos de São Tomé)*. Seu texto, embora claramente romanista em alguns momentos, mostra-se muito elucidativo no que se refere ao ministério de Tomé no Oriente. Eis alguns excertos que merecem destaque:

"Os portugueses chegaram à Índia no final do século quinze. Quando ali aportaram, já possuíam alguma informação, ainda que vaga, com respeito ao apostolado de São Tomé naquele país. Não muito depois de sua chegada, os portugueses começaram a receber uma série de reportagens acerca daquilo que descreviam como 'A Casa' e 'A Tumba' de São Tomé em Milapora, na costa de Coromandel. Entretanto, durante as duas primeiras décadas, os oficiais portugueses estiveram tão ocupados com a costa de Malabar e Goa que dedicaram pouca ou quase nenhuma atenção aos assuntos relativos a Coromandel. Foi a partir das primeiras décadas do século dezesseis que dedicaram sérios esforços em explorar Milapora e Coromandel, em busca da 'Casa de São Tomé'.

(...)

Nossa fonte de pesquisa sobre o apostolado indiano de São Tomé é, basicamente, a tradição, uma vez não se dispõe de qualquer manuscrito contemporâneo a este ministério (...). O mais antigo testemunho que temos acerca da pregação de São Tomé na Índia refere-se ao romance apócrifo 'Atos de São Tomé', escrito em siríaco, entre o final do segundo e princípio do terceiro século. Do século III em diante encontramos freqüentes alusões ao apostolado parto ou indiano de São Tomé nos escritos dos Pais da Igreja, bem como de outros escritores eclesiásticos. A partir do quarto século a tradição a esse respeito torna-se constante e unânime.

(...)

O conteúdo da tradição ocidental sobre o assunto (...) pode ser assim sintetizado: o apóstolo Tomé pregou o evangelho na Partia e na Índia, converteu a muitos, inclusive membros da realeza, vindo, posteriormente, a sofrer martírio (...). A principal fonte dessa tradição é, sem dúvida, o apócrifo 'Atos de São Tomé', no qual a Índia é mencionada como o palco de suas atividades. Embora os escritores do terceiro século até o Concílio de Nicéia identifiquem o local como a Partia, os autores pós-nicenos o reconhecem como sendo a Índia.

(...)

A tradição indiana não é, de todo, uniforme em seu conteúdo, variando conforme a fonte e o lugar. Podemos resumí-la da seguinte forma: São Tomé, um dos doze apóstolos de Nosso Senhor veio diretamente do ocidente próximo e aportou em Cranganora, em aproximadamente 52 A.D. Converteu famílias da alta casta hindu de Cranganora, Palaiur e Quilon, consagrando sacerdotes dentre os membros de algumas delas; construiu sete igrejas e erigiu algumas cruzeiras; passou então à costa oriental, onde sofreu martírio. Sua

tumba encontra-se na costa de Milapora.

(...)

A tradição ocidental geralmente toma como base os 'Atos de São Tomé'. Assim, os autores que negam o valor histórico dessa obra, negam, conseqüentemente e por completo, o apostolado indiano de São Tomé. Aqueles, no entanto, que defendem o ministério de Tomé no norte da Índia, acabam por atribuir alguma historicidade a esse escrito apócrifo. Estamos, no entanto, inclinados a afirmar que os 'Atos de São Tomé' não podem ter sido a única fonte da tradição ocidental sobre o assunto, uma vez que ela apresenta-se constante e unânime desde o princípio do quarto século e, especialmente, porque alguns dos Pais da Igreja, já por essa época, reconheciam esse escrito como apócrifo. Deve ter existido algum forte elemento na tradição oral acerca do apostolado de São Tomé, antes da composição dos 'Atos' e que deu origem ao núcleo de onde se desenvolveu esse romance.

(...)

O apóstolo São Tomé foi enviado por ordens de Cristo às partes da Índia. Foi acompanhado por dois outros apóstolos, São Judas e São Bartolomeu. Tomé e Judas Tadeu visitaram, primeiramente, a Babilônia e, após passarem por Bacora, se dirigiram a Qualexquadaqua onde Judas Tadeu permaneceu, convertendo muitos ao cristianismo e construindo casas de oração.(...) São Bartolomeu passou aos termos da Pérsia e, uma vez morto, foi sepultado em um mosteiro em Tabris, na região de Xequismael. (...) São Tomé, deixando Judas Tadeu, voltou-se a Socotora e, posteriormente, a Milapora e a China; na Cabália converteu a muitos e construiu uma casa de oração. De lá, retornou a Milapora, onde viveu numa colina, aproximadamente uma légua e meia do local onde, mais tarde, se construiria sua casa.

(...)

Amador Correia que, em 1564, descreveu a Festa dos Cristãos de São Tomé, relata que tal festividade se realizava em celebração à chegada do apóstolo, após sua longa jornada marítima, aportando a duas léguas de Cranganora. Roz, que bem conhecia a tradição oriunda dos livros caldeus bem como a tradição local, tanto oral como escrita, nos conta que São Tomé vendeu-se como escravo para um certo senhor, embaixador do rei de Bisnaga, objetivando atingir a Índia e pregar o evangelho. Ali chegando, anunciou a Palavra e muitos se batizaram em Cambaia e nas terras de Mogor, Socotora, Malabar e Bisnaga, chegando até a China "(...) de acordo com o Breviário Caldeu de São Tomé. Nesses lugares, ainda hoje, se acham vestígios desse cristianismo primitivo.

(...)

São Tomé pregou o evangelho, batizou pessoas e fundou igrejas por todos os lugares por onde andou. De acordo com uma inscrição em pedra, interpretada pelos cristãos de São Tomé (...) o apóstolo converteu três dos principais reis da Índia: o de Bisnaga, por eles chamado Xoren Perumal, o de Pandi, chamado Pandi Perumal e de toda Malabar, Xaran Perumal.

(...)

Quanto à possibilidade de São Tomé ter pregado na Índia (quer em regiões do sul ou do norte), ninguém pode realmente questionar. Seria um despropósito crer que o cristianismo tenha sido anunciado pelos discípulos apenas nos limites do Império Romano, sempre no sentido ocidental. O despertar da Era Cristã verificou a existência de muitas rotas comerciais que conectavam o ocidente ao distante oriente, as quais eram muito utilizadas. Algumas rotas terrestres atingiam o norte da Índia, enquanto as marítimas alcançavam a costa de Malabar e outras regiões meridionais daquele país. Portanto, ninguém pode, consistentemente, negar a possibilidade de um ou mais dos discípulos ter visitado a Índia e pregado o cristianismo naquele lugar."

Embora parte da tradição dos *Atos de Tomé* sugira o noroeste, é mais provável que o cerne do ministério do apóstolo na Índia tenha sido a região sul, precisamente a costa de Malabar. Se, por um lado, há escassas evidências históricas da cristianização do norte indiano, a região meridional apresenta não apenas o testemunho milenar dos cristãos de São Tomé — que reclamam suas raízes diretamente do apóstolo — mas também a chamada *Tumba de São Tomé em Milapora*, assim identificada desde o século XIII.

A chegada entre os cristãos indianos primitivos de um certo Tomé de Cana, mercador cristão de origem síria, que também parece ter pregado a palavra na região, trouxe um certo descrédito para a decantada missão do apóstolo na Índia. Sugeriu-se que, cora o passar dos anos, a tradição local pudesse ter confundido ambos os personagens. É preciso lembrar, entretanto, que a tradição tanto oral como escrita dos cristãos de Malabar sempre se demonstrou cuidadosa em distinguir esse obscuro personagem do apóstolo de Jesus Cristo.

Após a morte de Tomé, as lendas contam que a comunidade dos cristãos de São Tomé permaneceu aproximadamente noventa anos desprovida de liderança eclesiástica, tornando-se suscetível a desvios doutrinários. Essa fragilidade confirmou-se, pouco depois, com o advento do místico Manikabashar que, após operar vários encantamentos em Milapora, seduziu muitos cristãos locais com sua falsa doutrina. Contudo,

aproximadamente cento e sessenta famílias que permaneceram fiéis ao evangelho refugiaram-se em Malabar, encontrando apoio no seio dos crentes da região. Essa migração fortaleceu o cristianismo do sul da Índia e contribuiu para sua preservação, até os dias atuais.

A Igreja sírio-indiana de Mar-Thoma constitui-se em mais uma evidência da presença de Tomé no sul da Índia. O Rev. T P. Abraham, em seu artigo *The Mar-Thoma Church: An Historical Sketch (A Igreja Mar-Thoma: Um Esboço Histórico)*, relata as origens dessa denominação oriental:

"Juntas, a história e a tradição provêm material suficiente para cremos nas lendas que apontam São Tomé como fundador da Igreja Indiana, em 52 A.D. Através dos tempos, a jovem Igreja, enraizada nas terras de Kerala, registrou tremendo crescimento em várias partes desse estado do sul da Índia. Contudo, após o martírio do apóstolo São Tomé, o crescimento, o desenvolvimento e as missões dessa comunidade foram cobertos por grande mistério. Por um período de quinze séculos a Igreja Síria (Mar-Thoma) manteve relações cordiais com as Igrejas Alexandrina e Persa.(...) Durante a Idade Média, a Igreja conectou-se ao cristianismo europeu. Muitos missionários como João de Monte Corvino, Marcopolo, Jordanus, Oderico e outros, visitaram Kerala. A partir dos relatos dessas viagens aprendemos muito acerca da Igreja neste período. Porém, só obtivemos uma história detalhada da Igreja com a chegada dos portugueses, na última década do séc. XV."

Como se deu o martírio de Tomé?

As lendas acerca do martírio de Tomé são tão numerosas quanto aquelas sobre seu extenso ministério. Embora as circunstâncias e a data em que o apóstolo encerrou sua gloriosa carreira variem segundo as várias tradições sobre o assunto, alguns pontos em comum podem ser facilmente percebidos. Antes de tudo, parece não haver dúvidas de que Tomé foi realmente martirizado em decorrência da proclamação de sua fé, e de que essa execução se sucedeu em algum lugar do sul da Índia, talvez em Malabar, onde o apóstolo supostamente exerceu os últimos anos de seu profícuo ministério. Muitas narrativas concordam também que Tomé morreu de forma violenta, perfurado por uma lança ou por um pequeno dardo. Algumas apresentam seus executores como criminosos enviados pelo rei indiano Mizdi, outras como sacerdotes brâmanes, enciumados com o sucesso que a doutrina trazida por Tomé fazia entre os habitantes locais.

Ao longo do século XVI, os exploradores portugueses à Índia, ao inquirirem os nativos visando investigar as lendas acerca do suplício de Tomé, resgataram algumas

importantes versões sobre o caso, como nos conta o então missionário Diogo Couto (citado em *The Search for the Twelve Apostles*, p. 160):

"Os brâmanes, enfurecidos após serem desacreditados diante do rei pela virtude de São Tomé, se dispuseram a matá-lo. Sabendo que o apóstolo se encontrava em uma caverna nas proximidades da Pequena Montanha (que, ao tempo de Tomé era conhecida como Antenodur), concentraram-se próximos à escarpa do morro, onde se achava um estreito orifício, através do qual a caverna recebia um pouco de luz. Observando pelo pequeno buraco, enxergaram o apóstolo orando, com seus olhos fechados e prostrado sobre seus joelhos. Encontrava-se de tal maneira tomado por um profundo êxtase espiritual que parecia desfalecido. Os brâmanes, então, atiraram uma lança pelo orifício a qual, atingindo o apóstolo, feriu-o mortalmente(...). O ferimento causado pela penetração do dardo aprofundou-se por cerca de meio palmo no corpo de Tomé. Quando ouviram seu gemido, os assassinos fugiram. Tomé, pois, em sua agonia de morte, arrastou-se desde a caverna até o chamado Grande Monte onde, finalmente, expirou."

A mesma narrativa continua, registrando que o Grande Monte para o qual Tomé se dirigiu, já em seus últimos momentos de vida, era o sítio principal de suas ministrações evangelísticas e o local onde geralmente congregava seus discípulos. Ali, diz a lenda, o estertorante apóstolo, abraçado em uma cruz de pedra, encomendou sua alma ao Mestre.

Aversão do caso, contada por Dorman Newman em 1685, no livro *The Lives and Deaths of the Holy Apostles*, coincide em alguns pontos com a compilada pelo português Diogo Couto, especialmente no que se refere ao complô dos sacerdotes brâmanes contra a vida de Tomé.

"Percebendo que isso comprometeria seu negócio e, a certa altura, ameaçaria extirpar sua religião daquele país, os brâmanes decidiram interromper a expansão do evangelho, resolvendo em conselho tirar a vida do apóstolo Tomé. Este habitualmente se encontrava com seus discípulos em uma caverna não muito distante de Carmandal. Os brâmanes e seus seguidores seguiram-no até o local e, enquanto o apóstolo se dispôs a orar, lançaram-se contra ele, executando-o com dardos e lanças.

Newman comenta ainda que os exploradores portugueses na Índia receberam algumas placas de bronze, decifradas por um certo judeu, nas quais foram verificadas alusões à doação oficial de um lote de terra à Tomé, destinado à edificação de uma Igreja. No interior desse santuário os lusitanos teriam encontrado uma cruz repleta de escritos ininteligíveis. Após ser decifrado por um sábio brâmane, o texto rezava o

seguinte:

"Tomé, um homem de divina procedência, foi enviado a todas as regiões pelo Filho de Deus nos dias do Rei Sagamo, a fim de instruir os povos acerca do Deus verdadeiro. Construiu uma Igreja e realizou milagres admiráveis. Porém, ao orar prostrado sobre seus joelhos foi atravessado por uma lança, ficando esta cruz manchada com seu sangue, deixada como memorial desses acontecimentos".

As relíquias e o túmulo de Tomé

Se os relatos que tratam da rota apostólica de Tomé se apresentam, frequentemente, confusos ou mesmo contraditórios, o mesmo se pode afirmar das lendas referentes ao destino de seus restos mortais.

João Crisóstomo, monge e Patriarca de Constantinopla (séculos IV-V), foi um dos primeiros a mencionar os restos do apóstolo Tomé. Embora não defina claramente o local, Crisóstomo afirma que a túmulo do discípulo encontrava-se junto aos de Pedro e Paulo. Presume-se que Crisóstomo estivesse se referindo a Roma, uma vez que a tradição que liga o túmulo de Pedro àquela cidade já se encontrava definitivamente estabelecida no século IV.

Comentando sobre o tema em sua obra *The Traditions of Saint Thomas Christians (As Tradições dos Cristãos de São Tomé)*, o Dr. Mundadan acrescenta.

"De acordo com os Atos de Tomé, antes de A.D. 200 A.D. os ossos do apóstolo devem ter sido removidos para o ocidente. Algum tempo depois do suplício e do sepultamento de São Tomé, o filho de Mazdai, soberano da região em que o apóstolo foi martirizado, caiu enfermo. Na tentativa de curar seu filho expondo-o às relíquias do apóstolo, o rei abre o túmulo de Tomé, mas não encontra seus restos 'porquanto um dos cristãos locais secretamente os tomou e os conduziu ao ocidente'."

A lenda continua, afirmando que embora Mazdai, em sua busca desesperada, tenha encontrado vazia a tumba, determinou levar consigo uma pequena porção da terra do sarcófago para, logo a seguir, derramá-la sobre o príncipe moribundo, na esperança de que a virtude curadora de Tomé ainda se manifestasse. Com o restabelecimento miraculoso do jovem soberano, toda a realeza teria, então, se convertido ao evangelho.

Lendas que remontam aos séculos V e VI relatam que o funeral de Tomé foi sobremodo honroso e marcado por eventos sobrenaturais que continuaram se sucedendo por algum tempo nas proximidades de seu túmulo.

Da mesma época provém a tradição de que cristãos sírios requisitaram ao imperador romano do Oriente que custeasse a transferência das relíquias de Tomé da Índia para Edessa, na Mesopotâmia setentrional. Conquanto esse evento não conte com o respaldo das missões portuguesas à Índia — que mostraram nada descobrir sobre o assunto — algumas lendas da região de Edessa comemoram o dia três de julho como a data da célebre chegada do corpo à cidade.

É possível que o zelo dos cristãos de Edessa pelos restos do apóstolo reflita alguma tradição mais antiga ligando Tomé àquela cidade mesopotâmica. Embora só tenha sido incorporada ao Império Romano sob Caracala no séc. III, Edessa constituía um importante entreposto comercial, pelo qual passavam mercadores ocidentais em suas rotas para a Mesopotâmia, a Partia, a Pérsia e a Índia. Essa geografia estratégica fez de Edessa um centro para o qual afluíram alguns missionários cristãos, dentre os quais possivelmente alguns apóstolos, já que o cristianismo parece ter chegado ali antes do fim do primeiro século.

Mufazzal Abil-Fazail, historiador do século XIV, incluiu em seu texto sobre a saga dos sultões mamelucos, uma menção especial ao mosteiro de MarTouma, na Índia, que — segundo ele — abrigava a *"eternamente viva mão de um dos discípulos de Nosso Senhor, o Messias"*. Conforme conta Abil-Fazail, os peregrinos que visitavam o local testemunhavam o óleo santo que escorria da mão do apóstolo Tomé, cuidadosamente preservada em um nicho nos subterrâneos do mosteiro.

Tomé Lopes, que acompanhou o explorador Vasco da Gama em sua segunda viagem à Índia, em 1503, afirma que os cristãos locais diziam ter conduzido grandes peregrinações ao lugar que tradicionalmente se cria ser a tumba do apóstolo Tomé. Não obstante, autoridades sobre o assunto, como o Dr. Mundadan, sustentam que os portugueses, apesar de empreenderem severos esforços e receberem importantes orientações de viajantes europeus, mercadores armênios e dos próprios cristãos indianos, nunca chegaram a atingir o sítio no qual se cria estar o túmulo de São Tomé.

O local hoje estudado como sendo possivelmente a tumba do apóstolo na Índia, foi descrito pelo Dr. George Schurhammer, em seu prefácio ao livro *Traditions of the Saint Thomas Christians*.

"Os blocos pertencentes à porção mais antiga do túmulo, correspondente ao muro sul, medem cerca de 15,5 polegadas de comprimento por 8 de largura e 3 de espessura. O Sr. Longhurst, do Departamento de Arqueologia, em Southern Circle, na Índia, que inspecionou a tumba em 1921, declarou que os referidos blocos são antiqüíssimos e que,

exceto pela inferioridade de seu comprimento, são do mesmo tipo encontrado em antigos templos budistas (...) Vinte e quatro anos depois, em 1945, escavações foram conduzidas ao sul de Milapora, nos arredores de Arikamedu, próximo a Pondicherry, onde se descobriu, pela primeira vez na Índia, os restos de um mercado romano, fundado no princípio do século I. O primeiro estrato do edifício era de madeira e a cerâmica remontava ao primeiro século. Já a segunda camada, começada por volta de 50 A.D. e abandonada pouco antes do fim do primeiro século, era de blocos cujas dimensões mostraram-se idênticas às da tumba de São Tomé em Milapora, ou seja, 15,5 x 8 x 3! Os blocos que se acrescentaram ao edifício durante o segundo século, apresentam, por sua vez, dimensões diferentes."

Portanto, o local comumente aceito na atualidade como o túmulo de São Tomé está situado em Milapora, um distrito da grande cidade portuária de Madrastra, na costa de Coromandel, ao sul da Índia. Contra aqueles que desafiam essa tradição, pesa o testemunho milenar dos cristãos de São Tomé.

Com o passar dos séculos, a criação de estereótipos bíblicos acabou contribuindo consideravelmente para a distorção da imagem de alguns dos discípulos de Jesus. A partir dessas caricaturas apostólicas, imaginamos, por exemplo, o apóstolo Pedro como um homem sempre impulsivo, tempestuoso e inconstante, embora sejam notórios o quebrantamento e a maturação espiritual pelos quais passou, responsáveis não apenas por seu aperfeiçoamento como discípulo, mas também por sua transformação num dos gigantes da fé cristã em todos os tempos. Ao sabor da tradição medieval, somos influenciados a conceber João, irmão de Tiago, como um jovem exemplar em mansidão e temperança, ignorando sua ambição e caráter irascível, claramente relatados nos evangelhos (Mc 3.17). Com Tomé, não poderia ser diferente. A tradição pós-bíblica desafortunadamente lançou sobre ele todo o ônus da incredulidade relativa a ressurreição de Cristo, embora Tomé não tenha sido o único dentre os doze a demonstrá-la. Expressões populares como "Teste de São Tomé" ou, ainda, "*Doubting Thomas*" deixam claro a característica magna com a qual as gerações desenharam o perfil desse gigante do cristianismo.

Procuramos mostrar, a partir de uma perspectiva bíblica, que o estigma da incredulidade não pode ser atribuído exclusivamente a Tomé sem que se pratique uma flagrante injustiça ao relato neotestamentário. Nosso apóstolo de fato descreu, mas o fez num momento onde a fé de todos os discípulos igualmente estremeceu.

A julgar pela diversidade das narrativas tradicionais, é certo que Tomé exerceu um

dos mais dinâmicos, extensos e profícuos apostolados dentre os doze. O teor fantasioso com que o apócrifo *Atos de São Tomé* retrata a visita do rei indiano Gondofares a Tomé é um bom indicador da admiração e do respeito com que os cristãos primitivos eternizaram a obra desse memorável discípulo de Jesus.

"Trouxeram óleo e acenderam as lâmpadas, pois já era noite. Eis, então, que o apóstolo levantou-se e, com grande voz, orou sobre eles, dizendo: 'Paz seja convosco, ó irmãos.' Eles ouviam sua voz, no entanto não podiam ver sua forma, uma vez que ainda não tinham sido batizados. O santo, então, tomando óleo em suas mãos, ungiu suas cabeças e orou, dizendo.

'Vem , ó Nome de Cristo, que é sobre todo o nome!

Vem ó Nome, que é santo, exaltado e rico em misericórdia!

Faze vir sobre nós a Tua misericórdia!'"

Mais que pelos seus circunstanciais momentos de dúvida, a tradição cristã nos assegura que Tomé mostrou-se digno de ser lembrado pela posteridade como aquele que não temeu expor sua própria vida aos perigos e privações da carreira apostólica. Seu fim, violentamente perpetrado pelos inimigos da fé, é prova incontestante de como a fé e a confiança no Nome de Jesus se tornaram os ditames de seu ministério.

ANDRÉ

"Caminhando junto ao Mar da Galiléia, viu dois irmãos, Si-mão, chamado Pedro, e André, que lançavam rede ao mar, porque eram pescadores."

Mateus 4.18

As informações bíblicas e históricas disponíveis sobre a biografia do apóstolo André não deixam dúvidas quanto a sua relevante participação tanto na pequena comunidade dos discípulos de Jesus, como na liderança de congregações cristãs do primeiro século.

Celebrado pela tradição ortodoxa grega como *Protocletos* (o primeiro chamado) dentre os doze (Jo 1.40), André, cujo nome significa *varonil*, nasceu em Betsaida Julias, às margens do Mar da Galiléia. Essa região tornou-se memorável não apenas por sua beleza particular, mas também pelas sangrentas batalhas travadas naqueles arredores, décadas mais tarde, durante a revolta dos zelotes. Foi precisamente em Betsaida que o então comandante zelote, Flavius Josefo, construiu o quartel-general da resistência armada contra Roma.

Seguindo os passos de João Batista

André e seu irmão Simão (mais tarde, Pedro) eram pescadores, assim como seu pai Jonas e a maioria dos habitantes das margens do Mar da Galiléia . É provável, entretanto, que ainda cedo André tenha se afastado parcial ou completamente de seu ofício, incomodado por questionamentos e anseios interiores, não satisfeitos com a religiosidade estabelecida em sua vida. Começou aí a jornada espiritual que o conduziu, mais tarde, ao encontro dAquele que mudaria por completo o curso de sua existência.

João Batista, o profeta cujos ensinamentos André seguiu por algum tempo, representou um referencial importante em sua peregrinação espiritual. Sobre esses anos de inquietude vividos pelo futuro apóstolo, esclarece McBirnie (*op. cit.*, p. 77):

"Aparentemente, André ocupava-se mais dos assuntos da alma do que propriamente de suas pescarias, tanto que abandonou suas redes para seguir os passos de João Batista. Para isso, André precisou percorrer um longo caminho através do Vale do Jordão, até atingir o local onde João pregava, isto é, Betânia, uma cidade que se localizava além do Rio Jordão, defronte a Jerico. Ali, o apóstolo finalmente deparou com a

voz de autoridade espiritual que ansiosamente procurava. André, descontente com a imoralidade, as intrigas e a desonestidade por ele atestadas nas cidades da Galiléia e da Judéia, encontrou em João Batista um homem segundo seu coração: alguém inquieto e sem atrativos, porém fiel devoto das virtudes mais simples; um homem para quem a carne e o clamor do mundo pouco significavam. Este, verdadeiramente, era um homem digno de ser seguido!"

Mas, para compreendermos um pouco mais sobre o pensamento de André, é necessário conhecer aquele que norteou seus primeiros passos na busca da salvação divina: o profeta João Batista.

Embora crescido em meio a um regime ascético e na mais rígida simplicidade, João Batista era, na verdade, descendente de nobre linhagem sacerdotal, tanto por parte materna quanto paterna. Seu pai, Zacarias, era sacerdote do oitavo turno de ministração, correspondente ao turno de Abias (1 Cr 24.10, 2 Cr 8.14, Ne 12.4-17, Lc 1.5). Isabel, sua mãe, era descendente da casa sacerdotal de Aarão. As circunstâncias sobrenaturais que cercaram sua concepção e seu nascimento estão atentamente descritas no primeiro capítulo do Evangelho de Lucas. Isso, de certo modo, denota a importância que a Igreja primitiva atribuía ao seu trabalho profético, como predecessor do Messias.



Divinamente vocacionado para o nazirato desde o ventre materno (Lc 1.15), João Batista preparou-se para seu árduo ministério profético retirando-se para o Deserto da Judéia, na região oeste do Mar Morto, sob cuja aridez despendeu boa parte de sua vida. Vestia-se de maneira rude, à moda típica dos profetas (comp. Mt 3.4 e 2 Rs 1.8) e alimentava-se segundo as escassas possibilidades oferecidas pela região.

O chamado de Deus em sua vida alcançou notoriedade nacional quando o profeta principiou a pregação do arrependimento e do batismo para perdão dos pecados, tal como registra a narrativa lucana (Lc 3.1-3).

"No décimo quinto ano do reinado de Tibério César, sendo Pôncio Pilatos governador da Judéia, Herodes tetrarca da Galiléia, seu irmão Filipe tetrarca da região da Ituréia e de Traconites, e Lisânias tetrarca de Abilene, sendo sumos sacerdotes Anás e Caifás, veio a palavra de Deus a João, filho de Zacarias, no deserto. Ele percorreu toda a

circunvizinhança do Jordão, pregando batismo de arrependimento para remissão de pecados;"

Tanto quanto a santidade e a consagração a Deus, João Batista trouxe no bojo de seu ofício profético a marca da coragem e da determinação com as quais exortava o povo, sem acepção de pessoas. No princípio de suas pregações, mostrou oposição à crassa hipocrisia dos fariseus e saduceus, contra os quais trovejava (Mt 3.7-8).

"Raça de víboras, quem vos induziu a fugir da ira vindoura? Produzi, pois, fruto digno de arrependimento."

A corrupção que imperava em meio aos coletores de impostos, assim como a inquietude que rondava os soldados foram, da mesma sorte, publicamente desafiadas por João Batista (Lc 3.10-14). Tão arrebatadora foi sua autoridade diante das multidões que muitos se convenciam de que o rude ermitão poderia não ser apenas mais um dentre tantos profetas, mas o próprio Messias (Lc3.15), aquele sobre quem brilharam as luzes proféticas desde a Antigüidade. No entanto, a possível tentação de usurpar uma posição espiritual para a qual não fora designado não encontrou guarida no fiel coração de João Batista. Diante das constantes indagações populares acerca de sua suposta messianidade, João contundentemente afirmava:

"(...)Eu não sou o Cristo, mas fui enviado como seu precursor"

Jo 3.28

"(...) Após mim vem aquele que é mais poderoso do que eu, do qual não sou digno de, curvando-me, desatar-lhe as correias das sandálias."

Mc 1.7

João Batista não parece ter conhecido limites em sua fidelidade para com o Penhor. Nem mesmo os pecados praticados pelo despótico Herodes Antipas foram privados de sua execração pública. Desprezando as terríveis conseqüências de sua ousadia, o devoto não poupou severas admoestações ao adultério vivido por Herodes com a mulher de seu irmão, Herodias, e por outras tantas crueldades cometidas pelo soberano, conforme vemos em Mt 14.3.

Embora o tirano prezasse intimamente a João (Mc 6.20), isso não o impediu de

lançá-lo no cárcere da isolada Fortaleza de Maquiros, na costa oriental do Mar Morto. Ali, durante os excessos de sua festa natalícia e no devaneio protagonizado pela sensual filha de Herodias, cujo nome, segundo Flávio Josefo, era Salomé, mandou-o decapitar, em 29 A.D.

A coragem e a determinação mostradas pelo profeta em seu ministério foram lembradas de maneira especial pelo próprio Senhor Jesus, no testemunho de Mt 11.7-11.

"(...) Que saístes a ver no deserto? Um caniço agitado pelo vento?

Sim, que saístes a ver? Um homem vestido de roupas finas? Ora, os que vestem roupas finas assistem nos palácios reais.

Mas, para que saístes? Para ver um profeta? Sim, eu vos digo, e muito mais que profeta.

(...)

Em verdade vos digo: Entre os nascidos de mulher, ninguém apareceu maior que João Batista (...)"

É de se supor que os seguidores de João Batista, especialmente aqueles que, como André, se tornaram mais tarde discípulos de Jesus, manifestaram em seus ministérios as marcas indelévels da intrepidez com que o profeta abraçou a causa messiânica. Como veremos mais adiante, as lendas que relatam as aventuras apostólicas de André, ainda que muitas vezes romantizadas, são uma evidência de seu empenho como pregador das boas novas de Cristo.



O período de maturação espiritual experimentado em companhia de João Batista é visto por McBirnie como um tempo em que se lançaram alguns dos alicerces do futuro ministério de André (*op. cit.*, p.78).

"Após ouvir a mensagem de João e contemplar as multidões que, como rebanhos, deixavam as cidades da Judéia em busca de auxílio espiritual e, após assistir João no batismo daqueles que desejavam morrer para sua velha natureza e viver uma nova vida, André finalmente equipou-se para o evento que iria, em breve, mudar diametralmente sua vida."

Sem embargo, o clamor jubiloso de seu mestre diante do até então desconhecido nazareno, fez com que André entendesse que Se manifestara, afinal, aquele de quem João Batista tornara-se o notório precursor (Jo 1.29-30).

"(...) Eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo! É este a favor de quem eu disse: Após mim vem um varão que tem a primazia, porque já existia antes de mim."

O ministério de João Batista ficara para trás. Para André e alguns de seus amigos chegara o momento para o qual foram treinados e pelo qual aguardaram tão ansiosos; era a hora de seguir sem reservas a *verdadeira luz que, vinda ao mundo, ilumina a todo o homem* (Jo 1.9).

Deixando a árida paisagem do Deserto da Judéia, André se dispôs a seguir os passos de Jesus nos arrabaldes da Gailéia. De tal sorte marcante foi a impressão inicial causada por Jesus, que lá chegando não tardou em buscar por seu irmão e informar-lhe sobre algo que todo ouvido em Israel ansiava escutar: *Achamos o Messias!* (Jo 1.41).

A cronologia da vocação dos discípulos é, de certo modo, confusa, já que os evangelistas não cuidaram de estabelecer divisões de tempo exatas para os fatos que relataram. Assim, ao que parece, André, como discípulo que fora de João Batista, manteve contato com Jesus antes da formalização de seu discipulado. McBirnie propõe um esclarecimento para os meandros cronológicos que separam os primeiros encontros de André com Jesus e sua definitiva chamada como discípulo (*op. cit.*, p.78-79).

"Nesse estágio, André ainda não era exatamente o que se pode chamar de um discípulo de Jesus. Assim como os demais, André era meramente Seu seguidor, ou seja, um acompanhante interessado em observar à distância o que se passava. Jesus, então, tomou consigo a Pedro, André, Filipe e João e dirigiu-se de volta a Nazaré. Entrementes, foi submetido aos quarenta dias de tentação no deserto, após Seu batismo. A seguir, eles acompanharam Jesus a uma festa de casamento em Cana da Galiléia, a apenas dez quilômetros de Nazaré. Em Cana puderam testemunhar a realização de Seu primeiro milagre. Jesus os conduziu, então, a uma



verdadeira jornada evangelística por toda Galiléia e, mais tarde, por Jerusalém onde O viram 'purificar' o Templo. Contudo, durante este período, nenhum deles era ainda discípulo de Jesus. Mais tarde, todos retornaram à Galiléia, voltando ao seu antigo ofício de pescadores. Não sabemos quanto tempo se passou até que Jesus, certo dia, voltasse a Cafarnaum, nas margens do Mar da Galiléia, e lá encontrasse a André e Pedro."

Ao contrário do que acontece com seu irmão Pedro, infelizmente, não são muitos os registros bíblicos da passagem de André como discípulo de Jesus. Isso, com efeito, nos impossibilita uma projeção dos traços gerais de sua personalidade, visto que o legado posterior da tradição cristã nem sempre é digno de crédito.

A parte os versículos que narram sua chamada, ao lado de Pedro, às margens do Mar da Galiléia e das passagens que o inserem nas listas apostólicas, raramente encontramos alguma menção de sua participação no rol dos discípulos. Em Mc 13.3-4 André aparece, ao lado de Pedro, Tiago e João no Monte das Oliveiras, inquirindo Jesus a respeito dos assustadores vaticínios que acabara de ouvir sobre o templo e a cidade de Jerusalém. Noutra ocasião, minutos antes da miraculosa multiplicação dos pães (Jo 6.8-9), vemo-lo apresentando a Jesus alguém que dispunha de míseros cinco pães e dois peixes, na busca de uma solução para a fome que já começava a incomodar a multidão presente. Na passagem de Jo 12.20-22, André é um dos que conduzem ao encontro de Jesus alguns gentios, prosélitos do judaísmo, que ansiavam conhecê-Lo.

Em face da escassez de informações bíblicas sobre seu perfil e suas ações enquanto discípulo, a tradição medieval traçou o contorno de André a partir do testemunho de Jo 1.40-42, definindo-o como o pai das missões apostólicas. Tal assertiva constitui, obviamente, mais uma dentre as várias caricaturas apostólicas formadas cora o passar dos séculos. O fato de o discípulo ter se apressado em relatar a Pedro seu descobrimento, conforme nos conta o evangelista, não faz dele necessariamente um grande referencial de missionário cristão. Todos aqueles em cujos corações Jesus causou semelhante impacto fizeram o mesmo com seus amigos e parentes, visto que a expectativa messiânica era algo que inundava os corações na Israel naqueles dias. Além do que, as lendas cristãs creditam mais empenho a apóstolos como Pedro, João, Tomé e Judas Tadeu do que propriamente a André.

Sem embargo, nosso apóstolo parece ter realmente experimentado grandes oportunidades de espalhar a semente da Palavra por diversas regiões da Antigüidade. A seguir, veremos alguns dos relatos mais interessantes dessas tradições.

As missões no leste europeu e o martírio em Patras, na Grécia

Embora alguns autores apontem André como um dos anciões que permaneceram na liderança da Igreja de Jerusalém, outros têm por certo que o apóstolo deixou ainda cedo a Cidade Santa rumo às missões evangélicas no estrangeiro. Se isso for verdade, é possível que tal decisão tenha sido fruto da perseguição que se instaurou na cidade durante os primeiros anos da Igreja. Existe, entretanto, certa dificuldade de se conciliar essa partida de André nessa época com o registro lucano de At 8.1.

"Naquele dia levantou-se grande perseguição contra a Igreja em Jerusalém; e todos exceto os apóstolos, foram dispersos pelas regiões da Judéia e da Samaria."

De qualquer modo, em 44 A.D. nova pressão se levantou contra os cristãos de Jerusalém. Desta vez, a violenta morte de Tiago Maior e o aprisionamento de Pedro, sob ordens de Herodes Agripa, podem ter convencido alguns dos apóstolos, entre os quais André, a buscarem novos campos para sua lavoura espiritual. Suspeita-se que foi por essa mesma época que Pedro, após ser miraculosamente solto, por fim decidiu estender seu apostolado para além dos limites da Judéia (At 12.3-17).

Uma das mais fortes tradições acerca do trabalho missionário de André, endossada pelo historiador Eusébio (*História Eclesiástica* III, 1,1) diz respeito ao sul da Rússia, especialmente às regiões outrora conhecidas como Cítia e Partia, próximas ao Mar Negro. Por testemunhos tradicionais como esse, André foi adotado como patrono da Igreja russa.

Outra forte tradição afirma que André exerceu parte de seu ministério em algumas regiões da Ásia Menor, onde se sabe que houve grande intensidade evangélica durante a era apostólica. Em Éfeso, teria compartilhado uma revelação de Deus com o amigo e apóstolo João, contribuindo para a elaboração de seu Evangelho. Esses relatos são, em suma, confirmados pelo martirológio da Igreja Ortodoxa Russa, que apresenta a seguinte proposta para as jornadas pós-bíblicas de André.

"Após o Pentecostes, André ensinou em Bizâncio, na Trácia, na Rússia, em Epiros e no Peloponeso. Em Amisos, converteu no templo os judeus locais, batizando-os e curando seus enfermos. Edificou ali uma Igreja e deixou-os em companhia de um sacerdote. Na Bitínia, pregou a palavra, curou os enfermos e expulsou as bestas-feras que os perturbavam. Suas orações destruíram os templos pagãos e aqueles que se opunham a sua palavra acabavam oprimidos e atormentados em seus corpos até que

fossem por ele curados.

Em Sinope, orou pelo encarcerado apóstolo Matias, de quem fez cair as cadeias, abrindo-lhe as portas da cela. Certa multidão espancou André, quebrando-lhe os dentes, cortando seus dedos e deixando-o como morto num monte de estrume. Jesus, então, apareceu-lhe e o curou, exortando-o que mantivesse o bom ânimo. Quando as pessoas o viram, no dia seguinte, ficaram sobremodo maravilhadas e creram. André fez também ressurgir dentre os mortos o único filho de uma mulher. Como profeta, predisse a grandeza de Kiev, como fortaleza da cristandade."

Com efeito, a maior parte dos relatos sobre as missões de André engloba a Palestina, Ásia Menor, Macedônia, Grécia e as regiões próximas ao Cáucaso. Entretanto é para a cidade de Patras, na Grécia, que convergem as mais antigas narrativas referentes ao seu apostolado pós-bíblico. Ali, ao evangelizar e converter Maximila, esposa do Procônsul local, André teria sido martirizado numa cruz em forma de "X", conforme o relato que veremos a seguir. Em virtude dessa tradição, a cruz em "X" passou a ser conhecida como Cruz de Santo André.

A obra apócrifa *Atos e Martírio do Santo Apóstolo André*, supostamente escrita pelos "bispos e diáconos das igrejas da Acaia" apresenta alguns trechos muito interessantes sobre a lendária entrevista do apóstolo com o procônsul daquela região, Egates, e seu posterior suplício por mãos desse governador romano.

O confronto entre o santo e o magistrado pagão teria se iniciado a partir do constrangimento que Egates impusera aos crentes daquela região, tentando fazê-los retornar à adoração idolátrica. Vejamos algumas passagens desse relato.

"Esta fé temos aprendido do abençoado André, apóstolo de nosso Senhor Jesus Cristo, cuja paixão nós, tendo presenciado com nossos olhos, não hesitamos em testemunhar, mesmo que limitados em nossa capacidade.

Tendo o procônsul Egates vindo à cidade de Patras, começou a constranger aqueles que haviam crido em Cristo a adorarem os ídolos. A este, o bendito André, dispondo-se apressadamente, disse: 'Exorto-te que, sendo juiz dentre os homens, conheças Aquele que é teu Juiz, que está nos céus e que, uma vez o conhecendo, adore-o e, tendo-o adorado, faças voltar teus pensamentos daqueles que não são verdadeiros deuses.'"

Mesmo reconhecido pelo procônsul, André - segundo a lenda - não suprime sua

audaciosa reprimenda e acrescenta.

"Os imperadores romanos nunca conheceram a verdade. Quanto a esta, o Filho de Deus, que veio para salvar os homens, manifestamente ensinou que estes ídolos não apenas não são deuses, mas representam na verdade os mais desprezíveis demônios, hostis à raça humana. São eles que ensinam os filhos dos homens a desobedecerem a Deus, de forma que Este não Se volte para eles e não os ouça."

Ameaçado por Egates de ser torturado e punido com crucificação por se negar terminantemente a sacrificar aos deuses, o apóstolo é detido enquanto aguarda sua execução. Uma multidão oriunda das adjacências de Patras, ouvindo o que se sucedera com André, revolta-se contra a decisão do governador e tenciona libertá-lo à força.

O evangelista, porém, tendo proposto em seu coração que aquele era o momento de testemunhar com o próprio sangue a fé em seu Mestre, adverte-os dizendo.

"Não transformeis a paz de nosso Senhor Jesus Cristo em sedição e em levante diabólico. Porquanto, meu Senhor, quando foi traído, tudo suportou com paciência. Não murmurou nem alçou sua voz, tampouco ouviu-se nas ruas seu clamor. Portanto, vós, da mesma sorte, mantende-vos em silêncio e em paz, não impedindo meu martírio. Antes, preparai-vos também, de antemão, como atletas do Senhor que sois, para que possais vencer as ameaças, com uma alma que não teme o que possa fazer o homem (...). Pois, este pericúlo não é para ser temido, mas sim aquele que é eterno."

Após atravessar a noite no cárcere admoestando a multidão que o tentara libertar, André é conduzido ao tribunal diante de Egates. Os primeiros raios do Sol ainda não haviam aquecido a manhã, quando as primeiras palavras do magistrado romano se dirigem ao apóstolo, na vã tentativa de dissuadi-lo da doutrina pela qual se dispusera a morrer.

"Considero que tu, refletindo ao longo da noite, voltaste teus pensamentos da tolice, tendo desistido da comissão de Cristo, para que permaneças entre nós, não lançando fora os prazeres da vida. Pelo que, seria grande estupidez enfrentar os sofrimentos da cruz por quaisquer que sejam os propósitos, entregando-se à mais humilhante de todas as punições."

Sendo, pois, convidado pelo procônsul a retratar-se de sua fé e a estimular os demais a fazerem o mesmo, o santo decididamente replica.

"Ó filho da morte e palha preparada para o fogo eterno, ouvi-me a mim, o servo e apóstolo de Jesus Cristo. Até agora tenho contigo gentilmente conversado acerca da perfeição da fé, a fim de que tu, após ter sido exposto à verdade, pudesses te tornar perfeito como seu defensor e, assim, desprezar os ídolos vãos e adorar apenas a Deus, que está no céus. Entretanto, já que permaneces na mesma impudência e pensas que me assustas com tuas ameaças, traga sobre mim, pois, aquilo que julgas ser a maior de todas as torturas."

Enfurecido por essa audácia sem precedentes, o procônsul ordena que André seja entregue nas mãos dos verdugos, a fim de ser castigado com grande severidade. Perturbado, entretanto, com a determinação do santo, Egates renova sua oferta de clemência ao já afligido apóstolo, se este abjurar sua fé publicamente. Como sua recusa se mostrasse definitiva, Egates determina a imediata crucificação do evangelista.

Conta-nos a lenda que uma multidão de cerca de vinte mil cristãos seguia inconsolável o condenado em direção ao local da execução. Após André ser içado no madeiro, um certo Estratocles, discípulo seu, percebendo que os executores se afastaram, aproximou-se a fim de consolar seu mestre em seu sofrimento. Ao encontrá-lo sorrindo diante do *summum suplicium* -como era chamada a crucificação — o fiel lhe fala:

"Por que razão estás sorrindo, ó André, servo de Deus? Teu sorriso nos faz lamentar e chorar, porquanto nos encontramos privados de ti."

Ao que André lhe responde:

"Não devo eu rir-me, meu filho Estratocles, diante do esgotamento das estratégias de Egates, através das quais pensava vingar-se de nós? Nada temos com ele, tampouco com seus planos. Ele não pode ouvir, pois se pudesse, teria aprendido, por experiência, que o homem que pertence a Jesus não pode ser punido."

Como o sofrimento do apóstolo se prolongasse por mais de quatro dias, a população de Patras voltou-se enraivecida contra Egates e pressionou-o fortemente a libertar André. Temeroso de que uma negativa pudesse transformar a situação num

levante de grande proporção, o procônsul decide, a contragosto, atender os rogos da multidão.

Ao aproximar-se de cruz sobre a qual André pendia agonizante e tendo atrás de si a multidão que bradava jubilosamente, Egates ouve surpreso a veemente recusa do santo em aceitar sua repentina e duvidosa demonstração de misericórdia.

Insistindo para que os presentes não o impedissem de glorificar a Deus com aquele suplício, André entrega seu espírito e parte para o Senhor, diante do olhar carregado da multidão que dele aprendera acerca do Evangelho.

Maximila, a nobre esposa de Egates, que também se tornara uma cristã por intermédio de André, ao saber que o santo havia partido para o Senhor, dirige-se apressadamente para o local da crucificação e, após auxiliar na retirada do corpo, ocupa-se de sua preparação, untando-o com custosas especiarias e oferecendo para o sepultamento um espaço em seu próprio jazigo.

Conta a lenda que Maximila, tendo decidido abandonar o procônsul, deixou-o sobremodo perturbado, de modo que este planejava enviar a César pesadas acusações contra sua esposa e os demais cristãos da cidade. Contudo, na calada da noite, enquanto elaborava os detalhes do documento, Egates, terrivelmente oprimido por demônios, lançou-se de grande altura, vindo a despedaçar-se em frente ao mercado público de Patras.

Conquanto outros relatos estabeleçam o martírio do apóstolo entre 68 e 69 A.D., esta lenda encerra a descrição da saga de André em Patras, datando de modo impreciso sua passagem ali:

"Essas coisas se passaram no dia anterior às calendas de dezembro, na província da Acaia, na cidade de Patras, onde seus maravilhosos feitos permanecem até o dias de hoje, para a glória e o louvor de nosso Senhor Jesus Cristo, a quem seja a glória para todo o sempre. Amém."

O escritor medieval Dorman Newman também confirma o ministério do apóstolo na Grécia (*op. cit.*, p. 43-45).

"Santo André dirigiu-se à Cítia e a Bizâncio, onde fundou igrejas. Por fim, rumou a Patras, uma cidade da Acaia, onde encontrou o martírio. Aegas, procônsul da Acaia, após intensa discussão, ordenou a André que abandonasse sua religião, sob pena de ser torturado até a morte. Ambos imploravam pela retratação alheia: Aegas, tentava persuadir

Andréa não perder sua vida e este, por sua vez, buscava convencer o magistrado a não perder sua alma.

Após suportar valentemente severa punição, André foi atado - e não pregado - a uma cruz, a fim de que se prolongassem seus estertores. Ali, exortou os cristãos e orou, saudando aquela cruz como uma oportunidade de apresentar ao seu Mestre um honroso testemunho. André permaneceu por dois dias sobre a cruz, admoestando a quantos dele se aproximassem. Embora alguns importunassem o procônsul a fim de reverter aquele trágico quadro, o apóstolo continuava suplicando ao seu Senhor que lhe permitisse selar o testemunho da Verdade com seu próprio sangue."

Patras também aparece como ponto derradeiro de suas missões no livro *The First-Called Apostle Andrew*, do reverendo ortodoxo Hariton Pneumatikakis (citado em *The Search for the Twelve Apostles*, p. 84-85).

"A santa tradição afirma que o apóstolo André percorreu as regiões mais baixas do Cáucaso (presentemente, a Geórgia), vindo a anunciar a Palavra à raça dos citas, nas distantes regiões do Mar Cáspio. Dirigiu-se, então, a Bizâncio (atual Istambul), onde ordenou a Eustáquio como Bispo local.

André foi encarcerado e apedrejado, vindo a padecer muito por amor de Cristo. Em Sinope, sofreu a terrível ameaça de ser devorado vivo por canibais. Não obstante, continuou firme em sua tarefa apostólica de ordenar bispos e espalhar o Evangelho do Salvador Jesus Cristo.

De Bizâncio dirigiu-se à Grécia, em sua principal jornada evangelística. Viajou pela Trácia e Macedônia até atingir o Golfo de Corinto, em Patras. Foi ali que André anunciou o Evangelho pela última vez.

Egates, o governador de Patras, irou-se sobremodo com a pregação de André, ordenando sua apresentação perante o tribunal local, numa atitude que visava erradicar dali a fé cristã. Como o apóstolo resistisse ao tribunal, Egates condenou-o a morte por crucificação. André permaneceu atado à cruz por espessas cordas durante três dias, sendo estas suas últimas palavras: Aceita-me ó Cristo Jesus, Aquele a quem vi, a quem amei e em quem subsisto; recebe em paz meu espírito em Teu Reino sempiterno'."

E razoável que Patras, na Acaia, como um importante centro portuário, tenha realmente sido alvo da pregação de algum dos doze, conforme dizem as tradições gregas. Paulo, vindo de Rodes, aportou ali em sua viagem para a Fenícia (At 21.1-2). Não

sabemos exatamente quanto tempo demorou-se em Patras, mas é pouco provável - considerando-se seu raro ímpeto evangelizante - que tenha desperdiçado a oportunidade de anunciar Jesus naquele local, mesmo que por poucas horas. Cidades próximas como Corinto, Cencreia, Tessalônica e Beréia foram intensamente evangelizadas não apenas por Paulo, mas também por Timóteo, Silas e Apoio nos dias do procônsul Gálio (At 18.1-18; 19.21).

Localizada na parte oriental da baía de Patraikos, a pouco mais de duzentos quilômetros de Atenas, Patras já em tempos apostólicos, destacava-se como uma das mais importantes cidades da província romana da Acaia. Conheceu o apogeu econômico no segundo século de nossa era; porém, duzentos anos depois, sua decadência foi inevitável, com o rápido desenvolvimento de Constantinopla, antiga Bizâncio. Principal contato comercial da península grega com o oeste europeu, o porto de Patras movimentava anualmente consideráveis quantidades de mercadorias que abasteciam toda a península do Peloponeso.

Se a tradição grega acerca do ministério de André em Patras estiver correta, é possível que dali o Evangelho tenha se disseminado para o interior da própria Acaia e para outras regiões do mundo antigo, através de mercadores que se valiam daquele concorrido porto mediterrâneo.

Atualmente, Patras, uma das mais belas cidades gregas, ainda conserva vestígios da presença do apóstolo André através daquela que é considerada a mais imponente Igreja de toda a Grécia, a Catedral de Santo André. Dedicada à memória do apóstolo, a nova construção foi erigida ao lado da antiga Igreja de Santo André, levantada entre 1936 e 1943, na qual se diz estar o sítio onde André fora crucificado.

Teria André estabelecido a Igreja de Bizâncio?

Sem embargo, a tradição ortodoxa tenta estabelecer uma base de sustentação para a origem apostólica da Igreja de Bizâncio, mais tarde transformada em Constantinopla, a ornamentada capital do Império Romano do Oriente. O nome de André — assim como o de João — figura entre aqueles que supostamente deixaram a semente apostólica naquela pequena cidade trácia que se transformaria, dali a dois séculos, num dos mais importantes centros urbanos da Antigüidade, como nos conta W. Cureton em seu *Ancient Syriac Documents* (p.34).

"O célebre texto 'O Ensino dos Apóstolos' (*Didascalia Apostolorum*), composto entre o final do segundo século e o princípio do terceiro e preservado em tradução siríaca, atesta a apostolicidade da Igreja de Bizâncio do seguinte modo: Bizâncio e toda a terra da

Trácia, incluindo as regiões até o grande rio, cuja desembocadura mantinha afastados os bárbaros, receberam o sacerdócio das mãos apostólicas de Lucas, que lá erigiu uma Igreja e exerceu o sacerdócio, assim como o ofício de governador e administrador.

Contudo, a apostolicidade lucana da Igreja de Bizâncio é descrita dentro do contexto mais abrangente das atividades dos apóstolos João e André. Éfeso, Tessalônica e toda a Ásia, assim como a terra dos coríntios e a circunvizinhança da Acaia receberam o sacerdócio apostólico das mãos de

João, o Evangelista. Nicéia, Nicomédia e toda a terra da Bitínia e Gócia, incluindo as regiões adjacentes, receberam a destra apostólica do sacerdócio pelas mãos de André, o irmão de Simão Cefas. (...)

Essa tradição foi revitalizada ao tempo do cisma de Acácio (484-519 A.D.), durante o qual o confronto entre os tronos da velha e da nova Roma conduziu a um debate sobre os direitos canônicos do trono de Constantinopla, sob a ótica da compreensão ocidental da apostolicidade dos tronos patriarcais. É tradicionalmente aceito que, durante a visita do papa João a Constantinopla (525 A.D.), foi proposto a ele, com a assistência do historiador Procópio, a tradição atribuída a Doroteu de Tiro, referente à ordenação de Eustáquio como bispo de Bizâncio pelo apóstolo André.

Essa tradição exerceu grande influência sobre a literatura relativa às atividades apostólicas de André, influência esta que sobressai a qualquer discussão, já que pode ser confirmada pela impressionante difusão do culto ao apóstolo a partir do princípio do sexto século, ao longo de todas as igrejas do ocidente e do oriente que experimentaram alguma real conexão com Constantinopla.(...)

A narrativa sobre a relação do trono de Constantinopla com João, o Evangelista foi desenvolvida ao longo das tradições ligadas ao apóstolo André. (...) Esta projeção oficial da apostolicidade joanina da Igreja de Constantinopla pressupõe uma tradição preexistente, evidenciada pela afirmação do patriarca ecumênico Inácio, durante o segundo Concílio de Constantinopla (681 A.D.). A assertiva de Inácio foi uma resposta aos delegados papais, os quais se declaravam representantes do trono apostólico naquele conselho (...): 'Eu também ocupo o trono do apóstolo João e do protocletos André'."

Mesmo que tenham servido, em sua maior parte, apenas para sustentar as pretensões de supremacia do patriarcado de Constantinopla, as lendas sobre a atuação direta ou indireta de André em Bizâncio devem ser consideradas com a devida atenção. Afinal, essa localidade do sétimo século a.C, embora nos dias de André nem de longe resplandecesse o fulgor da futura Constantinopla, se tornara um importante acesso à

Europa pelo oriente, com seu importante porto no Bósforo, especialmente aos que procediam da Bitínia, do Ponto e da Ásia Menor e que se destinavam às províncias romanas da Trácia, Moésia, Macedônia e Ilíria. Essa condição geográfica, de tão estratégica, não deve ter passado despercebida aos primeiros missionários cristãos. Ademais, Bizâncio estava mais próxima de Éfeso — a base das ações missionárias de João e, talvez, de André - do que outras cidades alcançadas no primeiro século como Tessalônica, Beréia, Corinto e Filipos.

A destruição que sofreu por seu levante armado contra o imperador Sétimo Severo em 196 A.D., deixa claro que a Bizâncio do período imediatamente pós-apostólico era uma cidade de importância ascendente dentro do Império Romano.

A tradição apostólica não apresenta variações muito drásticas ao retratar o ministério de André. Basicamente, crê-se que o apóstolo deixou a Palestina ainda cedo e se dirigiu ao oriente, especialmente às regiões ao redor do Mar Cáspio e Mar Negro, como a Partia e a Cítia. André pode ter se tornado, destarte, mais um dentre os doze a evangelizar as regiões próximas ao sul da Rússia e o oriente europeu. Por outro lado, em seu rumo para o oeste, há suspeitas de que se reuniu temporariamente à Igreja em Éfeso, junto ao grande apóstolo João, em cuja companhia, segundo algumas lendas, estabeleceu posteriormente o bispado de Bizâncio. Quanto ao martírio de André, batizado como *Protocletos* (*gr. o primeiro a ser chamado*) pela tradição, são muito * fortes as informações que apontam Patras, na Grécia, como local de sua execução, e a crucificação em "X" como a forma em que se processou.

Os restos mortais

Julgando-se pelas tendências da narrativa tradicional, parece que as relíquias do apóstolo André permaneceram, de algum modo, ligadas ao eixo Patras-Istambul-Roma. O rev. Hariton Pneumatikakis (citado em *The Search for the Twelve Apostles*, p.85) acrescenta alguns importantes detalhes sobre o tema:

"Uma cristã de nome Maximila tirou da cruz o corpo de André e sepultou-o. Quando Constâncio, filho do imperador Constantino, tornou-se o imperador, ordenou que se conduzisse o corpo de André até a Igreja dos Santos Apóstolos, em Bizâncio (Istambul), onde repousou sobre um altar. A cabeça de Santo André, no entanto, permaneceu em Patras.

Em 1460 A.D., a cabeça do apóstolo foi levada para a Itália e colocada na Igreja de São Pedro, para maior proteção, após o avanço turco sobre Bizâncio. Ali permaneceu até

o ano de 1964, quando o Papa Paulo VI determinou seu retorno à Sé Episcopal de Patras. Três representantes do Papa acompanharam a cabeça, colocada sobre um relicário e conduzida pelo Cardeal Bea a partir da Basílica de São Pedro. Ao chegar ao destino, a peça foi retornada ao Arcebispo Metropolitano Constantino, que ainda hoje aguarda."

Mary Sharp, em seu *A Travellers Guide to Saints in Europe* (p. 15) propõe í>Utro destino para a ossada do apóstolo.

"As relíquias de Santo André: A cabeça encontra-se na Igreja de São Pedro em Roma; outras peças em Sant/Andrea ai Quirinal, em Roma, e o restante em Amalfi. Os restos foram roubados de Constantinopla em 1210 e levados para a Catedral de Amalfi, próxima a Nápoles. Em 1462, o então Papa Pio II decidiu transferir a ossada craniana do apóstolo para a Catedral de São Pedro em Roma."

Em seu livro *SacredandLegendaryArt* (p.238), Anna Jamerson traz à luz mais alguns fatos interessantes acerca do destino de parte dos restos mortais de André, durante a Idade Média:

"Ao tempo em que Constantinopla foi tomada, sendo as relíquias de Santo André por conseguinte dispersadas, foi verificado por toda a cristanda-de um grande e entusiástico interesse pela vida desse apóstolo. Previamente honrado pela Igreja como o irmão de São Pedro, o apóstolo André já havia desde o passado se tornado foco de grande admiração.

Filipe de Burgundy (1433 A.D.), pagando um alto custo, adquiriu para si parte das preciosas relíquias, que consistiam basicamente em alguns pedaços de sua cruz. Este, ao fundar sua nova ordem de cavaleiros, estabeleceu-a sob a proteção do apóstolo. Em seu preâmbulo, a ordem demonstrava o propósito de reavivar a honra e a memória dos argonautas. Assim, seus cavaleiros passaram a usar como insígnia a Cruz de Santo André."

Dentre os restos mortais dos apóstolos, os de Santo André são reputados como dos mais genuínos, devido a relativa clareza histórica de seu percurso, desde os primórdios da Igreja até o presente, envolvendo as citadas cidades de Patras, Bizâncio, Roma e Amalfi.

Desde 1964 as relíquias de Santo André descansam no interior de uma antiga Igreja ortodoxa grega em Patras, na Grécia. A ossada foi devolvida por Roma dentro de um rico relicário de ouro trabalhado naquilo que se supõe ter sido a forma da face do apóstolo. Esse objeto, entretanto, foi roubado não muitos anos depois de sua chegada àquela cidade. O novo relicário, construído pelos próprios ortodoxos, por questões teológicas não copia formas humanas e, embora tenha sido trabalhado em prata e não em ouro, foi preciosamente adornado.

FILIFE

"Replicou-lhe Filipe: Senhor, mostra-nos o Pai, e isso nos basta."

João 14.8

Antes de se iniciar uma investigação da vida do apóstolo Filipe, é interessante estabelecer uma clara distinção entre o discípulo de Cristo e seus homônimos encontrados no Novo Testamento, especialmente por que um deles destacou-se sobremodo na Igreja primitiva, sendo por vezes confundido com o apóstolo.

Filipe era um nome de origem gregáica relativamente comum em regiões de forte influência grega como a Galiléia. Seu significado — *amante de cavalos*— deriva da associação das palavras gregas *Filos* e *Hippos*.

São estes, pois, os demais *Filipes* encontrados no Novo Testamento.

- Filipe, filho de Herodes, o Grande, e marido de Herodias. Deserdado pelo pai, passa sua vida na obscuridade em Roma. O adultério de sua mulher com seu meio-irmão Herodes Antipas, Tetrarca da Galiléia, torna-se público em Israel (Mt 14.3, Mc 6.17, Lc 3.19);

- Filipe, Tetrarca da Ituréia, outro descendente da casa de Herodes, o Grande (Lc3.1);

- Filipe, um dos sete diáconos da Igreja de Jerusalém. Tradicionalmente conhecido como *Filipe, o Evangelista* (At 6.5, 8.5-40, 21.8-9)

O outro apóstolo Filipe

Não raro, muitos leitores têm confundido o último personagem supracitado com o discípulo diretamente vocacionado por Jesus. Esse equívoco se deve, em parte, à considerável projeção alcançada pelo evangelista de Atos dos Apóstolos, em suas prósperas campanhas missionárias, assim como à pouca atenção das Escrituras ao apóstolo cuja vida enfocaremos neste capítulo.

Filipe, o Evangelista - que não compunha o rol dos doze discípulos - entra em cena num momento em que a Igreja de Jerusalém se debatia com a delicada questão da discriminação sofrida por judeus-cristãos, de língua grega e provenientes da Diáspora, também conhecidos como *helenistas*. De acordo com a narrativa de Atos 6.1-6, as viúvas dos crentes judeus de origem grega estavam sendo esquecidas na contribuição diária.

Seus benefícios eram, então, revertidos inteiramente em «... • prol das viúvas dos judeus palestinos. Diante da possibilidade de uma divisão sem precedentes na Igreja, os doze sugeriram à congregação local a escolha de sete varões *cheios do Espírito Santo e de sabedoria*, que pudessem solucionar aquela questão de cunho administrativo, enquanto eles próprios se dedicariam exclusivamente ao ensino e a pregação da Palavra. Frank Stagg, em sua obra *O Livro de Atos* (p.90-91) analisa sob uma ótica altamente crítica a postura dos doze diante desse impasse, ao mesmo tempo em que vislumbra em Filipe, o Evangelista, e Estevão o raiar de um cristianismo definitivamente rompido com as amarras tradicionais do judaísmo:

"Que ironia! Aqueles que se julgavam tão ocupados com assuntos espirituais, a ponto de não poderem servir às mesas, falharam em perceber aonde o Evangelho os devia levar. Os doze, que achavam que deviam dar todo seu tempo 'à oração e ao ministério da Palavra', mostraram-se tardos em reconhecer que 'Deus não se deixa levar por respeitos humanos'. Achavam que Estevão, Filipe e outros cinco eram suficientemente mundanos (no bom sentido) para servir às mesas; mas, de certo modo -pelo menos Estevão e Filipe - alcançaram uma visão mais nítida do Evangelho e se tornaram líderes dum cristianismo mais espiritual e menos legalista, que deveria abarcar toda a humanidade, e não somente uma nação.



Pedro e os outros apóstolos resolveram ser 'espirituais' e dedicar-se ao estudo da Palavra, mas estavam amarrados pela tradição. Estavam construindo um judaísmo cristão, em vez de edificar uma Igreja de natureza espiritual e de visão universal. (...) Temos algumas provas de que ele (Pedro) amava naturalmente o povo, fosse ele qual fosse; mas, religiosamente, fora educado no sentido de sempre considerar o gentio como um imundo, como um indivíduo com quem não se devia associar nem ter a menor comunhão. Parece que ele não se sentia bem dentro daqueles preconceitos e daquele extremismo, e nem fazia disso tudo um cavalo de batalha. Não obstante, achava difícil libertar-se do temor que tinha de seus compatriotas, os quais julgavam ser o preconceito racial uma marca distintiva de piedade e ortodoxia. Já a Estevão e a Filipe (o Evangelista) interessava primeiro a humanidade, não a raça ou a nacionalidade."

Na rigidez de sua análise, Frank Stagg acerta ao identificar a presença, ainda perturbadora, de germes do sectarismo judaico no bojo das lideranças cristãs naquele momento da Igreja primitiva. Foi justamente em meio a essa polêmica que Filipe, o Evangelista, despontou no cenário bíblico.

Judeu da Dispersão, Filipe fora eleito, ao lado de Estevão e outros cinco, como um daqueles que se incumbiriam das tarefas diaconais da congregação de Jerusalém. Como a prerrogativa de *ser cheio do Espírito Santo e de sabedoria* era condição *sine qua non* para o exercício do diaconato, infere-se que esta virtude era marca característica de seu testemunho cristão.

Com a perseguição aos crentes de Jerusalém, que culminou com a execução de Estevão, boa parcela da comunidade cristã local viu-se na necessidade de deixar a cidade em busca de abrigo seguro. Filipe estava entre eles. Muitos dos que o acompanharam na debandada eram judeus provenientes da Dispersão, e como tais, não temiam deixar a Palestina em direção ao mundo gentio, que de tantas comunidades judaicas se tornara abrigo. Com efeito, essa violenta dispersão acabou por contribuir de maneira significativa para a transformação de Filipe em um dos mais destacados missionários citados no livro de Atos dos Apóstolos (At 8.4-5).

A narrativa de Atos registra a desenvoltura com que o jovem missionário apresentou o Evangelho na Samaria, região assaz discriminada pelos judeus em geral. Em At 8.4-13, vemos que *"multidões escutavam, unânimes, as coisas que Filipe dizia, ouvindo-o e vendo os sinais que operava"*. Tal era a autoridade e os prodígios operados pelo Espírito através de Filipe que mesmo o famoso feiticeiro Simão, célebre na região, manifestou simpatia pelo Evangelho e acompanhou-o por certo tempo.

A intrepidez de Filipe ao evangelizar com êxito a desprezada Samaria, logo ecoou em Jerusalém, onde a maior parte dos apóstolos ainda permanecia, reclusa numa atmosfera cada vez mais hostil ao cristianismo. Cientes das novas que vinham da Samaria, Pedro e João, superam boa parte de seus "resíduos judaizantes" e se deslocam para a região, visando confirmar aqueles novos (e inesperados!) irmãos. Vale lembrar que o mesmo apóstolo João, não muito tempo antes, num repente de fúria, desejou atear "fogo do céu" sobre as aldeias samaritanas, sendo por isso repreendido por seu Mestre (Lc9.54).

Os acontecimentos ligados a Samaria compõem apenas parte do ministério de Filipe descrito em Atos. Logo a seguir, o Espírito do Senhor o impele a região de Gaza, então caminho entre a Abissínia (atual Etiópia) e Israel. É justamente neste lugar que o

evangelista depara com um importante eunuco etíope, provavelmente simpatizante do Deus de Israel. Frank Stagg aponta algumas características desse que foi o próximo alvo da palavra salvífica de Filipe (*op. cit.*, p.108).

"Havia um grande grupo de gentios, os quais eram chamados de 'tementes a Deus'. Sentiam-se atraídos para o judaísmo por causa do seu monoteísmo, de sua moral elevada e de seus ensinamentos moralizadores. Muitos tinham perdido a fé nos deuses do império e sentiam-se mal com a imoralidade resultante dos cultos pagãos. Grande número de gentios voltou-se para as sinagogas. Alguns ingressaram no judaísmo como prosélitos, e outros ficavam como que às portas. Para tornar-se prosélito, o candidato devia circuncidar-se, batizar-se e oferecer certos sacrifícios. Também deviam admitir que o judaísmo era tanto uma nação com uma religião. O prosélito tornava-se parte da nação judaica e também da religião judaica. O etíope e Cornélio pertenciam ao grupo dos tementes a Deus.

(...)

O etíope certamente havia encontrado impedimento para circuncidar-se e fazer-se judeu. Era eunuco, e, dada a sua mutilação física, mui provavelmente lhe tinham negado o privilégio de tornar-se um prosélito do judaísmo."

O desprendimento e a eficácia com que Filipe levava a termo a proclamação do Evangelho certamente chamou a atenção dos apóstolos. Provado e aprovado em sua ministração aos samaritanos, o evangelista agora batizara um gentio, enquanto vários dos doze ainda não se aventuravam muito além dos limites de Jerusalém. De fato, o entusiasmo do evangelista em evangelizar o eunuco etíope contrasta flagrantemente com o constrangimento de Pedro em fazer o mesmo diante do centurião de Cesaréia (At 10.9-48).

Após a conversão e o batismo do etíope, o evangelista é arrebatado pelo Espírito e conduzido a Asdode, na antiga Filistia. Ali, inicia um trabalho missionário pela costa mediterrânea da Palestina, até a populosa Cesaréia, onde fixa residência. Anos mais tarde, em companhia de suas quatro filhas profetizas, hospeda o apóstolo Paulo, em sua viagem de retorno a Jerusalém (At 21.8-9).

A atenção dispensada à biografia do diácono e evangelista Filipe — conquanto não correlata ao do discípulo homônimo - se fez necessária, para que pudéssemos traçar um claro divisor de águas entre a obra desse que se transformou num dos mais ousados missionários do primeiro século e o verdadeiro objeto de nossa apreciação nesse

capítulo, o apóstolo Filipe, cuja carreira enfocaremos a seguir.

O apóstolo Filipe, um dos doze do Senhor

Devemos exclusivamente ao evangelista João as escassas narrativas que tratam do apóstolo Filipe. Isso, de certa forma, sugere amizade entre ambos, antes do período de discipulado com Jesus.

Natural da cidade galiléia de Betsaida (Jo 12.21), Filipe surge pela primeira vez nas Escrituras em Jo 1.43-46, quando de seu encontro vocacional com o Mestre. O impacto espiritual causado pela abordagem de Jesus foi tal, que Filipe se lançou incontinenti à procura de seu amigo Natanael (ou Bartolomeu), a fim de relatar-lhe o ocorrido. A certeza de ter encontrado em Jesus Aquele por quem toda a nação israelita ansiava pode ser atestada nas palavras dirigidas ao futuro condiscípulo (Jo 1.45).

"...Achamos aquele de quem Moisés escreveu na lei, e a quem se referiram os profetas, Jesus, o Nazareno, filho de José."

Embora vibrante, o testemunho de Filipe não foi suficiente para romper a indiferença de seu parceiro.

"...De Nazaré pode sair alguma coisa boa?"

O ceticismo de Bartolomeu é compreensível. Que embasamento profético sustentaria a procedência galiléia do Messias, particularmente da tão desprezada Nazaré? Os galileus, de modo geral, eram vistos com desdém pelo povo da Judéia, devido a singularidade de suas maneiras, a rudeza de seu dialeto e — por razões geográficas — a sua freqüente exposição ao contato com os pagãos, considerados imundos. No caso particular dos habitantes de Nazaré, tal preconceito se radicalizou devido a sua suposta falta de religiosidade e seu relaxamento com as sagradas tradições judaicas, notórios não apenas dos judeus, mas dos próprios galileus, como se percebe no comentário de Bartolomeu.

Entretanto, todas essas razões culturais e teológicas, por mais clamorosas que fossem, ainda não foram suficientemente fortes para ofuscar a certeza de Filipe quanto à messianidade de Jesus, fosse Ele de Nazaré ou não. Tal convicção, *per se*, nos leva a presumir a magnitude do impacto sobre o jovem galileu em seu primeiro encontro com Cristo.

Num dos raros momentos em que se registrou a presença de Filipe nas Escrituras, o vemos sendo experimentado pelo Mestre, minutos antes do milagre da multiplicação dos pães (Jo 6.5,7).

"...Filipe, onde compraremos pães para lhes dar de comer?

(...)

Respondeu-lhe Filipe: Não lhes bastariam duzentos denários de pão para receber cada um o seu pedaço."

A clareza da resposta de Filipe revela sintonia com a gravidade daquela situação, conquanto o apóstolo ainda se mostrasse distante de presumir o poder arrebatador que repousava sobre Aquele de quem se fizera discípulo.

Durante a ocasião da Páscoa, Filipe foi abordado por alguns gregos que desejavam um encontro particular com Jesus (Jo 12.20-22). Embora no Novo Testamento o termo "grego" se aplique, via de regra, aos judeus da dispersão, é provável que neste caso se refira aos prosélitos do judaísmo ou, talvez, aos chamados "gentios tementes a Deus", como o centurião Cornélio de Cesaréia. Esses simpatizantes do judaísmo eram homens que, embora ainda não tornados prosélitos — dada a recusa em se submeter a exigências como a circuncisão — assistiam nas sinagogas e peregrinavam a Jerusalém, durante festividades importantes como a Páscoa. Filipe, como galileu, ostentava, além do nome, alguns outros traços culturais gregos, como por exemplo a fluência no idioma, o que pode ter definido sua abordagem por esse grupo que visava um encontro com o Mestre. Infelizmente, João não narra o desfecho do episódio, deixando-nos apenas conjecturas sobre como teria se dado a suposta audiência gentílica com Jesus.

Filipe parece ter sido um homem de coração ávido pelas verdades espirituais que destilavam de seu Mestre. Pelo menos, é o que se nos sugere sua petição registrada em Jo 14.8.

"...Senhor mostra-nos o Pai, e isso nos basta."

O questionamento de Filipe é um retrato fiel da cristologia dos discípulos até aquela altura dos acontecimentos. E mister entendermos que a encarnação do Verbo divino na pessoa do Messias, conquanto prevista nas Escrituras, excedeu todas as expectativas religiosas dos judeus, incluindo a dos que fielmente O seguiam. A concepção de que o próprio Deus, pela Sua Palavra, tornar-se-ia homem a fim de Se entregar como

um sacrifício vicário em favor de quantos nEle cressem, estava assaz distante não somente daqueles que acintosamente descreiam dEle (Jo 5.18, 10.33), mas também de Filipe e seus discípulos.

O apostolado de Filipe na Frígia

Efetivamente, parte da tradição cristã, com o passar dos séculos, confundiu a biografia do apóstolo Filipe com a do célebre evangelista de quem falamos no princípio deste capítulo. Essa tendência é compreensível, já que o Novo Testamento silencia sobre o discípulo após os Evangelhos, enquanto dedica boa atenção ao seu homônimo evangelista no Livro de Atos. Dessa forma, é necessário certa cautela diante dos vários registros lendários referentes ao ministério de nosso apóstolo.

As divergências surgiram ainda no segundo século da Era Cristã, quando Papias, ao escrever as *Exposições dos Oráculos do Senhor*, afirma ter coletado informações de certos indivíduos que conheceram pessoalmente as filhas do apóstolo Filipe, que teriam vivido em Hierápolis, na Frígia. A controvérsia se estabeleceu quando, mais tarde, o montanista Proclus declarou que o referido se tratava não do apóstolo, mas do evangelista Filipe que, conforme a narrativa de At 21.8-9, possuía quatro filhas profetizas. Não obstante, ao final do segundo século, Polícrates de Éfeso confirma o dizer de Papias, acrescentando que o apóstolo e uma de suas filhas foram realmente martirizados em Hierápolis, enquanto as sobreviventes permaneceram devotadas ao Senhor, no cultivo de uma vida casta.

A autora Anna Jamerson registra, com alguns detalhes mirabolantes, as missões de Filipe na Frígia (*Sacred and Legendary Arts*, p. 249):

"Após a ascensão, Filipe viajou até a Cítia, onde permaneceu pregando o Evangelho por vinte anos. Deslocou-se, então, a Hierápolis, na Frígia, onde deparou com adeptos da adoração de um monstro assemelhado a uma serpente (...) Apiedando-se daquela cegueira espiritual, o apóstolo ordenou que a serpente desaparecesse, em nome da cruz que ele próprio empunhava. Imediatamente, o réptil rastejou desde o interior do altar, emitindo um odor de tal sorte repugnante, que muitos não o suportaram, vindo a falecer. Entre os tais, se encontrava o filho do rei, que expirou nos braços de seus servos. O apóstolo, contudo, através do poder divino, restaurou-lhe a vida. Destarte, os sacerdotes do monstro enfureceram-se contra ele e, tomando-o, o crucificaram e o apedrejaram.

Filipe, assim, entregou seu espírito a Deus, orando como seu Divino Mestre, em

prol de seus inimigos e perseguidores."

Haveria, entretanto, razões que pudessem tornar a região da Frígia atraente ao ministério de Filipe, como nos contam as lendas antigas e medievais? De certo que sim. Primeiramente, porque a Frígia estava inserida na populosa província romana da Ásia Menor (atual Turquia), palco de intensas atividades missionárias durante os primeiros dois séculos do cristianismo. Paulo, Timóteo, Silas, Marcos, André e outros evangelizaram a Ásia Menor e suas adjacências. O apóstolo João, que demonstrou grande familiaridade com algumas das principais congregações da Ásia, como Pérgamo, Esmirna e Laodicéia (conf. Ap 2-3), teria permanecido boa parte de sua vida pós-bíblica na cidade mais importante da região, Éfeso, de onde, crê-se, manteve estreito contato com Filipe, que então pastoreava Hierápolis.

Em segundo lugar, o fato de Hierápolis, embora abrigando uma Igreja numerosa, não ter sido alvo das epístolas de Paulo — ao, contrário de suas vizinhas Colossos e Laodicéia (Cl 4.16) — pode ser uma evidência de que algum outro apóstolo experiente já se incumbira de sua administração pastoral (conf. Rm 15-20). Muitos autores concordam com a tradição de que Filipe era esse homem.

Por fim, Hierápolis abrigava, nos tempos bíblicos, uma estância hidromineral de notórias propriedades terapêuticas. A cidade tornou-se, por isso, um centro para onde afluíam multidões oriundas dos mais diversos recantos do mundo romano.

Isso, sem dúvida, tornava a cidade potencialmente importante na estratégia missionária dos apóstolos.

No apócrifo *Atos de Filipe* encontramos detalhes interessantes sobre o ministério do apóstolo em Hierápolis, na companhia de seu amigo e também apóstolo Bartolomeu. Embora fantasioso em vários momentos, o texto traz em seu núcleo possíveis vestígios da passagem e do martírio de Filipe na cidade. Contudo, a época proposta pela obra para a chegada do apóstolo à cidade - princípio do reinado do imperador Trajano - dificilmente poderia ser considerada plausível. Trajano, em cujo governo a Igreja conheceu sua terceira perseguição, reinou de 98 a 117 A.D., quando apenas João, tradicionalmente o último dos apóstolos a falecer, permanecia entre nós.

Curiosamente, os *Atos de Filipe* registram não apenas a companhia de Bartolomeu nas missões de Filipe em Hierápolis, tal como em diversas outras lendas, mas também a presença marcante de sua irmã Mariane, cuja devoção e santidade teriam emprestado uma notoriedade ainda maior ao evangelismo dos apóstolos naquele lugar.

Logo ao chegar a Hierápolis, narra a lenda que Filipe e seus colaboradores foram

recebidos de boa mente por um certo Eustáquio que, após crer no Senhor, abriu as portas de sua casa para a continuidade da evangelização daquela região. Em pouco tempo, os ecos da mensagem apostólica, assim como dos milagres que ali se operavam, disseminaram-se por toda Hierápolis, fazendo com que uma crescente multidão afluísse para a casa que se tornara, então, uma congregação cristã.

Reunidos na casa de Eustáquio, os varões de Hierápolis ouviam atentamente às severas exortações de Filipe contra o culto idolátrico à serpente, tradicional entre os habitantes locais. A conversão desses pagãos espalhou a boa semente do Evangelho por toda cidade, fazendo-a chegar aos ouvidos de Nicanora, mulher do procônsul romano. A esposa do magistrado encontrava-se entevada há longos dias, acometida de diversas enfermidades. Ouvindo acerca do apóstolo e do poderoso nome de Cristo, Nicanora creu, sendo subitamente curada de todos os seus males. Transbordante de gratidão, decidiu então sair ao encontro do apóstolo na casa de Eustáquio, sem que o soubesse seu marido. Antes que pudesse se estender na comunhão com os fiéis ali congregados, a esposa do magistrado é surpreendida por uma profecia em hebraico trazida por Mariane, irmã de Filipe. Tomada de grande emoção, a nobre confessa-se não apenas miraculosamente curada de seus males, mas também descendente dos filhos de Abraão. Todavia, ao impor suas mãos em intercessão sobre a recém-convertida, Filipe e seus colaboradores foram interrompidos pela imponente chegada do procônsul, cuja brutalidade era de todos conhecida. Indignado com aquela cena inusitada, o governante, ainda sem compreender a repentina sanidade física de sua esposa, multiplica suas ameaças sobre Nicanora se esta não lhe dissesse quem fora o médico que a curara. Diz a lenda que Nicanora, de maneira incisiva, exorta seu esposo a abandonar a iniquidade e consagrar-se a uma vida casta e pura, para que assim pudesse conhecer o *médico milagroso*.

Desafiado em sua autoridade, o magistrado toma sua mulher pelos cabelos e ordena que se detenham Filipe, Bartolomeu e Mariane, sob acusação de magia.

Resistindo heroicamente ao quase *insuportável flagelum*, com suas chibatadas de couro cru, aqueles campeões da fé, segundo a narra o apócrifo, teriam ainda sido arrastados com uma fúria animalesca por várias ruas da cidade, até os limites do templo pagão onde se mantinha o folclórico culto à serpente. Naqueles termos, congregou-se numerosa multidão que, impressionada pelo testemunho cristão de Filipe e seus companheiros, creu na palavra do Senhor.

Detidos no templo por ordem proconsular até que se decidisse a pena que lhes caberia, Filipe e Bartolomeu oraram com grande fervor e abalaram as estruturas do

santuário pagão, assustando sobremodo os sacerdotes e aumentando ainda mais o número dos que se renderam a Cristo. Irrados com a situação, os líderes religiosos denunciaram a atuação dos apóstolos ao procônsul que, por fim, mandou-os ao tribunal. Ali, Filipe e Bartolomeu são publicamente despidos, a fim de que neles se buscassem amuletos ocultos que explicassem as operações extraordinárias das quais foram acusados.

Nada achando em ambos os apóstolos, conta a lenda que os executores despiram Mariane, sobre quem ademais pairava a acusação de fornicção. Seu desnudamento público, entretanto, ao contrário de vituperá-la, trouxe sobre a fiel a providência divina, através de uma nuvem de fogo que a cobriu diante do pasmo de todos os presentes, provocando grande tumulto no tribunal.

Mesmo diante de tantos sinais e prodígios, a lenda nos conta que Filipe e Bartolomeu não escaparam à condenação, tendo sido crucificados um diante do outro. Filipe, atado de cabeça para baixo e preso pelos tornozelos numa árvore do fronte ao templo da serpente e Bartolomeu atravessado por cravos nos muros deste. A expressão de gozo com que encaravam aquele tormento, transformou-se num testemunho para muitos que presenciavam o martírio, cujo número subira a sete mil homens, sem contar as mulheres e crianças. A essa altura, toda Hierápolis sofrerá o impacto do Evangelho, pela ação de Filipe, Bartolomeu e Mariane.

Os momentos finais de Filipe são descritos com significativa porção de fantasia pelo apócrifo. Relata o texto que, tendo se irado sobremaneira com a incredulidade do magistrado romano e de parte da população presente, Filipe rogara ao Pai que fizesse justiça contra aquela impiedade, tragando seus protagonistas para o abismo. Deus teria ouvido a súplica de Filipe, fazendo romper-se a terra sob os pés da população, sugando-os para as regiões ' inferiores, porém sem matá-los. Embora respondido em sua súplica Filipe, nos estertores da morte, recebe severa admoestação do Senhor por contaminar-se com o desejo de vingança sobre seus inimigos. Como resultado, é divinamente avisado de que findaria ali seu ministério. Logo a seguir, Deus teria feito retornar com vida da fenda toda a população, exceto o altivo procônsul, e libertado da condenação a Bartolomeu e Mariane.

Lendas à parte, não há nenhuma razão para desprezarmos as evidências que apontam Hierápolis como uma das bases do trabalho missionário de Filipe. Lembremos que sua origem galiléia incluía um grego fluente e um contato freqüente e aberto com gentios, especialmente de cultura helenista.

McBirnie apresenta assim o diagnóstico da região da Frígia e parte da Ásia Menor,

durante o tempo do ministério do apóstolo Filipe (*op. cit.*, P-125).

*"Como o cristianismo se alastrasse por toda Ásia Menor (atualmente a Turquia), torna-se evidente que tamanho esforço missionário, em curto espaço de tempo, tenha transformado aquele lugar numa região nominalmente cristã. Uma vez que Colossos e Laodiceia são, ambas, importantes cidades mencionadas no Novo Testamento, parece claro que o Evangelho ali chegou ainda cedo. Colossos, que dista apenas 25 quilômetros de Hierápolis, foi o centro de uma comunidade cristã consideravelmente desenvolvida durante o tempo de atuação do apóstolo Paulo, tanto que tornou-se alvo de uma de suas correspondências: **A Epístola aos Colossenses.***

Quando da escrita do livro de Apocalipse, por João, a vizinha Laodiceia tornara-se o sítio de uma Igreja que fora, sem dúvida, fundada por Paulo e que, ao tempo do apóstolo João, evoluiu para uma posição de riqueza e influência."

O embate teológico em Atenas

Outra lenda envolvendo o ministério pós-bíblico de Filipe que merece atenção especial é encontrada no apócrifo *Atos do Santo Apóstolo Filipe Quando de sua Jornada a Hellas (Grécia) Superior*. Ali encontramos retrata-l do seu confronto com trezentos sábios e filósofos gregos, durante uma sua posta missão apostólica a Atenas. Segundo o relato, as notícias acerca da sua sabedoria de Filipe cruzaram as fronteiras da Ásia Menor e atingiram a Grécia, provocando alvoroço entre os pensadores locais, para os quais Filipe surgia como detentor de uma nova expressão filosófica.

Após ser constrangido pelos gregos para que detalhasse sua doutrina, o apóstolo responde.

"Ó filósofos de Hellas, se vós desejais ouvir coisa nova e ansiais por alguma novidade, deveis despojar-vos da disposição do velho homem, tal como antes disse meu Senhor: 'É impossível deitar vinho novo em odres velhos, pois rompem-se os odres, derramando-se o vinho e perdendo-se os odres. Mas, deita-se vinho novo em odres novos, de tal sorte que ambos são preservados'. Estas cousas o Senhor nos falou em parábolas, ensinando-nos em Sua santa sabedoria que muitos desejariam o vinho novo, não dispondo, entretanto, de odres novos.

Eu vos amo, homens de Hellas e vos congratulo por afirmardes que vos deleitais nas novidades, pois sabedoria nova trouxe meu Senhor a este mundo, a fim de que pudessem ser postos de lado todos os demais ensinamentos deste século."

Questionado acerca daquele a quem chamava Senhor, Filipe responde de forma incisiva aos pensadores gregos que, àquela altura, demonstravam-se ansiosos pela exposição da nova doutrina.

"Aquele que estou prestes a apresentar-vos como Senhor, está acima de todo nome e não há outro como Ele. Eis o que digo (...): certamente não vos rejeito, mas antes em grande exultação e júbilo venho revelar-vos este Nome, já que não tenho outro compromisso neste mundo senão levar a termo esta proclamação. Pelo que, quando meu Senhor veio a este mundo, escolheu-nos a nós, doze ao todo e encheu-nos com o Espírito Santo. Com Sua luz, fez-nos compreender quem era e ordenou-nos apregoar a todos a salvação através dEle, posto que não há outro nome que desde os céus nos tenha chegado senão este que vos anuncio. Por essa razão venho ter convosco para vos confirmar plenamente, não apenas em palavras, mas também em demonstração de maravilhas no nome de nosso Senhor Jesus Cristo."

Incomodados pelo impacto da nova revelação e pelos diversos sinais prodigiosos efetuados por Filipe, os filósofos pedem, então, três dias para arrazoarem entre si acerca da decisão a ser tomada, visto que temiam muito os desdobramentos que a novidade traria sobre a tradição paga que orgulhosamente sustentavam. Reunidos, reconhecem a irresistibilidade da sabedoria contida nas palavras de Filipe; porém, decidem enviar mensagem ao sumo sacerdote Ananias, em Jerusalém, contando-lhe acerca do alvoroço causado pelo apóstolo por toda Grécia e Macedônia e rogar-lhe que venha a Atenas, a fim de confrontá-lo.

Diz a lenda que Ananias enche-se de furor ao saber do sucedido em Atenas, e viu-se possuído pelo diabo, sob cuja influência, reuniu quinhentos homens e dirigiu-se para a capital grega, visando esmagar Filipe e apagar os vestígios do Nazareno ali semeados.

Chegando a Atenas, Ananias e seus companheiros reúnem junto de si os trezentos filósofos e partem em direção à casa onde Filipe e alguns outros cristãos ministravam a palavra. Publicamente desafiado pelo sacerdote e por este acusado de mágica enganadora, Filipe apresentou-se diante da multidão replicando.

"Muito desejaria, ó Ananias, que a capa da tua incredulidade fosse removida de teu coração, de sorte que pudesses ver minhas obras e a partir delas pudesses, então, constatar quem é o enganador, se eu ou tu!"

Indignado com a resistência do apóstolo, Ananias voltou-se para o público em derredor e contou sua versão sobre o ministério de Cristo e seus discípulos, denunciando-os como perturbadores da ordem social, infratores da lei mosaica e mágicos fraudadores. Diante de semelhantes calúnias e sob a ameaça de ser levado de volta, aprisionado, a Jerusalém, Filipe defendeu-se dizendo.

"O, varões atenienses e vós dentre os filósofos, tenho chegado até vós não para vos ensinar com meras palavras, mas com demonstração de milagres. Prontamente haveis percebido tudo o que se sucedeu em minha presença, através da menção do Nome pelo qual este mesmo sumo sacerdote será lançado fora. Pois, eis que clamarei ao meu Deus e vos ensinarei; então provareis as palavras de nós dois."

Diz a lenda que, tomado por um ódio incontrolável, Ananias se lança sobre o apóstolo, mas não consegue consumir sua agressão em virtude da cegueira que subitamente se lhe acomete, assim como aos quinhentos judeus que o acompanham. Atemorizados pelo sinal que lhes sobreveio, os súditos do sacerdote clamam a Filipe por misericórdia e confessam a fé em Jesus Cristo, mas não são acompanhados por seu líder que permanece em franco desafio e irreduzível incredulidade.

Após as palavras que repetidamente confirmaram a obstinação do sacerdote judeu, Filipe decide rogar a Deus que manifeste Seu juízo sobre o ancião, diante do olhar assustado dos atenienses. Negando Jesus até o fim, Ananias acaba tragado por uma fenda abismal aberta sob seus pés, que o destinou ao sofrimento eterno do Hades.

A narrativa dos atos de Filipe na Grécia se encerra propondo algumas outras possibilidades para seu ministério posterior.

"Filipe permaneceu em Atenas por dois anos, tendo ali fundado uma Igreja e ordenado um bispo e um presbítero. Rumou, então, para a Partia, pregando a Jesus, a quem seja a glória para todo o sempre. Amém."

É verdade que os detalhes extraordinários dessa obra não permitem sua abordagem como uma descrição histórica. No entanto, não seria exagero imaginar que esse texto represente, em última instância, a distorção — resultante dos anos — de uma possível missão do apóstolo a Atenas, uma das mais influentes cidades da Antigüidade. Como já vimos, a presença de Filipe em Hierápolis é ponto pacífico para muitos

pesquisadores de sua biografia. Grécia e Ásia Menor — onde Hierápolis se situava — eram regiões próximas e perfeitamente comunicáveis entre si por distintas rotas comerciais. Não há, portanto, razões para duvidarmos que o apóstolo, uma vez ministrando na Ásia Menor, tenha se sentido atraído pela capital cultural do mundo antigo onde, à semelhança de Paulo (At 17.15-34), pode ter tido a chance de confrontar com a mensagem do Evangelho os mais renomados mestres do saber filosófico da época.

Teria Filipe evangelizado a Gália?

Se há poucas dúvidas quanto ao fato de o apóstolo ter despendido boa parte de sua carreira e de ter falecido em Hierápolis, existem, contudo, outras possibilidades envolvendo seu trabalho pastoral em regiões do mundo antigo ainda mais distantes. Uma delas é o forte testemunho das lendas que vinculam o apóstolo Filipe à França. Vejamos alguns indícios que corroboram essa tradição.

Nos tempos neotestamentários, a região que hoje inclui a França, a Bélgica, Luxemburgo e Oeste da Alemanha chamava-se Gália Transalpina. Ao contrário da Gália Cisalpina, situada no Vale do Pó entre os Alpes e os Apeninos, a região mais distante (também conhecida como *Gallia Comata*), só fora conquistada pelos romanos entre 57 e 50 a.C. graças ao gênio militar de Júlio César.

As batalhas da Gália custaram às partes beligerantes — romanos e bárbaros - o assombroso preço de quase um milhão de vidas, penosamente ceifadas ao longo de oito anos de lutas. Não obstante seu alto custo, a conquista da Gália Transalpina — mais tarde Gália Narbonensis — acabou acrescentando mais prestígio e poder a Roma que, a partir de então, passou a investir significativamente em sua colonização, tornando-a próspera e culturalmente florescente. A presença romana na Gália se fez sentir na construção de estradas, na edificação de novas cidades e na ornamentação das já existentes. Da

Gália partiram as campanhas militares que, mais tarde, sob o comando de Cláudio Nero (41-54 A.D.), subjugariam a Britânia, atual Inglaterra.

Portanto, nos dias apostólicos, a Gália embora ainda marcada pelas fortes tradições celtas, tornara-se uma região desenvolvida, possuidora de belas cidades e de uma cultura romana emergente, que a tornava uma província atraente para o indivíduo de língua latina ou grega. Em Lugdunum (atual Lyon) na Gália, nasceu o supracitado imperador *Claudius Drusus Nero Germanicus*, um dos mais destacados césores do primeiro século. Deve-se a ele, por um lado, os maiores esforços para a supressão dos sacerdotes druidas da Gália, e por outro, a admissão de nobres gauleses no senado

romano em 48 A.D.

As cidades gaulesas de Namnetes (atual Nantes) e Aries estão entre as primeiras do império a desfrutarem da vanguarda cultural dos anfiteatros romanos.

A Gália do primeiro século havia se tornado uma região próspera por suas exportações de alimentos, vinho e cerâmica. Esse incrementado fluxo comercial certamente atraiu para lá diversos mercadores cristãos e com eles, por certo, a disseminação do Evangelho na região. Entretanto, diante de circunstâncias tão atraentes, é possível que o cristianismo tenha aportado na Gália não apenas por obra de cristãos anônimos, mas também pela estratégia de algum apóstolo. Nesse caso, a tradição é clara ao apontar o nome de Filipe na evangelização daquela província.

Que relação podemos, então, estabelecer entre a Gália e o ministério de Filipe, tradicionalmente limitado a Galácia e Ásia Menor? Bem, primeiramente, é preciso reconhecer a possibilidade de que a lenda sobre o ministério de Filipe na França tenha se originado de antigos erros de escrita devido à semelhança das palavras *Galácia* e *Gália*. Essa semelhança pode, por outro lado, estabelecer a relação que procuramos entre as duas regiões. A Galácia (na atual Turquia) foi assim denominada em função do estabelecimento na região de colonos celtas, oriundos da Gália em 278 a.C., a pedido de Nicomedes I, rei da Bitínia, que buscava reforços para suas campanhas militares.

Houve, portanto, vínculos culturais e étnicos entre os habitantes da Galácia e os celtas da Gália. Talvez parte dessa ligação ainda estivesse perceptível nos dias de Filipe. Sabemos que o apóstolo exerceu parte de seu ministério em Hierápolis, na Frígia, região vizinha à Galácia. Esse antigo vínculo entre a Galácia e a Gália, aliado ao desenvolvimento e à notoriedade alcançada por essa última durante o primeiro século pode ter despertado em Filipe o desejo de expandir suas missões àquela região, que hoje compreende a França.

Alguns escritores cristãos muito antigos corroboram a presença do apóstolo na Gália. Um deles é Isidoro, Bispo de Sevilha, que entre os anos 600 e 636 A.D. escreveu (*De Ortu et Obitu Patrum*, cap. LXXIII 131):

"Filipe, da cidade de Betsaida, de onde também provinha Pedro, apregoou Cristo nas Gálias e nas nações vizinhas, trazendo seus bárbaros, que estavam em trevas, à luz do entendimento e ao porto da fé. Mais tarde, foi apedrejado, crucificado e morto em Hierápolis, uma cidade da Frígia, onde foi sepultado de cabeça para baixo, ao lado de suas filhas."

Semelhantemente escreveu Freulfus, Bispo de Lisieux (825-851A.D.) em seu *Tom Posterior Chronicorum (Lib II, Cap. IV)*:

"Filipe, natural de Betsaida, assim como Pedro, e a quem os Evangelhos e Atos dos Apóstolos freqüentemente mencionam de maneira honrosa, possuía filhas que se tornaram profetisas conhecidas por sua maravilhosa santidade e perpétua virgindade. Ele é citado pela história eclesiástica, como tendo pregado a Cristo nas Gálias."

Fato ou ficção, o nome de Filipe é o que mais fortemente se associa à evangelização apostólica da França. Contudo, existem outros personagens neotestamentários conectados àquela região, segundo contam algumas antigas lendas cristãs. É o caso de Maria Madalena, Lázaro e suas irmãs Marta e Maria, que teriam evangelizado a cidade gaulesa de Massília, atual Marselha, onde ainda hoje se encontram suas supostas lápides.

Filipe, sepultado em Hierápolis ou em Roma?

Se Filipe algum dia esteve em missão na Gália Transalpina, é pouco provável que tenha terminado ali seus dias. Pelo menos é o que podemos deduzir de diversas lendas que tentam reconstituir seus feitos, inclusive daquelas mesmas que registram sua presença ali. Mais correto é imaginarmos que o apóstolo retornou a Hierápolis, na Frígia, onde conheceu o martírio em função de seu apostolado.

O renomado bispo de Éfeso e líder da Igreja na Ásia Menor, Polícrates (130-196 A.D.) é mais um dos vários testemunhos que confirmam o martírio e o sepultamento de Filipe em Hierápolis (*Epístola a Vítor e à Igreja de Roma Concernente ao Dia da Guarda da Páscoa*).

"Pelo que, na Ásia grandes luminares encontraram seu repouso, os quais ressuscitarão no dia da vinda do Senhor, quando com glória virá desde os céus fazendo ressurgir todos seus santos. Falo de Filipe, um dos doze apóstolos, que foi deixado descansar em Hierápolis e de suas duas filhas, as quais atingiram avançada idade sem se casar; sua outra filha, que passou a vida sob influência do Espírito Santo, repousa em Éfeso."

Mesmo reconhecendo o teor folclórico de alguns dos textos que comentamos ao longo desta biografia, devemos considerar Hierápolis — hoje Pambuk-Kelessi, na Turquia

- como o mais provável sítio do martírio e descanso do apóstolo Filipe. Pelo menos, nenhum outro lugar da Antigüidade soma tantos relatos sobre o fim do discípulo quanto essa milenar estação hidromineral da Ásia Menor.

Por outro lado, contra a permanência dos restos de Filipe em Hierápolis, temos a tradição que relata a aquisição do corpo do apóstolo pelo Papa João III (560-572 A.D.). O pontífice teria, então, ordenado seu traslado para Roma, para sepultá-lo em uma Igreja originalmente chamada "Igreja dos Santos Apóstolos Filipe e Tiago". Este santuário, cuja construção remonta ao século VI, atualmente é conhecido como Igreja dos Santos Apóstolos. Em seu interior, repousando em um sarcófago de mármore, sob o altar e em um relicário atrás dele, está aquilo que a tradição católica romana afirma ser os restos do memorável apóstolo Filipe.

JUDAS TADEU

"Disse-lhe Judas, não o Iscariotes: Donde procede, Senhor, que estás para manifestar-te a nós, e não ao mundo?"

João 14.22

A tentativa de se desvendar a obscura origem do apóstolo Judas Tadeu tem levado muitos estudiosos do tema a depararem com uma das mais antigas controvérsias bíblicas jamais levantadas: a questão dos irmãos do Senhor.

Apesar de algumas passagens neotestamentárias desacreditarem claramente a presença de um dos irmãos de Jesus entre os doze, essa crença, todavia, não emergiu de discussões teológicas recentes, mas remonta aos primeiros séculos da Igreja.

Em Mt 13.55 encontramos o nome de Judas entre os que compunham o rol dos irmãos de Jesus segundo a carne, muito embora o conceito hieronímico da tradição romanista, tenha procurado implantar a idéia - lançada no quinto século por Jerônimo de Belém - de que tais homens eram, na realidade, "primos" do Senhor. Tal conceito, embora muito antigo, fere frontalmente o próprio significado do termo grego *adelphos*, que no Novo Testamento invariavelmente se aplica a irmão quando se refere a uma relação de parentesco. Ademais, as Escrituras não deixam margem para dúvidas, ao afirmarem que Jesus, embora sendo o Unigênito (grego *monogenes*) Filho de Deus (Jo 1.14, 3.16; Ijo 4.9) era, na verdade, o primogênito (gr. *prototokos*) de Maria (Lc 2.7). As afirmações contrárias, via de regra, defendem uma visão distorcida acerca da santidade no casamento ou ainda uma extravagante apologia ao celibato, fruto da forte influência que as tendências ascéticas exerceram na Igreja a partir do século IV.

Existe, por outro lado, um abismo entre se reconhecer, como biblicamente procedente, a irmandade de Jesus com o Judas de Mt 13.55 e a identificação deste com um dos doze discípulos, como pretendem alguns. Isso porque as Escrituras, como no caso de Jo 7.5, são por demais incisivas ao relatarem a postura dos irmãos de Jesus quanto ao seu messianismo.

"Pois nem mesmo os seus irmãos criam nele."

Com efeito, a conexão que se têm feito desse mesmo Judas com o autor da breve epístola universal que leva seu nome parece mais provável. Isso porque o irmão do

Senhor (ou meio-irmão, como preferem alguns), a exemplo de Tiago, teria posteriormente se convertido, tornando-se um apóstolo do evangelho. Deixaremos, porém, esse assunto para ser tratado mais adiante, quando discutiremos a biografia do apóstolo Tiago Maior.

Se o personagem de Mt 13.55 não era um dos doze, quem era Judas Tadeu? A tentativa de rastrear as origens desse apóstolo captou a atenção de alguns dos chamados Pais Apostólicos. Jerônimo, um dos mais destacados pensadores cristãos do século V, chama-o de *Trionius*, isto é, "o que possui três nomes". De fato, o apóstolo é apresentado, dependendo da tradução, com dois outros nomes: Tadeu e Lebeu (Mt 10.3; Mc 3.18; Lc 6.16; Jo 14.22; At 1.13). Alguns tem sugerido que o nome Tadeu seja o diminutivo de Teudas, derivado do aramaico *tad*, que significa "peito" ou "coração". Isso poderia dar ao nome uma conotação de alguém "querido" ou "amado". Essa suposição é confirmada pela origem do nome Lebeu que, por sua vez, deriva do substantivo hebraico *leb*, ou seja, "coração".



Em sua exaustiva pesquisa biográfica sobre os discípulos do Senhor, o Dr. Stuart McBirnie reconhece a complexidade da origem do apóstolo em questão (*op. cit.*, p. 195).

"A correta identificação deste Judas é extremamente complicada, não apenas em função dos três nomes com os quais os registros bíblicos o apresentam, mas também pela enigmática referência a ele dirigida como 'filho de Tiago'. Com efeito, poderíamos saber muito mais acerca dele se soubéssemos exatamente quem foi esse Tiago a quem se referem as Escrituras."

Nas traduções católico-romanas encontramos, em Lc 6.16 e At 1.13, Judas Tadeu como "irmão de Tiago". A maior parte das versões bíblicas, entretanto, se refere ao apóstolo como "filho" deste mesmo Tiago, sobre quem nada sabemos. O grego original, nesse caso, meramente diz "Judas de Tiago". No entanto, esta expressão sugere uma alusão muito mais ligada à paternidade do que a irmandade, conforme atestam os estudiosos do assunto. Ora, se Judas era, como imaginamos, "filho de Tiago", quem era afinal esse Tiago?

Muitas associações foram propostas, ao longo dos séculos, tentando identificar a origem desse obscuro personagem, suposto pai de Judas Tadeu. Uma delas diz se tratar de Tiago, irmão de Jesus, celebrizado pela tradição como Tiago, o Justo. Esse Tiago

tornou-se um dos anciões da Igreja de Jerusalém e autor da epístola universal que leva seu nome. A impropriedade dessa alternativa repousa, basicamente, sobre duas constatações: primeiramente, porque sendo Jesus o primogênito de Maria, segue-se que Tiago foi um de seus irmãos mais novos; portanto, ainda que tivesse contraído matrimônio em tenra idade, dificilmente poderia ser pai de alguém maduro o suficiente para tomar sobre si a responsabilidade do discipulado cristão. Em segundo lugar, porque a tradição primitiva freqüentemente apresenta Tiago como um homem assaz rigoroso em sua consagração ao Senhor; esse rigor teria se traduzido numa vida ascética e, portanto, celibatária.

Resta-nos, pois, considerar a possibilidade de Judas descender de um dos dois Tiagos, discípulos de Jesus. Neste caso, alguns autores têm sido tentados a sugerir o nome do mais velho dentre ambos, ou seja, o de Tiago Maior. McBirnie, comenta (*op. cit.*, p.205).

"Ainda sujeito a correções devido a eventuais descobertas futuras, o seguinte esboço biográfico foi deduzido de tradições e descobertas já acessíveis:

Judas era filho de Tiago Maior e neto de Zebedeu. Descendia da tribo de Judá, como se pressupõe, de alguém cujo nome representa a forma grega dessa nação israelita. Seguiu, provavelmente, os passos de seu pai até o círculo dos Doze, desde as adjacências de Cafarnaum, onde ambos, em tempos anteriores, trabalharam como pescadores. Judas deve ter tido uma grande proximidade com os Setenta, que também eram discípulos de Jesus, até mais tarde 'posicionar-se firmemente como um dos Doze'."

Se confirmada, essa filiação atribuída a Judas provavelmente faria dele o mais jovem dos doze discípulos.

Qualquer que seja a nossa perspectiva diante de conjecturas como as de McBirnie, o certo é que decifrar a origem de apóstolos como Judas Tadeu tornou-se um verdadeiro desafio à pesquisa histórico-eclesiástica.

O autor britânico John D. Jones, deixando de lado as especulações da tradição cristã, reconhece a grande lacuna deixada pela narrativa bíblica particularmente com respeito aos apóstolos Judas Tadeu e Tiago Menor (*The Kpostles of Jesus*, p. 119).

"Assim, o que sabemos acerca deles? Absolutamente nada senão seus nomes e o fato de Judas, no cenáculo, ter dirigido a Jesus a questão: 'Donde procede, Senhor, que estás para manifestar-te a nós e não ao mundo?'

Esses dois apóstolos se apresentam para nós, atualmente, como meros nomes. Seu caráter, suas façanhas e seu histórico pessoal nos são totalmente desconhecidos.

Conquanto seus nomes tenham chegado até nós gravados pelas páginas da história cristã, parecem inevitavelmente naufragados na obscuridade, semelhantemente à vasta maioria dos que jazem em nossos cemitérios, dos quais só temos os nomes preservados em granito e mármore.

Pode-se dizer, portanto, que a marca característica de Judas e Tiago [Menor] é a sua própria obscuridade. Sabemos um pouco acerca de cada um dos demais apóstolos, mas quanto a esses, literalmente nada. Tudo que podemos afirmar com respeito a eles é o fato de serem homens irremediavelmente desconhecidos."

O comentário de Jones é suscetível a algumas críticas, tanto sob a ótica bíblica como histórica. Biblicamente, porque não devemos ignorar a possibilidade de Judas ter sido realmente filho do apóstolo Tiago Maior, como sugere McBirnie. Dentre todas as hipóteses que o conectam a algum outro Tiago citado no universo neotestamentário esta é a mais plausível. A partir dela, poderíamos afirmar, por exemplo, que Judas era neto de Zebedeu, um próspero pescador da Galiléia (Mt 4.21; Mc 1.19-20) e de Salomé, uma das várias mulheres piedosas que seguiam a Jesus (Mt 27.56; Mc 15-40). Como Zebedeu e seus filhos pescavam em Betsaida e em suas adjacências, teríamos, assim, esta região galiléia como a provável localidade da origem de Judas. João, o irmão mais jovem de Tiago, um dos mais destacados apóstolos da Igreja primitiva, seria, portanto, seu tio. Isso representaria uma ligação íntima entre Judas Tadeu e dois dos três mais próximos discípulos do Senhor, o que teria potencialmente produzido significativa influência em seu ministério posterior. Historicamente porque, ao contrário do incontestável silêncio bíblico sobre ele, as narrativas da história eclesiástica, embora num volume pouco expressivo, não deixaram sem registro parte de seu trabalho apostólico, tradicionalmente estendido por algumas regiões do mundo antigo, como veremos a seguir.

A conexão com a Igreja Armênia

Como mencionamos anteriormente, ao discorrer sobre a biografia de Bartolomeu, a região da Armênia foi alvo de algumas investidas missionárias que remontam ao primeiro século da Igreja. Dentre as várias campanhas que transformaram aquela nação num dos principais centros cristãos da Antigüidade, encontram-se as protagonizadas pelo apóstolo Judas Tadeu, como lembra McBirnie (*op. cit.*, p.199).

"A associação da Igreja da Armênia com o rol dos apóstolos é uma das mais fundamentadas narrativas de toda a tradição histórica pós-bíblica. São Judas é consistentemente citado como um dos cinco apóstolos que visitaram e evangelizaram a região. Com a proclamação oficial feita em 301 A.D., a Armênia tornou-se a primeira nação cristã em todo o mundo. O então rei Tiridates, ao lado de toda a nobreza do país, foi batizado por São Gregório, o Iluminador."

Em seu livro *Jerusalém and the Armenians* (p.20), Assadour Antreassian reconhece a influente presença das missões cristãs nos tempos mais remotos de sua nação, ao lembrar a obra dos apóstolos Judas Tadeu e Bartolomeu.

"Assim, as igrejas cristãs concordam com a tradição ao afirmarem que o cristianismo foi levado à Armênia pelos apóstolos Tadeu e Bartolomeu, na primeira metade do século I, quando se encontravam em pleno cumprimento da vocação para anunciar o Evangelho tanto em Jerusalém, como na Judéia e em Samaria e até os confins da Terra (At 1.8). A Armênia colocou-se, pois, entre os primeiros países a responder positivamente ao chamado de Cristo. Destarte, os apóstolos acima mencionados se tornaram os primeiros iluminadores daquela nação. Uma cronologia popular-mente aceita registra um período missionário de oito anos para São Tadeu (35-43 A.D.) e dezesseis anos para Bartolomeu (44-60 A.D.). Ambos sofreram martírio naquelas terras, sendo Tadeu em Ardaze, em 50 A.D. e Bartolomeu em Derbend, em 68 A.D."

Embora não concorde cronologicamente com a narrativa de Antreassian, Aziz Atiya, em seu livro *History of Eastern Christianity* (p.315-316), ao analisar as origens e o desenvolvimento da Igreja armênia, considera provável a precoce evangelização daquela região, protagonizada por alguns dos doze, em especial pelo apóstolo Judas Tadeu:

"É concebível que a Armênia, por sua proximidade à Palestina, fonte de onde jorrou a fé em Jesus, tenha sido, ainda cedo, visitada por propagadores do cristianismo, embora nos seja difícil conceber a extensão em que a nova religião penetrou entre os habitantes daquele país.

(...)

Uma tradição corrente entre os armênios atribui a primeira evangelização da nação ao apóstolo Judas Tadeu que, segundo sua cronologia, passou os anos 43-66 A.D. naquele lugar. O apóstolo teria sido ajudado por Bartolomeu a partir de 60 A.D. Este

último, por sua vez, foi martirizado em Derbend, em 68 A.D.

Portanto, de acordo com a tradição local, Tadeu tornou-se o primeiro Patriarca da Igreja da Armênia, munido tanto de atribuições apostólicas como autocéfalas. Outra tradição atribui à sé de Ardaze uma linha de bispos de nomes conhecidos, cujos períodos episcopais remontam ao segundo século. Os anais do martirologio armênio registram legiões de mortos durante o período apostólico. Um rol de milhares de vítimas, homens e mulheres de nobre descendência, perderam suas vidas ao lado de São Tadeu, enquanto outros tantos pereceram junto a Bartolomeu.

(...)

Embora seja difícil confirmar ou refutar a historicidade de tais lendas - tão preciosas ao coração dos armênios - pode-se deduzir que houve cristãos na Armênia antes do advento de São Gregório, o Iluminador, o apóstolo cristão à Armênia, durante o quarto século."

O célebre Eusébio de Cesaréia (260-340 A.D.) em sua obra *História Eclesiástica* cita, por duas vezes, acontecimentos marcantes ligados à Igreja da Armênia, os quais sugerem uma boa difusão da fé cristã por aquelas terras nos primeiros dois séculos de nossa Era. Primeiramente, o historiador menciona o fato de Dionísio de Alexandria, pupilo do grande Orígenes, ter escrito uma epístola aos cristãos armênios, denominada "Sobre o Arrependimento". Noutro instante, Eusébio lembra a perseguição do Imperador Maximiniano (311-13 A.D.) contra os armênios os quais - embora velhos aliados de Roma - com a forte adesão que demonstraram ao cristianismo, tornaram-se inimigos potenciais do Império que, em sua parte oriental, empregava esforços imedidos na extinção do cristianismo. Conquanto esse fato aluda ao princípio do quarto século, época das notórias missões de Gregório, o Iluminador, parece claro que muito antes disso a fé cristã já havia se abrigado no coração de parte do povo armênio. Acerca dessa questão, a obra *The Armenian Patriarchate of Jerusalém*, elaborada por cristãos armênios residentes em Jerusalém, cita com orgulho indisfarçado a antiga ligação de sua pátria com a Terra Santa (p. 3).

"A precoce conexão [dos armênios] com Jerusalém se deve, naturalmente, à antiqüíssima conversão da Armênia. Mesmo antes do descobrimento dos lugares sagrados, os armênios, assim como os cristãos de países vizinhos, se dirigiam à Terra Santa, através das estradas romanas, com o propósito de venerar os lugares os quais Deus santificou. Lá, muitos viviam e adoravam no Monte das Oliveiras. Após a

Declaração de Constantino, conhecida como Édito de Milão e a conseqüente descoberta dos lugares sagrados, peregrinos armênios derramaram-se sobre a Palestina, num fluxo constante através dos anos. O número, assim como a importância dos monastérios armênios começou a aumentar ano após ano."

A alegada presença de Tadeu na Armênia e na Mesopotâmia setentrional é particularmente reforçada pela abundante tradição cristã a esse respeito, maiormente originária da antiga cidade de Edessa (atual Urfa, no leste da Turquia), outro provável palco de suas atuações como apóstolo.

Na passagem do segundo para o terceiro século, o então imperador romano Caracala (188-217 A.D.), sonhando tornar-se um novo Alexandre Magno, arremeteu suas tropas contra os impérios orientais, conquistando muitas cidades; Edessa contou-se entre elas. A partir de então, sua progressiva ligação com o ocidente, através da cultura romana imposta pelos conquistadores contribuiu para a aceleração de seu processo de cristianização.

Embora não se possa provar o pioneirismo de Judas Tadeu na evangelização de Edessa, há suspeitas de que esta cidade mesopotâmica recebeu o evangelho ainda no período apostólico. A absorção da nova doutrina na cidade foi tal que, duzentos anos mais tarde, já se transformara num dos mais relevantes centros de teologia cristã de todo o mundo antigo. Com efeito, a escola teológica de Edessa, em seu apogeu, despontou como a grande rival das academias de Alexandria e Antioquia, as mais conceituadas da época. A versão siríaca do Velho Testamento (conhecida como *Peschito*) foi sua primeira obra de grande notoriedade e o escritor cristão Bardesano, um de seus maiores representantes, embora posteriormente vitimado pela sedução gnóstica.

As perseguições dos imperadores Décio e Diocleciano, alastradas por grande parte do mundo romano de então, interromperam a prosperidade de Edessa, só resgatada após a direção de Efrem, em 320 A.D., quando se iniciou seu período mais glorioso. Mais tarde, durante as Cruzadas, Edessa tornou-se uma das poderosas fortificações cristãs do oriente, até capitular sob mãos turcas em 1144A.D.

O manuscrito siríaco *O Ensino dos Apóstolos* — produzido no tempo em que Edessa emergia em todo seu potencial teológico - atribui a evangelização da cidade a um certo apóstolo *Adeu*. Laborioso em suas missões, Adeu teria ainda enviado um de seus discípulos, Ageu, para evangelizar as regiões interiores da Pérsia, Assíria, Média e Armênia. O nome de *Adeu*, citado no manuscrito como um dos setenta apóstolos, para alguns autores, nada mais é do que uma mera corruptela do nome de Judas Tadeu.

"Edessa e todos os termos ao redor dela, assim como Zoba, Arábia e as regiões norte, sul e fronteiriças da Mesopotâmia, receberam a ordenação sacerdotal da parte de Adeu, um dos setenta e dois apóstolos, o qual fez discípulos e construiu ali uma Igreja (...)."

As lendas que tentam precisar o "ponto zero" da evangelização de Edessa e que envolvem, além de Tadeu, outros nomes apostólicos como os de Bartolomeu e Tomé, produziram narrativas, no mínimo, muito interessantes. Os manuscritos síriacos que constituem as *Memoirs of Edessa* (*Memórias de Edessa*), traduzidos para o inglês pelo reverendo B. P. Pratten, registram que Tadeu foi enviado à Mesopotâmia pelo apóstolo Tomé, em cumprimento a uma promessa feita de punho pelo próprio Senhor Jesus a Abgar, rei de Edessa. Vejamos os trechos mais curiosos desse relato.

"Após a ascensão de Jesus, Judas Tomé enviou-lhe [a Abgar] o apóstolo Tadeu, um dos setenta. Ao chegar, Tadeu permaneceu em companhia de um certo Tobias, filho de Tobias. Quando as novas acerca de sua chegada se fizeram ouvir, foi dito a Abgar: 'Eis que o apóstolo de Jesus é chegado, tal como Ele to escreveu.'

Tadeu, por sua vez, começou a curar as enfermidades e doenças pelo poder de Deus, de tal sorte que todos ficaram maravilhados. Quando Abgar soube das grandes e maravilhosas curas que Tadeu operava, considerou que se tratava daquele sobre quem Jesus escreveu, dizendo: 'Quando for levado para o alto, enviar-te-ei um de meus discípulos, para que ele te cure da tua enfermidade'.

Abgar, então, mandou chamar Tobias, com quem Tadeu estava e disse-lhe: 'Tenho ouvido que um homem poderoso chegou e estabeleceu-se contigo em tua casa. Traga-o, pois, a mim'.

Acercando-se de Tadeu, Tobias disse-lhe: 'Abgar, o rei, mandou chamar-me e ordenou-me que te levasse até ele. Tadeu replicou-lhe: 'Certamente irei, pois a ele tenho sido enviado com poder.' Tobias levantou-se cedo, no dia seguinte, e tomando consigo a Tadeu, levou-o até a presença de Abgar.

Ao chegarem, eis que ali estavam também alguns dos príncipes locais. Imediatamente ao ver entrar Tadeu, Abgar teve uma visão sobre o semblante do apóstolo. Assim, quando Abgar o contemplou, prostrou-se aos seus pés e grande espanto apoderou-se dos que estavam presentes, pois não tinham tido a visão, que aparecera a Abgar. O rei procedeu perguntando a Tadeu: 'Es tu o discípulo de Jesus, o Filho de Deus,

o qual me disse: 'eu te enviarei um de meus discípulos para que te cure e te dê salvação'? Tadeu, então, lhe respondeu: 'Visto que tens poderosamente crido naquele que me enviou, eis que sou enviado a ti. De novo te digo, se creres nEle, obterás os desejos de teu coração.'"

Diante da confissão, diz o relato que Tadeu imediatamente impôs as mãos sobre Abgar, curando-o da enfermidade que por muito tempo o acometia.

"E Abgar maravilhou-se, porquanto viu através dos feitos do discípulo Tadeu as mesmas coisas que ouvira falar com respeito a Jesus. Pelo que, sem medicamentos ou raízes foi curado e não apenas ele, mas também Abdu, filho de Abdu, que sofria de gota. Abdu também havia entrado ali e lançado-se aos pés do apóstolo que, ao orar sobre ele, curou-o de sua enfermidade. Muitas outras pessoas da cidade foram sanadas por Tadeu, muitos sinais foram por ele realizados e a Palavra de Deus foi ali pregada."

A lenda se encerra com os rogos de Abgar ao apóstolo por uma explanação minuciosa sobre os feitos de Jesus, o que Tadeu consente em fazer, porém para um público mais abrangente e não apenas para o soberano. Notória é também a recusa do apóstolo em aceitar a recompensa do rei pelas bênçãos que ministrara.

"Depois dessas coisas, Abgar disse-lhe: 'Tu, Tadeu, verdadeiramente operas, pelo poder de Deus, essas coisas das quais nos maravilhamos. Contudo, além do que já fizeste, conjuro-te que me relates a história sobre a vinda de Cristo e a maneira como ela se sucedeu. Conta-me também acerca do poder mediante o qual operou todas as coisas que dEle tenho ouvido falar.'

Tadeu, então, respondeu-lhe: 'No momento, apenas guardarei silêncio. Contudo, por ter eu sido enviado para pregar a Palavra de Deus, reúne amanhã - peço-te - todas as pessoas da cidade e então anunciarei e semearei entre elas a palavra da vida, contando-lhes acerca da vinda de Cristo e do modo como se sucedeu. Revelar-lhes-ei também Sua missão e o propósito com o qual foi enviado pelo Pai; contar-lhes-ei acerca de Seu poder, de Seus feitos e dos mistérios sobre os quais falou enquanto estava no mundo (...)'

Abgar, então, ordenou que naquela manhã toda a população de sua cidade fosse congregada a fim de ouvir a anunciação de Tadeu. Mais tarde, ordenou que ouro e prata lhe fossem presenteados, porém Tadeu não os recebeu, dizendo-lhe: 'Se deixamos para trás tudo aquilo que era nosso, por que razão aceitaríamos aquilo que a nós não

pertence?"

Em outro documento siríaco denominado *O Ensino de Adeu, o Apóstolo*, encontramos enfatizada a resposta positiva do povo de Edessa à proclamação do evangelho, bem como o impacto dessa receptividade sobre o rei Abgar.

"E Adeu, o apóstolo, regozijou-se ao ver que grande número da população da cidade permaneceu com ele. Não foram senão uns poucos que, naquele momento, se recusaram a crer. Mesmo esses tais, após alguns dias, aceitaram suas palavras e creram no evangelho de Cristo.

Quando, pois, o apóstolo Adeu falou essas coisas, toda a população de Edessa - tanto homens como mulheres - regozijou-se de seu ensino dizendo: 'verdadeiro e fiel é Cristo que a nós to enviou'.

Vendo o rei Abgar que toda a cidade se alegrara, também ele alegrou-se sobremodo com isso dando graças a Deus, visto que tal como ouvira falar sobre Cristo de Hanan, seu secretário, assim tinha testificado pelos maravilhosos sinais que o apóstolo Adeu realizara em seu Nome."

Outras possíveis missões de Tadeu pelo mundo antigo

As narrativas que ligam o apóstolo Judas Tadeu à evangelização da Armênia são, sem dúvida, mais consistentes que as tradições sobre seu apostolado em outras terras. Embora a Armênia possa ter concentrado os frutos mais significativos de sua evangelização, é certo que Tadeu não limitou seus esforços missionários àquela nação oriental. Isto porque, a própria jornada até lá, por si mesma, já incluiria necessariamente a passagem por diversas regiões, todas igualmente carentes da mensagem salvífica da qual Judas era portador.

Conforme visto anteriormente, o antigo escrito *O Ensino dos Apóstolos (Didascalia Apostolorum)* apresenta algumas regiões onde se crê que Tadeu tenha exercido alguma influência pastoral.

A Síria e a antiga Pérsia também estão entre as possíveis rotas missionárias do apóstolo. As lendas sobre a presença de Tadeu na Pérsia - atual Irã - é reforçada por sua proximidade territorial com a Armênia que, como vimos, concentra os mais significativos relatos de suas missões pós-bíblicas. Ademais, a própria Armênia fora, por muito tempo, parte do antigo império persa até a derrota deste, no séc. IVa.C, pelas forças macedônias de Alexandre Magno.

A tradição cristã persa apresenta-o como um laborioso missionário a cujo trabalho associou-se posteriormente o apóstolo Simão Zelote que, segundo alguns autores, esteve pregando na conturbada Britânia antes de dirigir-se ao oriente. Diz-se que ambos sofreram o martírio juntos naquelas terras, em fiel testemunho ao evangelho que pregaram.

O relato do *Ensino dos Apóstolos* e de alguns documentos apócrifos encontram eco na *História Eclesiástica* do patriarca Nicéforo Calixto (séc. IX), onde vemos confirmadas as ações evangelísticas de Judas Tadeu na Fenícia, Síria, Arábia, Assíria e a Mesopotâmia.

A morte de Judas Tadeu

A arte sacra medieval, ao focalizar o momento de seu martírio, deixou para a posteridade o retrato de um Tadeu relativamente jovem. Isso, de certa maneira, reforça a suspeita de sua precocidade como discípulo de Cristo. Por outro lado, as antigas lendas sobre seu suplício estão distantes de qualquer homogeneidade. Nelas, o apóstolo foi ora vitimado por um ataque de javalis, ora perfurado por lança ou até mesmo crucificado, como ocorre com a maior parte dos relatos da morte dos apóstolos. É importante que se diga, porém, que a morte por crucificação era típica dos romanos, que a empregavam abundantemente nos limites de seu império. A Armênia - embora tributária de Roma a partir de 66 a.C. — não fazia parte dele, portanto tal descrição soa incoerente se o suplício do apóstolo verdadeiramente se deu naquelas terras.

Enquanto para algumas narrativas os feitos mais expressivos de Tadeu na Armênia estão associados ao rei Abgar, sua posterior execução está ligada ao filho e sucessor deste, Severus, como vemos, por exemplo, nos fragmentos de textos siríacos conhecidos por *Extracts from Various Books Concerning Abgar the King and Addaeus the Apostle* (*Extratos dos Vários Livros Relativos ao Rei Abgar e Adeu, o Apóstolo*):

"(T) Adeu pregou em Edessa e na Mesopotâmia nos dias do rei Abgar. Estando ele entre os zofenianos, Severus, filho de Abgar mandou buscá-lo e feriu-o, assim como a um jovem discípulo seu, em Agel Hasna."

Nicéforo discorda da maioria das lendas armênias e persas e indica a Síria como palco do fim de Judas Tadeu. A tradição que relata o suplício de Tadeu nas cercanias de Beirute, no Líbano (então parte da Fenícia, e esta da Síria), foi investigada *in loco* pelo Dr. McBirnie em sua viagem à cidade em 1971. Infelizmente, McBirnie não constatou

qualquer informação digna de registro acerca da lenda, tanto da parte de católicos como de ortodoxos libaneses. O mesmo resultado repetiu-se em sua viagem ao Egito, onde também peregrinou buscando evidências de algumas lendas alusivas ao martírio de Tadeu naquele país.

Não obstante as frustrações iniciais, em outubro do mesmo ano, o pesquisador estendeu sua viagem até Teerã, no Irã, onde por fim coletou informações decisivas para a localização do túmulo do apóstolo (*op. cit.*, p. 203).

"Os líderes da Igreja Assíria, assim como um certo general do exército iraniano, informaram ao autor, em viagem a Teerã (em 16 de outubro de 1971) que a tumba original de São Tadeu encontra-se na pequena localidade de Kara Kalesia, próxima ao Mar Cáspio, cerca de quarenta milhas de Tabriz, em território iraniano próximo à fronteira soviética. Esse pode ser o sítio original da tumba de São Judas, conquanto seja provável que, a fim de manter as relíquias a salvo das invasões de Genghis Khan, as mesmas tenham sido trazidas ao ocidente sendo, então, espalhadas desde Roma até a Espanha."

A cidade de Ardaze, no sudeste da Armênia, é uma das candidatas ao real lugar de descanso de Tadeu. A preservação, pelos ortodoxos armênios, da tumba ali existente simboliza seu esforço em manter vivos os resquícios da origem apostólica de sua Igreja.

Contrapondo-se ao clamor dos ortodoxos, a Igreja romana sustenta que as verdadeiras relíquias do apóstolo encontram-se na Basílica de São Pedro e São Paulo, no Vaticano, misturadas às do condiscípulo Simão Zelote, ao lado de quem — sustentam os persas — o apóstolo evangelizou o oriente.

E verdade que o contexto bíblico não nos permite uma conclusão muito consistente sobre a biografia de Judas Tadeu. Entretanto, a história primitiva do cristianismo preencheu algumas lacunas sobre seu perfil ministerial, ao retratá-lo como alguém inteiramente comprometido com as missões transculturais. A possibilidade de seu martírio em terras estrangeiras, reflete a dimensão de seu engajamento e de sua fidelidade ao comissionamento de seu Mestre.

Segundo o Evangelho de João, na noite da traição, Judas Tadeu foi o último dos discípulos a dirigir ao Mestre questões acerca do porvir. Em resposta à dúvida do discípulo, Jesus imprimiu em seu coração algo que nortearia seu futuro trabalho missionário (Jo 14.23):

"Se alguém me ama, guardará minha palavra; e meu Pai o amará, e viremos para

ele e faremos nele morada."

Para Judas e seus companheiros, esse *status* de morada divina se manifestou de forma sensível no Pentecostes. Então, cheio do Espírito Santo e ardendo em amor pelas almas perdidas, o apóstolo lançou-se resolutamente às missões estrangeiras, desprezando os perigos e as hostilidades típicas dos lugares estranhos por onde peregrinou. Semelhante projeto de vida custar-lhe-ia, contudo, não apenas a renúncia de boa parte de suas realizações seculares, mas por fim seu próprio sangue, derramado num martírio que selaria sua fidelidade Àquele que o arregimentou para a nobre peleja (2 Tm 2.3-4).

E verdade que as lendas sobre suas missões — mesmo aquelas ligadas à Armênia e à Pérsia — são pouco numerosas. Entretanto, são suficientes para retratá-lo como um dos apóstolos pioneiros a deixar a Judéia em direção às nações pagas. Tadeu pode também ter sido um dos primeiros missionários a testemunhar vitoriosamente a um soberano gentio, como vimos nas lendas sobre Abgar, rei de Edessa.

O silêncio das Escrituras e a pouca atenção da história eclesiástica sobre o apóstolo levaram John D. Jones a registrar uma interessante apologia ao quase desconhecido ministério de Judas Tadeu (*op. cit.*, p.120).

"É exatamente isso que constitui a verdadeira grandeza de Judas: dar o melhor de si, mesmo que despercebido dos homens. Judas foi fiel, mesmo nos lugares mais humildes. É relativamente fácil dar o melhor de si quando se é uma figura conspícua. O simples fato de as pessoas nos observarem os esforços e comentarem sobre nosso trabalho é, em si mesmo, um incentivo e um encorajamento. Desalentador é, no entanto, dar o melhor de si quando ninguém faz de nós objeto de sua observação, atenção ou louvor. Esse procedimento é da fidelidade o maior triunfo e a maior proeza.(...)

Ó, que Deus nos dê do espírito de Judas Tadeu. Não alcançaremos grande fama, tampouco nossos nomes figurarão na história. Apesar de tudo isso, teremos feito nosso melhor. Sim, quer os homens nos louvem ou nos ignorem, pecamos a graça de humildemente emprendermos o melhor de nós mesmos, para que sobre nossos ouvidos recaiam o doce reconhecimento: 'Muito bem, servo bom e fiel; foste fiel no pouco, sobre muito te colocarei: entra no gozo do teu senhor'."

JOÃO

"Disse-lhe João: Mestre, vimos um homem que em teu nome expelia demônios, o qual não nos segue; e nós lho proibimos, porque não seguia conosco."

Mc 9.38

Se o contexto do Novo Testamento não nos legar informações suficientes para perfilarmos, de forma satisfatória, a maioria dos discípulos de Cristo, o mesmo não se pode dizer com respeito ao apóstolo João, cuja personalidade tornou-se uma das mais destacadas dentre os doze. Seu ministério pós-bíblico, alvo constante de escritores primitivos e medievais, transformou-o num dos grandes vultos do cristianismo em todos os tempos.

Com efeito, essa fartura de subsídios históricos disponíveis sobre o apóstolo apresenta duas faces. A primeira positiva, pois seguramente se constitui num auxílio ao pesquisador em sua investigação sobre os rumos seguidos pelo ministério joanino nos dias não cobertos pela narrativa bíblica. A segunda, preocupante, pelo que amplia o desafio ao exercício do discernimento sobre os limites entre lenda e história, entre imaginário e real, entre aquilo que o apóstolo verdadeiramente realizou e aquilo que seus biógrafos gostariam que tivesse feito.

Para melhor nos posicionarmos em relação ao início da carreira de João, importa que os enfoques da história cristã cedam a primazia aos elementos neotestamentários sobre o apóstolo, os quais se acham distribuídos pelas páginas dos evangelhos, do livro de Atos, de suas próprias epístolas pastorais e do Apocalipse. Através desses textos bíblicos estabeleceremos o perfil inicial do chamado *apóstolo amado*.

O nome João significa *Jeová é Gracioso*. Ao contrário da maior parte de seus companheiros de discipulado, João provinha de um lar que conheceu certa abundância. Seu pai, Zebedeu, fez crescer seu empreendimento a ponto de contratar trabalhadores para auxiliá-lo em seu ofício de pescador (Mc 1.20), do qual João participava ao lado de seus sócios e futuros condiscípulos, Pedro e André (Lc 5.8-10). Essa prosperidade, de alguma forma, tornou o apóstolo conhecido de algumas autoridades de Israel (Jo 18.15), como sugere McBirnie (*op. cit.*, p. 109).

"(João) Estava presente na corte, durante o julgamento de Jesus, devido ao fato de ser conhecido da família do Sumo Sacerdote. Ele provavelmente exercera negócios em

Jerusalém na área de representações da indústria pesqueira de seu pai, tornando-se, assim, conhecido de gente proeminente daquela cidade."

Sua mãe, Salomé, é mencionada nominalmente apenas duas vezes nas Escrituras, em Mc 15.40 e 16.1. A partir dessas citações, e de Mt 20.20 e Mt 27.56, presumimos também sua presença na passagem de Jo 19.26.

Salomé foi uma das mulheres piedosas que seguiam fielmente o ministério de Jesus desde a Galiléia, servindo-O com seus bens (Mt 27.55-56). Sua ousadia durante o episódio onde roga que seus filhos se assentem um à direita e outro à esquerda do Mestre em sua glória, aliada ao fato de Jesus ter, no Calvário, entregue Maria, Sua mãe, aos cuidados de João, tem feito alguns estudiosos suspeitarem de alguma relação de parentesco entre essas duas personagens neotestamentárias. Salomé seria, como sugerem, a *irmã de Maria* citada em Jo 19.25, cujo nome teria sido humildemente omitido pelo evangelista, seu filho, que testemunhara o fato. Se assim for, segue-se que Jesus era primo dos filhos de Zebedeu, João e Tiago. Isso poderia explicar, em parte, a intimidade existente entre eles, claramente demonstrada pelos evangelhos.



A influência de João Batista

O discípulo anônimo do profeta João Batista que, ao lado de André, é apresentado ao *Cordeiro de Deus* em Jo 1.35-40, parece tratar-se do próprio evangelista. Assim, nosso apóstolo — mesmo não sendo primo de Jesus — pode ter tido contato com o Mestre antes de sua vocação discipular narrada em Mt 4.21,22. Supõe-se que a influência de uma personalidade, por um lado simples e devotada, por outro, ardente e destemida, como a do profeta João Batista, tenha gerado a atmosfera propícia para o aprofundamento espiritual do renomado líder eclesiástico que João viria a se tornar.

Ao lado do rude profeta, nosso apóstolo aprendeu os segredos de uma espiritualidade bucólica, em que se buscava ouvir a voz do Senhor Deus na solitude e na contemplação da natureza, obra de Suas mãos. Entretanto, em João Batista, essa devoção ascética convivia harmoniosamente com um dinamismo que o tornava semelhante a um caniço agitado pelo vento do Espírito (Mt 11.7)! Nesse varão de hábitos rústicos, acostumado às privações de uma vida despendida nas regiões desérticas da

Judéia e Peréia, João reconheceu alguém verdadeiramente *enviado por Deus* (Jo 1.6). Seus sermões estremeceram a cúpula religiosa de Israel, comparada pelo profeta às medonhas serpentes do deserto, com as quais se familiarizara em sua vida retirada (Mt 3.7-10). Seu vigoroso zelo pela santidade não permitiu que se calasse diante do adultério de um dos mais temidos homens públicos de sua época, o tetrarca Herodes Antipas, mesmo que essa denúncia viesse a lhe custar a própria vida, como de fato ocorreu (Mt 14.3-11).

Por fim, esse homem de hábitos simples, que personificou a esperança messiânica de Israel e que gozava do respeito até mesmo de seus mais cruéis inimigos (Mt 14.5), demonstrou-se alguém capaz de associar a consagração de uma vida rigorosamente ascética, para a qual fora separado, com uma espiritualidade traduzida em ensinamentos práticos, que tangem a questões do cotidiano como, por exemplo, ética no trabalho e justiça social (Lc 3.10-14). Foi a partir dos referenciais e das experiências passadas ao lado desse valoroso profeta que João, o futuro evangelista, começou a delinear seu perfil espiritual, se preparando para a maior de todas as vocações: seguir a Jesus.

João, discípulo de Cristo

Algumas passagens encontradas em seu evangelho e sua própria carreira ao lado de João Batista deixam transparecer em nosso apóstolo um coração ardentemente judaico, em plena sintonia com as especulações messiânicas de sua nação, muito populares naqueles dias. Esse anelo pela revelação do



Ungido fez com que João atendesse prontamente a chamada do, até então, pouco conhecido homem de Nazaré, a quem já fora apresentado por seu antigo mestre e que já arrebanhara, àquela altura, dois de seus velhos amigos e parceiros de trabalho, Simão Pedro e André. A vocação definitiva de João acontece mais adiante, nos arredores do Mar da Galiléia, quando Jesus principia seu ministério, pregando o arrependimento de pecados e a iminência do reino de Deus (Mc 1.16-20).

Devemos exclusivamente ao testemunho de João o registro sobre como Jesus principiou seu ministério, durante uma

festa de casamento, em Cana (Jo 2.1-11). Na verdade, não fosse esse detalhe em seu evangelho, não saberíamos sequer da existência desse povoado da Galiléia, hoje identificado com a pequenina *Kofr Kenna*, um vilarejo de população predominantemente árabe.

Muito se tem especulado acerca do perfil psicológico do apóstolo João. A arte cristã, ao longo dos séculos, deu sua parcela de contribuição retratando-o como uma personalidade singela, terna, quase feminina. Essa imagem, embora satisfaça as exigências estéticas do artista medieval, contrasta, na verdade, com a silhueta que as Escrituras traçam do apóstolo. Como já comentamos anteriormente, a tradição eclesiástica, no ardor de legar para a posteridade os feitos memoráveis dos discípulos, ao descrevê-los acabou exacerbando algumas de suas características, tornando-os figuras caricatas. Como produto dessa influência, tem-se por exemplo a idéia de um Tomé constantemente incrédulo e de cerviz endurecida, de um Simão Pedro sempre impulsivo e impetuoso e de um João continuamente sereno e contemplativo, como convinha a figura do *discípulo a quem Jesus amava* (Jo 21.20). Esta é a perspectiva exata sob a qual o vêem muitos comentaristas bíblicos, entre os quais John D. Jones (*op. cit.*, p.46-47).

"(João) Era um homem de espírito quieto, contemplativo, quase místico.

(...)

Filho de Zebedeu, João é apresentado como sendo o 'discípulo a quem Jesus amava'. Nele havia algo de tão gracioso, tão cativante, tão celestial que Jesus - se é que posso assim dizer - se apaixonou por ele. A alma de Jesus de tal modo ligou-se a de João que ele o amava como sua própria alma.(...) Assim, por esse testemunho, sei que esse mesmo João era o mais santo e assemelhado a Cristo dentre todos os apóstolos."

A opinião do renomado pregador gales, embora abrilhante o romantismo com que freqüentemente se aborda a carreira dos doze, carece de ser corrigida à luz de algumas passagens neotestamentárias.

Ao contrário de um ser quase angelical, floreadamente pintado por muitos artistas e declamado por tantos pregadores, temos em João um homem tão pecador e frágil como seus demais amigos de discipulado. Um homem semelhante a qualquer um de nós, marcado por uma existência plena de ambigüidades e contradições. Os contextos bíblicos nos quais está inserido permitem identificar três aspectos básicos de sua personalidade que em nada avalizam o ideal discipular construído pela tradição cristã: sua enérgica capacidade de reação diante da oposição, seu forte sentimento sectarista e sua inclinação

para o poder.

Para o primeiro caso, basta-nos o episódio narrado em Lc 9.54. Ali, toda a ternura do discípulo João é colocada em cheque diante da naturalidade com que propõe tão severo juízo sobre os samaritanos, os quais rejeitaram abrigar o Mestre em sua jornada para Jerusalém:

"Vendo isto, os discípulos Tiago e João perguntaram: Senhor, queres que mandemos descer fogo do céu para os consumir?"

Semelhante postura vingativa, contrária à própria essência do evangelho, exigia da parte do Mestre uma dura repreensão (Lc 9.55).

"...Vós não sabeis de que espírito sois."

Nesse episódio percebe-se com clareza que o amor e a mansidão de Jesus despontavam como algo estranho ao coração do jovem discípulo. Afinal, as expectativas proféticas que nutria recomendavam um Messias *que feriria a terra com a vara de sua boca, e com o sopro de seus lábios destruiria o ímpio* (Is 11.4b)!

Sua inclinação sectária é também flagrante no texto dos evangelhos. Alheio à mensagem inclusivista de seu Mestre, João sente-se orgulhoso por repreender alguém que, embora ostentasse o nome de Cristo, não fazia parte da seleta comunidade dos discípulos (Mc 9.38):

"...Mestre, vimos um homem que em teu nome expelia demônios, o qual não nos segue; e nós lho proibimos, porque não seguia conosco."

Curiosamente, a intolerância de João reflete muito bem o tipo de sentimento com o qual miríades de cristãos se identificaram ao longo de quase dois milênios de história eclesiástica: a idéia de que Jesus nos pertence ou de que é propriedade exclusiva de nosso grupo religioso. Esse exclusivismo destruidor não atenta nem para a fé no nome de Jesus, nem para os milagres dela advindos, quando praticados por outros alheios ao nosso grupo ou comunidade.

Por fim, há ainda o fascínio que a perspectiva do poder espiritual exerceu sobre a mente do jovem aprendiz. Ao lado de seu irmão e, auxiliado por sua mãe, João empreendeu esforços na tentativa de lograr proeminência naquilo que concebia ser o

futuro reino do Messias (Mc 10.37).

"...Permite-nos [Senhor] que na tua glória nos assentemos um à tua direita e o outro à tua esquerda."

E desnecessário lembrarmos que o termo *assentar-se* aqui mencionado pelo filho de Zebedeu traduz a idéia de trono real, ou seja, do símbolo máximo da monarquia, a principal expressão de autoridade então conhecida.

É justo registrarmos, por outro lado, que essa sede pelo poder não era um exclusividade de João, tampouco de seu irmão mais velho, Tiago. Pouco antes dessa controvertida petição, encontramos uma delicada situação de conflito entre os doze, cuja vertente era justamente a questão da primazia entre eles (Mc 9.3-4).

"Tendo eles partido para Cafarnaum, estando ele em casa, (Jesus) interrogou os discípulos: De que é que discorriéis pelo caminho?"

*Mas eles guardavam silêncio; porque pelo caminho haviam discutido entre si **qual era o maior.**"*

Mateus e Lucas também registram outras ocasiões onde a mesma inclinação parece dominar as mentes e os corações dos seguidores de Jesus:

"Naquela hora, aproximaram-se de Jesus os discípulos, perguntando: Quem é, porventura, o maior no reino dos céus?"

"Suscitaram também entre si uma discussão sobre qual deles parecia ser o maior"

Lc 22.24

Diante disso, o pedido ganancioso de João e Tiago tornou-os alvo da indignação de seus condiscípulos (Mc 10.41), não porque isso lhes tenha parecido algo abominável, mas antes por ter representado um ousado adiantamento aos demais na busca pelos privilégios e pelo poder do tão sonhado reino messiânico.

Jesus resumiu a irascibilidade e o temperamento apaixonado de João e seu irmão Tiago, no epíteto *Boanerges*, ou *Filhos do Trovão*, cuja menção acompanha seus nomes na lista de Mc 3.17. Essa palavra aramaica de origem ainda não muito bem definida contribui para o confronto definitivo da imagem contemplativa, dócil e serena, que a tradição eclesial atribuiu ao discípulo através dos séculos.

Todavia, se a história inicial de João foi marcada pela impulsividade e pelo caráter irascível, os anos de caminhada ao lado do Mestre, para quem se tornara um dos mais íntimos discípulos, e seu amadurecimento gradativo como apóstolo do evangelho revelaram um homem radicalmente diferente, que se transformou num verdadeiro paradigma de caráter trabalhado pelo Espírito Santo.

Como fruto dessa mudança interior, surgiu então um homem profundamente marcado por uma personalidade na qual o amor, a misericórdia e a paz eram abundantes. Sua rica literatura bíblica - particularmente as epístolas — não deixa dúvida sobre a dimensão da metamorfose ocorrida em seu íntimo, como veremos mais adiante. Este João, experimentado, sofrido e amadurecido com os longos anos de apostolado é aquele que enfim se coaduna com o perfil retratado pela arte primitiva e medieval. Atribuir tais qualidades ao jovem discípulo João é florear sua biografia, é caricaturar sua experiência cristã. Essa abordagem do discípulo como uma figura de virtudes cristãs extemporâneas tem alimentado apenas o estereótipo mítico que a tradição construiu sobre ele, sumamente prejudicial a uma análise mais ampla e imparcial de sua vida e ministério.

As ricas experiências ao lado de Jesus, responsáveis pelo impacto que transformou *o filho do trovão* no *apóstolo do amor*, constituirão nosso próximo enfoque. O aperfeiçoamento espiritual que tal achego produziu em João, pode ser resumido nos dois episódios bíblicos que envolvem o discípulo e os discriminados samaritanos. O primeiro deles (Lc 9.54) exprime toda a inexperiência e a irascibilidade características de seu primeiro momento como discípulo e que lhe valeram o citado cognome. O segundo, por outro lado, reflete alguém que experimentara o doce fluir do Espírito no Pentecostes e se tornara um dos anciões da Igreja de Jerusalém. Alguém capaz de abrir mão de seus preconceitos e descer até aqueles pobres discriminados para ungi-los com o Espírito.

O discípulo a quem Jesus amava

João compunha a tríade de discípulos mais íntimos de Jesus. O que exatamente determinou essa seleção? Não sabemos. A possível relação de parentesco entre os filhos de Zebedeu e Jesus — já antes mencionada — poderia explicar parte dessa proximidade, se bem que não totalmente. Talvez houvesse algo por trás do comportamento apaixonado e inquieto apresentado por esses homens com o que Jesus pessoalmente se identificasse. De qualquer modo, o fato de estar entre os três mais próximos de Jesus proporcionou a João algumas oportunidades de presenciar as maravilhas do poder de Deus manifestas em Cristo. De tal sorte foi o jovem aprendiz marcado por esses momentos de glória que presenciou ao lado do Senhor, que seus escritos canônicos

acabaram recebendo uma ênfase notável no caráter testemunhai de seu discipulado, facilmente detectável no emprego exaustivo de termos gregos como *marturia* (testemunho - Jo 3-32,33; 5-34; 8.17; 21.24; I Jo 5-10,11; Ap 1.2,9; 6.9; 11.7; 12.11,17; 19.10; 20.4), ou do verbo *martureo* (testemunhar - Jo 2.25; 3.11,32; 4.39,44; 5.39; 7.7; 15.26; 19.35; 21.24; I Jo 4.14; 5-9; 3Jo 3; Ap 22.16,18,20), como vemos nos exemplos abaixo:

*"E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade e **vimos** a sua glória, glória como a do unigênito do Pai"*

Jo 1.14

*"e **testifica** o que tem **visto** e ouvido; contudo ninguém aceita o seu **testemunho**."*

Jo 3.32

*"Aquele que isto **viu**, **testificou**, sendo verdadeiro o seu **testemunho**..."*

Jo 19.35^a

*"O que era desde o princípio, o que temos ouvido, o que temos **visto com nossos próprios olhos**, o que **contemplamos** e as nossas mãos apalparam, com respeito ao Verbo da vida (...): o que temos **visto** e ouvido anunciamos também a vós outros, para que vós igualmente mantenhais comunhão conosco."*

I Jo 1.1,3a

Essa proximidade com Jesus conferiu a João alguns preciosos momentos só compartilhados por seus condiscípulos Pedro e Tiago, além de, eventualmente, André. Esses homens foram contemplados com a bendita exclusividade de presenciar milagres como o da cura da sogra de Pedro (Mc 1.29-31), da ressurreição da filha de Jairo (Mc 5.37; Lc 8.51), da pesca miraculosa (Lc 5.10), da glória da transfiguração no monte (Mt 17.1), das advertências sobre a destruição de Jerusalém (Mc 13.3) e da agonia no jardim do Getsêmani (Mt 26.37).



Entretanto, não se deve pensar que a intimidade de nosso apóstolo com seu Mestre se limitou apenas ao testemunho desses milagres; foi João quem sentou-se mais próximo a Jesus, durante a noite da Páscoa e aquele que deixou transparecer - através do recostar de sua cabeça sobre o peito do Mestre - uma profunda comoção com o anúncio da traição (Jo 13.21-25; 21.20). Aliás, a idéia que temos ao ler Jo 13.23, é que mesmo antes de reclinar sua cabeça no seio de Jesus para inquiri-Lo sobre a terrível profecia, João permanecera "aconchegado" (gr. *anakeimai*) a Ele, ou seja, *comodamente disposto junto* a seu Senhor, como um filho que anela pela proteção do pai. A afetividade demonstrada para com seu Mestre - sem paralelos nas Escrituras - contrasta com as atitudes enérgicas que marcavam sua impetuosidade e sectarismo. Ela foi o primeiro indício de que o "filho do trovão" se tornaria, mais adiante, o afável "discípulo a quem Jesus amava".

É curioso notarmos que apenas João atribuiu a si mesmo o honroso título de "o discípulo a quem Jesus amava" (Jo 13.23; 19.26; 20.2; 21.7,20); porém, quando o faz, não explicita seu nome. Na realidade, essa expressão, longe de representar qualquer jactância de sua parte, refere-se muito mais ao profundo laço de comunhão que, com o passar dos anos, fundiu sua alma à de seu amado Senhor. Autores como Herbert Lockyer, em seu livro *Ali the Men of the Bible* (p. 196-7), sugerem que tal expressão traduzia, na realidade, um trocadilho com o próprio significado original do nome de João, *amado de Jeová*, ou *aquele a quem Jeová ama*.

Acerca dessa rara distinção atribuída a João, comenta Jones (*op. cit.*, p.46):

"Belas palavras têm sido ditas e escritas acerca dos eminentes santos da Antigüidade, no Velho Testamento. De Enoque, por exemplo, é dito ser aquele que 'andava com Deus'; de Moisés diz-se que 'falava com Deus como de amigo para amigo'; Davi é lembrado como 'o homem segundo o coração de Deus'. Aqui temos, entretanto, palavras mais belas a serem ditas. João, filho de Zebedeu é mencionado como 'o discípulo a quem Jesus amava'.(...)

Jesus encontrou em João sua alma gêmea. Sim, Aquele que não cometeu pecado e em cujos lábios nenhum dolo foi achado, encontrou em João a alma mais semelhante a Sua. (...) Jesus Se deleitava em João e se fazia acompanhar dele, concedendo a ele um lugar especial em Seu coração; João era 'o discípulo a quem Jesus amava'."

As páginas dos evangelhos registram ainda outros momentos que corroboram esse distintivo título atribuído ao discípulo. Examinemos, então, alguns deles mais

acuradamente.

Conquanto a captura de Jesus no Getsêmani tenha cumprido a profecia que apontava para o dispersar dos discípulos após Sua detenção (Zc 13.7; Mt 26.31,56; Mc 14.27,50; Jo 16.32), encontramos o apóstolo João corajosamente seguindo a escolta que conduzia seu Mestre até a presença dos sumo-sacerdotes Anás e Caifás (Jo 18.15-16). Como sugere McBirnie, João alcançou, devido a sua prosperidade como empresário no ramo pesqueiro, uma notoriedade tal que o tornara conhecido de algumas autoridades nacionais como o próprio sumo-sacerdote. Foi justamente esse *status* que permitiu a João não apenas entrar na casa de Caifás, mas também introduzir ali Simão Pedro (Jo 18.16), a fim de acompanharem mais de perto os desdobramentos relativos à prisão de Jesus. Visto que os discípulos de Jesus, quando de Sua detenção, também se tornaram alvo da inquirição do sumo-sacerdote (Jo 18.19) e que apenas o distintivo sotaque gaiileu seria o suficiente para os denunciar como suspeitos de envolvimento com o alegado agitador (Mt 26.73), temos nesse episódio uma evidência da devoção de João para com seu Rabi.

Por outro lado, o coração apaixonado do discípulo certamente se derramou em prantos diante da punição ignominiosa a que seu Mestre fora submetido: a crucificação. Pelo testemunho de seu próprio evangelho, temos razões suficientes para crermos que João acompanhou todo o processo de execução que culminou no martírio que os romanos costumavam chamar de *crudelissimum taeterrimumque suplicium* — o mais cruel e terrível dos suplícios.

Atônito o bastante para não se lembrar das palavras proféticas de Jesus com respeito àquele momento, João provavelmente assistiu seu Mestre ser entregue ao lancinante e por vezes *fatal flagelum*, o açoitamento que antecedia a crucificação e que fazia o corpo do condenado pender em sangrentas talhadas (Mt 27.26). Como descrever a dor do discípulo ao testemunhar Aquele para quem se destinavam toda glória e poder em Israel sendo escarnecido, espancado e coroado com espinhos, numa cerimônia sarcástica empreendida por parte dos embrutecidos soldados da coorte Antônia (Mt 27.27-31)? Os olhos de João se banharam em lágrimas ao atestarem o trôpego caminhar de Jesus pelas ruelas de Jerusalém, incapaz que estava de suportar o peso do *patibulum*, a trave horizontal que, dali a pouco, receberia, com o fincar dos cravos, seus braços estendidos. A exaustão tornara seu Mestre inapto para prosseguir com a jornada pela cidade em direção à cruz, que os executores chamavam de *patibulum feratper urbem*. A retomada só foi possível com o auxílio de um desconhecido camponês tomado dentre a multidão que, em meio àquele alvoroço, acompanhava o espetáculo ignóbil (Mt 27.32). João se contava entre os milhares de espectadores que, junto àquela movimentada via de

acesso à Cidade Santa, viram se cumprir no Ungido de Deus a mais violenta, torturante e abjeta pena capital jamais elaborada pelo homem.

A ereção do *patibulum*, sobre o qual pendia o corpo desnudo e ensangüentado do Mestre, de tal sorte marcou o coração de João que, anos mais tarde, ao registrar seu testemunho, soube, como nenhum outro evangelista, ressaltar a relevância daquele momento.

"E do modo por que Moisés levantou a serpente no deserto, assim importa que o Filho do homem seja levantado"

Jo 3.14

"Disse-lhes, pois, Jesus: Quando levantardes o Filho do homem, então sabereis que eu sou e que nada faço por mim mesmo;"

Jo 8.28

"E eu, quando for levantado da terra, atrairei todos a mim."

Jo 12.32

Seria precipitado afirmar que João foi o único dos doze a presenciar a crucificação de Cristo. Mesmo confusos e atemorizados, os demais discípulos –exceto Judas Iscariotes — poderiam ter acompanhado a execução, passando despercebidos em meio à população que se apinhava pelas ruas de Jerusalém por ocasião da Páscoa. De qualquer modo, sabemos, pelo testemunho das Escrituras, que João foi o único dentre os apóstolos a dialogar com o Mestre em Seus últimos momentos na cruz. Ao lado dele estavam também as fiéis seguidoras de Jesus, a saber, Sua própria mãe, Maria, Maria Madalena, Salomé e Maria, mãe de Tiago Menor e José. Esta última era esposa de Clopas, personagem que alguns autores identificam com o Alfeu das listas apostólicas.

Um detalhe impreciso no episódio do diálogo de Cristo com João é a questão da distância que este e as demais testemunhas mantiveram do Crucificado. As Escrituras não deixam muito claro como se desenrolou essa abordagem; enquanto João diz *estarem junto a cruz* (Jo 19.25), Lucas e Marcos afirmam que esses íntimos espectadores *permaneceram a contemplar de longe estas cousas* (Lc 23.49, Mc 15.40). A fim de tentarmos equalizar essas duas narrativas aparentemente conflitantes, é necessário trazermos à luz alguns detalhes importantes acerca do processo de crucificação. Dada a ameaça constante de rebeliões por parte dos radicais zelotes, os condenados por crimes

como motins, insurreições e problemas de ordem religiosa, eram, em geral, guardados por uma escolta de quatro homens, gerenciada pelo *exacto mortis*, o centurião que encabeçava a execução (conf. Mt 27.36). Qualquer transeunte que se aproximasse exageradamente do moribundo, seria considerado suspeito, sendo pois, prontamente rechaçado pela guarda romana. Portanto, aquilo que as traduções apresentam como *junto à cruz* (Jo 19.25), pode ser, na verdade, uma versão exagerada do termo grego *histemi* que, embora seja traduzido como *estar em pé diante de*, não implica necessariamente numa relação de proximidade (conf. Mt 6.5, 20.32, Lc 6.8 e Ap 18.15), ao contrário do *termoparistemi*, usado no versículo seguinte em referência a João e Maria. Assim, tomando-se a passagem de Jo 19.25 à luz de suas paralelas sinópticas, pode-se concluir que João e as demais testemunhas se colocaram o mais próximo possível da cruz — diante das restrições acima mencionadas — em distância suficiente para se travar o diálogo descrito pelo evangelista.

A questão envolvendo a atitude de Jesus ao entregar Sua mãe — possivelmente viúva por aquela ocasião — aos cuidados de João, como vemos descrita apenas em Jo 19.25-27, tem suscitado algumas enfadonhas tentativas de interpretação. Sem extensas conjecturas, podemos nos contentar com a possibilidade de que tal entrega se justificou pelo simples fato de os irmãos de Jesus terem, até então, rejeitado Sua condição messiânica (Jo 7.5), a qual

Maria já havia reconhecido. Devemos lembrar que as mulheres sofriam assaz discriminação naqueles dias. As viúvas, particularmente, acabavam vítimas do esquecimento e do desamparo social, atitudes contra as quais as Escrituras, desde os tempos mosaicos, severamente pregavam (Ex 22.22, Dt 10.18, Sl 68.5, Sl 146.9, Lc 18.3, Tg 1.27). Essa delicada condição poderia ainda sofrer sério agravamento se algum "desajuste" de ordem religiosa fosse verificado. Não seria essa exatamente a situação da viúva Maria, ao depender de filhos que se opunham a sua crença num Messias rejeitado pelo sistema religioso e morto numa cruz? Sob essa perspectiva é compreensível que Jesus a tenha confiado aos cuidados de alguém que não apenas a cercaria de todo carinho e respeito, como também comungaria de sua fé e devoção. Ademais, há que se considerar a suposta irmandade entre Salomé, mãe de João, e Maria — defendida por alguns pesquisadores e já comentada no início do capítulo — que tornaria João alguém íntimo para receber de Jesus semelhante encargo.

A combinação dessas possibilidades bastaria para explicar a atitude de Jesus para com Sua mãe naquele momento, contudo devemos acrescentar ainda o profundo amor entre o Mestre e o jovem João, o que faria dele o escolhido para tal responsabilidade

mesmo que ali estivessem presentes outros dos doze. Dessa forma, devemos ver a entrega de Maria à guarda de João como mais um referencial para entendermos quão verdadeira e significativa é a afirmação do evangelista quando a si mesmo se declara o *discípulo a quem Jesus amava*. Mais adiante, veremos, através das narrativas tradicionais, como Maria, a partir do episódio da cruz, esteve inserida no contexto da vida e da carreira apostólica de João.

João e a ressurreição de Cristo

As negras nuvens que cobriram os céus durante as três últimas horas da crucificação de Cristo retratavam com fidelidade toda a consternação que acometia o jovem discípulo. Suas esperanças de uma intervenção divina que pudesse libertar seu Messias daquela humilhante situação, acabara com o penetrar da lança, *operforatio sub alas*, executado por um dos guardas romanos. Dentre os evangelistas, somente João ressalta esse importante detalhe, onde vemos descrito o golpe de misericórdia que acelerava o fim da execução (Jo 19.34).

João tristemente testemunhara aquilo que julgava ser o fim de seu maior projeto de vida. Nosso apóstolo juntou-se, então, às multidões que, sob grande desolação, gradativamente se retiravam do Monte Calvário a bater em seu peitos (Lc 23.48). Aquele sobre quem João depositara todas as suas expectativas messiânicas e por quem nutrira a mais profunda afetividade, recebera sobre Si a mais vil e perversa de todas as condenações, típica dos escravos foragidos, dos criminosos e dos insurretos.

Em meio à tamanha amargura e num clima de grande incerteza, João reúne-se aos outros dez discípulos num refúgio seguro. Ali, junto aos demais, buscava extrair uma reflexão conjunta que emprestasse algum sentido para os trágicos acontecimentos que marcaram aquelas últimas vinte e quatro horas.

Sentados ao redor daquela sala, João e seus temerosos amigos se entreolhavam com suspiros que, de tão pesados, sufocavam as poucas palavras a serem ditas. Em meio àquela atmosfera de dor e angústia, o jovem discípulo, com os olhos banhados em lágrimas e a mente ainda desordenada, tenta debalde encontrar alguma razão que explicasse aquilo que mais lhe parecia um pesadelo interminável. Subitamente, uma de suas conhecidas, trazendo consigo um semblante de quem fora surpreendida por algo fantástico, entra porta adentro e prorrompe em brados de quem parecia delirar: *Vi o SenhoA* (Jo 20.18). Conquanto a maior parte dos presentes não desse crédito ao seu testemunho (Mc 16.11, Lc 24.11), Pedro e João, com a impetuosidade que lhes era peculiar, prontamente se levantaram e, desprezando os eventuais perigos da situação, se

dirigiram ao local do túmulo. Naquele frenesi, João deixa para trás seu companheiro e chega primeiro à tumba, à frente da qual encontra os lençóis de linho jogados ao chão e se detém, imerso em íntimas conjecturas (Jo 20.4-5). O que estariam aqueles lençóis fazendo fora do sepulcro? Teriam os romanos algum interesse em que se retirasse dali o corpo de Jesus? Estariam os fariseus e os príncipes dos sacerdotes envolvidos nisso? Enquanto João buscava respostas que amenizassem sua ansiedade, o ofegante Pedro chega e, adentrando o sepulcro, mostra-lhe também o lenço que cobrira a cabeça do Mestre. Nesse momento inicia-se o descortinar do entendimento de João acerca de tudo que se passara. Em seu próprio testemunho, o evangelista resume os preciosos minutos nos quais as trevas da dor e da incerteza começam a se dissipar (Jo 20.8-9).

"Então entrou também o outro discípulo, que chegara primeiro ao sepulcro, e viu e creu.

Pois ainda não tinham compreendido a Escritura, que era necessário ressuscitar ele dentre os mortos."

O retorno para o local onde estavam reunidos os discípulos foi rápido. Entrementes, no caminho de volta, o pensamento do jovem discípulo orbitava desvairadamente entre a cena do túmulo vazio e as palavras do Mestre — até então incompreendidas — sobre "ressuscitar dentre os mortos".

Afinal, Aquele que profetizara ser entregue nas mãos dos gentios, espancado, escarnecido e morto também dissera que ressuscitaria ao terceiro dia (Mt 16.21, Lc 18.31-34). Para João, a tristeza daquelas últimas horas começava a dar lugar a uma expectativa boa demais para ser verdadeira! Esfuziante, ele mal podia esperar para encontrar-se com seus condiscípulos e contar-lhes sobre o que vira (ou o que não vira!) na sepultura.

A tarde daquele domingo já começava a declinar, enquanto João e os demais tentavam insistentemente ordenar os acontecimentos que transformaram em eternidade àqueles três últimos dias. Alheios ao tempo e à agitação religiosa de Jerusalém, os discípulos são interrompidos pelo abrupto adentrar de Cléopas e seu companheiro, os quais, tomados pelo entusiasmo, começam a relatar a incrível história de como encontraram — e até mesmo cearam - com o Mestre, quando se dirigiam a Emaús (Mc 16.12-13, Lc 24.13-33). Antes que pudessem concluir o fantástico relato, põe-Se em meio a eles Aquele sobre quem ardorosamente debatiam (Lc 24.35-36). Tal foi o impacto daquela manifestação, que se passaram alguns minutos até que João e seus companheiros vissem seu temor ser transformado num sentimento de júbilo sem

precedentes (Lc 24.37-41, Jo 20.20).

Não é nosso objetivo nos determos nos pormenores relativos às primeiras aparições de Cristo ocorridas naquela semana em Jerusalém. Importa-nos, antes, voltarmos nossa atenção para o ocorrido um pouco depois na Galiléia, local para onde alguns discípulos se dirigiram após a semana da ressurreição, por ordem do próprio Senhor (Mt 28.10,16). Ali encontramos João e seus amigos de volta ao antigo ofício, à espera do cumprimento de mais uma manifestação do Ressurreto.

Os quarenta dias que compreenderam o ministério de Jesus entre Sua ressurreição e ascensão, trouxeram consigo um período de reflexão para os discípulos. Afinal, se, por um lado, Jesus Se levantara dentre os mortos, aparecera ante seus olhos e, sobretudo, cumprira a Escritura sob uma ótica inusitada para eles (Lc 24.44-48), pairava no ar, todavia, a sensação de que algo muito poderoso — e que envolveria a todos eles - ainda estava por acontecer.

Para João e os demais discípulos — novamente envolvidos com a pesca — aquela alvorada parecia ser mais uma dentre muitas que encerravam uma noite de trabalho árduo e infrutífero (Jo 21.1-3). Desanimados e esgotados em função da inútil labuta, não puderam nem mesmo dar a atenção devida a um certo alguém que, das margens, pedia por comida. Antes que recolhessem as redes e desistissem de uma nova tentativa, resolveram acatar a sugestão daquele estranho que mandava lançar as redes para a banda da direita. Quem seria, afinal, esse transeunte que ousava entender mais sobre pesca do que os experientes filhos de Zebedeu? Não obstante, em poucos minutos, aquilo que parecia ser um tolo conselho, revelou-se uma agradável surpresa! Ao ver as redes abarrotadas de peixes, João imediatamente recordou-se do início de seu discipulado quando, ao lado de Pedro, presenciara o mesmo acontecimento (Lc 5.3-7). Enquanto seus companheiros se detinham em admirar a inexplicável fartura, João voltou seu olhar e o manteve fixo naquele que parecia ter dado ordem aos cardumes, pelos quais ele e seus parceiros procuraram por toda a noite. Só havia uma resposta para aquele fenômeno e João, mais do que todos, a conhecia muito bem: *E o Senhor!* (Jo 21.7).

Para João, o saldo deste encontro, ansiosamente aguardado por ele e pelos seus, não fora apenas a alegria de rever seu amado Mestre, mas também uma incômoda dúvida, relativa ao seu futuro particular, que passou a lhe acompanhar dali em diante. Afinal, naquela ocasião, o que estaria Jesus tentando dizer com a afirmativa de que João permaneceria até que Ele viesse (Jo 21.22) ? Seria possível que o jovem apóstolo vivesse o suficiente para presenciar a volta do Senhor? Haveria alguma relação desse vaticínio

com o que Jesus dissera em Mt 16.28? A suspeita de que o jovem apóstolo viveria até a volta do Senhor acabou se tornando uma forte tradição da Igreja do primeiro século, como vemos nas palavras do próprio João Qo 21.23).

"Então tornou-se corrente entre os irmãos o dito de que aquele discípulo não morreria. Ora, Jesus não dissera que tal discípulo não morreria, mas: Se eu quero que ele permaneça, até que eu venha, que te importa?"

A disseminação dessa lenda se explica pelo fato de que a Igreja primitiva, de modo geral, concordava que a volta do Senhor se efetivaria num curto espaço de tempo. A ênfase exagerada desta tendência, porém, acabou causando distorções teológicas em algumas congregações, obrigando ministros como Paulo a tratarem cuidadosamente do tema, visando resgatar o equilíbrio escatológico de seus fiéis, como vemos em sua primeira carta aos Tessalonicenses.

É provável que nem mesmo João soubesse o significado dessas palavras proféticas a seu respeito, quando da escrita de seu evangelho entre 70 e 85 A.D., alguns anos antes de seu glorioso cumprimento, durante a experiência vivenciada na Ilha de Patmos, com a visão do Apocalipse.

O ministério de João no Livro de Atos

A narrativa de Atos dos Apóstolos registra de maneira tímida a atuação do apóstolo João nos acontecimentos ali descritos, sem contudo minimizar a relevância de sua participação na direção da Igreja de Jerusalém. O próprio Paulo, sobre cujo ministério o Livro de Atos dedica a maior parte de sua abordagem, se refere a João como uma das *colunas da Igreja*, ao lado de Tiago, o Justo e Pedro (Gl 2.9). Vale lembrar que o grego *stulos* (coluna, pilar) empregado por Paulo, designava um termo freqüentemente aplicado, no sentido metafórico, aos mestres da Lei e àqueles sobre quem pesavam grandes responsabilidades espirituais.

Sabemos, através do comentário de Lucas, autor de Atos, que assim como os demais discípulos e diversos outros seguidores anônimos, João também se fez presente no cenáculo, à espera da promessa referida por Jesus e concretizada no solene dia de Pentecostes (At 1.13, At 2.1). Do mesmo modo, João se achava entre os discípulos por intermédio dos quais *muitos prodígios e sinais eram realizados*, logo no início das atividades da Igreja em Jerusalém, conforme At 2.43.

Nosso apóstolo aparece diretamente mencionado nos capítulos 3 e 4, ao lado de

Pedro, como co-participante da cura miraculosa dum coxo de meia-idade que, diariamente, mendigava às portas do templo. Antes de tudo, esse relato demonstra que João — assim como Pedro — embora ministro do evangelho, ainda se encontrava, de alguma maneira, ligado aos rituais judaicos, sob os quais crescera.

A cura do coxo causou assombro tal na população presente que transformou João e seu amigo no centro das atenções dos transeuntes (At 3.11), proporcionando a ambos mais uma rica oportunidade de proclamarem a salvação em Cristo. Essa pregação, marcada pelo incrível resultado de quase cinco mil convertidos (At 4.4), desencadeou também o princípio das perseguições contra a Igreja, das quais João e seu discípulo tiveram a honra de serem os pioneiros. Frank Stagg acrescenta alguns detalhes importantes sobre esse episódio em que ambos apóstolos, sob grande risco, pregavam acerca do reino de Deus e da ressurreição em Cristo, nos arredores de uma instituição dominada pelos incrédulos saduceus (*op. cit.*, p.76-77):

"A primeira perseguição aos discípulos de Jesus foi desencadeada pelos saduceus. E a razão era clara: incomodavam-se porque os discípulos estavam ensinando como se fossem rabinos (mestres) e porque pregavam a ressurreição. Provavelmente alarmaram-se com a ênfase que os discípulos davam ao reino, que poderia transformar-se em propaganda inflamatória. A ressurreição significava para o judeu muito mais do que hoje significa para o cristão. Foakes-Jackson diz sobre isto: 'Para o judeu daqueles tempos, significava uma iminente catástrofe mundial, que destruiria os reinos da terra e inauguraria miraculosamente uma nova ordem'. Portanto, sugeria a revolução para aqueles que desejavam o status quo..."

A ousadia de João em anunciar publicamente a Cristo nas proximidades do grande patrimônio religioso de Israel custou-lhe a inquirição diante da corporação governamental dos judeus: o sinédrio. Formado por setenta homens, entre autoridades (sacerdotes e sumo-sacerdote), anciões (líderes leigos) e escribas (doutores da Lei, fariseus), o sinédrio funcionava como um órgão representativo do povo para as questões de natureza interna do país, sendo, para isso, munido de autoridade da parte dos romanos. Para o cidadão comum, comparecer ante o sinédrio significava, portanto, a desconfortável situação de enfrentar a mais respeitada instituição religiosa de Israel e, por conseguinte, os maiores expoentes religiosos da época, cujos veredictos nem sempre se limitavam às fronteiras da misericórdia.

Como nos informa Frank Stagg, o desprezo e o sarcasmo marcaram, desde o

início, essa primeira audiência de João e seu companheiro diante dos poderosos de Israel (*Ibidem*, p.79-80).

"O sinédrio desafiou os discípulos em termos autoritários, dizendo-lhes: 'Com que poder, ou em nome de quem fizestes vós isto?' (4.7) As nossas traduções fazem transparecer muito mal o desdém que o texto grego sugere, por terminar a pergunta com pronome 'vós'. Podemos parafrasear assim: 'Com que autoridade ou em nome de quem fizestes vós isto, por autoridade vossa?!' Desprezavam os discípulos, em parte, pelo fato de estes serem 'homens sem instrução e vulgares' (4.13). Isto é, não tinham recebido nenhuma instrução rabínica, nem indicação alguma para qualquer posição oficial no país. A tradução comum - 'homens iletrados e indoutos' não é boa. Não se quer dizer que fossem homens iletrados, e, sim, que não tinham preparo adequado, nem a indicação oficial."

A intrepidez de Pedro e João diante do sinédrio causou admiração em seus delegados, como vemos em At 4.13. Contudo, a tentativa do parlamento em deter a disseminação da fé em Cristo, através de fortes ameaças como as mencionadas em At 4.17,18 e 21, apenas serviu para demonstrar o quanto aqueles galileus estavam dispostos a se arriscar em nome da fé que professavam. Voltaremos aos detalhes envolvendo as inquirições dos apóstolos no sinédrio quando tratarmos da biografia de Pedro.

O Livro de Atos volta a dedicar atenção ao trabalho missionário de João quando retrata a ousada campanha de Filipe, o Evangelista, na Samaria, em 8.5-25. Na realidade, essa iniciativa fora, em parte, resultado da violenta perseguição que se levantara contra a Igreja em Jerusalém, instigada por Saulo. Por alguma razão que desconhecemos, os apóstolos conseguiram permanecer em Jerusalém (8.1), enquanto os demais cristãos se espalharam pelos arrabaldes da Judéia e da Samaria. Essa situação, embora aparentemente negativa, colaborou para que se rompessem as barreiras que detinham a propagação da Palavra entre os estrangeiros (At 8.1-4). Esse sectarismo começou a ser minado com o formidável evangelismo de Filipe entre os samaritanos, que presenciaram na ocasião um grande mover do Espírito de Deus, com curas, libertações e incontáveis conversões (At 4.5-8). Tal fora a repercussão de seu trabalho entre os samaritanos que a direção da Igreja em Jerusalém decidiu enviar para lá dois de seus maiores delegados: Pedro e João.

E interessante notarmos que o mesmo João que antes vira-se tomado pelo desejo de carbonizar com fogo celestial os samaritanos (Lc 9.54), é justamente um dos enviados

à Samaria, com a missão de confirmar a ministração de Filipe, orando com imposição de mãos sobre aqueles novos (e inusitados) irmãos em Cristo. Curiosamente, João acabou cumprindo seu antigo desejo, porém de outro modo e com outra motivação. Fez recair sobre os samaritanos "fogo do céu", porém um fogo purificador, que ardia a alma com o calor da presença divina (At 8.17):

"Então (Pedro e João) lhes impunham as mãos, e recebiam estes (os samaritanos) o Espírito Santo."

Após a vitoriosa missão à Samaria, João não mais é citado nominalmente no Livro de Atos. Podemos, entretanto, deduzir sua participação em alguns dos acontecimentos posteriores ali descritos, entre os quais o primeiro concílio da Igreja, entre 49 e 50 A.D., quando se reuniram em Jerusalém os grandes vultos do cristianismo daqueles dias. Na ocasião, o assunto em pauta era a polêmica gerada por alguns judaizantes acerca da necessidade dos convertidos dentre os gentios se colocarem sob o regime da Lei mosaica a fim de serem salvos (At 15.1). Sobre essa questão conflitante, experiências como a vivida junto aos crentes samaritanos certamente fizeram com que João fosse mais uma voz de apoio ao célebre parecer de Pedro naquela assembléia (At 15.11):

*"Mas cremos que (nós judeus) fomos **salvos pela graça** do Senhor Jesus, como também aqueles (os gentios) o foram."*

Essa mesma visão universalista da graça de Deus, da qual João partilhava, o conduziu a terras muito distantes, com o propósito de espalhar a semente do evangelho de Jesus Cristo. Nessa saga missionária, o apóstolo experimentou diversas privações e situações de perigo, sobre as quais acabou triunfando. Tornou-se, mais adiante, alvo de diversas lendas que, embora fantasiosas em sua forma final, trazem em seu cerne vestígios de situações reais vividas por nosso apóstolo, como veremos a seguir.

O ministério de João em Éfeso

Embora o respeitável historiador e patriarca Nicéforo (séc. IX) registre em sua *História Eclesiástica* (2,2) a permanência do apóstolo em Jerusalém até a morte de Maria, outros autores dizem ter João dali partido em companhia da mãe de Jesus para Éfeso, na Ásia Menor (atual Turquia), onde esta teria falecido. A questão do sítio da morte de Maria assume grande importância dentro do contexto porque, como já vimos anteriormente,

João fora incumbido, ao pé da cruz, de zelar pela vida daquela que, a partir de então, acolhera como sua própria mãe (Jo 19.27).

O escrito apócrifo do século V, conhecido como *A Morte de Maria*, nos conta que alguns discípulos teriam tomado o corpo da mãe de Jesus e o sepultado nas imediações do Vale de Josafá, em Jerusalém, seguindo supostas orientações do próprio Senhor. Como fruto dessa tradição mariolátrica, a Igreja romana assevera que Maria foi sepultada no Vale do Cedrom, próxima ao Getsêmani onde, por volta de 455 A.D., os bizantinos construíram a Igreja de Nossa Senhora de Josafá, da qual só restam o pórtico principal e o chamado Túmulo da Virgem. Se esta tradição estiver correta, teremos, então, dificuldades para afirmar que João deslocou-se para Éfeso antes da morte de Maria, em cerca de 50 A.D., considerando seu compromisso assumido ao pé da cruz.

Embora a história tenha preservado várias narrativas nas quais se diz que João a teria levado consigo para Éfeso, devemos considerá-las passíveis de discussão. Uma das razões para isso é a posterior conversão dos demais filhos de Maria (Mc 6.3). Tiago, por exemplo, veio a converter-se não muito depois da ressurreição de Cristo (1 Co 15-7; Gl 1.19), tornando-se líder da Igreja em Jerusalém (At 15.13-29). Dessa forma, caberia a seguinte indagação: Maria, já idosa, teria realmente se disposto a imigrar para uma metrópole gentílica, trocando a companhia de Tiago, seu filho, em Jerusalém, pela de João, em terras estranhas? Tal questionamento ganha vulto se observarmos o teor da epístola de Inácio de Antioquia dirigida a João, cujas linhas não deixam dúvidas de que a mãe do Salvador, permanecia, até então, em sua companhia em Jerusalém, como podemos constatar nesses excertos:

"Estamos profundamente entristecidos a propósito da tua demora em nos fortalecer com tuas admoestações e consolações. Se prolongada, tua ausência certamente causará desapontamento entre muitos de nós. Apressa-te, portanto, em vir ter conosco, pois cremos ser isso de grande proveito. Ademais, há por aqui algumas mulheres que desejam ver Maria (mãe) de Jesus, as quais, dia após dia, anseiam deixar-nos para se dirigirem até onde estás, de sorte que possam não apenas vê-la, mas também tocar os seios que amamentaram o Senhor Jesus e, igualmente, inquiri-la acerca de outros assuntos em particular.

Se me permitires, desejo muito subir a Jerusalém, a fim de ver os santos fiéis que aí se encontram, especi-almente Maria, a mãe, aquela que dizem ser objeto de grande admiração e afeição por todos."

Conquanto ainda careça de uma base histórica mais consistente, a possibilidade do deslocamento de Maria para Éfeso junto a João, e de seu posterior falecimento e sepultamento nessa cidade, tem a seu favor respeitáveis defensores. É o caso de McBirnie, que assim comenta a questão (*op. cit.*, p.l 10).

(...): Existem dois lugares ligados a sua morte que permaneceram até os dias de hoje. Em Jerusalém, temos a Tumba e, em Éfeso, a 'Casa de Maria'. Embora não se tenha encontrado seu túmulo em Éfeso, a arqueologia lança indícios de que este outrora deve ter ali existido. Inúmeros guias turísticos disponíveis nas ruínas da antiga Éfeso afirmam o mesmo."

O pesquisador apostólico se refere aqui à chamada "Casa da Virgem Maria" em Éfeso, situada ao fim da rota que vai do Portão de Magnésia até o Monte Koressos. Segundo algumas tradições locais, alicerçadas em registros do Concílio de Éfeso, Maria teria se deslocado de Jerusalém para Éfeso em companhia do apóstolo João, seguindo as prioridades missionárias do discípulo amado, sob cujos cuidados havia sido entregue. Segundo os anais do Concílio ali reunido em 431 A.D., a mãe de Jesus, antes de mudar-se para cercanias do Monte Koressos, onde teria permanecido até sua morte aos sessenta e quatro anos, vivera durante um certo período, numa residência próxima ao local onde séculos mais tarde reuniu-se aquele importante conselho ecumênico.

A razão porque o Concílio de Éfeso - solicitado pelos imperadores Valentiniano III e Teodósio II — manifestou interesse por detalhes ligados a mãe de Jesus foi exatamente a controvérsia cristológica acerca da adoção dos termos *theotokos* (genitora de Deus) e *crisotokos* (genitora de Cristo) referentes a Maria. Embora a pessoa de Maria fosse o centro das discussões nesse concílio, os teólogos ali reunidos não tinham objetivos mariolátricos, mas divisavam estabelecer uma perspectiva correta na análise da relação entre a humanidade e a divindade de Cristo.

Ao analisar a Casa de Maria, a arqueologia constatou que sua fundação realmente data do século I, embora suas paredes e tetos pareçam ter sido sucessivamente reconstruídos ao longo dos séculos, numa provável tentativa de preservação.

Mesmo a Igreja Católica, defensora das tradições que ligam o fim de Maria a Jerusalém, reconheceu a importância do sítio — já transformado em centro de peregrinação - através da visita do Papa Paulo VI em 1967 e, posteriormente, de João Paulo II, que reafirmou a importância daquela construção para o cristianismo.

Sem embargo, a dificuldade em precisar o verdadeiro local do descanso de Maria

não obscurece o conjunto das tradições que vincula, de maneira particular, o ministério pós-bíblico de João a Éfeso. Consideremos, pois, alguns indícios que apontam para isso.

O antiqüíssimo texto *O Ensino dos Apóstolos* indica que a tradição sobre a permanência de João em Éfeso já era cultivada pelo menos desde fins do segundo século:

"Éfeso, Tessalônica, Ásia, toda a terra dos coríntios, assim como toda a Acaia e os termos ao seu redor, receberam a ordenação apostólica do sacerdócio da parte de João, o Evangelista, o mesmo que se reclinou sobre o peito de nosso Senhor. Ele mesmo edificou a Igreja naqueles lugares, e lá ministrou, permanecendo no ofício de guia."

Os vestígios mais consistentes da presença do apóstolo na Ásia Menor são os próprios discípulos que ele, direta ou indiretamente, ali conquistou, fruto de sua duradoura ação pastoral na região. O nome de Policarpo de Esmirna, por exemplo, ecoa na história eclesiástica como uma prova incontestável da permanência de nosso apóstolo nos termos da Ásia Menor. Esse gigante da fé cristã, conquanto filho de pais crentes, veio a se converter apenas aos pés de João, por cuja autoridade foi feito, mais tarde, bispo de Esmirna, cidade de grande influência na região e vizinha a Éfeso. Policarpo foi líder cristão na cidade até cerca de 166 A.D., quando experimentou a graça de selar com sangue seu testemunho. Por se recusar a negar a Cristo, o ancião foi queimado vivo por ordens do magistrado romano Quadratus. A tradição registrou suas últimas palavras, antes que as chamas o levassem para a eternidade.

"Senhor Deus Soberano (...) dou-Te graças, porque me consideraste digno deste momento, para que, junto a Teus mártires, eu possa ser parte no cálice de Cristo. (...) Por isso Te bendigo e Te glorifico. (...). Amém."

Papias de Hierápolis é outro personagem que sinaliza a presença de João na Ásia Menor. Nascido na virada do primeiro para o segundo século, Papias embora tenha sido citado por Irineu de Lyon como discípulo direto de João, parece ter aprendido as sagradas letras através da ministração de Policarpo e de um certo presbítero de nome Aristion. Feito bispo de Hierápolis (cidade da Frígia, próxima a Éfeso) em aproximadamente 130 A.D., Papias tornou-se um dos grandes nomes da Igreja no segundo século. Sua contribuição literária e a influência dos ensinamentos de João sobre ela podem ser parcialmente medidas pela obra denominada *Logion Kyriakon Exegeseos Biblio* (*Exposição dos*

Oráculos do Senhor) que, embora tenha sido originalmente composta em cinco volumes, e assim preservada pelo historiador Eusébio de Cesaréia, não chegou até nós senão em escassos fragmentos.

Baseado na interpretação literal do texto joanino de Ap 20.1-3, Papias — assim como Irineu, Justino e Tertuliano — foi um dos precursores do Milenarismo, ou doutrina do Milênio, segundo a qual, Cristo após subjugar o poder opressor dos césaes, deveria em breve reaparecer e reinar absoluto sobre a terra por um período de dez séculos. Essa posição escatológica de Papias encontrou nos insignes Orígenes de Alexandria e Eusébio de Cesaréia seus mais ferrenhos opositores, o que fê-la sucumbir antes mesmo do séc. VI, muito embora tenha sido revivida, sob nova interpretação, dez séculos mais tarde, com a Reforma Protestante.

Outro nome que merece atenção quando se investiga o apostolado de João em Éfeso é o de Irineu de Lyon, um dos mais admiráveis pensadores cristãos do século II. Nascido em Esmirna, por volta de 125 A.D., Irineu pode ser considerado — como Papias — "neto na fé" de João, uma vez que também aprendeu as sagradas letras por intermédio de Policarpo, por quem demonstrava a mais fervente admiração. Irineu alcançou grande notoriedade na Igreja primitiva não apenas por seus escritos apologéticos, que combateram tenazmente a heresia gnóstica, mas também por seu posterior apostolado na cidade de *Lugdunum* (hoje Lyon), na antiga Gália (atual França), para onde se trasladara. Ali, tornou-se presbítero e, após o martírio do bispo Fotino em 177 A.D., assume a liderança local, destacando-se por sua teologia esmerada e orientada, principalmente, por uma perspectiva pastoral. Irineu teria sido, segundo a lenda, martirizado durante a perseguição do imperador Sétimo Severo, em cerca de 200 A.D.

Os escritos de Irineu, endossados por autores posteriores como Eusébio, Jerônimo e Gregório de Tours, reportam-se aos ensinamentos de João durante seu trabalho na Ásia Menor, especialmente em Éfeso, na qual teria vivido — segundo o próprio Irineu — até os dias do reinado de Trajano (98 a 117 A.D.) Reconhecendo a veracidade desse testemunho, o imperador romano do oriente Justiniano I (527-565 A.D.), buscando celebrar o ministério do apóstolo na cidade, erigiu ali, no séc. VI, uma magnífica Igreja românica em sua memória, de cujas estruturas só restaram ruínas.

Assim, se o testemunho dos discípulos de João não deixa dúvidas sobre sua estada em Éfeso, resta-nos apenas conjecturar sobre as razões que influenciaram sua decisão de deixar Jerusalém com destino àquela localidade, notória por seu paganismo. Uma rápida olhada sobre as circunstâncias sociais, políticas e religiosas que envolviam essa grande cidade romana durante o século I será o bastante para entendermos a

estratégia dessa orientação missionária possivelmente adotada por João.

Situada às margens do Mar Egeu e a apenas dez quilômetros da foz do rio Caister, Éfeso estava, naqueles dias, entre as maiores e mais exuberantes cidades do mundo, com uma população superior a duzentos mil habitantes. Embora, nos dias do Novo Testamento, estivesse experimentando o declínio de sua proeminência na região, devido ao assoreamento de seu porto, Éfeso se mantinha como centro administrativo romano da província da Ásia Menor, da qual era a maior cidade. Conhecida mundialmente pelo esplendor de suas construções, a cidade ostentava o Templo de Diana (ou Artêmis, para os gregos), uma magnífica obra da engenharia sustentada por cento e vinte e sete colunas de vinte metros de altura, numa dimensão quatro vezes maior que o Partenon ateniense. Junto ao túmulo do governador romano na região, Tiberium Celsus, a cidade viu ser erigida em 114 A.D. uma das maiores bibliotecas da época, com cerca de cinquenta mil documentos. Encrustado no coração da cidade, próximo ao Monte Pion e de frente para a Via Arcadiana, estava o anfiteatro, que podia abrigar cerca de vinte e cinco mil espectadores.

Esse espaço dedicado às artes dramáticas — preservado até os dias de hoje — é mencionado em At 19.23-40, no episódio do tumulto encabeçado pelo ourives Demétrio, no qual Aristarco e Gaio, companheiros de Paulo, foram tomados pela turba enfurecida que via no evangelho por eles pregado uma ameaça ao seu sustento financeiro, que se baseava no culto a Diana. É importante lembrarmos que esse culto pagão não representava apenas a principal característica cultural de Éfeso, mas sobretudo, o grande orgulho de seus habitantes (At 19.28,34). Estes, com seus próprios esforços, haviam construído, ao longo de duzentos e vinte anos, o templo cuja magnitude proporcionara à cidade uma notoriedade que a celebrizaria por todo o mundo de então.

Se, por um lado, João viu nessa grande cidade um ponto estratégico para a causa do evangelho, sob quais circunstâncias espirituais ele a teria encontrado em sua chegada à região? A narrativa de Atos dos Apóstolos, nos capítulos 18 e 19, traz um panorama elucidativo sobre a situação de Éfeso nos anos que precederam a chegada de João a Ásia Menor.

Embora tão expressiva em seu paganismo, Éfeso recebeu a Palavra ainda cedo, provavelmente antes mesmo de 50 A.D., data aproximada da primeira passagem de Paulo por ali, em companhia de seus parceiros, Áquila e Priscila (At 18.18-21). Esse casal de judeus, uma vez estabelecido na cidade, colaborou para a difusão do evangelho na região, chegando a organizar em sua residência na cidade uma congregação cristã, conforme nos lembra Paulo em Rm 16.3-5 e 1 Co 16.19.

Dentre todas as ações evangelizadoras em Éfeso durante o século I, talvez nenhuma se equipare em volume de ensino e em profusão de prodígios espirituais à empreendida por Paulo. Em sua primeira estada ali, Paulo chegou a anunciar o evangelho em uma sinagoga local, se bem que não por muito tempo, já que se dirigia em missão a Jerusalém (At 18.18-21). No caminho de volta, entretanto, após passar por Antioquia da Síria e pela Galácia e Prígia, o missionário decide estabelecer-se em Éfeso por um folgado espaço de tempo. Ali, depara, a princípio, com doze discípulos (fruto dos esforços de Apoio) que evidenciavam sérios lapsos quanto às doutrinas do batismo e do Espírito Santo, falhas devidamente resolvidas pela intervenção de Paulo (At 19-1-7). A irredutibilidade dos judeus mostrou-se também severa em Éfeso, razão pela qual Paulo não se estendeu por mais de três meses em sua explanação do reino de Deus na sinagoga local. Essa oposição radical da comunidade judaica motivou o missionário a buscar novas bases para suas exposições na cidade. Nessa altura, quando sua campanha parecia ter sofrido sério agravo, a providência divina abre, estrategicamente, as portas da escola de Tirano -provavelmente um mestre de filosofia ou retórica - em cujas dependências o apóstolo esmera-se na evangelização dos efésios pelo espaço de dois anos, fazendo com que a mensagem da Palavra de Deus repercutisse eficazmente não apenas na cidade, mas por toda a Ásia Menor (At 19.8-10). Donald Guthrie, autor do livro *The Apostles*, comenta o episódio (p. 176).

"Paulo tinha aprendido por experiência própria que, diante da oposição dos judeus, o melhor que tinha a fazer era afastar-se da sinagoga. Logo a seguir, no entanto, o apóstolo descobre um novo ponto de reunião, semelhante à casa de Justus, em Corinto: a sala usada por Tiranus para suas exposições públicas. Era comum nas cidades gregas fazer-se as tais leituras públicas até o meio-dia, o que significa dizer que o mesmo local estava disponível, depois disso, para outro uso. Presumivelmente, Paulo ocupava-se de seu ofício durante o período da manhã, e dedicava-se ao ensino no restante do dia.

Este procedimento durou por dois anos e, já que Lucas afirma que a Palavra do Senhor foi ouvida por toda Ásia durante esse tempo, é provável que muitos indivíduos vieram das mais distintas partes da província a fim de ouvir as pregações de Paulo. Pode ter sido durante essa época, por exemplo, o estabelecimento das igrejas de Colossos, Laodicéia e Hierápolis, todas no vale do Licus, já que Paulo pessoalmente nunca as visitou. Homens como Epafras e Filemon, bastante conhecidos do apóstolo, foram possivelmente por ele influenciados na sala de Tiranus. A estratégia de Paulo de escolher a principal cidade da província como base de suas operações mostrou-se altamente

frutífera, uma vez que as sete igrejas existentes na Ásia (excluídas Colossos e Hierápolis) durante a escrita do Apocalipse por João, foram provavelmente fundadas durante o tempo do ministério efésio de Paulo."

Contudo, não foi apenas com ensinamentos teológicos que Paulo fez estremecer Éfeso e suas adjacências. Os sinais sobrenaturais da parte de Deus que amiúde se manifestavam através dele - tanto na cura de enfermos quanto na libertação de endemoninhados — serviram de grande testemunho para a população local. No caso específico dos possessos, a efetividade da ministração libertadora de Paulo produziu de imediato alguns imitadores como os filhos de um certo judeu de nome Ceva, a quem Lucas curiosamente chama sumo-sacerdote, mas que, talvez não passasse de um líder da sinagoga local. Tal fora o poder atestado por eles no emprego do nome de Jesus diante das potestades que os exorcistas ambulantes trataram de adotá-lo, como uma espécie de fórmula mágica, através da qual poderiam obter sucesso em seu ofício. O desastroso resultado registrado já na primeira tentativa (At 19.13-17), causou grande temor na população efésia, para quem se tornou manifesto que a mensagem de Cristo, apregoada por Paulo e seus parceiros, em nada se harmonizava com os encantamentos e fórmulas mágicas difundidos na região. Assim, um dos mais significativos efeitos dos sinais operados por Deus através de Paulo na cidade foi a contrição sem precedentes que se espalhou pela população local, cujas práticas esotéricas foram por ela própria publicamente execradas, conforme nos esclarece o Dr. Guthrie (*Ibidem*, p. 177-78).

"Os cultos de magia eram largamente praticados naquele tempo, sendo fomentados pela forte superstição, característica da vida paga. Entre os cristãos efésios havia quem se envolvesse com essas artes, através das quais se desenvolvia a habilidade de se enganar a terceiros. Para tanto, os que se entregavam a tais práticas se faziam valer dos chamados livros de encantamento, alguns dos quais estão preservados até o presente. A literatura da Antigüidade nos informa que Éfeso era especialmente conhecida pela produção desses livros de magia. Não é, portanto, de se estranhar que o cristianismo tenha impactado fortemente essa espécie de culto. O que é surpreendente é o fato de aqueles cristãos terem não apenas reconhecido a incongruência de seus textos mágicos mas também o valor do testemunho público da rejeição desses manuscritos. Tais livros, em si, representavam um significativo valor financeiro e poderiam ter sido vendidos, dando assim àqueles cristãos alguma compensação pela perda de sua lucrativa prática. No entanto, decidiu-se pela queima pública dos mesmos.

(...)

Foi necessário muito denodo moral para que aqueles ex-encantadores permanecessem diante da fogueira, na presença de muitos daqueles ou-trora por eles enganados. O cálculo do valor daquelas obras cercou o montante de cinqüenta mil dracmas, o que, mesmo convertido em valores atuais, representaria uma significativa soma financeira. Não é, portanto, surpresa que, em vista de tal testemunho, a Palavra de Deus tenha triunfado de maneira tão poderosa naquele lugar."

O próprio João, em sua primeira epístola, escrita por volta de 85 A.D. em Éfeso, não esconde sua preocupação com a notável influência exercida pelas práticas mágicas, habituais na cidade (Ijo 4.1):

"Amados, não deis crédito a qualquer espírito: antes, provai os espíritos se procedem de Deus, porque muitos falsos profetas têm saído pelo mundo fora."

Em At 20.16-38, Lucas nos confere elementos para um retrato mais nítido da Igreja de Éfeso com a qual João deparou, não muito tempo depois. Essa descrição, que focaliza a terceira e última passagem de Paulo pelas cercanias da cidade, revela primeiramente que a comunidade cristã de Éfeso já contava, na ocasião, com um corpo de presbíteros devidamente estabelecido. A decisão de Paulo em não aportar na cidade, mas reunir a liderança local na vizinha Mileto (At 20.16-17), se explica pelo fato de a congregação efésia se encontrar de tal sorte numerosa, que uma simples parada ali poderia significar o retardamento de sua viagem a Jerusalém.

Outro ponto importante acerca desse acontecimento é a profecia deixada por Paulo referente ao futuro próximo daquela Igreja. Nela, o apóstolo alerta os anciões locais acerca de manifestações heréticas que se sucederiam não muito depois de sua partida (At 20.29-30):

"Sei que, depois da minha partida, entre vós penetrarão lobos vorazes que não pouparão o rebanho. E que, dentre vós mesmos, se levantarão homens falando cousas pervertidas para arrastar os discípulos atrás deles."

Desse vaticínio de Paulo podemos inferir dois tipos de ameaça àquela Igreja, com as quais João, mais tarde, deparou: a expressão *lobos vorazes* pode ser uma referência à ação de homens que, vindos de fora, se introduziriam sorrateiramente em meio aos

irmãos, trazendo perigosas armadilhas teológicas. Essa primeira parte da profecia tem sido freqüentemente associada à ação dos gnósticos, sobre os quais falaremos a seguir. Na seqüência da profecia, Paulo é incisivo ao afirmar que haveria ali homens que pervertidamente atrairiam discípulos após si e que, ao contrário do primeiro caso, seriam procedentes direta ou indiretamente daquele seletivo círculo de líderes que o ouvia. Aqui, a visão parece dizer respeito aos problemas ligados a dissensões que se sucederiam no seio daquela comunidade. Em todo caso, décadas mais tarde, ao escrever as mensagens às sete igrejas da Ásia, João constata o cumprimento desse vaticínio, conforme podemos ver em sua mensagem à Igreja efésia (Ap 2.2):

"Conheço as tuas obras, assim o teu labor como a tua perseverança, e que não podes suportar homens maus, e que puseste à prova os que a si mesmos se declaram apóstolos e não são, e os achaste mentirosos;"

Quem eram os tais *homens maus, que a si mesmos se declaravam apóstolos e não eram*). Como dissemos, existem fortes suspeitas de que, tanto a primeira parte da citada profecia de Paulo, como essa dramática revelação de João em Patmos, digam respeito à investida dos gnósticos na Igreja de Éfeso. Muitos relatos que associam João à cidade, dão testemunho de sua luta em defesa da fé ortodoxa contra os ataques desses esotéricos que, quando penetravam nas comunidades cristãs, as pervertiam teológica e moralmente. Antes de nos atermos aos tradicionais embates de João contra essa heresia que ameaçou a Igreja ao longo dos séculos II e III, vejamos exatamente contra o que os apóstolos lutavam quando a ameaça se chamava gnosticismo.

Definir os gnósticos é tarefa muito difícil. Isso porque essa expressão filo-sófico-religiosa, de cunho sincretista, não se apresentava como uma organização delineada, tampouco com uma liderança definida. Na realidade, contava-se, entre o primeiro e o segundo século, mais de setenta seitas distintas, alinhadas de alguma forma ao pensamento gnóstico.

Esse movimento, embora erudito, era resultado tanto da degeneração do pensamento platônico quanto da tendência sincretista que se verificava naqueles dias. Foi essa mesma inclinação sincrética que estimulou os gnósticos a estenderem seus tentáculos em direção à Igreja, onde promoveram uma das maiores ameaças teológicas de toda a história do cristianismo.

A abrangência de suas doutrinas variava de acordo com seus mestres, mas sempre dentro de uma interpretação teológica inaceitável para a ortodoxia cristã. Os

gnósticos clamavam possuir a *gnosis*, ou seja, um conhecimento especial e secreto, mediante o qual se alcançava a salvação. Em sintonia com boa parte da filosofia grega da Antigüidade, os gnósticos viam o mundo material como algo ruim, uma espécie de "aborto" da criação, algo distinto da verdadeira obra de Deus, o reino espiritual. Dentro desse raciocínio, os gnósticos conceituavam o ser humano como um espírito que se encontrava encarcerado na "prisão do corpo". Seu alvo era, portanto, libertar-se do mundo material que os cercava, o que só seria possível através da *gnosis*, ministrada por um mensageiro enviado dos céus. Essa entidade celestial, uma vez manifesta, os despertaria de sua letargia espiritual, através da qual se viam subjugados pelas inclinações físicas. O chamado "gnosticismo cristão" — cujos ensinamentos João tenazmente confrontou — via em Jesus Cristo exatamente esse mensageiro, ou seja, o elemento divino que desceu dos céus para nos recordar de nossa origem espiritual e para nos conferir o conhecimento secreto, imprescindível para alcançarmos o mundo dos espíritos. A missão de Cristo era, portanto, restaurar o mundo espiritual (chamado *Pleromd*) e livrar as almas humanas do cativeiro da matéria, nociva sob todos os aspectos.

Já que, para os gnósticos, o corpo era mau, a maior parte deles afirmava que Cristo não poderia ter possuído um corpo físico, enquanto alguns outros reconheciam a existência desse corpo, porém composto de uma "substância espiritual" distinta daquela que de nossos corpos. O ensinamento que o corpo de Cristo era uma mera aparência, visível apenas por meios milagrosos, representava não apenas uma negação da doutrina da encarnação, mas um desafio direto à obra expiatória de Jesus na cruz.

Essa forte reação contra a mundo material resultou, basicamente, em duas correntes de comportamento gnóstico, ambas igualmente incompatíveis com a mensagem apostólica. A primeira pregava o castigo ao corpo, com o intuito de debilitar sua suposta ação negativa sobre o espírito. Essa tendência frutificou na Igreja, posteriormente, em práticas ascéticas estranhas ao cristianismo, como por exemplo, a auto-flagelação adotada pelos monges medievais, que visavam o mesmo objetivo dos gnósticos. Outra corrente gnóstica, diametralmente oposta a essa, dizia que, embora corrompido em sua natureza, o corpo em nada poderia afetar o espírito, que era eterno e perfeito. Esses enfatizavam a plena liberdade a toda sorte de inclinação carnal, entregando-se de forma irrestrita à voluptuosidade e arrastando após si muitos em suas práticas libertinas. Alguns bíblicistas crêem que foi com o intuito de rechaçar o perigo representado por esse grupo gnóstico em particular, que o apóstolo Judas elaborou sua breve epístola, em cujas linhas encontramos os sinais da corrupção desses falsos mestres:

*"Pois, certos indivíduos se introduziram com dissimulação, (...) homens ímpios, que transformaram em **libertinagem** a graça de nosso Deus, e negam o nosso único Soberano e Senhor, Jesus Cristo"*

*"Estes homens são como rochas submersas em vossas festas de fraternidade, banquetecendo-se juntos **sem qualquer recato**"*

*"Os tais são murmuradores, são descontentes, **andando segundo as suas próprias paixões.**"*

*"Estes são os que promovem divisões, **sensuais**, que não têm o Espírito."*

Jd 4,12a, 16a, 19

A perversão moral decorrente da ação gnóstica, foi responsável não apenas por inúmeras divisões nas comunidades primitivas, mas também pela extinção das chamadas Agapes ou Festas de Amor, nas quais os crentes se reuniam para celebrar a Santa Ceia, assim como para desenvolver, num clima jubiloso, a comunhão uns com os outros. Os gnósticos, através de seu procedimento abominável, subvertiam a espiritualidade das Agapes, transformando-as em reuniões divorciadas de seu propósito original. Por fim, a lascívia, a glotonaria e a bebedice às quais passaram a se entregar alguns de seus participantes - graças à influência desses místicos - emprestaram às Agapes um perfil que, em alguns casos, se assemelhou ao das detestáveis festas pagas da Antigüidade. No versículo 12 da Epístola de Judas, citado acima, vemos precisamente a forma embrionária do processo de deterioração que aniquilou essa nobre tradição da Igreja primitiva (conf. 2 Pe 2.13-14).

Provavelmente foi no combate a essa terrível ameaça doutrinária que João empenhou boa parte de seu ministério na Ásia Menor. Mas deixemos de lado, por enquanto, a conduta gnóstica para nos atermos às contradições de sua teologia e as reações adotadas por João frente a elas.

Sob o prisma teológico, os ataques gnósticos à encarnação de Cristo despertaram em nosso evangelista a necessidade premente do emprego — em suas obras canônicas — de expressões que enfatizassem essa doutrina capital do cristianismo, como podemos conferir nesses exemplos:

*"E o Verbo **se fez carne** e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos sua glória, glória como a do unigênito do Pai"*

Jol.14

"Nisto conhecereis o Espírito de Deus: todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus"

1 Jo 4.2

"Porque muitos enganadores têm saído pelo mundo fora, os quais não confessam Jesus Cristo **vindo em carne**: assim é o enganador e o anticristo."

2 Jo 7

E interessante observarmos o modo como João refutou as alegações gnósticas segundo as quais Jesus possuía um corpo distinto do humano, composto por algum tipo de substância de natureza fluídica. Ao abrir sua primeira epístola (1Jo 1.1), João deixa evidente ao leitor que não apenas seus olhos viram (pois os gnósticos afirmavam que Jesus, embora imaterial, era aparente) e seus ouvidos ouviram, mas, sobretudo, suas mãos **apalparam** o Verbo da vida! O termo grego empregado para "apalpar", *pselaphao*, tanto aqui como em Lc 24.39, onde igualmente ocorre, dá a idéia de algo que excede um simples toque com as mãos, ou seja, algo próximo de uma constatação pelo tato! Isso reforça a tese de que por trás dessas linhas introdutórias, está implícita uma significativa refutação às alegações gnósticas.

Se alguns desses heréticos afirmavam que o mundo material nada mais era que um lapso da criação — obra do descuido do ser celestial Sofia — e que apenas o mundo espiritual expressava a realidade original, João, em contrapartida, abre seu evangelho de modo incisivo, pregando que o Verbo criou **todas as coisas** e sem Ele **nada do que foi feito se fez** (Jo 1.2), inclusive o *kosmos*, o **mundo material** do qual fazemos parte (v. 10) e no qual Jesus manifestou-Se em carne.

Os gnósticos que se chamavam de "cristãos" afirmavam que Cristo era apenas um mensageiro do reino espiritual, cujo alvo fora nos transmitir a *gnosis* (ou *conhecimento*) redentora. Ele e o Espírito Santo, eram apenas emanações de alguns dos trinta Eons (seres espirituais) que descendiam da divindade. João, entretentes, fulminando essa heresia, o apresenta como Aquele que, mesmo antes da criação do *kosmos*, **estava com Deus e era Deus** (Jo 1.1).

Nas primeiras linhas de seu evangelho, João não confronta apenas os argumentos gnósticos mas, de modo geral, todas as heresias cuja vertente se encontrava na filosofia platônica. Isso porque o fim do primeiro século trouxe consigo o fascínio que a concepção filosófica de Deus exerceu sobre alguns pensadores cristãos primitivos. Para filósofos da Antigüidade clássica como Platão, acima de todo o universo havia um ser supremo que representava a perfeição, concebido como algo absolutamente imutável, estático e

impassível. Para alguns cristãos — sobretudo os de origem grega — esse pensamento tornou-se a prova de que mesmo a filosofia paga testemunhava do Deus único, sobre o qual os profetas das Escrituras escreveram. Entretanto, a dificuldade residia em se tentar casar a idéia bíblica de um Deus essencialmente dinâmico e que Se manifestava intervindo na história humana, com a concepção filosófica de uma divindade inerte e distante da nossa realidade. Para pensadores cristãos como Orígenes e Clemente de Alexandria, que adeptos de uma concepção filosófica da fé, o Deus supremo, o Pai, era, de fato estático e passivo, mas possuía um *Logos*, ou uma *Razão*, que sendo de natureza pessoal, se comunicava com Sua criação. Dessa forma — segundo eles — quando as Escrituras dizem que Deus "falou", quem falou na verdade foi o *Logos* e não Deus, o Pai. Contudo, décadas antes que esta doutrina fosse sistematizada, João afirmava claramente em seu evangelho que **no princípio era o Logos (Verbo), e o Logos estava com Deus e o Logos era Deus**. Portanto, Cristo, o *Logos* de Deus, não era uma simples expressão perceptível de um Deus estático e distante, mas o próprio Deus criador revelado aos homens.

Não sabemos exatamente a quantos gnósticos João valorosamente resistiu, em defesa da fé apostólica. A história eclesiástica registra que nomes destacados como os de Valentino e Brasília se valeram, em seus ensinamentos, de porções do Evangelho de João. Mas um nome em especial ficou registrado na tradição como uma das mais notáveis personalidades gnósticas dos anos de João em Éfeso: Cerintus.

Cerintus cresceu numa atmosfera judaico-cristã, mas se deixou seduzir pelos valores racionais da filosofia platônica. Ele, como de resto a maior parte dos gnósticos, defendia a idéia de que a criação fora fruto da ação de demiurgos, ou seja, seres intermediários entre a divindade e o homem. Seus ensinamentos apresentavam um Jesus de natureza meramente humana até o momento do batismo, quando, ao receber o Espírito Santo, fora divinamente capacitado a realizar Sua obra redentora.

Em face da ameaça representada por distorções doutrinárias como essa, João resiste ao líder esotérico com grande veemência, zelando pela ortodoxia da fé. Essa forte oposição do apóstolo aos ensinamentos de Cerintus acabou por gerar algumas lendas curiosas a esse respeito, como a encontrada na *História Eclesiástica* (cap. XXVIII) de Eusébio:

"João, o apóstolo, certa vez dirigiu-se a uma casa de banho para lavar-se. Porém, ao ver naquelas dependências um certo Cerintus, João, num salto, se dirige porta afora, não se permitindo compartilhar o mesmo teto com aquele herético. Exortando aos demais que ali se encontravam para fazerem o mesmo, João diz: 'Vinde, fuja-mos daqui, para que

porventura as termas não desabem sobre nós, porquanto Cerintus, o inimigo da verdade, aqui se encontra'."

Outra preciosa informação relativa ao embate de João contra os gnósticos da Ásia Menor é fornecida por Jerônimo de Belém. Esse famoso pai da Igreja do século IV, descrevendo a disposição de João contra a heresia de Cerintus, traz à luz outro perigoso grupo herético em ação nos tempos do apóstolo na Ásia: os ebionitas. Jerome Theodoret registra, em sua obra *The Nicene e Post-Nicene Fathers* (p. 364-65), um importante comentário do autor patristico sobre essa heresia:

"João, o apóstolo a quem Jesus amava, filho de Zebedeu e irmão de Tiago-aquele a quem Herodes, após a paixão de Cristo, mandou decapitar-escreveu um evangelho a pedido dos bispos da Ásia, contra a doutrina de Cerintus e outros hereges, especialmente em oposição ao então crescente dogma dos ebionitas, os quais afirmavam que Jesus não existia antes de Maria."

Os ebionitas eram seguidores de um certo Ebion, cuja existência, embora citada por Agostinho, Tertuliano e pelo próprio Jerônimo, é atribuída à imaginação por Orígenes de Alexandria. O nome desse líder, derivado do hebraico *ebionim* (pobres), assim como sua provável origem monástica, explica a indi-gência na qual viviam seus seguidores. Os ebionitas podem ter sido parte do que restou dos essênios, os judeus dissidentes que habitavam a comunidade cenobita de *Qumran*, ao norte do Mar Morto. Foram esses monges, dedicados à meditação e à vida contemplativa, que produziram os chamados Manuscritos do Mar Morto, cópia dos textos canônicos não canônicos, casualmente descobertos nas grutas da região, em 1947. Com o aniquila-mento do local pela décima legião romana, que por ali marchou em 68 A.D., os essênios foram dispersos, se dirigindo sobretudo para o norte da Palestina e para a Síria. Por si mesmos intitulados *filhos da luz*, os essênios cultivavam um profundo ardor messiânico, razão por que se refugiaram, distanciando-se da sociedade, considerada irremediavelmente corrompida e destinada ao juízo divino. Crê-se, contudo, que muitos deles estavam entre a multidão dos que receberam a mensagem de João Batista, sendo por ele batizados. Assim, parte dos essênios, em face do testemunho de João Batista, teria recebido a Jesus como Messias, porém não como Filho de Deus, isto é, Deus feito homem.

Seria essa a doutrina herética que Jerônimo denominou de o *dogma dos ebionitas*, contra o qual diz ter o apóstolo João se oposto, ao escrever seu evangelho? Não

sabemos com precisão. Mas, do ponto de vista teológico, é certo que os ebionitas — talvez como herança essênica — continuavam presos às práticas legalistas e, conquanto cressem em Jesus como o Prometido de Israel, negavam sua divindade. Se analisarmos certos detalhes da narrativa de João, encontramos alguns pontos que confirmam o dizer de Jerônimo quanto a oposição do apóstolo aos ebionitas. Vemos, por exemplo, que apenas esse evangelista descreve o testemunho de João Batista, referente a Jesus, com o acréscimo da sentença *O que vem depois de mim tem, contudo, a primazia, **porquanto já existia antes de mim*** (Jo 1.15b). A frase é pertinente porque - como vimos - os ebionitas negavam a preexistência de Cristo e por ter sido pronunciada pelo profeta que levou os essênios — seus precursores — a crerem em Jesus! É também digno de nota como o apóstolo, em seu evangelho, associa de modo incisivo o ministério de João Batista ao *testemunho da luz* (Jo 1.7-8), a mesma luz da qual os essênios se diziam filhos e que João afirmava estar exclusivamente em Cristo (v. 4).

E possível que lutas intestinas, provocadas por heresias como a dos gnósticos e dos ebionitas — que perturbavam a Igreja efésia durante o pastorado de João — tenham provocado um estresse que desgastou o relacionamento entre irmãos, comprometendo o amor fraternal daquela comunidade, como descreveria o próprio evangelista, por ocasião de seu desterro em Patmos (Ap 2.1a-4):

"Ao anjo da Igreja em Éfeso, escreve.

(...)

*Conheço as tuas obras, assim o teu labor como a tua perseverança, e que não podes suportar homens maus, e que puseste à prova os que a si mesmos se declaram apóstolos e não são, e os achaste mentirosos; e tens perseverança, e suportaste provas por causa do meu nome, e não te deixas-te esmorecer. Tenho, porém, contra ti **quedeixaste o teu primeiro amor.**"*

Antes de voltarmos ao ministério de João em Éfeso, especialmente no período de seu retorno do exílio em Patmos, vejamos algumas lendas que enfocam suas missões a outras regiões da Antigüidade.

Teria João ministrado na capital imperial?

A julgarmos pela tradição cristã, a Palestina e a Ásia Menor não foram os únicos termos a conhecerem o ministério do apóstolo João. Agostinho, bispo de Hipona (séc. IV), fala de campanhas evangelizadoras empreendidas por ele na Partia, região que

compreende o leste da Turquia, o noroeste do Ira e o sul da Armênia. A cidade de Roma também é citada como palco de algumas das mais fantásticas lendas ligadas ao trabalho pós-bíblico de João.

Tertuliano de Cartago (séculos II-III), um dos maiores autores cristãos de língua latina, afirma, ao escrever sua obra *De Praescitione Hereticorum*, que João esteve presente na capital, ao lado de Pedro, anunciando a mensagem do evangelho. Sua suposta presença ali pode ter sido decorrência de sua fuga da Ásia Menor, onde recrudescera a perseguição de Domiciano, ou mesmo resultado de seu aprisionamento em função desta. Segundo Tertuliano, João, uma vez em Roma, teria sido julgado e sentenciado a morrer imerso num caldeirão de óleo fervente. Diz a lenda que, mesmo submetido àquela tortura, o apóstolo saiu miraculosamente ileso do caldeirão, não restando aos seus estupefatos algozes outra deliberação, senão exilá-lo em Patmos. Em função dessa narrativa, presumivelmente fantasiosa, Roma ostenta até hoje a Igreja de *San Giovanni in Olio*, erigida para eternizar esse suposto livramento na vida do apóstolo.

Outra tradição católica relativa à estada de João em Roma faz menção a uma tentativa de matá-lo por envenenamento. Mas diz a lenda que o ancião, antes que pudesse ingerir o líquido fatal, viu a peçonha deslizar cálice afora, transformada em serpente. Esse relato incrível inspirou o símbolo católico-romano que representa o apóstolo, onde se vê João segurando uma taça, a partir de cujo interior flui sinuosamente uma víbora.

Os detalhes fantasiosos que compõem as lendas sobre o apóstolo na capital do império não tornam, contudo, infactível sua presença na cidade. Afinal, Roma, com cerca de um milhão de habitantes, era o maior centro urbano da Antigüidade e como tal, representava um alvo altamente estratégico para aqueles que, como João, se dedicavam à causa do evangelho. Ademais, é relevante o fato de Tertuliano estar entre os que relatam a visita do discípulo a Roma, uma vez que esse erudito do segundo século viveu num tempo não muito distante dos últimos anos de apostolado de João.

Mas, se a passagem de João por Roma ainda suscita dúvidas quanto a sua autenticidade, o mesmo certamente não ocorre com seu exílio na ilha de Patmos, como verificaremos a seguir.

O exílio em Patmos e o retorno a Éfeso

O ano 81 A.D. testemunhou a subida ao trono imperial de um dos mais cruéis perseguidores da fé cristã: o imperador Flavius Titus Domitianus. Filho do grande Vespasianus e irmão de Titus, ante cujo poder Jerusalém havia recentemente sucumbido,

Domitianus foi o último dos Césares da dinastia Flaviana. Em seus doze primeiros anos, o novo soberano conduziu o império sob um regime de austeridade, no qual empreendeu significativos esforços a fim de restaurar a glória da cultura paga, que já começava a sentir os primeiros impactos da propagação do cristianismo. Não obstante, em 93 A.D., aquilo que parecia um ser um longo período de paz e prosperidade tornou-se uma terrível instabilidade social. O complexo de inferioridade em relação ao seu irmão Titus, mais os motins de algumas legiões, especialmente as estacionadas na Germânia (atual Alemanha) e o imenso déficit público - com o inevitável peso tributário dele resultante - transformaram Domitianus num déspota sangüinário que, oprimido por alucinações, entregou-se a uma vida de solidão, luxúria e práticas mágicas, através das quais tentava conduzir seu futuro. Tomado por uma necrofobia inveterada, Domitianus vivia exaurido pelo terror da profecia que previu o dia de sua morte. O biógrafo romano Suetonius (69-140 A.D.), em sua escandalosa obra *Vida dos Césares*, resumiu a tirania de Domitianus.

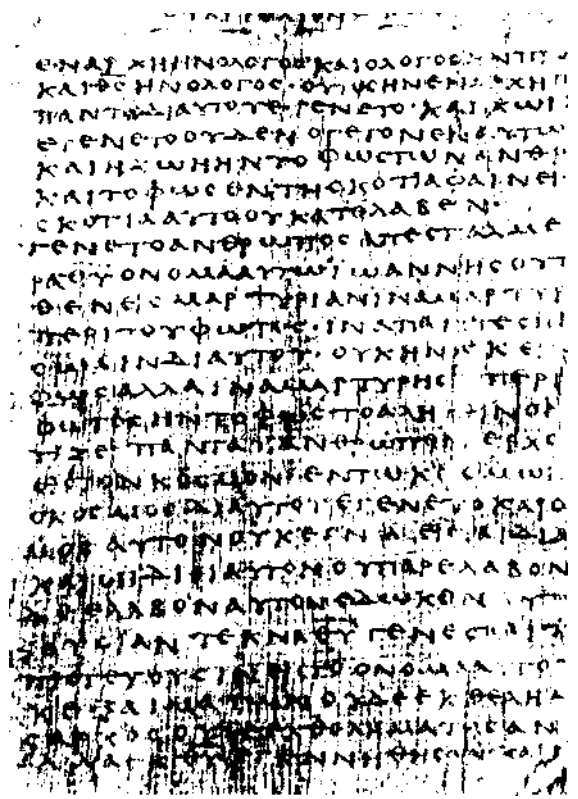
"A necessidade tornou-o ávido e o medo tornou-o cruel."

A perseguição levada a cabo pelo imperador irrompeu, a princípio, contra os filósofos — forçados a abandonar a capital — e culminou com os judeus e cristãos, cujo sofrimento se estendeu por três longos anos. E provável que o início dessas hostilidades contra os cristãos esteja, em parte, ligada aos judeus. Com o esvaziamento dos cofres públicos, arrasados pelo custo das extravagantes construções e dos numerosos espetáculos públicos, a pressão por mais impostos fez com que Domitianus reclamasse para o Estado os dízimos e ofertas que os judeus destinavam ao Templo de Jerusalém, já destruído por aquela ocasião. Com a óbvia recusa dos judeus, o império passou a vê-los como rebeldes contumazes e decretou-lhes a perseguição, despojando-os, subsequentemente, de seus bens. Como o delineamento entre cristianismo e judaísmo ainda não estava muito claro para os gentios de então, o Estado passou a perseguir todos os considerados praticantes daquilo que chamavam costumes judaicos", entre os quais se contavam os cristãos.

O ódio do imperador contra os seguidores de Cristo pode ter sido agravado com a suposta conversão de sua esposa, Flavia Domitila e de um parente próximo, Flavio Clemente, ambos acusados pelas autoridades de "costumes judaicos" e executados sob ordens do próprio Domitianus. Não é surpresa que a esposa de um imperador romano do primeiro século tenha se convertido ao cristianismo, pois o próprio Novo Testamento

revela que a disseminação do evangelho nas cortes romanas já era uma realidade desde o ministério de Paulo em Roma (conf. Fl 4.22).

Autores confiáveis como Clemente de Roma, relatam acerca dos "males e provas inesperadas e seguidas que sobrevieram aos cristãos na época (1 Clemente 1). Segundo Clemente, os cristãos não eram apenas brutalmente executados em público por se recusarem a negar sua fé, como também banidos para colônias penais nas quais, diante de extenuantes castigos, a vida acabava se transformando num clamor contínuo pela morte. Foi provavelmente sob o reinado do cruel Domitianus, entre 95 e 96 A.D., que o apóstolo João, já em avançada idade, acabou condenado aos trabalhos forçados nas pedreiras e minas da então inóspita Ilha de Patmos, como ele mesmo relata (Ap 1.9).



"Eu, João, irmão vosso e companheiro na tribulação, no reino e na perseverança, em Jesus, achei-me na ilha chamada Patmos, por causa da palavra de Deus e do testemunho de Jesus."

Patmos é uma pequena ilha grega situada no Mar Egeu, de solo acidentado e vulcânico, cuja área total não excede quarenta quilômetros quadrados. Seu aspecto desolador, assim como sua inóspita condição geográfica fizeram dela, na época, um dos sítios ideais para o desterro dos condenados pelo regime romano.

Após exaustiva jornada através do Mediterrâneo, o ancião e seus companheiros de desterro aportaram em Patmos, num local que a tradição denomina *Fora*. Ali principia, segundo algumas lendas, seus dezoito meses de aflição, em meio aos quais lhe foi revelada a visão que viria a compor o Livro do Apocalipse.

Em sua obra denominada *The Monastery of St. John the Theologian* (p. 3-4), Papadoulos agrega algumas informações interessantes acerca da obscura relação entre essa pequena ilha do Mar Egeu e os últimos anos do apóstolo João:

"De acordo com antigas tradições, o texto sagrado do Livro de Apocalipse foi

revelado a João e por ele escrito enquanto se encontrava na gruta, hoje conhecida como a gruta do Apocalipse, que se encontra oculta sob os edifícios do Monastério do Apocalipse. O mosteiro foi erigido no século XVII para abrigar a Patmias, uma escola teológica construída na ocasião, cujas estruturas originais foram pouco alteradas desde então. A construção é formada por um complexo de celas, salas de aula, átrios floridos e escadarias, além das capelas dedicadas a São Nicolau, São Artêmio e Santa Ana, sendo esta última construída de frente para a abertura da caverna.

A santa gruta em si foi, desde há muito, transformada em uma pequena Igreja consagrada a São João Teólogo. Nela ainda permanecem os sinais de uma longa tradição que testifica a presença de São João no local. Num canto, está o lugar onde o apóstolo encontrava repouso, recostando sua cabeça. Ao lado, o local onde apoiava sua mão para levantar-se do piso pedregoso sobre o qual dormia. Próximo dali, o espaço onde o ancião desenrolava seus pergaminhos. No teto da caverna pode se ver a tríplice fissura na rocha, através da qual o ancião ouviu a 'grande voz, como o som de trombeta'. A gruta, embora pequena e obscurecida é um local que nos conduz à meditação, à oração, ao louvor e à contemplação.

(...)

Um escrito apócrifo produzido numa data bem posterior ao Livro do Apocalipse, cuja autoria é atribuída a Prócoro, 'discípulo' de João, acrescenta alguns detalhes relativos à jornada de João a Patmos. A obra, intitulada 'Viagens e Milagres de São João, Teólogo, Apóstolo e Evangelista, Escritos por seu Discípulo Prócoro', data provavelmente do quinto século, embora alguns eruditos a situem no quarto século e outros, ainda, numa data muito posterior, como o século XIII.

Todas as tradições nativas da ilha derivam desse texto, cujas linhas apresentam um extenso relato de como o apóstolo escreveu seu evangelho em Patmos. Essa lenda foi largamente disseminada a partir do século XI, embora atualmente não possamos vê-la senão com grande ceticismo. O mesmo texto narra também os milagres operados por São João antes de sua chegada a Patmos, as dificuldades por ele encontradas na ilha e o sucesso final de seu apostolado. Há um relato particular enfocando João em conflito com Kynops, um mago pagão, sobre quem, no devido tempo, triunfou. Ainda hoje podemos ver os nativos da ilha apontando os vários lugares mencionados nessa narrativa. Enquanto os pescadores da região costumam indicar aquilo que - segundo eles - é o próprio Kynops petrificado sob as águas calmas da baía de Scala, alguns monges exibem os afrescos que ilustram essas mesmas cenas, no nártex externo do grande Mosteiro de São João Teólogo em Cora.

A partir do quarto século, Patmos transformou-se num dos principais centros de peregrinação da cristandade. Muitas colunas e capiteis encontrados na Igreja principal e no grande mosteiro, assim como em outras capelas da ilha, são originalmente procedentes das igrejas construídas durante os séculos V e VI. Contudo, a partir do século VII, Patmos, assim como a maior parte das ilhas do Mar Egeu, conheceu o abandono, devido ao surgimento do islamismo e das subseqüentes batalhas navais entre árabes e bizantinos."

Investigando a estrutura lingüística do Apocalipse, comparativamente ao Evangelho de João, o bispo africano Dionísio (séc. III), propôs que a autoria desse livro profético fosse atribuída a um outro João, que ele mesmo chamou de "O Presbítero", em alusão às duas epístolas nas quais o personagem assim se apresenta (2 Jo 1 e 3 Jo 1). O autor sugerido por Dionísio teria sido, portanto, um cristão de razoável notoriedade, membro do presbitério da Igreja em Éfeso e que, posteriormente, fora exilado pelos romanos em Patmos, onde recebera a visão do Apocalipse. Se confirmada, essa teoria tiraria nosso apóstolo de cena, no tocante aos eventos ligados a Patmos. Entretanto, essa proposta - em que pese a opinião de Papias segundo o qual teria havido dois líderes de expressão na Ásia conhecidos como João — não encontra eco nos escritos de outros expoentes como Justino Mártir, Irineu de Lyon, Tertuliano de Cartago e Clemente de Alexandria. Para eles há muito mais similaridades do que discrepâncias entre os textos gregos do Apocalipse, das epístolas e do Evangelho de João, o que em tese reforça a autoria única dessas obras e faz do discípulo de Cristo o provável autor delas. Esse parecer, pois, traz nosso apóstolo de volta à cena de Patmos.

Não dispomos, infelizmente, de muitos detalhes confiáveis acerca da permanência de João na colônia de Patmos. A maior parte dos comentaristas primitivos concentrou sua atenção no ministério do apóstolo em Éfeso, para onde teria retornado após seu exílio na ilha grega. Eusébio explica como isso se sucedeu (*História Eclesiástica*, XX, p. 103).

"Porém, após Domitianus ter reinado treze anos, vindo Nerva a sucedê-lo no governo, o senado romano decretou a revogação das honras a ele outorgadas, bem como o retorno para casa dos que foram injustamente exilados e a restituição de todos os seus bens."

Jerônimo, analisando o tema, apresenta um relato similar ao de Eusébio (citado em *The Nicene and Post-Nicene Fathers*, p. 364-5).

"Então, no décimo quarto ano após Nero, tendo Domitianus levantado a segunda perseguição, João foi banido para a ilha de Patmos, onde escreveu o Apocalipse, sobre o qual Justino Mártir e Irineu, mais tarde, traçaram comentários. Porém, o assassinio de Domitianus e a anulação, pelo senado, de seus atos - em face de sua excessiva crueldade - possibilitaram o retorno de João a Éfeso, sob Nerva Pertinax, onde permaneceu até os dias do imperador Trajano, fundando e edificando igrejas através de toda Ásia. Esgotado pela idade avançada, João faleceu sessenta e oito anos após a paixão do Senhor, tendo sido enterrado nas imediações daquela mesma cidade."

De volta a Éfeso, João viu-se recolocado em seu amplo e influente ministério na região. Se a tradição estiver certa, a comunidade cristã local encontrava-se, na ocasião, tremendamente marcada pelo triste martírio de Timóteo, que pode ter ocupado o bispado da cidade durante a ausência de João. Segundo contam as lendas, o ex-companheiro de Paulo sucumbiu ao fio da espada por sua oposição às orgias que se seguiam à procissão paga durante o festival dedicado a Diana. Como algumas narrativas tradicionais datam o martírio de Timóteo em 97 A.D., sob Nerva, é possível que este tenha realmente ocorrido ao tempo do regresso de João à cidade.

Os comentários dos pais da Igreja sobre as últimas realizações de João em Éfeso são assaz interessantes. Eusébio diz que, durante esse período, João, em comum acordo com outros ministros, redigiu o evangelho que leva seu nome (*História Eclesiástica*, p. 114).

"O quarto dos evangelhos foi escrito por João, um dos apóstolos. Quando exortado por seus condiscípulos e bispos, disse: 'Ficai e jejuai comigo por três dias; e se sucederá que aquilo que for revelado a qualquer um de nós, será compartilhado entre todos.' Naquela mesma noite foi revelado a André, um dos discípulos, que João seria aquele que escreveria sobre os acontecimentos (relativos ao evangelho) em seu próprio nome, e os demais o certificariam."

Baseados na tradição, podemos afirmar que, mesmo limitado pela idade avançada, João permaneceu firme à frente dos trabalhos pastorais, colaborando para o desenvolvimento da Igreja de Éfeso e suas cercanias, até o período do imperador Trajânus (98-117 A.D.), conforme registra Eusébio {*op. cit.*, XXIII, p. 104).

"Por essa época, João, o amado discípulo de Jesus, apóstolo e evangelista, ainda vivo, governou as igrejas da Ásia, após o retorno de seu exílio insular, com a morte de Domitianus. Quanto ao fato de João ter vivido até então, são suficientes duas testemunhas que, como guardiãs das doutrinas orais da Igreja, são dignas de todo crédito: Irineu e Clemente de Alexandria.

Irineu, em seu segundo livro contra heresias, escreve o seguinte: 'E todos os presbíteros da Ásia que conferenciaram com João, o discípulo de nosso Senhor, testificam que o apóstolo permaneceu com eles até os dias de Trajanus.' No terceiro livro da mesma obra, Irineu registra esse fato com as seguintes palavras: 'De igual maneira, a Igreja de Éfeso, fundada por Paulo e onde João continuou a habitar até os dias de Trajanus, é uma fiel testemunha da tradição apostólica!'

Da época alusiva ao retorno de João a Éfeso, advém um tocante relato, que evidencia toda dedicação com que o santo ancião conduzia seu encargo pastoral. A comovente passagem a seguir foi preservada por Eusébio de Cesaréia e extraída de um discurso atribuído a seu contemporâneo Clemente de Alexandria (*op. cit.*, XXIII, p. 104-07).

"Ouvi a essa história, que nada tem de fictícia, antes expressa a pura realidade, cuidadosamente preservada, e que diz respeito ao apóstolo João.

Após a morte do tirano, João retornou da Ilha de Patmos para Éfeso e dirigiu-se, sempre que solicitado, às regiões gentílicas adjacentes, onde ordenou bispos, instituiu igrejas inteiras ou apenas separou para o ministério aqueles que o Espírito Santo já havia escolhido.

Tendo chegado a uma cidade não muito distante, cujo nome alguns ainda podem citar, João, após consolar os irmãos, observou ali um jovem de boa estatura, de aspecto gracioso e de mente ardorosa. O apóstolo, então, voltando-se para o presbítero ordenado, disse-lhe: 'Encomendo-te este mancebo, com todo zelo, na presença da Igreja e de Cristo.' Aproximando-se do jovem, prometeu-lhe muitas coisas e repetiu-lhe aquelas palavras, sobre elas testificando antes de retornar a Éfeso.

Assim, o presbítero, levando consigo o rapaz que lhe fora confiado, educou-o e sustentou-o até, por fim, batizá-lo. Algum tempo depois, contudo, relaxou em seu cuidado e em sua vigilância, como se o jovem, agora selado no Senhor, já estivesse totalmente seguro.

Então, certos homens ociosos e dissolutos, familiarizados a toda sorte de



iniquidade, desafortunadamente se juntaram ao mancebo, desligando-o prematuramente de sua rígida educação. A princípio, conduziram-no aos mais caros divertimentos. Depois, levaram-no consigo em suas investidas noturnas, nas quais se entregavam aos saques. A seguir, sendo encorajado a desafios cada vez maiores, aquele jovem, em seu espírito audaz, passou gradualmente a acostumar-se com os modos de seus parceiros, tendo-se tornado qual um corcel bruto, que mordendo seu cabresto, se desvia do caminho e se arroja com impetuosi-dade no precipício.

Por fim, renunciando à salvação de Deus, passou a desprezar os pequenos delitos e, entregando-se a grandes transgressões, achou-se arruinado e disposto a padecer até o fim junto àqueles

com quem andava. Tomando, pois, consigo os mesmos parceiros, fez deles uma corja, da qual se tornou o capitão, pelo que a todos sobrepujava em sangüinolência e crueldade.

Passado muito tempo, João foi novamente solicitado naquela região e, tendo cuidado dos assuntos porque fora chamado, disse: 'Vem, ó presbítero, e retorna-me o depósito que te fiz na presença da Igreja sobre a qual presides.' O ministro, a princípio, confuso, pensou tratar-se da cobrança de alguma soma de dinheiro. No entanto, quando João claramente falou-lhe: 'Demando-te a alma do jovem irmão', o presbítero, gemendo e derramando-se em lágrimas, replicou: 'Ele está morto!'. 'Como assim, morto?' pergunta João. 'Ele está morto' - disse ele - 'morto para Deus. Tornou-se, a princípio, ímpio e libertino e, por fim, um salteador. Agora, acerca-se das regiões montanhosas em companhia de um bando de homens semelhantes a ele.'

Ouvindo essas palavras, o apóstolo rasgou suas vestes e, ao bater em sua cabeça com grande lamentação, disse-lhes: 'Preparai-me, pois, um cavalo e alguém dentre vós para guiar-me em meu caminho.'

Assim João, ao cavalgar, muito distanciou-se da Igreja e, tendo chegado ao campo, foi feito prisioneiro pelas sentinelas dos bandidos. O apóstolo, entretanto, não esboçou qualquer tentativa de fuga, tampouco ofereceu resistência a sua prisão, antes disse-lhes: 'Por esse motivo vim até aqui. Conduzi-me ao vosso capitão.'

O jovem, armado, permanecia observando a tudo. Porém, ao identificar aquele que

se aproximava como João, viu-se tomado de grande vergonha e tencionou retirar-se imediatamente. O apóstolo, no entanto, procurando persuadi-lo com toda a força e compaixão de sua idade, rogou-lhe: 'Por que foges, filho meu, por que foges de teu idoso e indefeso pai? Tem piedade de mim, filho meu; não temas, pois tu ainda gozas de esperança para a vida. Intercederei por ti, diante de Cristo. Fora necessário e eu sofreria a morte por ti, como Cristo assim sofreu por nós. Eu to daria a minha própria vida. Fica e crê que Cristo me enviou.'

Ao ouvir as palavras de João, o rapaz, interrompendo sua retirada, permaneceu cabisbaixo. Então, de braços abertos, sofregamente correu para o ancião, tomado por uma lamentação através da qual expressava, tanto quanto podia, suas súplicas por perdão. Derramando-se, como se fora, em suas próprias lágrimas, batizado pela segunda vez, o jovem preocupava-se apenas em esconder sua mão direita. Mas, o ancião, pondo-se de joelhos em oração, empenhou sua palavra, lhe assegurando que verdadeiramente recebera o perdão de seus pecados das mãos de Cristo. Tomando, então, sua mão direita, como já purificada de toda iniquidade, beijou-a.

O ancião, pois, levando consigo o jovem, conduziu-o de volta à Igreja, sustentando-o com muitas orações e constantes jejuns e abrandando sua alma com freqüentes consolações. João - como dizem - não o deixou até vê-lo completamente restaurado à Igreja."

Os esforços e as campanhas de João em prol da evangelização da Ásia não conheceram descanso, nem mesmo em sua avançada idade. Durante a época do imperador Trajanus, na qual o apóstolo deve ter findado seus dias, o evangelho já estava plenamente enraizado não apenas na Ásia, mas também na Galácia, Capadócia e Cilícia. Multiplicava-se também velozmente nas regiões adjacentes do Ponto e da Bitínia.

Um dos termômetros mais exatos desse crescimento vertiginoso - nos anos que se seguiram a morte do apóstolo - na região da Bitínia, vizinha à Ásia Menor é a carta de Plínio, o Jovem, governador da Bitínia, ao imperador Trajanus. Fiel cumpridor da lei e atento às tradições romanas, o jovem delegado viu-se aturdido com o grande número de acusações anônimas contra uma lista crescente de cristãos. Isso representava um problema de cunho jurídico, sobre o qual Plínio não se sentia devidamente capacitado para deliberar. Buscando um conselho proveitoso, o governador se dirige a César, numa carta datada de 111 A.D., onde expressa sua estupefação ante a propagação da fé crista, revelando que não apenas os templos pagãos estavam abandonados, mas as próprias carnes ofertadas aos deuses não encontravam compradores. Restava-lhe, assim, apenas

constatar aquilo que nem mesmo o poderio de Roma, em duas severas perseguições, conseguira deter:

"o contágio dessa superstição penetrou, não só nas cidades, mas também nos povoados e nos campos."

João, após longa labuta parece ter findado seus dias numa idade próxima ou mesmo superior aos cem anos. Segundo a tradição, permaneceu solteiro e inteiramente dedicado ao serviço pastoral. Se bem que afirmações desse tipo devem ser encaradas com cuidado, já que o ascetismo medieval contaminou boa parte das tradições apostólicas.

Ao contrário da maioria dos discípulos, João não conheceu o martírio, embora tenha sofrido os rigores da perseguição de Domitianus. Segundo tradicionalmente se crê, ele encerrou sua carreira naturalmente, gozando até o fim do sustento e da comunhão de seu rebanho, ao qual tanto se devotara.

McBirnie registra um interessante relato, extraído dos textos de Jerônimo, relativo aos últimos anos de João em Éfeso (op. cit., p. 117).

"Uma outra tradição concernente a João e passada adiante por Jerônimo, reza que quando o apóstolo já se encontrava evidentemente muito idoso em Éfeso, era necessário que seus discípulos o tomassem nos braços e o carregassem até a Igreja. Nas reuniões, João já não costumava pregar nada além disso: 'Filhinhos, amai-vos uns aos outros.' Depois de certo tempo, entretanto, seus discípulos, enfastiados de ouvirem sempre aquelas mesmas palavras, perguntaram-lhe: 'Mestre, por que sempre nos dizes isso?' João, por sua vez, replicou: 'E mandamento do Senhor. Ademais, se só isso for feito, terá sido o bastante'."

E provável, por força da tradição apostólica, que João tenha falecido de morte natural na cidade de Éfeso, embora nenhum detalhe relativo aos seus momentos finais tenha sido legado à posteridade. A despeito disso, algumas lendas rezam que o evangelista foi sepultado na cidade onde, por longos anos, desempenhara o trabalho missionário que tanto colaborou na cristianização da Ásia Menor e sua vizinhança.

O local do descanso de João

Um dos mais antigos testemunhos sobre o sepultamento de João em Éfeso

encontra-se nos escritos de Polícrates (130-196 A.D.), bispo daquela cidade em fins do segundo século. Oitavo pastor de uma família de longa tradição cristã, Polícrates foi também líder de um conselho de bispos asiáticos, para os quais sua ordenação nunca foi posta em dúvida. Em sua *Epístola a Vítor e a Igreja de Roma Concernente ao Dia da Guarda da Páscoa*, o bispo escreve.

"Ademais, João, que se recostou sobre o peito do Senhor e veio a tornar-se sacerdote, portando a mitra, tendo sido testemunha e mestre, descansa afinal em Éfeso."

O túmulo de João em Éfeso está entre os mais certos de todos os atribuídos aos doze apóstolos, embora o completo desaparecimento de suas relíquias continue a intrigar os pesquisadores de sua biografia. McBirnie, que lá esteve antes das obras de conservação realizadas pelo governo turco, cita o texto do Dr. Cemil Toksoz, no qual são acrescentados alguns pormenores relevantes sobre o local *{Ibidem, p. 119}*.

"Os discípulos de João construíram uma capela sobre a tumba do evangelista, que acabou se tornando um centro de adoração cristã. Um sem número de peregrinos visitou aquele santuário sobre o qual o imperador Justiniano e sua esposa Teodora decidiram erigir, no século VI, um monumento digno de São João, em face do inexpressivo valor artístico da construção original.

A Igreja de Justiniano, construída em forma de cruz, possuía cento e trinta metros de comprimento e era composta por três naves. A nave principal, mais larga, era coberta por seis grandes domos, tendo o nártex cinco domos menores. A cúpula principal, assim como a seção central da Igreja, era sustentada por quatro pilares quadrados. A tumba do apóstolo situava-se numa sala sob o piso logo abaixo do grande domo. Segundo a tradição, a poeira que emanava desta sala possuía poderes terapêuticos, razão que determinou um grande afluxo de doentes para o local durante a Idade Média.

O piso da Igreja era coberto por mosaicos. Os monogramas de Justiniano e sua esposa Teodora ainda podem ser claramente distinguidos nos capiteis de algumas das colunas.

Aos vinte e seis dias do mês de setembro, possível data da passagem do evangelista, eram realizadas ali cerimônias comemorativas nas quais as procissões iluminadas atraíam grandes multidões dos distritos vizinhos. Moedas datadas do segundo século, encontradas na tumba de São João, provam que, já em tempos remotíssimos, o lugar havia se tornado centro de peregrinação."

Naci Keskin, em seu livro *Ephesus*, apresenta algumas informações adicionais a esta descrição da tumba do apóstolo:

"Desde o princípio da cristandade, muitas comunidades cristãs aceitavam esse lugar (Éfeso) como ponto de peregrinação, ali realizando suas devoções. Posteriormente, essa Igreja, segundo os desígnios de Deus, foi destruída e reerguida de forma ampliada pelo imperador Justiniano. De aspecto cupular, a Igreja compunha-se de dois andares e ostentava um belo jardim cercado de pilares. Com seus cem metros de comprimento, abrigava seis grandes domos, além de cinco pequenos, os quais apresentavam-se ornamentados com mosaicos. Algumas moedas pertencentes à segunda metade do primeiro século foram descobertas em escavações no local, o que prova que a tumba de São João já era visitada por muitos naquele período. Mananciais sagrados - aos quais se cantavam hinos - assim como o pó que curava toda sorte de enfermidades, se encontravam sob os tetos abobadados.

As águas curativas que minavam próximas da tumba de São João eram especialmente prezadas pelos peregrinos daquele tempo. Por cerca de quatro ou cinco anos São João permaneceu ao lado de sua rival Artêmis! Embora o templo de Artêmis tenha sido, tantas vezes, saqueado, ninguém ousou tocar no santuário de São João, uma vez que o apóstolo, como seguidor de Cristo, representa o mensageiro maior do sagrado amor. A tumba de João, tanto quanto o Templo de Santa Maria nas colinas, foi concebido para abrigar os restos de apenas um discípulo."

A devoção mística da Idade Média acabou transformando o túmulo de João em mais um local para o qual convergiam numerosas romarias, cujos peregrinos eram estimulados a cultivar as mais descabidas superstições. Esse processo, repetido em outros sítios considerados sagrados, revela muito mais a mescla de influências pagas, que gradualmente se sedimentaram no seio da Igreja medieval, do que uma fé genuinamente bíblica.

Portanto, à parte as fantasias da tradição, resta pouca dúvida de que João foi mesmo sepultado em Éfeso, embora suas relíquias permaneçam misteriosamente desaparecidas. Como vimos, as referências históricas desse argumento remontam a meados do século IV, quando Eusébio de Cesaréia, embaixado na epístola de Polícrates a Vitor, bispo de Roma, deixa claro que Éfeso não fora apenas o local onde João desempenhara a maior parte de seu ministério apostólico, mas também o verdadeiro local

de seu descanso.

McBirnie, ao visitar o local pela segunda vez em 1971, verificou um grande esforço do governo turco em restaurar o que restou da outrora portentosa basílica erigida por Justiniano para abrigar os restos do apóstolo. O pesquisador registrou, entretanto, seu desapontamento ao não encontrar ali qualquer informação consistente sobre as relíquias do discípulo (*pp. cit.*, p.121):

"Algumas relíquias de outros apóstolos ainda existem; entretanto, a tumba de João, que é, dentre todos os túmulos apostólicos, provavelmente o mais certo - tanto pela história como pela arqueologia - não contém quaisquer restos mortais, tampouco acha-se ali qualquer traço histórico ou tradição daquilo que se possa ter se sucedido a eles!"

Consideravelmente frutífera desde seus primeiros passos no discipulado até os últimos dias de seu apostolado, a história da carreira de João se constitui num manancial de testemunho cristão, cujos ensinamentos continuam a edificar a Igreja até o presente século.

Nessa análise biográfica de João, pudemos verificar a evidência de sua ardente paixão pela causa messiânica, razão pela qual, ainda jovem e gozando de uma confortável posição social, atendeu ao chamado de Cristo para o aprendizado do evangelho. Os anos ao lado de Jesus trouxeram-lhe uma profunda transformação em seu íntimo, especialmente no que se refere a impulsividade que delineava seu temperamento. Essa mudança permanece como um testemunho do impacto que o Espírito de Cristo exerce sobre quantos creiam no poder e na graça dAquele que converteu *o filho do trovão* no *discípulo do amor!*

De todas as virtudes apresentadas pelo apóstolo, talvez nenhuma suplante seu desmedido amor pelo Mestre, freqüentemente retratado nos evangelhos. Esse mesmo jovem que, em sua agressividade, ansiava ver o fogo celestial devorar seus opositores, era também aquele que sabia buscar carinhosamente no peito de Jesus o repouso para suas ansiedades e as respostas para seus questionamentos. Como a Igreja tem a aprender com a devoção e a espiritualidade do *discípulo a quem Jesus amava*).

Digna de atenção também é a intensidade com que João viveu sua missão apostólica. Como vimos anteriormente, já nos primeiros capítulos de Atos, encontramos-lo desafiando os perigos inerentes à pregação evangélica naqueles dias turbulentos. As perseguições que sofreu no período retratado em Atos foram apenas o princípio de seu longo ministério pastoral, que se estendeu, de maneira exemplar, até fins do primeiro

século e foi marcado por muitas outras aflições, como o duro desterro em Patmos.

Outros apóstolos, em suas jornadas missionárias, percorreram extensões territoriais superiores às atingidas por João; contudo, poucos deixaram marcas tão profundas de seu trabalho como ele. Se Tomé atingiu a Índia, Judas Tadeu a Armênia e Simão Zelote a Britânia, João, por sua vez, evangelizou a estratégica região da Ásia Menor, com suas prósperas concentrações urbanas, tornando-se bispo de uma das maiores cidades do mundo antigo: Éfeso. Como resultado de sua dedicada sementeira na região, a Igreja primitiva viu-se enriquecida pela conversão de homens ilustres como Policarpo, Irineu e Papias, que se tornaram gigantes do pensamento cristão do segundo século e de cujas penas saiu parte da importante literatura patrística, que ainda influencia o cristianismo após quase dois milênios. As cartas às sete igrejas da Ásia são outra prova da grande familiaridade que o apóstolo tinha com aquela região e do dinamismo que caracterizava seu ministério, mesmo em seus dias mais avançados.

Se a ação missionária de João impressiona por sua devoção e perseverança, sua teologia encanta pela singeleza e objetividade. Embora acessível às mentes mais humildes, o texto de João transborda de verdades transcendentais e essenciais, do ponto de vista teológico. A singularidade de sua cristologia pode ser facilmente percebida na notável exposição acerca do Logos de Deus, bem como na ênfase em sua encarnação, presentes não apenas em seu Evangelho, mas também suas epístolas. João proporcionou em seu texto argumentos fundamentais para a defesa da ortodoxia cristã diante de desafiantes heresias, como o gnosticismo que perturbou a paz na Igreja em seus primeiros dois séculos.

Digna de destaque, enfim, é a formidável capacitação que Deus concedeu a esse humilde pescador galileu, transformando-o não apenas num testemunho vivo de Cristo, mas numa barreira para tudo o que ameaçasse a doutrina ortodoxa. Não é de se admirar, portanto, que a preciosidade encontrada na literatura de João — com a qual retratou a formosura de Cristo de modo tão particular— tenha transformado seu evangelho no livro mais publicado em todo o mundo!

Essa sublimidade com que esse apóstolo interpretou a Pessoa e a obra de seu Mestre, a quem fielmente serviu, poderiam ser perfeitamente resumidas na expressão com que encerrou sua obra-prima (Jo 22.25).

"Há, porém, ainda muitas outras coisas que Jesus fez. Se todas elas fossem relatadas uma a uma, creio eu que nem mesmo no mundo inteiro caberiam os livros que seriam escritos."

OS DOIS HAGOS

"Passando adiante, viu outros dois irmãos, Tiago, filho de Zebedeu, e João seu irmão, que estavam no barco em companhia de seu pai, consertando as redes e chamou-os."

Mateus 4.21

"Relata-se que Tiago (filho de Alfeu) de tal sorte assemelhava-se a Jesus, no corpo, no semblante e na conduta, que era trabalhoso distinguir-se um do outro."

Voragine, bispo de Gênova

(1275 A. D.)

Resultado da transliteração grega do nome patriarcal Jacó (*Iacobos*), Tiago era, portanto, um nome corriqueiro durante os tempos apostólicos. São quatro os personagens neotestamentários conhecidos por esse nome.

- Tiago, chamado "O Maior", filho de Zebedeu e irmão mais velho de João (Mt 4.21; 10.2; 17.1; Mc 1.19,29; 3.17; 5.37; 9.2; 10.35,41; 13.3; 14.33; Lc 5.10; 6.14; 8.51; 9.28,54; At 1.13);

- Tiago, chamado "O Menor", filho de Alfeu e provável irmão de Mateus (Mt 10.3; Mc 3.18; Lc 6.15; At 1.13);

- Tiago, pai de Judas Tadeu (Lc 6.16);

- Tiago, irmão de Jesus (At 12.17; 15.13; 21.18; Gl 2.9; Tg 1.1).

Dos quatro personagens encontrados no universo neotestamentário, interessam-nos dois em especial: Tiago, filho de Zebedeu, e Tiago, filho de Alfeu. Isto porque ambos compunham o rol dos doze apóstolos, embora o primeiro seja muito mais conhecido que o segundo, tanto na literatura bíblica como histórica.

Há, entretanto, um terceiro Tiago que cumpriu um papel importante na liderança da Igreja primitiva. Trata-se de Tiago, irmão de Jesus. A tradição posterior acabou confundindo muito a obra desse valoroso líder cristão com a de Tiago, filho de Alfeu. Assim, para melhor compreendermos a biografia de Tiago, filho de Alfeu, é interessante que comecemos distinguindo esse com o qual ele vem sendo confundido.

Quem foi Tiago, o Justo?



Qualquer pesquisa sobre a vida dos doze discípulos certamente encontrará na biografia de Tiago Menor seu ponto crítico. Isso porque – como dissemos - a tradição eclesiástica, desde seus primórdios, vem misturando as informações sobre a carreira ministerial desse personagem, com a de Tiago, chamado "o Justo", notório líder da Igreja em Jerusalém e meio-irmão de Jesus. Como vimos, algo semelhante também ocorreu com os relatos tradicionais sobre o apóstolo Filipe e o diácono e evangelista homônimo seu que aparece citado em Atos.

Já tratamos anteriormente da questão relativa aos irmãos de Jesus, descritos nominalmente em Mc 6.3. Embora alguns segmentos do cristianismo tentem sustentar há séculos a doutrina da virgindade perpétua de Maria (o que significa que Jesus não teve irmãos por parte de mãe), não há - do ponto de vista das Escrituras - porque duvidarmos de que esse judeu, líder da Igreja de Jerusalém, seja na verdade meio-irmão de Jesus, filho de José e Maria (conforme prega a linha helvídica).

Tiago, o Justo - assim como seus irmãos - não reconheceu Jesus como Messias antes de Sua ressurreição (Mt 13.55-57, Jo 7.3-5). Desta forma, não esteve entre os doze discípulos que seguiram o Salvador em Seu ministério terreno. Mas o testemunho da ressurreição de Cristo, registrado por Paulo em 1 Co 15.7, trouxe-lhe mais tarde a experiência de conversão, compartilhada a seguir com seus demais irmãos. A presença de Tiago, o Justo, no cenáculo durante o Pentecostes não é citada, mas pode ser inferida, já que ali se encontravam, ao lado dos apóstolos, de Maria e de muitas outras testemunhas, os *irmãos de Jesus* (At 1.14).

Esse mesmo Tiago aparece, mais adiante em At 15.13-21, exercendo decisiva participação durante o concílio de Jerusalém (49-50 A.D.). Suas deliberações sobre as questões em pauta naquela assembléia - de interesse estratégico para a fé cristã - evidenciam sua posição de autoridade sobre a Igreja em Jerusalém, da qual é tradicionalmente apontado como o primeiro bispo. Paulo cita seu nome em primeiro lugar dentre aqueles aos quais chamou "colunas da Igreja" (Gl 2.9).

Algumas narrativas pós-apostólicas destacam os atributos espirituais de Tiago, o Justo, especialmente seu zelo ardoroso pela Lei e sua notória continência. Sua fidelidade e perseverança na prática da oração e do jejum lhe renderam a alcunha de "o homem dos joelhos de camelo".

Douglas Moo, em seu livro *Tiago - Introdução e Comentário* (p.20), esclarece algo

mais acerca do irmão do Senhor.

"Muitas informações sobre Tiago vêm do relato feito por Hegésipo sobre sua morte, segundo registros de Eusébio (História Eclesiástica, 11,23). Ele nos informa que Tiago foi apedrejado pelos escribas e fariseus, por ter se recusado a renunciar a seu compromisso com Jesus. Esse relato sobre a morte de Tiago é confirmado, em separado, por Josefo (Antigüidades XX.9,1), que também nos dá condições de datá-la em 62 A.D. Entretanto boa parte do restante do relato de Hegésipo, que retrata Tiago como um zelote da lei é lendária. Pode ser que Hegésipo tenha derivado suas informações a partir de uma seita restrita de cristãos judeus, chamados ebionitas, que consideravam Paulo desfavoravelmente, exaltando Tiago como real herdeiro do ensino de Jesus."



Tiago, irmão de Jesus, é retratado em muitas lendas como um nazireu, consagrado desde o ventre de sua mãe. Diz-se ter levado uma vida absolutamente dedicada aos rigores do ascetismo. Segundo esses relatos, Tiago vestia-se apenas de linho puro e abstinha-se de bebidas fortes, assim como de carne.

Guardados os exageros erigidos pela tradição, não há dúvidas de que Tiago, irmão do Senhor, era de fato um líder judeu-cristão fervoroso. Sua relação com o judaísmo ortodoxo é tida como restrita aos limites do conservadorismo, mesmo após sua conversão ao Evangelho (At 21.17-26; Gl 2.9), se bem que não da forma obstinada pretendida por alguns. Pelo contrário, Tiago é retratado em Atos como um líder preocupado em manter o melhor relacionamento possível entre os cristãos de origem judaica e os de origem gentílica. O resultado do concílio de Jerusalém deixa claro sua flexibilidade, justamente por sustentar que as tradições mosaicas não deveriam ser impostas aos gentios que se convertiam (At 15.13-21).

A epístola universal a ele atribuída apresenta algumas evidências da atmosfera judaica que envolvia seu pensamento: o local de reunião é apresentado como sinagoga (Tg 2.2) e as referências à Lei são freqüentes (Tg 1.25; 2.8,11,12), além do estilo literário que, no dizer de Douglas Moo (*op. cit*, p.22),

"reflete tanto a natureza proverbial das tradições da sabedoria judaica quanto a pregação em tom de denúncia dos profetas"

A tradição afirma que esse Tiago foi morto pelas mãos dos fariseus -apoiados pelo sumo sacerdote Ananus — os quais, tomados de grande ira, o teriam precipitado do pináculo do templo de Jerusalém, em cerca de 63 A.D. Conta a lenda que os líderes judeus constrangeram-no a proclamar das galerias do templo que Jesus não era o Cristo. Ao fazer exatamente o contrário daquilo que propuseram seus oponentes, Tiago foi precipitado do cimo do santuário. Como a queda não fora fatal, seus perseguidores o espancaram e consumaram o martírio com o tradicional apedrejamento, sepultando-o a seguir no Monte das Oliveiras. De tal sorte era Tiago, o Justo, estimado pelos judeus — mesmo entre os não cristãos — que muitos deles teriam considerado o cerco e a destruição de Jerusalém, ocorrido alguns anos depois, como um castigo dos céus pelo assassinato do santo apóstolo.

Não há, portanto, razões históricas ou bíblicas para confundirmos Tiago, o irmão do Senhor, com qualquer um dos dois discípulos homônimos seus, aos quais dedicamos esse capítulo. Entretanto, é fato que a fama alcançada por esse personagem neotestamentário acabou ofuscando a glória de Tiago Menor, um dos doze, cuja carreira foi confundida pela tradição posterior com a de seu homônimo, bispo de Jerusalém.

O obscuro Tiago, filho de Alfeu

Quase nada se sabe sobre Tiago Menor, do ponto de vista das Escrituras, além do simples registro de seu nome no rol dos apóstolos e do fato de ser filho de Alfeu e Maria e ser irmão de um certo José (Mt 10.3, Mc 15-40). McBirnie sugere Cafarnaum, na Galiléia, como sua cidade de origem, mas não dá a essa afirmação o devido embasamento bíblico (*op. cit.*, p.183).

Esse silêncio das Escrituras sobre Tiago inspirou John D. Jones a escrever, em sua obra *The Apostles of Jesus* um capítulo dedicado a ele e a Judas Tadeu, chamando-os *Os Apóstolos Desconhecidos*.

Em meio a toda essa ausência de informação, há um detalhe que merece ser considerado com respeito a Tiago Menor. Trata-se da passagem de Mc 2.14, onde encontramos a menção de que Mateus (ou Levi) também era filho de alguém chamado Alfeu. Essa citação torna-se relevante na medida em que abre a possibilidade de ambos apóstolos serem irmãos, como no caso de Tiago Maior e João, e Pedro e André. Porém, essa hipótese não deve ser apressadamente acatada, já que o nome Alfeu não era muito raro naqueles dias. Ademais, a relação de irmandade entre os dois discípulos não passaria despercebida dos evangelistas, como vemos com Simão Pedro e André, e Tiago

Maiorejoão (Mt 4.18,21; 10.2; Mc 1.16-19; 3.17; Lc 6.14; Jo 1.40). Se bem que esse argumento, por si só, não basta para descartarmos a possibilidade da irmandade entre Tiago Menor e Mateus, já que João e Tiago Maior também não são apresentados como irmãos no rol dos apóstolos de Lc 6.14, assim como Pedro e André, em Mc 3.17,18. Além disso, algumas lendas posteriores atribuem a Tiago Menor a mesma ocupação profissional de Mateus, ou seja, a coletoria fiscal.

Nada sabemos acerca de Alfeu, seu pai, exceto o fato de ser identificado por alguns biblicistas com o personagem Clopas, citado em Jo 19.25- Essa associação se dá em função deste Clopas aparecer como marido de Maria *i* que, das citadas no versículo, é a mais provável mãe de Tiago Menor e do obscuro José. William Smith lembra que esse Clopas não deve ser confundido com o discípulo de nome Cleopas de Lc 24.18, um dos dois aos quais Jesus aparece ressurreto no caminho de Emaús. Smith alega, em seu *Bible Dictionary* (p.l 19-20), que o primeiro tem seu nome derivado do aramaico, enquanto este último de uma forma abreviada do grego *Cleopater*. De qualquer modo, não há razões óbvias que permitam uma identificação segura entre personagens Clopas e Alfeu, pai do apóstolo Tiago.

Maria, sua mãe, era uma das várias mulheres piedosas que se devotaram a seguir Jesus. Encontramo-la em alguns dos momentos mais relevantes do ministério de Jesus, como a crucificação (Mt 27.56) e a ressurreição (Mt 28.1). Diante dessa destacada consagração ao Mestre, não se sabe: foi Maria quem influenciou o filho para o discipulado cristão, ou vice-versa?

O Novo Testamento não deixa, portanto, muita informação sobre Tiago Menor, o que torna difícil uma posição conclusiva sobre suas origens. Por outro lado, a tradição cristã traz informações adicionais sobre ele, algumas delas deveras curiosas. Vejamos, a seguir, o que elas têm a nos acrescentar.

A lendária semelhança física com Jesus

Segundo alguns escritos cristãos muito antigos, a piedosa Maria, mãe de Tiago, era prima de Maria, mãe de Jesus, o que tornaria esse discípulo parente próximo de seu Mestre. Essa, como tantas outras afirmações da tradição, não recebem respaldo do Novo Testamento para uma aceitação unânime. O fato, entretanto, é que várias lendas insistem numa suposta semelhança física entre Jesus e o apóstolo Tiago Menor. McBirnie, citando o pesquisador Ashbury Smith, nos apresenta uma delas (*op. cit.*, p.192).

"Uma tradição ainda mais interessante e, talvez mais plausível, é preservada nas

'Lendas Douradas', uma compilação de sete volumes sobre a vida dos santos, elaborada por Voragine, bispo de Gênova, em 1275 A.D. Ali, relata-se que Tiago de tal sorte assemelhava-se a Jesus, no corpo, no semblante e na conduta, que era trabalhoso distinguir-se um do outro. O beijo de Judas no Jardim do Getsêmani, de acordo com esta tradição, tornou-se necessário para se certificar que Jesus e não Tiago, seria feito prisioneiro."

Tiago Menor é representado pela arte cristã primitiva e medieval como, talvez, o mais belo dos apóstolos. Frequentemente, a singeleza e a harmonia de seus traços destacam-no da imagem dos demais discípulos. Essa tendência estética deu-se possivelmente em função das lendas que procuraram assemelhar o aspecto físico de Tiago ao de seu Mestre, fundamentadas - como vimos - na alegação de que ambas as personagens de nome Maria — a mãe de Jesus e a mãe de Tiago - seriam primas. Se essa relação de parentesco pudesse ser comprovada, talvez a sugerida semelhança entre o discípulo e o Mestre fosse aceitável. De qualquer modo, essa proposta da tradição nos leva a inferir que Jesus era um homem fisicamente belo. Contudo, não há qualquer indício neotestamentário que sustente tal argumento. Antes, ao contrário, como vemos na anunciação profética com que Isaías retratou o Messias (Is 53.2b):

"Não tinha formosura nem beleza; e quando olhávamos para ele, nenhuma beleza víamos, para que o desejássemos."

Se as lendas sobre a beleza ímpar de Tiago, filho de Alfeu, ainda carecem de bases convincentes, a passagem de Mc 15.40 nos acrescenta um detalhe interessante quanto ao seu aspecto físico. Marcos associa ao nome do apóstolo o adjetivo grego *mikros*, que circunstancialmente sugere alguém já em ¹ idade adulta, mas de composição física diminuta.

Seria Tiago Menor também um zelote?

Alguns pesquisadores de biografia apostólica, como William Barclay em sua obra *The Masters Men*, sugerem que a última parte da lista dos doze apresentada nos sinópticos, na qual estão contidos os nomes de Tiago, filho de Alfeu, Judas Tadeu, Simão Zelote e Judas Iscariotes, agrupa aqueles dentre os discípulos que apresentavam algo de comum em suas origens: o movimento de resistência zelote. No capítulo dedicado a Simão Zelote, traçamos o perfil desses nacionalistas radicais, responsáveis por

momentos de grande bravura, assim como de muita violência na história de Israel.

Para Barclay a razão do agrupamento desses últimos quatro discípulos nas listas apostólicas era seu envolvimento passado com os zelotes. Mas como provar tal suspeita? No caso de Simão, de fato, sua própria alcunha já sugere a ligação. Quanto a Judas Tadeu, Barclay cita manuscritos antigos, como as *Constituições Apostólicas (The Masters Men*, p. 115), onde o discípulo é mencionado como "*Tadeu, também chamado Lebeu, que tinha por sobrenome Judas, o Zelote*". "No caso do traidor Judas Iscariotes, só um coração impregnado do ardor nacionalista zelote explicaria sua atitude desesperada, que teria sido motivada pelo choque entre o rumo do ministério de Cristo e suas expectativas messiânicas.

Mas, e quanto a Tiago Menor, haveria algum indício sustentável que o ligasse ao movimento zelote? Barclay sugere apenas fracas conjecturas. E significativo o fato de que há também lendas que envolvem Tiago, o Justo, meio-irmão de Jesus, com esse movimento radical. Não é, portanto, improvável que os relatos dos quais Barclay se valeu tenham igualmente confundido os personagens.

O autor patrístico Eusébio de Cesaréia, citando o historiador cristão do segundo século Hegésipo, narra algumas das mais fantasiosas lendas relativas a Tiago Menor. Segundo conta Eusébio, o apóstolo teria sido um devoto nazireu, tanto antes como depois de se tornar discípulo de Jesus. Sua austeridade e seus hábitos ascéticos não lho permitiam fazer a barba, nem tampouco banhar-se. Mesmo seu vestido de linho, o único que possuía, não podia ser lavado. Tiago não fazia uso de bebidas alcoólicas, nem de carne, exceção feita ao cordeiro pascal. Tão longos e freqüentes eram os períodos nos quais se dedicava à oração e à intercessão que — segundo o historiador — seus joelhos tornaram-se grossos como os de um camelo. Eusébio vai mais longe ao afirmar que, de tão santo, Tiago era venerado igualmente por cristãos e judeus, *sendo o único dentre os crentes a ter acesso ao Santo dos Santos*.

E difícil separar o verdadeiro do fantasioso nessa descrição de Tiago Menor herdada de Hegésipo. Primeiramente, por que os rigores do nazirato e da vida ascética, por ele exaltados aqui, em nada se encaixam ao perfil dos primeiros apóstolos. Em segundo lugar, porque sabe-se muito bem que a ninguém era permitido adentrar o Santo dos Santos — não importando quão santa fosse a vida do suposto pretendente — a não ser o sumo sacerdote, no dia da expiação, conforme os ditames mosaicos. Por último, a menção aos "joelhos de camelo", resultado de longas e freqüentes orações, assim como ao voto de nazireu, refletem mais uma vez a sempre presente confusão da tradição com os biografias de Tiago Menor e Tiago, o Justo, irmão de Jesus, a quem estas designações

parecem se encaixar com maior propriedade, segundo a maior parte da história apostólica.

Infelizmente, todo esse amálgama biográfico resultante das narrativas sobre Tiago, filho de Alfeu, chamado o Menor, e Tiago, irmão de Jesus, não apenas dificulta a pesquisa de seus passos no apostolado, como também as circunstâncias de seu martírio — se é que aconteceu — e o traslado de seus restos mortais.

Segundo McBirnie, o respeitado autor Aziz Atiya também mostrou-se influenciado por essa confusão de informações, ao atribuir, em sua obra *History of Eastern Christianity* (p.239), a semente da Igreja síria a Tiago Menor, apresentando-o como seu primeiro bispo.

Nada mais se pode precisar acerca das ações missionárias de Tiago Menor. Os escassos relatos históricos de que dispomos deixam ao estudioso do assunto a clara sensação de estar, invariavelmente, diante de mais uma lenda ligada ao ministério do destacado Tiago, o Justo.

A semelhança entre o martírio de Tiago Menor e de Tiago, o Justo

Segundo a tradição, assim como se sucedeu a Tiago, irmão de Jesus, Tiago Menor também teria sido apedrejado até a morte pelos fariseus, por recusar-se a negar publicamente o senhorio de Jesus. Dentre os que traçaram detalhes acerca das circunstâncias dessa suposta tragédia, destaca-se Dorman Newman que, embora associe erroneamente os dois Tiagos citados — como de resto grande parte da tradição medieval — propõe em sua obra *The Lives and Deaths of the Holy Apostles*, de 1685, alguns desdobramentos interessantes sobre o martírio do apóstolo.

"Durante o tempo do procurador Alvinus, o sucessor de Festus, os inimigos de Tiago decidiram eliminá-lo. Para tanto, um conselho foi rapidamente convocado, em cujas deliberações foram escalados os escribas e fariseus para preparar-lhe uma armadilha. Os líderes judeus, dizendo-se grandemente confiantes em Tiago, pediram-lhe que corrigisse o povo acerca da noção incorreta que tinham de Jesus. Para isso, o apóstolo deveria subir ao cimo do templo, de onde poderia, em sua preleção, ser ouvido por todos. Então, os fariseus e escribas instaram-lhe 'Conte-nos acerca do que instituiu Jesus, o crucificado!' Mas a população presente, ouvindo o que era dito, começou a glorificar e a bendizer a Jesus. Por sua vez, os fariseus, percebendo que se excederam e que, ao invés de instruir o povo, acabaram confirmando-o em seu suposto desvio, decidiram que não havia outra coisa a fazer senão executar a Tiago ali mesmo, de maneira que isso

pudesse servir de exemplo a tantos quantos cressem em Jesus. Assim, bradando que Tiago, o Justo, tornara-se um impostor, os fariseus precipitaram-no de onde se encontrava. Embora ferido pela queda, o apóstolo não morreu, mas recobrou tanta energia quanto a necessária para por-se de joelhos e clamar aos céus por seus oponentes. Começaram, então, a cobri-lo com uma chuva de pedras, até que alguém, em sua cruel misericórdia, resolvesse esmagar seu crânio com um bastão de pisoeiro. Desta forma expirou aquele bondoso homem, ao nonagésimo ano de sua vida, cerca de 24 anos após a ascensão de Cristo. Foi sepultado no monte das Oliveiras, numa tumba que construíra para si."

Uma curiosidade arqueológica que talvez possa endossar essa narrativa de Newman é o fato de ter-se descoberto, em escavações junto ao muro sudoeste da cidade velha de Jerusalém, vestígios de lavadouros, usados pelos pisoeiros de então. Ao contrário do que se imagina, as "lavanderias" da época não eram freqüentadas por mulheres, mas por lavandeiros profissionais, que usualmente lavavam as roupas pisando sobre elas ou batendo fortemente com bastões apropriados sobre uma tina de potassa, usada como produto de limpeza. Considerando-se que o local do achado arqueológico não é distante de onde teria ocorrido a queda e o espancamento de Tiago, é possível que Newman, em sua descrição, tenha se aproximado daquilo que se sucedeu, ao citar o golpe de misericórdia de um desses pisoeiros sobre o apóstolo.

Embora seja provável que o apóstolo Tiago Menor também tenha enfrentado uma oposição fatal dos fariseus e sacerdotes em seu ministério o que temos aqui, aparentemente, é mais uma menção da tradição cristã sobre a morte de Tiago, o Justo, e não do discípulo de Cristo. A semelhança entre as narrativas do martírio de ambos apóstolos é indiscutível. De qualquer modo, se Dorman Newman estiver correto em atribuir essa lenda a Tiago Menor, a idade com que o apóstolo aparece martirizado em seu relato faria dele sem dúvida um dos mais velhos dos discípulos.

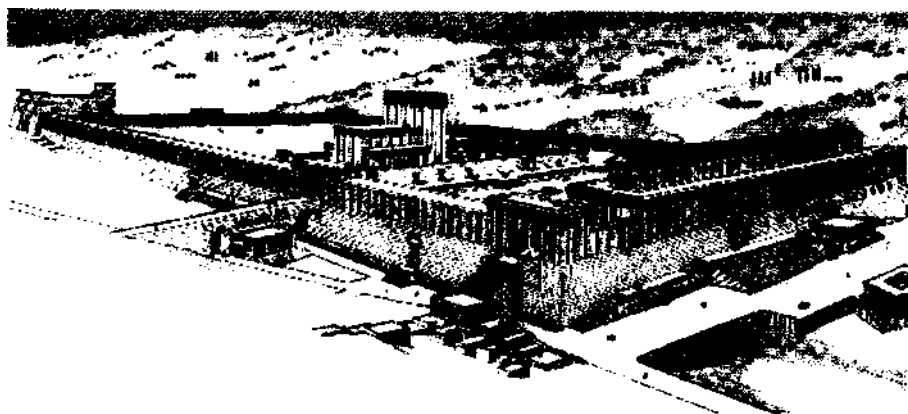
Os restos de Tiago Menor seriam de Tiago, irmão de Jesus?

No tocante às relíquias de Tiago Menor, as lendas sobre os personagens também se mesclam, impossibilitando ao pesquisador uma dedução mais precisa sobre o assunto.

Tiago, o Justo, parece realmente ter sido sepultado nas imediações do Vale do Cedrom, próximo ao Monte das Oliveiras, após a violenta morte por apedrejamento (ou espancamento) promovida pelos líderes religiosos de Israel. O túmulo, hoje chamado de Gruta de São Tiago, segundo McBirnie, foi originalmente destinado aos membros da

família de linhagem sacerdotal hierodiana de Hezir. Segundo a tradição armênia, o túmulo dos filhos de Hezir localizava-se quase em frente ao pináculo do Templo de Herodes, lugar de onde Tiago, o Justo, teria sido precipitado e executado. Para McBirnie, é provável que algum membro da nobre família judaica, tendo presenciado a brutalidade contra o apóstolo, se compadeceu a ponto de ceder parte do jazigo da família para abrigá-lo.

Em meados do quarto século, monges que viviam nas cercanias do túmulo, descobriram ali alguns ossos atribuídos a um certo Tiago. Passaram, então, a identificá-los erroneamente como pertencentes a Tiago Menor.



Jerusalém nos dias apostólicos. Detalhe do templo de Herodes.

O imperador romano Justiniano, dois séculos mais tarde, em seu afã de reconstruir a Igreja dos Santos Apóstolos (erigida em 332 A.D. por Constantino), teria mandado trazer de Jerusalém as relíquias, consideradas pela Igreja armênia como pertencentes ao apóstolo Tiago Menor. A época era tremendamente propícia para isso, pois vivia-se o frenesi da busca pelas relíquias dos santos — especialmente dos apóstolos — e o começo da rivalidade entre a Igreja Oriental, com sede em Constantinopla e a Ocidental, com sede em Roma. Talvez alguma aliança política com o ocidente justifique o fato de Justiniano ter enviado parte dos ossos atribuídos a Tiago Menor para Roma, em 572 A.D. Ali foram solenemente sepultados pelo Papa João III, na então Igreja dos Apóstolos Filipe e Tiago Menor, cujo santuário foi dedicado em primeiro de maio de 560 A.D. Talvez nem tudo aquilo que se supõe serem os ossos de Tiago Menor tenha sido transportado para Constantinopla, já que os cristãos armênios de Jerusalém asseveram que ainda possuem parte das relíquias do apóstolo, conservadas no Mosteiro de São Tiago no Monte Sião.

O Mosteiro Ortodoxo Armênio de São Tiago cobre quase todo o Monte Sião, numa área que compreende aproximadamente um sexto da cidade velha de Jerusalém. Ali,

segundo o *Tesouro do Patriarcado Armênio de Jerusalém*, encontram-se relicários contendo os ossos de um dos braços de Tiago Menor e os dedos de Tiago, irmão de Jesus. Para pesquisadores como McBirnie, entretanto, o mais provável é que esses restos mortais pertençam — assim como a maior parte das lendas atribuídas a Tiago Menor — a Tiago, irmão de Jesus e bispo de Jerusalém.

Tiago Maior, o filho de Zebedeu

Se a carreira de Tiago Menor foi grandemente comprometida pela tradição, o mesmo felizmente não se repete com seu homônimo e condiscípulo Tiago, filho de Zebedeu, também chamado Tiago Maior. O interessado em biografia apostólica por certo encontrará, em sua pesquisa sobre esse apóstolo, uma gama de informação consideravelmente superior àquela atribuída ao filho de Alfeu. Essa generosidade da tradição para com Tiago Maior nos possibilita traçar algumas considerações sobre esse que foi um dos mais íntimos seguidores de Jesus.

Com efeito, dos três discípulos mais próximos de Cristo, Tiago Maior é aquele sobre quem menos sabemos. De todas as informações bíblicas a seu respeito, destaca-se a narrativa de seu martírio, que será foco de nossa atenção adiante. É interessante notarmos que apenas dois dos doze apóstolos tiveram suas mortes descritas biblicamente: Judas Iscariotes e Tiago Maior, sendo este último, portanto, o primeiro mártir dos apóstolos, segundo as Escrituras.

Conforme já mencionamos no capítulo que trata da biografia de seu irmão, o apóstolo João, Tiago Maior era filho de Zebedeu, um próspero pescador galileu (Mt4.21) e de Salomé, uma das piedosas mulheres que se devotaram a seguir Jesus (Mc 15.40-41), identificada por alguns como a irmã de Maria, citada em Jo 19.25. Deve-se abordar, portanto, a vida de Tiago Maior levando-se em consideração a possibilidade de uma relação de parentesco entre o apóstolo e o próprio Senhor Jesus, o que, de certa forma, poderia explicar sua presença no rol dos discípulos mais íntimos do Mestre.

Deduz-se, biblicamente, que Tiago era o irmão mais velho de João, já que seu nome - excetuando-se as passagens de Lc 8.51 e Lc 9.28 - sempre precede ao do discípulo amado nos versículos em que aparecem juntos (Mt 4.21; 10.2; 17.1; Mc 1.19,29; 3.17; 5.37; 9.2; 10.35; 13.3; 14.33; Lc 6.14; 9.54; At 1.13). Ao contrário de seu irmão mais novo, não há qualquer indício bíblico de que Tiago Maior



tenha seguido os passos do profeta João Batista, nos anos que antecederam sua vocação apostólica.

McBirnie retrata assim os primeiros momentos da vida discipular de Tiago Maior (*op. cit.*, p.87-8).

"Após certo período de companheirismo e noviciado ao lado de Jesus, Tiago é descrito como presente no momento da cura da sogra de Pedro em Cafarnaum. Logo a seguir, é ordenado como um dos doze discípulos de Cristo, vindo a ocupar um lugar de proeminência entre os apóstolos. Ao lado de Pedro e João, tornou-se parte do círculo mais íntimo dos que seguiam a Jesus. Estes três, à parte dos demais, presenciaram a ressurreição da filha de Jairo, a transfiguração e a agonia no Jardim do Getsêmani."

Tiago e João parecem ter tido temperamento muito semelhante, pelo menos no que diz respeito à irascibilidade. Ambos receberam do Mestre a alcunha aramaica de *Boanerges*, ou filhos do trovão (Mc 3.17), por sua inclinação tempestuosa, como a verificada diante da hostilidade dos samaritanos (Lc 9.51 -56).

John D. Jones, em seu comentário biográfico sobre Tiago Maior, sugere algumas ilações acerca das características temperamentais do apóstolo (*op. cit.*, p. 36).

"O zelo era a característica mais saliente de Tiago. Ele era o mais ardoroso e de espírito mais apaixonado da companhia apostólica. Havia outros dentre aqueles doze santos que se tornaram conspícuos por características variadas. Pedro, por exemplo, era conhecido por seus inopinados discursos, João por sua contemplatividade mística, Filipe por seu senso pragmático, André por sua atividade missionária e Tomé por sua mente filosófica.

Entretanto pelo fervor, entusiasmo e zelo quase irrepreensível, não havia ninguém que se comparasse a Tiago, o filho mais velho de Zebedeu. Esta paixão ardente e entusiástica elevou-o a posição de segundo dentre os doze apóstolos."

Os filhos de Zebedeu apresentavam semelhanças não apenas no temperamento apaixonado, mas também na ânsia pelo poder. A idéia de que Jesus estava prestes a estabelecer um reino messiânico terreno, do qual a magnificência salomônica seria apenas sombra, fê-los se apressarem em rogar ao Mestre um posição politicamente proeminente para si (Mc 10.35-41; Mt 20.20-28). Essa ambição imprópria custou a Tiago e João a indignação de seus condiscípulos e uma dura repreensão da parte do Mestre

que, a despeito disso, não os afastou de seu círculo mais íntimo.

Tiago Maior é mencionado — embora não explicitamente — pela última vez nos Evangelhos em Jo 21.2, quando da aparição do Cristo ressurreto aos discípulos no Mar da Galiléia. Aliás, a razão por que João, seu irmão, nunca o cita nominalmente em seu Evangelho ainda constitui uma grande incógnita para os biblicistas.

Não se sabe, biblicamente, se Tiago Maior era casado ou se teve filhos. Entretanto, como comentamos ao tratarmos da biografia de Judas Tadeu, reconhecemos a possibilidade da expressão "Judas, filho de Tiago" — como Lucas o chamou (Lc 6.16; At 1.13) — significar uma filiação desse apóstolo para com Tiago Maior.

Como se explica a ausência de Tiago Maior em Atos?

Conquanto presente no cenáculo em Jerusalém durante o Pentecostes (At 1.13), Tiago Maior não é mais encontrado no texto de Atos, exceto por ocasião de sua execução, sob Herodes Agripa, em cerca de 44 A.D. (At 12.2). Diante disso, a pergunta que tem incomodado muitos pesquisadores cristãos é: se Pedro, Tiago e João formavam um trio inseparável nos Evangelhos, e Pedro e João continuavam ministrando conjuntamente nos primeiros capítulos de Atos, por que razão não temos Tiago Maior presente entre eles como de costume? Ou, ainda, por que Tiago só volta à cena bíblica, anos depois, durante seu martírio?

Com efeito, muitos eruditos têm visto nesse silêncio um respaldo bíblico para a suspeita de que Tiago Maior já se ausentara de Jerusalém por ocasião dos primeiros acontecimentos descritos em Atos, rumo às missões internacionais. Bem ou mal alicerçada, essa teoria tem a seu favor o fato de que seria pouco provável que Lucas, o autor de Atos, omitisse o nome de Tiago Maior se este estivesse cooperando com seus mais próximos condiscípulos em Jerusalém ou em suas cercanias. Existe, portanto, a possibilidade de nosso apóstolo ter deixado Jerusalém ainda cedo em seu ministério. Se isso realmente se sucedeu, Tiago Maior pode estar entre os primeiros discípulos a romper com as barreiras culturais típicas da tradição judaica. Como se pode atestar no próprio livro de Atos, os apóstolos de modo geral não se curvaram facilmente à necessidade de partir e proclamar o Evangelho em terras estrangeiras, nem mesmo durante a perseguição que resultou na morte de Estevão e na dispersão de diversas outras figuras destacadas da Igreja de Jerusalém (At 8.1). Em At 15 vemos os apóstolos, durante o Concílio de Jerusalém (49-50 A.D.), ainda enredados em questões básicas acerca da evangelização dos gentios e isso cerca de cinco anos após a morte de Tiago Maior! Isso apenas confirma a suspeita de vários pesquisadores de biografia apostólica, os quais

crêem que muitos dos doze permaneceram em Jerusalém, ou nos limites de Israel, *não menos que vinte anos* após a ascensão de Cristo.

Se Tiago Maior, de fato, compreendeu antes dos demais o real sentido de *ir e fazer discípulos em todas as nações* (Mt 28.19-20), quais seriam as localidades mais prováveis de suas missões? Ou, ainda, quais os fundamentos históricos que alicerçam tais suposições?

Algumas lendas de somenos importância - como o apócrifo *Atos de São Tiago na Índia* — falam de uma viagem missionária de Pedro e Tiago à Índia, onde teriam presenciado a aparição de Jesus sob a forma de um belíssimo jovem. A mesma lenda descreve alguns milagres realizados por ambos os apóstolos naquele lugar, como a cura de um cego, assim como o aprisionamento e a espetacular libertação daqueles missionários, seguida da conversão de muitos dentre o povo. Outras narrativas, como *O Martírio de São Tiago*, falam de uma missão voltada às doze tribos da dispersão, para as quais o apóstolo teria suplicado, em suas preleções, que destinassem seus dízimos à Igreja de Cristo e não a Herodes.

Tão fantasioso quanto interessante é o texto lendário atribuído a um certo Abdias, que retrata Tiago Maior ministrando a dois magos descritos como Hermógenes e Fileto. Segundo a lenda, Fileto teria se rendido aos ensinamentos do santo, tencionando com isso abandonar suas práticas execráveis. Entretanto, sabendo-o, resistiu-lhe Hermógenes, lançando sobre seu parceiro tal feitiço, que fê-lo buscar socorro imediato em Tiago. O apóstolo, por sua vez, livrou-o miraculosamente da maldição que o assolava, com o simples envio de seu lenço. Hermógenes, irado, ordenou que seus demônios se lançassem ao encalço de Tiago. Mas o apóstolo submeteu-os poderosamente e remeteu-os de volta ao feiticeiro, procurando com isso deter sua iniquidade, o que — segundo a lenda — teria ocorrido. A seguir, ao ver-se livre — pela intervenção de Tiago - dos espíritos que cuidava dominar, Hermógenes teria entregue sua vida a Jesus, vindo a dedicar-se à prática da caridade e a operação de milagres em benefício dos necessitados e oprimidos que o cercavam.

A parte as fantasias, encontramos no estudo da biografia de Tiago Maior um dos mais antigos conjuntos de lendas ligando um dos doze apóstolos a uma região em particular. Salvo as lendas sobre o ministério de Pedro a Roma, de João à Ásia Menor e de Tomé à Índia, talvez nenhum outro personagem apostólico esteja tão vinculado a um determinado lugar como Tiago Maior à Espanha.

A seguir, veremos - através de alguns relatos da tradição cristã — as possibilidades de nosso apóstolo ter realizado, anteriormente a seu martírio em 44 A.D., a

famosa missão à Espanha e à Sardenha, cuja plausibilidade tem sido foco de grande controvérsia entre os eruditos.

Teria ocorrido a missão de Tiago à Espanha?

Em função de sua estratégica localização e de suas riquezas minerais a Península Ibérica atraiu, desde a mais remota Antigüidade, diversas colonizações. A região é implicitamente citada nas Escrituras no Livro do profeta Jonas (Jn 1.3), quando este, tentando fugir do chamado de Deus, decidiu refugiar-se em Társis (Tartessus), um importante empório fenício no sul da atual Espanha, próximo a Gibraltar. Pelo que parece, uma importante rota comercial havia sido estabelecida pelos fenícios, nos tempos de Hirão I, desde Tiro, na Palestina, até aquela distante região já no décimo século a.C. Os grandes navios de Társis, que cruzavam o Mediterrâneo abarrotados de marfim, ouro, prata, ferro e estanho são lembrados nas Escrituras pelo seu aspecto portentoso (1 Rs 10.22, Sl 48.7, Is 2.16, Jr 10.9).

Após o estabelecimento dos celtiberos, a região passou às mãos dos cartagineses, oriundos do norte da África. Logo após a Segunda Guerra Púnica (c.200 a.C), Cartago perdeu o domínio da região, agora controlada pelos romanos, muito embora esse poder só tenha se consolidado em 19 A.D., em função da forte resistência das tribos celtas que habitavam o norte do país.

A conquista romana, ao unificar sob um mesmo poder político toda a bacia do Mediterrâneo, assim como a região ao sul do Reno-Danúbio, criou um vasto império que envolvia sociedades e regiões com diferentes estágios culturais e condições naturais diversificadas. Nesta ampla construção política, o aproveitamento e a distribuição dos recursos naturais das províncias constituía um dos problemas fundamentais do império, especialmente no que diz respeito aos produtos alimentícios. É justamente aí que entra em cena a participação que elevou a Hispânia à categoria de um dos celeiros do vasto império romano.

Era da Hispânia que a populosa Roma, com cerca de um milhão de habitantes, importava desde minérios metalíferos - como chumbo, prata e ferro - até azeite de oliva, vinho e molho de peixe (*igarurri*). Com estes últimos, os ibéricos abarrotavam suas belas ânforas, símbolo da desenvolvida indústria cerâmica que existia na região, *Ch erança dos mercadores fenícios que marcaram presença ali séculos antes.

Em terras espanholas, o império viu florescer três de seus imperadores: Marcus UlpiusTrajanus, Publius Elius Adrianus (que, embora natural de Roma, passou a infância na cidade espanhola de Itálica) e Flavius Teodosius, chamado Teodósio I, o Grande,

responsável pela elevação do cristianismo ao *status* de religião oficial do império, no final do quarto século.



A Hispania dos tempos apostólicos.

O desenvolvimento da Hispania nos dias de Tiago Maior pode ser também medido pelas maravilhosas construções romanas desvendadas pela arqueologia moderna- como aquedutos, pórticos, templos, pontes, anfiteatros e termas — com as quais os romanos embelezaram cidades como *Emérita Augusta* (Mérida), *Tolentum* (Toledo), *Corduba* (Córdoba) e *Cesaraugusta* (Zaragoza), entre outras.

Uma população razoavelmente numerosa e uma cultura predominantemente romana, agregada a presença de colônias judaicas na região, tornava o sul da Hispania uma região muito atraente para as missões apostólicas. Essa importância é confirmada por um dos mais expressivos vultos missionários do cristianismo primitivo, o apóstolo Paulo. Em sua Epístola aos Romanos (15-24,28), Paulo expressa de maneira incisiva seu projeto de evangelizar a região, muito embora não se possa afirmar que tenha efetivamente realizado esse intento, haja vista sua execução quase dez anos após esse registro, entre 63 e 67 A.D., sob Nero.

Ao contrário do que afirmam alguns historiadores, que datam a chegada do cristianismo à Espanha entre o segundo e o terceiro século, a tradição apresenta várias lendas que sugerem a presença apostólica ali antes da metade do primeiro século. Pedro também é lembrado pela tradição medieval como responsável por ações evangelizadoras na Espanha. Conta-se que o apóstolo teria enviado àquela nação sete varões missionários. Estes, ao se apresentarem na cidade romana de Acci (hoje, Guadi), foram

de tal sorte mal recebidos pelos habitantes locais que se viram obrigados a fugir apressadamente. A mesma lenda conta que os furiosos nativos, ao perseguirem os apóstolos, acabaram perecendo ao despencarem de uma ponte pela qual os missionários haviam escapado. Diante de tal milagre, os habitantes de Acci teriam se voltado para o Evangelho e acolhido os missionários para lá enviados. Como essa narrativa pode ser posterior ao séc. V, muitos pesquisadores insistem em não recebê-la como historicamente fidedigna ou isenta de acréscimos.

Nosso principal objetivo ao ressaltarmos os aspectos histórico-geográficos típicos da província romana da Hispânia foi o de defender a plausibilidade de uma missão apostólica àquela região durante o primeiro século, de modo que, ao depararmos com lendas como a supracitada, que falam de missões apostólicas à região, não cuidemos estar diante de uma impropriedade histórica, mas de uma possibilidade que deve ser analisada com todo cuidado.

De qualquer modo, assim como várias outras tradições que associam determinado apóstolo a uma região em particular, a missão de Tiago Maior à Espanha continuará limitada à especulação, até que se descubram documentos históricos contundentes que emprestem contornos mais precisos a essa que se tornou uma das mais decantadas lendas da Idade Média.

Conquanto remota para muitos eruditos, a hipótese da viagem de Tiago Maior à Espanha encontra em J. W. Taylor um de seus mais dedicados defensores. Em seu livro *The Coming of the Saints*, Taylor traz a luz um acontecimento histórico ocorrido na vizinha ilha da Sardenha que, segundo ele, pode ter contribuído para a vinda de missionários da Palestina à região oeste do império (p.57-8).

"Em cerca de 19 A.D., Tácito nos informa que quatro mil jovens 'afetados pelas superstições judaicas e egípcias' foram transportados da Itália para a Sardenha (Anais, vol. II, c.85). Josefo se refere a eles como 'os quatro mil judeus' (Antigüidades, livro XVIII, c.3), evidenciando que seu banimento e alistamento forçoso (já que foram usados como soldados na Sardenha) causou profunda consternação nos judeus da Palestina.

Alguns supõem que esses judeus deportados já eram crentes em Jesus ou seguidores dos ensinamentos de João Batista, o que é muito pouco provável. Entretanto, é possível que muitos deles tenham sido velhos seguidores de Judas, o Galileu (At 5.37), que agora viviam como prisioneiros em Roma. Se assim for, alguns daqueles homens-ou as famílias às quais pertenciam - poderiam ser particularmente conhecidos de Tiago e João."

Se Tiago Maior — ou algum de seus discípulos — sentiu-se compelido a evangelizar os judeus deportados para a Sardenha e, em função da proximidade desta com a Hispânia, tenha para lá estendido sua missão apostólica, não se sabe com certeza. No entanto, a facilidade e a segurança do trânsito naval através do Mediterrâneo, estabelecidas pelos romanos, certamente teriam colaborado para a viabilização desse intento missionário. O fato é que regiões com significativa presença judaica, como por exemplo o sul da Hispânia representavam os principais alvos dos apóstolos, os quais se serviam do ambiente cultural e da estrutura das sinagogas para apresentarem sua preleção messiânica, como se pode ver nas primeiras incursões de Paulo em Atos.

McBirnie analisa assim as possibilidades da realização da lendária viagem de Tiago Maior à Espanha (*op. cit.*, p. 104):

"Considerando-se a facilidade com que os habitantes da bacia do Mediterrâneo podiam transitar de uma à outra extremidade do mar, desde os dias de Haníbal de Cartago, facilidade esta incrementada a partir dos tempos de Júlio César (60a.C.) - o qual visitou a Espanha pelo menos três vezes - não vemos nenhuma razão significativa que se oponha a possibilidade de Tiago ter visitado as colônias judaicas na Espanha. Não é, contudo, aceitável que o apóstolo tenha se dirigido para lá visando pregar aos gentios, exceto no caso dos que teriam se tornado prosélitos nas sinagogas judaicas espanholas. Um importante ramo do judaísmo, os sefarditas, tornaram-se mais intimamente identificados com a Espanha do que com qualquer outro país europeu.

São Tiago dificilmente teria assumido a responsabilidade missionária de pregar a Palavra aos gentios - se é que ele realmente chegou à Espanha - uma vez que a brevidade de sua carreira pastoral (14 anos) não o teria levado muito além das distantes colônias judaicas espanholas."

As lendas ligando Tiago Maior à evangelização da Espanha são católicas, em sua grande maioria. Em algumas delas pode-se perceber um forte apelo ao culto mariolátrico, praticado de forma intensa naquele país desde a Antigüidade. Segundo esses textos tradicionais, Tiago teria levado a fé cristã a Zaragoza (então *Cesaraugustd*), e à região da Galícia, no noroeste da Espanha, onde encontra-se a tradicional cidade de Santiago de Compostela, local de infindáveis peregrinações medievais. Se pudéssemos confirmar a presença de Tiago tanto em Zaragoza como na Galícia, teríamos de reconhecer como provável a travessia de todo o norte do território hispânico pelo valoroso apóstolo!

Em um dos textos católicos aos quais nos referimos, encontramos o relato da missão de Tiago à região de Zaragoza onde, profundamente entristecido pelos resultados negativos de seu labor missionário naquele distante país, decide retornar a Jerusalém. Ao iniciar seu regresso, aparece-lhe a Virgem que lhe dirige palavras de ânimo. Foi esse, segundo alguns historiadores, o início da veneração da "Virgem do Pilar", devotadamente praticada e exportada pelos espanhóis para muitas de suas antigas colônias. Um pouco mais sobre essa tradição católica - com seus desdobramentos mariolátricos - nos é *contada por Anna Jamerson, em seu Sacred and Legendary Art (p.238).*

" Após a ascensão de Cristo, Tiago pregou o Evangelho na Judéia e, tendo viajado por todo o mundo, finalmente chegou à Espanha, em cujas terras não fez senão uns poucos convertidos em função das densas trevas e da ignorância que acometia aquela população.

Certo dia, enquanto repousava com seus discípulos às margens do Ebro, a bendita Virgem apareceu-lhe assentada no topo de uma coluna de jaspe, cercada de um coral de anjos, diante de cuja cena o apóstolo prostra-se, com rosto em terra. Ordenando-lhe que edificasse naquele lugar uma capela para sua adoração, a Virgem assegura-lhe que toda a região de Zaragoza, então imersa nas trevas do paganismo, seria distinguida, em tempos futuros, por sua veneração.

O apóstolo, procedendo conforme lhe ordenara a santa Virgem, dá início a capela que mais tarde seria conhecida como Igreja de Nossa Senhora do Pilar. Então, após propagar a fé cristã na Espanha, São Tiago retorna a Judéia, onde continua a pregar o Evangelho por muitos anos, realizando milagres e maravilhas às vistas do povo."

No caso especial da missão de Tiago a Zaragoza e à Galícia, os acréscimos da tradição romana, sedimentados pelos séculos de cristandade naquele país, acabaram contribuindo para um distanciamento ainda maior entre a lenda e a realidade. O registro da suposta aparição etérea de Maria ao apóstolo em Zaragoza soa, no mínimo, incongruente, já que naquele tempo (por volta de 40 A.D.), a mãe de Jesus é tida pelos eruditos como ainda viva e possivelmente habitando a Judéia ou Éfeso, na Ásia Menor, ao lado do apóstolo João.

O Dr. Justo González , comenta a influência política e religiosa que as lendas católicas sobre São Tiago na Espanha exerceram através dos séculos (*op. cit.*, vol. I, p.44):

"A tradição referente a São Tiago na Espanha teve grande importância para os espanhóis através de sua história, pois São Tiago é o patrono do país, e 'São Tiago e avante Espanha!' foi o grito de guerra na reconquista contra os mouros. Durante a Idade Média as peregrinações a São Tiago de Compostela tiveram um papel importantíssimo na religiosidade européia e também na unificação da Espanha. A ordem de São Tiago (...) foi de grande importância histórica. Por todas estas razões, há ainda esforços por parte de alguns autores - em sua maioria espanhóis e católicos - de sustentar a veracidade histórica da visita de São Tiago à Espanha. Mas essa tradição não aparece em nenhum escrito anterior ao século VIII e, portanto, a maioria dos historiadores se inclina a rejeitá-la."

A opinião de González , de que a tradição sobre a presença de Tiago na Espanha não é anterior ao séc. VIII e que, portanto, não merece credibilidade histórica, não é partilhada por outros autores de biografia apostólica. De fato, a maior parte das lendas sobre a suposta missão data do séc. IX (cerca de 820 A.D.), quando supõe-se terem sido descobertos os restos mortais do apóstolo na região da Galícia. Ao redor do achado, surgiram respectivamente o santuário, a catedral e, finalmente a cidade de Santiago de Compostela, para a qual multidões freneticamente fluíram, transformando-a num dos mais importantes centros de peregrinação de toda Europa durante a Idade Média. Não obstante, pesquisadores sérios como J. W. Taylor, por exemplo, confiam na historicidade da missão de Tiago à Hispânia, citando fontes que remontam ao quinto século {pp.cit.,p.58}.

"(...) muito antes da alegada descoberta - ou redescoberta - do corpo de São Tiago, temos evidências de que a essência dessa tradição já era sustentada pelos habitantes da Espanha, assim como por seus escritores. Desde tempos imemoriais, ou pelo menos desde 400 A.D., encontramos referências a esta tradição em antigos ofícios espanhóis. Na segunda metade do século seguinte, ou princípio do séc. VI (cerca de 600 A.D.) aparecem três menções distintas confirmando a pregação de São Tiago na Espanha nos escritos de Isidorus Hispalensis (VII, 390, 392 e V. 183), embora esse autor relate o sepultamento do apóstolo em Marmarica, na Acaia.

A tradição é novamente confirmada por São Juliano, que dirigiu a Igreja de Toledo no séc. VII (Acta Sanctorum, vol. 33, p.86) e por Freculfo, que escreveu em cerca de 850 A.D. (livro II, cap. IV). O compêndio dos Bolandistas na Acta Sanctorum' parece ser decididamente favorável à tese que tem como fidedigna e histórica a missão espanhola

de São Tiago"

De modo geral, as mesmas tradições que narram a ação missionária de Tiago na Espanha relatam também seu retorno à Judéia, onde, não muito tempo depois, encontraria o martírio, durante uma severa perseguição lançada contra a Igreja. As circunstâncias e as tradições que envolveram sua execução em Jerusalém serão o alvo de nossa atenção a seguir.

Tiago Maior, o primeiro mártir dos doze

Ao solicitar, de maneira ousada, um posto de proeminência para si e para seu irmão no reino de Cristo, Tiago Maior é surpreendido com uma indagação da parte de Jesus (Mc 10.38-39).

"(...)Podeis vós beber o cálice que eu bebo ou receber o batismo com que eu sou batizado? Disseram-lhe (Tiago e João): podemos."

A contra-resposta do Mestre tornou-se para Tiago uma profecia sobre como o discípulo selaria seu futuro ministério apostólico (Mc 10.39).

*"Tornou-lhes Jesus **bebereis o cálice que eu bebo, e receberéis o batismo com que eu sou batizado** (...):*

Tiago estava diante de duas metáforas cujo significado não podia ser, naquele momento, compreendido em sua plenitude. A expressão "beber do mesmo cálice" era usada pelos judeus para significar a ação de compartilhar o destino de alguém. Na ingenuidade de Tiago, o destino de seu Senhor, sem sombra de dúvida, era herdar o trono de Davi e reinar gloriosamente sobre toda a nação de Israel. A expectativa dos discípulos, como seguidores daquele cujo cetro em breve regeria o país era, portanto, desfrutar das bênçãos advindas desse reino. Daí porque Tiago e seu irmão não hesitam em responder positivamente à pergunta de Jesus. No entanto, o que os filhos de Zebedeu não podiam vislumbrar é que Jesus falava não do prestígio de um reino secular mas do destino sacrificial que marcaria o apostolado daqueles discípulos e em especial, de Tiago Maior.

Semelhantemente, a palavra "batismo" aparece aqui como referência a imersão nos sofrimentos de Sua morte sacrificial, experiência sobre a qual Jesus já vaticinara ao

seus discípulos em ocasião anterior (Lc 12.50).

*"Tenho, porém um **batismo** com o qual hei de ser **batizado**, e quanto me angustio até que o mesmo se realize!"*

Tiago e João, portanto, nem imaginavam o que realmente estavam dizendo ao responderem *"sim, podemos"* àquela indagação do Mestre.

Alguns autores propõem que João, irmão de Tiago, também viu cumprir-se em sua vida o "batismo na morte", sobre o qual Jesus profetizou. Mas são tradições de origem duvidosa, como as de Jorge, o Pecador (séc. VII) e Filipe de Side (séc. IV). Ambos sustentam — supostamente baseados em Papias — que João sofrerá o martírio ao lado do irmão, em Jerusalém. Entretanto, seria impensável que a execução de João passasse despercebida por Lucas. Ademais, se João tivesse sido de fato martirizado em 44 A.D. junto a seu irmão, quem seria o autor das obras neotestamentárias que levam seu nome e que foram produzidas bem depois dessa data? Como sabemos, a tradição mais aceita é a de que João tenha realmente morrido de forma natural, em idade avançada, nos arredores de Éfeso, mas não sem antes ter sofrido diversas provações em Roma e amargado o exílio na ilha de Patmos.

No caso de Tiago, entretanto, não há necessidade de buscarmos a tradição cristã para sabermos sobre seu fim. O livro de Atos dos Apóstolos é claro ao registrar o momento em que o discípulo viu se cumprir a profecia que ele mesmo confirmara sem o saber. Tiago Maior tornou-se, pois, o primeiro dos doze a perecer pela causa do Evangelho, como comenta McBirnie (op. cit., p.88).

"E interessante notarmos que esses três discípulos (Pedro, Tiago e João), os quais viriam a sofrer tanto pela causa de Cristo, testemunharam a ressurreição de mortos, de maneira que se lhes incutisse a coragem de sacrificar suas próprias vidas, a transfiguração de Cristo, para que pudessem contemplar a realidade do mundo espiritual, e a agonia do Jardim (do Getsêmani) de maneira que eles, semelhantemente, pudessem entender que deveriam agonizar por Cristo.

Note-se que Pedro, levando adiante de modo tão proeminente a causa do Evangelho, tornou-se o primeiro líder dentre os apóstolos. João, por sua vez, sobrepunhando em dias seus condiscípulos, veio a morrer de morte natural, após ter completado cinco livros do Novo Testamento e consolidado grande ministério na Ásia Menor, como a voz de liderança do cristianismo em todo o mundo, até meados de 100

A.D.

Ao contrário desses dois que se tornaram grandes líderes dentre os apóstolos, Tiago aparece como aquele cuja vida foi precocemente ceifada enquanto a Igreja vivia ainda seu florescimento. Como o primeiro dentre os apóstolos a sofrer o martírio, é significativo o fato de Cristo tê-lo permitido compartilhar dos íntimos segredos de Sua agonia no Jardim (do Getsêmani) e de Sua transfiguração."

Segundo o relato de Lucas, Tiago Maior foi executado sob ordens de Herodes Agripa I, durante o terceiro levante contra a Igreja na cidade de Jerusalém, em cerca de 44 A.D. Agripa I era filho de Aristobulus, que morrera pelas mãos de seu próprio pai, Herodes, o Grande, em 7 A.D. Criado em Roma, em meio a pompa da nobreza local, o futuro déspota conheceu algum sofrimento durante o reinado de Tibério, que o lançando na prisão, fê-lo amargar dias de privação até a ascensão de próximo imperador. Assim como seu avô, Agripa I tornou-se conhecido por suas adulações, através das quais aproximou-se intimamente de homens sangüinários como Calígula (37-41 A.D.), a quem auxiliou em suas ambições ao trono de Roma, após a morte de Tibério. Tendo tornado-se César, Calígula recompensou-o com o título de soberano sobre a tetrarquia de Filipe e Lisânias. Depois, fê-lo tetrarca de Galiléia e da Peréia, às quais se somaram, a seguir, a Samaria e a Judéia, presenteadas pelo imperador Cláudio (41-54 A.D.), a quem Agripa também apoiara, com suas bajulações, para a sucessão de Calígula.

No afã de conquistar a simpatia dos judeus, Agripa I - que era idumeu - lançou severa perseguição contra a Igreja, açoitando e matando alguns de seus líderes mais destacados, entre os quais Tiago Maior (At 12.1-3).

"Por aquele tempo mandou o rei Herodes (Agripa I) prender alguns da Igreja, para os maltratar; fazendo passar ao fio da espada a Tiago, irmão de João. Vendo ser isto agradável aos judeus, prosseguiu, prendendo também a Pedro."

Algumas lendas interessantes também descrevem as circunstâncias da execução de Tiago em Jerusalém. O historiador Eusébio, por exemplo, baseando-se na *Hypotyposes*, a obra perdida de Clemente de Alexandria, conta-nos acerca da existência de um delator, responsável pelo aprisionamento e pelo Wgamento que levaria Tiago à sentença capital. Ao conscientizar-se, enfim, do destino que aguardava o apóstolo, o incógnito traidor teria de tal sorte se arrependido, que - conta Eusébio - apresentou-se aos mesmos magistrados confessando-se também ser cristão. Tendo rogado e recebido o

perdão de Tiago, o delator arrependido encontrou honrosamente o martírio, sendo decapitado ao lado do apóstolo.

Anna Jamerson em seu *Sacred and Legendary Art*, narrou assim a mesma lenda acerca do martírio de Tiago (p. 239).

"Entretanto os maldosos judeus, cada vez mais enfurecidos, tomaram consigo a Tiago e, amarrando-o trouxeram-no ante ao tribunal de Herodes Agripa. Um daqueles que o arrastara até ali, sendo tocado pela singeleza do apóstolo, assim como por seus milagres de misericórdia, converteu-se e suplicou-lhe que o permitisse morrer ao seu lado. O apóstolo, dando-lhe o ósculo da paz, disse-lhe 'Pax Vobis'. O beijo e as palavras, conjuntamente, permanecem até o dia de hoje como expressão da bênção eclesiástica. Assim, foram ambos decapitados e morreram."

O livro de Atos não silencia quanto ao agonizante fim de Agripa I, no mesmo ano da execução de Tiago Maior (At 12.21-23):

"Em dia designado, Herodes, vestido de traje real, assentado no trono, dirigiu-lhes a palavra. E o povo clamava: E a voz de um deus, e não de homem! No mesmo instante um anjo do Senhor o feriu, por ele não haver dado glória a Deus; e, comido de vermes, expirou."

Flavius Josefo, em sua obra *Antigüidades Judaicas* (XIX, 8, 2), complementa a narrativa de Lucas com alguns detalhes dignos de nota. O *dia designado* sobre o qual Lucas fala era, na verdade, um festival em honra ao imperador Cláudio, celebrado em Cesaréia Marítima, o lar dos procuradores romanos na Judéia. Agripa I causou grande impressão no público ao apresentar-se com seus trajes feitos de prata, dos quais emanavam fulgurantes reflexos solares. Ao ser aclamado como deus, Agripa viu-se subitamente acometido de dores insuportáveis as quais, segundo narra o historiador judeu, levaram o déspota a expirar, após cinco dias de horríveis sofrimentos.

Mas, voltemos ao martírio de Tiago. Tornou-se um desafio sabermos porque o apóstolo teve um destino diferente de outros líderes cristãos perseguidos pelas autoridades de Agripa. Pedro, por exemplo, sofreu apenas o aprisionamento durante a perseguição infligida pelo infame soberano. Por que a Tiago caberia a pena capital, enquanto a outros apóstolos apenas a prisão e meras advertências? Talvez Agripa tenha tentado exterminar a todos igualmente, mas não tenha tido tempo para realizar tal

façanha. De qualquer modo, o fato de Tiago estar entre os que se tornaram alvo daquela cruel perseguição indica que o apóstolo, assim como vemos no relato dos Evangelhos, representava uma personalidade de grande notoriedade no meio eclesiástico da primeira metade do séc. I.

E interessante conferirmos a proposta apresentada por McBirnie com respeito às razões que determinaram o aprisionamento e execução de nosso apóstolo na Judéia {pp. cit., p. 105/6}.

"Tiago pode realmente ter se dirigido à Espanha a fim de anunciar o Evangelho aos colonos e escravos judeus daquele lugar. Não sabemos, contudo, por que o apóstolo teria escolhido justamente os judeus da Espanha para este intento.

Ao retornar a Jerusalém é provável que Tiago tenha sido acusado por Herodes Agripa I de espalhar a sedição entre os judeus escravos na Espanha. Sem dúvida, Herodes tornara-se impopular na Judéia por ter enviado aqueles cativos judeus para a escravidão, ou pelo menos, por não ter feito suficiente oposição a Roma nesse particular. Certo é, no entanto, que os judeus escravos da Espanha eram inimigos tanto de Herodes como de Roma.

Assim, qualquer habitante da Judéia que se aventurasse na longa jornada à Espanha e fosse visto falando acerca dos prisioneiros seria, em seu retorno, considerado por Herodes como um inimigo potencial de seu trono.

Com o rápido crescimento do movimento cristão na própria Jerusalém, Herodes pode ter encarado todos ou muitos de seus líderes como insurretos potenciais. Assim, poderia ter acusado a Tiago de deflagrar uma sedição e o ter mandado decapitar como inimigo manifesto do Estado. Neste ato contra Tiago, Herodes não teria ficado sem o apoio dos simpatizantes dentre os membros do sacerdócio ou dos grupos dominantes judaicos. Em 44 A.D. os religiosos judeus, bem como sua liderança política, já não mais se demonstravam tolerantes para como o cristianismo, mesmo o considerando - em seus primeiros anos - pequeno demais para ser potencialmente perigoso.

Este autor não vê, portanto, nenhuma razão porque Tiago não tenha realmente tombado vítima da ira de Herodes, sob a acusação de insurreição. Se o magistrado estava realmente determinado a extinguir o cristianismo ou, pelo menos, imobilizá-lo, a fim de agradar os círculos dominantes judaicos, não seria atípico de sua parte subornar diversas 'testemunhas' para esse fim. Ademais, é possível que a pregação acerca do Messias que 'veio e que retornaria' tenha rendido a Tiago muitos seguidores dentre os judeus escravizados na Espanha. Dessa forma, poderia ter-se iniciado uma situação que

acarretaria muitos problemas envolvendo os romanos e esses escravos judeus, cabendo ao apóstolo a responsabilidade por esses distúrbios.(...)

Não podemos, por certo, comprovar esta teoria. Entretanto, é realmente possível que um grande número de escravos judeus na Espanha tenha se convertido a Cristo, sob a pregação de Tiago, dando início às lendárias narrativas acerca da viagem do apóstolo, as quais poderiam ter fundamentado a futura associação do ministério de Tiago a Espanha. Tal viagem está em plena harmonia com aquilo que conhecemos sobre a personalidade de Tiago. Como um zeloso judeu, ele pode ter se enchido de compaixão quanto à salvação desses compatriotas duplamente desafortunados e entregues à escravidão na Espanha, tendo desejado-os para Cristo ao sentir intensamente sua separação do corpo de Israel."

O lendário traslado dos restos de Tiago para a Hispânia

Tão marcantes quanto as tradições do ministério de Tiago em terras espanholas são as lendas que falam da transferência de seu corpo, logo após seu martírio em Jerusalém, para a região da Galícia, no norte daquele país.

Anna Jamerson apresenta uma tradição que, embora impregnada de componentes imaginários, dá-nos alguma idéia sobre como poderia ter sido o suposto traslado do corpo do apóstolo para a Hispânia (*op. cit.*, p.239).

"E, vindo os discípulos de Tiago, tomaram consigo seu corpo e, não ousando sepultá-lo por medo dos judeus, levaram-no até jope e o colocaram a bordo de um navio. Alguns dizem que o navio era todo de mármore, embora isso não possa ser autenticado. Entretanto, é certo que os anjos conduziram miraculosamente a embarcação até a costa da Espanha, onde chegaram após sete dias. Tendo navegado através do estreito conhecido como Pilares de Hércules, chegaram por fim à Galícia, num porto então chamado Iria Flavia, hoje Padron."

Outros episódios fantásticos como o citado por Jamerson procuraram cobrir de glória a chegada e a permanência do corpo ao norte da Espanha. Em uma dessas narrativas conta-se que os discípulos de Tiago, logo ao desembarcarem no litoral da Galícia, deitaram o corpo do santo numa grande pedra que, ao recebê-lo, tornou-se pastosa como cera, envolvendo o corpo do apóstolo, num miraculoso sinal de que o homem de Deus desejava ser ali depositado perpetuamente.

Entretanto, uma certa rainha ímpia de nome Lupa, que reinava na região,

mostrando seu desafeto com a permanência dos restos do santo naquele lugar, teria ordenado a seus súditos que atrelassem touros selvagens a um carro, e sobre ele pusessem o corpo de Tiago, a fim de levá-lo para um lugar distante. A lenda conta que os touros tornaram-se, como que por milagre, dóceis como cordeirinhos e acabaram conduzindo vagarosamente o túmulo para os átrios palacianos da rainha. Lupa, ao contemplar aquela maravilha, teria não apenas se convertido ao cristianismo, como também estimulado todos seus súditos a seguirem sua decisão, mandando erigir um magnífico templo em memória de Tiago Maior.

À parte os acréscimos da imaginação popular, o fato é que, se o corpo de Tiago Maior foi realmente transportado para a Galícia, pouco depois de seu martírio na Judéia, deve ter ali permanecido oculto por quase oito séculos, até sua descoberta em meados do séc. IX, como vemos em diversos textos antigos.

Acerca das implicações políticas da descoberta dos restos de Tiago na Espanha comenta Sir Thomas Kendrick, na introdução da obra de Helmutt Nell, *Great Pilgrimages of the Middle Ages* (p.13)

"No princípio do nono século, talvez em torno do ano 810 A.D., três corpos - atribuídos a São Tiago Maior e dois de seus discípulos - foram descobertos' no extremo noroeste da Espanha por Teodomiro, bispo de Iria Flavia (Padron). Os corpos repousavam numa tumba, há muito esquecida, em uma região agreste, distante cerca de doze milhas do trono episcopal.

No período da descoberta, a reconquista da Espanha das mãos dos mouros havia iniciado, e o Reino das Astúrias, em cujas terras deu-se o achado, tornara-se um baluarte da cristandade, passando bravamente ao resto da Europa a esperança de que o avanço do Islão havia sido barrado com sucesso ao sul dos Pirineus.

Veio então a anunciação, levada a cabo primeiramente pelo bispo e, a seguir, pelo rei das Astúrias, Alfonso II (791-842 A.D.). Ambos deixaram claro que a descoberta se deu como resultado de uma direção celestial.

Em outras palavras, naquele período, quando grande perigo ameaçava o oeste da Europa, São Tiago ofereceu, repentinamente, o encorajamento através de seus ossos (...) para sustentar a bravura dos cristãos que lutavam no front contra o Islão."

Diz-se que o próprio Alfonso II, rei das Astúrias, notificou o Papa Leão III sobre aquele maravilhoso achado em suas terras. Não demorou, então, para que a necrópole onde supostamente se acharam os corpos de Tiago Maior e dois de seus discípulos se

transformasse na cidade de Santiago de Compostela, que viria a se firmar como um dos três maiores centros de peregrinação cristã da Idade Média.

As alternativas ao achado das relíquias de Tiago na Espanha

Conquanto a missão de Tiago Maior à Espanha, nos anos que precederam sua morte em 44 A.D., seja vista com desconfiança por muitos autores. Que biografia apostólica, o achado de seus ossos na região da Galícia continua a dividir as opiniões mais competentes. Em função disso, alguns pesquisado-s se viram na necessidade de encontrar alternativas que explicassem o aparecimento dos restos de Tiago na Espanha, desconsiderando sua passagem ministerial naquele país. Dentre os tais destaca-se Helmutt Nell, que apresenta algumas sugestões históricas relevantes para justificar o precioso achado em terras espanholas (*op. cit*, p. 31,34,35).

"Podemos aceitar com razoável segurança que São Tiago faleceu no ano 44, sendo executado durante o reinado de Herodes Agripa I (At 12.2). Assim, sua tumba devia estar originalmente situada em algum lugar nos arredores de Jerusalém. Entretanto, no ano 614, com a ocupação persa dos territórios bizantinos da Síria e da Palestina, alguns eruditos (Tillemont) crêem que o corpo de Tiago foi trazido, naquele mesmo período, para a Galícia. Outra sugestão (Gams) propõe ainda que o corpo tenha sido transportado num período anterior, no sexto século, durante o tempo do imperador Justiniano, que teria presenteado com as relíquias o monastério de Raithiu, localizado na península do Sinai.

Outra alternativa é o que dizem alguns cronistas entre o oitavo e o décimo segundo século (ex. Breviarium Apostolorum). Segundo eles, Tiago fora sepultado em 'Achaia Marmorica'(...). Até agora, contudo, este nome não foi plenamente identificado com nenhum lugar ou com qualquer cidade conhecida.

A miraculosa descoberta das relíquias do apóstolo em Santiago ocorreu no primeiro quarto do século IX (durante o reino de Alfonso II, 791 -842 A.D., mas anteriormente ao ano 842), isto é, antes da primeira destruição do santuário de São Menas (...). Assim, pode-se aceitar que os restos do apóstolo tenham sido transportados para a Galícia, quanto muito, nos primórdios do nono século. É igualmente possível que essa transferência tenha se dado antes de 711 (data da invasão árabe na Espanha), sendo no entanto pouco provável que tenha ocorrido durante a ocupação árabe na península ibérica. Foi no princípio do nono século que o reino das Astúrias, no norte da Espanha, conquistou suficiente estabilidade para almejar a reconquista do restante da

nação.(...) Se estas conjecturas estiverem corretas, então é possível que a rota percorrida pelas relíquias desde Jerusalém até Santiago [de Compostela], tenha passado pelo Sinai e pela cidade de Menas. Nesse caso, o período mais plausível da travessia até a Espanha é o princípio do nono século, ou seja, pouco antes da construção da Igreja em Santiago, sob o reino de Alfonso II."

Propostas históricas como estas apresentadas por Nell, em última instância, visam estabelecer que a viagem missionária de Tiago à Espanha é fruto de lendas que ornaram a descoberta das relíquias do apóstolo - estas sim, provavelmente verdadeiras — ocorrida, como crêem alguns, no começo do séc. IX.

McBirnie sugere um caminho intermediário, segundo o qual parte da ossada do apóstolo teria permanecido em Jerusalém — como insistem os ortodoxos armênios — enquanto o restante teria sido transportado, por razões de segurança, para outras regiões como, por exemplo, a Galícia, na Espanha, conforme sugerem as lendas (*pp. cit.*, p. 106/7):

"Com respeito à morte de Tiago, é certo que seus amigos e condiscípulos sepultaram seu corpo em algum lugar da cidade de Jerusalém. Um túmulo de família próximo à atual localização do Patriarcado Armênio pode ter sido o abrigo de seu corpo, assim como de sua cabeça decapitada. É provável, portanto, que o crânio tenha permanecido naquela localidade, sendo enterrado ali quando da construção, mais tarde, de uma Igreja naquele lugar.

Não é de todo impossível que, com o incremento da veneração das relíquias apostólicas, no princípio dos tempos medievais, alguns dos ossos de Tiago - talvez pertencentes ao seu corpo - tenham sido transportados para a Espanha a fim de serem protegidos da invasão persa. A cabeça, contudo, talvez tenha permanecido em Jerusalém, uma vez que o relicário que a contém seria facilmente escondido dos invasores e saqueadores persas.(...) Podemos facilmente imaginar os cristãos armênios daqueles distantes dias, prudentemente deliberando acerca da separação das relíquias do apóstolo Tiago, de sorte que algumas delas pudessem ser preservadas, mesmo que outras eventualmente viessem a se perder no processo.

(...)

A fragmentação de relíquias era prática quase universal nos tempos medievais, não havendo, portanto, nenhuma razão consistente para negarmos a hipótese de que boa parte dos restos do apóstolo estejam repousando presentemente em Santiago de

Compostela, na Espanha.

Como temos enfatizado, tal possibilidade deve ser encarada como uma postulação, já que não dispomos de qualquer fato que a confirme ou refute seriamente."

Embora esse não tenha sido nosso objetivo no capítulo dedicado aos dois Tiagos, não há como deixarmos de registrar o profundo contraste que as Escrituras e a tradição erigiu sobre a carreira desses dois seguidores de Jesus.

Tiago Maior, como vimos, desponta com grande notoriedade nas páginas dos Evangelhos, como um dos três mais íntimos discípulos de Cristo, tornando-se testemunha ocular, ao lado de Pedro e João, de várias maravilhas não presenciadas pela maioria de seus companheiros. Seu destacado empenho no período apostólico tornou-o alvo especial da tradição cristã que, ao longo dos séculos, construiu sobre sua figura diversos relatos, muitos dos quais de natureza notadamente fantasiosa. A relevância atribuída ao seu ministério pode ser mensurada pela transformação de seu suposto túmulo num dos mais visitados sítios de peregrinação católica nos tempos medievais. Conquanto precocemente interrompida, sua carreira missionária é retratada pela história eclesiástica como das mais laboriosas e atuantes dentre os doze. Uma vez confirmada historicamente, a viagem missionária de Tiago Maior à Espanha faria dele um dos pioneiros dentre os apóstolos a romper os limites da Palestina numa jornada evangelística de longa distância. Sua destacada posição como um dos líderes da Igreja em Jerusalém explica, em parte, seu aprisionamento e martírio por Herodes Agripa, durante a perseguição lançada pelo soberano contra os cristãos da capital judaica.

Em contraposição à notoriedade do filho de Zebedeu, temos Tiago, filho de Alfeu, também chamado o Menor. Tão pálidos foram os rastros deixados pela história da biografia e do ministério desse discípulo que, como vimos, o pouco que se sabe sobre ele é freqüentemente atribuído ao resultado de uma lamentável confusão da tradição cristã com a biografia de Tiago, irmão de Jesus, personagem também imbuído de relevância na história da Igreja apostólica.

Se a carreira de Tiago Maior nos ensina muito acerca duma atitude missionária arrojada e duma postura de liderança destemida e visionária, o olvidado ministério de Tiago Menor nos faz lembrar que a triunfante marcha da Igreja foi sustentada não sobre a glória de alguns cristãos renomados, mas sobre o testemunho de miríades de heróis desconhecidos que — tanto quanto aqueles — não se negaram a selar com seu próprio sangue a fé que ostentavam; crentes anônimos que não reputaram por preciosas suas vidas e que não preferiram o galardão desse mundo ante a maravilhosa expectativa do

reino de Deus. Como Tiago Menor, esses ilustres desconhecidos, mesmo ignorados pela História, tornaram-se personagens que a transformaram consoante os desígnios divinos.

Se o sucesso apostólico e a conseqüente notoriedade histórica de Tiago Maior nos estimulam a uma vida de audaciosos empreendimentos pela causa do Evangelho, a quase absoluta obscuridade de Tiago Menor nos assegura que, mesmo quando ignorados ou desprezados pelos homens em nosso serviço pelo reino, nosso Pai, que vê em secreto, certamente nos recompensará.

SIMÃO PEDRO

"Vendo isto, Simão Pedro pros-rou-se aos pés de Jesus, dizendo: Senhor, retira-te de mim; porque sou pecador"

Lucas 5.8

Nenhum outro personagem neotestamentário causa tão profunda impressão no coração do leitor bíblico quanto esse impulsivo pescador galileu, cuja fervorosa devoção em servir seu Mestre o fez tornar-se um dos mais destacados e celebrados obreiros do Evangelho em todos os tempos.

A relevância de Pedro para a história da Igreja se faz sentir na própria ordem da lista dos apóstolos. Embora a seqüência desses nomes varie conforme as citações dos evangelistas, dois dos discípulos são sempre apresentados na mesma ordem: o primeiro e o último. Se, para os autores sinópticos, o lugar de ignomínia e vergonha pertence ao abjeto Judas Iscariotes, por outro lado, a proeminência dentre os doze cabe a Simão, chamado Pedro (Mt 10.2, Mc 3.16, Lc 6.14).

O impacto causado pela figura de Pedro ao leitor do Novo Testamento obedece à razão direta de sua semelhança com cada um de nós, na complexidade de nossas contradições e ambigüidades. A natureza de Pedro assemelha-se a um turbulento redemoinho onde pululam as mais louváveis virtudes e as mais repreensíveis fraquezas. Desse vigoroso pescador podia-se esperar qualquer coisa, exceto um comportamento previsível diante dos desafios do cotidiano. Por isso, suas reações a eles variavam desde a mais expressiva coragem, como no andar sobre as águas tempestuosas do Mar da Galiléia (Mt 14.28-31), até posições pusilânimes como a da noite em que, aos improperios, negou seu Mestre (Mt 26.69-75). McBirnie vê assim as características gerais do líder dos discípulos (*op. cit.*, p. 50-51).

"Muito se tem dito sobre o temperamento de Pedro. Ele não era particularmente modesto, mas era freqüentemente impositivo. Por vezes, durante os primeiros dias da Igreja, Pedro pôs-se na vanguarda dos apóstolos, falando como seu porta-voz. Embora mais tarde eclipsado em notoriedade por Paulo, Pedro permaneceu firme na afeição da Igreja primitiva como o primeiro dentre os mais notáveis cristãos.(...)"

Com uma rara combinação de coragem e covardia, Pedro alternava momentos de grande força e lamentável instabilidade. Jesus dirigiu-se mais a ele do que a qualquer

outro de seus seguidores, tanto em louvor como em repreensão. Nenhum outro discípulo foi tão diretamente admoestado por nosso Senhor e nenhum deles jamais ousou advertir seu próprio Mestre como Pedro! Mas, sob os ensinamentos, os exemplos e o treinamento de Cristo, o caráter impulsivo desse galileu foi sendo gradativamente subjugado até, finalmente, após o Pentecostes, tornar-se a própria personificação da fidelidade a Cristo.

Havia, entretanto, um fator remidor no caráter de Pedro: sua aguda sensibilidade ao pecado. Em seu espírito, ele se mostrou extremamente sensível e melindroso nesse particular. Foi ele quem disse: 'Senhor, retira-te de mim; porque sou pecador' (Lc 5.8). Pedro pecou tão gravemente quanto Judas. Se este vendeu Jesus, aquele imprecou contra seu Senhor. Não há, pois, diferença essencial nisso, exceto pelo fato de que Pedro se arrependeu e Judas não."

De fato, os elementos conflitantes que compunham o caráter do apóstolo foram sendo, paulatinamente, adestrados e moldados por seu Rabi que, qual domador que habilmente submete o cavalo selvagem, transformou aquela personalidade paradoxal num líder que, séculos mais tarde, ainda é honrosamente lembrado como um dos grandes campeões da cristandade.

Dentre todos os apóstolos apresentados no Novo Testamento, Pedro é - ao lado de Paulo - aquele sobre quem mais relatos dispomos. Embora parte dessas informações seja também procedente da história pós-bíblica, é nas páginas dos Evangelhos que obtemos os elementos fundamentais para o traçado de uma silhueta aproximada de sua personalidade como discípulo de Jesus Cristo.



O chamado de Pedro

Pedro, em toda a sua vitalidade e demasiada franqueza, espelhava bem o típico temperamento do homem da Galiléia, região onde nascera e prosperara como pescador, nas imediações de Betsaida, às margens do Lago de Genesaré (Jo 1.44). O futuro apóstolo, assim como tantos outros judeus contemporâneos seus, aguardava ansiosamente a manifestação redentora do Messias. Essa é, pelo menos, a impressão que se tem a partir de alguns detalhes que cercam sua conversão, como veremos a seguir.

Nada se sabe sobre seu pai, João, mencionado apenas pelo nome nas Escrituras (Mt 16.17; Jo 1.42), embora alguns eruditos sugeriram que este, à semelhança de Zebedeu também exercia o ofício de pescador, influenciando a profissão de seus filhos Pedro e André.

É necessário identificarmos dois momentos distintos no chamado de Si-mão Pedro ao discipulado cristão. Primeiramente, temos o impacto causado pela ação de André, seu irmão, então discípulo de João Batista. André, que mais adiante também se tornaria um dos doze, não apenas ouvira o testemunho do profeta acerca de Jesus na margem oriental do Jordão (Jo 1.29-37), como também conhecera pessoalmente seu futuro mestre (Jo 1.35-42). Tão convincente fora aquele primeiro encontro que André viu-se na impreterível tarefa de retornar à Galiléia e reportar o ocorrido a seu irmão, no afã de persuadi-lo a encontrar-se com Aquele que seria o Prometido de Israel, conforme Jo 1.41-42:

"Ele achou primeiro ao seu próprio irmão, Simão, a quem disse: Achamos o Messias (que quer dizer Cristo), e o levou a Jesus. Olhando Jesus para ele, disse: 'Tu és Simão, o filho de João; tu serás chamado Cefas (que quer dizer Pedro)'."

Pelo que se deduz do cruzamento das narrativas bíblicas, Pedro e André, após esse primeiro contato com Jesus, retornaram às suas atividades cotidianas nas cercanias do Mar da Galiléia. Ali, algum tempo depois, tornariam a encontrar seu futuro Mestre; desta vez, em caráter definitivo (Mc 1.16-18).

"Caminhando junto ao Mar da Galiléia, viu os irmãos Simão e André, que lançavam a rede ao mar, porque eram pescadores. Disse-lhes Jesus: Vinde após mim, e eu vos farei pescadores de homens. Então eles deixaram imediatamente as redes, e o seguiram."

Complementando a descrição de Mateus e Marcos, o evangelista Lucas apresenta os detalhes que envolveram a célebre vocação de Pedro e seus colegas de ofício (Lc 5.1-11).

"Aconteceu que, ao apertá-lo a multidão para ouvir a palavra de Deus, estava ele junto ao lago de Genesaré; e viu dois barcos junto à praia do lago; mas os pescadores, havendo desembarcado, lavavam as redes."

Entrando em um dos barcos, que era o de Simão, pediu-lhe que o afastasse um pouco da praia; e, assentando-se, ensinava do barco as multidões.

Quando acabou de falar, disse a Simão: Faze-te ao largo, e lançai as vossas redes para pescar.

Respondeu-lhe Simão: Mestre, havendo trabalhado toda noite, nada apanhamos, mas sobre a tua palavra lançarei as redes.

Isto fazendo, apanharam grande quantidade de peixes; e rompiam-se-lhes as redes.

Então fizeram sinais aos companheiros do outro barco, para que fossem ajudá-los. E foram e encheram ambos os barcos ao ponto de quase irem a pique.

Vendo isto, Simão Pedro prostrou-se aos pés de Jesus, dizendo: Senhor, retira-te de mim; porque sou pecador.

Pois, à vista da pesca que fizeram, a admiração se apoderou dele e de todos os seus companheiros, bem como de Tiago e João, filhos de Zebedeu, que eram seus sócios. Disse Jesus a Simão: Não temas: doravante serás pescador de homens. E, arrastando eles os barcos sobre a praia, deixando tudo, o seguiram."

Se, no primeiro contato com Jesus, às margens do rio Jordão, a mensagem daquele jovem ainda desconhecido sensibilizou Pedro, seu súbito reencontro com Ele ao fim de um dia de trabalho exaustivamente improdutivo, o fez reconhecer que ali havia algo mais sublime que um mero discurso espiritual.

Nem o próprio Simão, pescador experimentado e conhecedor como poucos do Lago de Genesaré, podia explicar a facilidade com que fora convencido a aventurar-se novamente numa empreitada que se demonstrara absolutamente infrutífera naquele dia. A autoridade dAquele que disse: *faze-te ao largo, e lançai as vossas redes para pescar*, tornara-se de tal sorte imperativa que ao atônito pescador só restava reconhecer: *sobre a tua palavra lançarei as redes*.

Pedro e seus amigos presenciaram, pois, algo até então nunca visto. Era como se aquele jovem varão, de aspecto sereno e de olhar contemplativo, tivesse, de alguma maneira, submetido as próprias forças da natureza, ordenando aos cardumes que se precipitassem sobejamente em suas redes. A contemplação daquele sinal, longe de fazê-los regozijar pelos dividendos que poderia tra-zer-lhes, encheu-os antes de um assombro jamais experimentado.

Se, para Pedro, as palavras que ouvira de Jesus às margens do Jordão — ou mesmo minutos antes em seu barco — não o demoveram de seu ceticismo quanto às

pretensões dAquele pregador, o milagre da pesca imprimira imediatamente sobre ele a convicção de que estava diante de alguém cuja autoridade demandava toda reverência. Como primeiro indício bíblico de seu temperamento impulsivo, o vemos — numa atitude atípica para um judeu — atirar-se *incontinenti* aos pés de Jesus, confessando-se indigno de aproximar-se de alguém agraciado por tão bendita santidade e sabedoria.

Ao retornar à praia, Pedro, ainda tomado de grande perplexidade pelo ocorrido, é surpreendido por um convite que doravante mudaria radicalmente sua vida.

Disse Jesus a Simão: Não temas; doravante serás pescador de homens. E, arrastando eles os barcos sobre a praia, deixaram tudo, e o seguiram."

A farta pescaria que precedeu sua vocação discipular na Galiléia tornou-se como que uma profecia do futuro ministério desse que seria um dos mais célebres pescadores de almas de todos os tempos!

Poucos anos depois, no Pentecostes, ante um público cosmopolita que se apertava pelas ruas de Jerusalém, Pedro pode experimentar de maneira gloriosa o cumprimento dessa profecia. Nessa *pesca* excepcional, cerca de três mil almas compungidas renderam-se à mensagem da Cruz (At 2.14-41).

Foi a partir do ocorrido naquela manhã de pescaria no Mar da Galiléia que Pedro tornou-se definitivamente um discípulo de Cristo. Começava ali uma jornada repleta de situações através das quais o futuro apóstolo conheceria de maneira íntima as maravilhas do poder de Deus, manifesto em Jesus Cristo, tornando-se um de seus mais chegados discípulos e, posteriormente, uma das colunas da Igreja por Ele estabelecida.

As peripécias de um discípulo tempestuoso

A despeito de todo seu vigor físico é provável que Pedro estivesse no apogeu da meia idade - algo entre trinta e quarenta anos - quando de sua vocação discipular. Por inferência bíblica, sabemos que já se encontrava casado ao iniciar sua carreira cristã. Sua casa em Cafarnaum, na Galiléia, foi palco de um dos primeiros milagres por ele presenciado como discípulo: a cura de sua sogra (Mt 8.14-15).

"Tendo Jesus chegado à casa de Pedro, viu a sogra deste acamada e ardendo em febre. Mas Jesus tomou-a pela mão, e a febre a deixou. Ela se levantou e passou a servi-lo..."

Durante o extenso ministério de Jesus no norte da Galiléia, Pedro foi privilegiado com a oportunidade de presenciar muitos sinais realizados pelo Mestre naquela região. Ao lado dos irmãos Tiago e João, Pedro testemunhou a ressurreição da filha do líder da sinagoga Jairo (Mc 5.35-43) e o fenômeno da Transfiguração (Mt 17.1-5), cuja magnificência tão profunda impressão lhe causara que, muitos anos depois, a ele se refere em sua Segunda Epístola como chancela de sua autoridade ministerial (2 Pe 1.16-18):

*"Porque não vos demos a conhecer o poder e a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo, seguindo fábulas engenhosamente inventadas, **mas nós mesmos fomos testemunhas oculares da sua majestade.***

*Pois ele recebeu, da parte de Deus Pai, honra e glória, quando pela Glória Excelsa lhe foi enviada a seguinte voz: Este é o meu filho amado, em quem me comprazo. **Ora, esta voz, vinda do céu, nós a ouvimos quando estávamos com ele no monte santo.**"*

Esses prodígios, que enchiam os olhos do apóstolo, não eram sublimes apenas quando desafiavam as leis da natureza ou os grandes dramas da existência humana, mas também quando se circunscreviam às pequenas questões do cotidiano. Um deles sucedeu-se quando Pedro e seu Mestre foram abordados em Cafarnaum acerca do pagamento do tributo eclesiástico, geralmente realizado na primavera e que visava o sustento do templo (Mt 17.24-27). O milagre então presenciado por Pedro — a predição sobre o estáter a ser achado na boca do peixe e que cobriria o imposto por ambos — talvez tenha sido de todos o mais curioso. Não obstante, foi através da singularidade de sinais como esse que o apóstolo convenceu-se dos atributos divinos de Cristo. Pois, quem mais poderia antever, meio às miríades de peixes, precisamente aquele entalado com a moeda? Ou ainda, quem teria o formidável poder de atraí-lo ao anzol do discípulo?

Com efeito, Pedro, em sua característica impulsividade, não permanecia passivo diante dos milagres de Jesus. Certa madrugada, açoitados por violentas ondas no coração do Mar da Galiléia, Pedro e seus condiscípulos cuidaram estar diante daquilo que, segundo a superstição local, significava o mais temido dos presságios para os pescadores: um fantasma vindo-lhes ao encontro em meio a uma borrasca (Mt 14.25-26).

"Na quarta vigília da noite, foi Jesus ter com eles, andando por sobre o mar. E os discípulos, ao verem-no andar sobre as águas, ficaram aterrados e exclamaram: É um fantasma! E, tomados de medo, gritaram."

Diante da aterradora crendice, o pânico se assenhorou daqueles galileus. Contudo, Pedro, que já presenciara a ação determinante de Jesus sobre as forças da natureza (Mt 8.23-28), resolve num rompante de coragem, atestar a procedência dAquele que, andando sobre as águas, lhes dizia: "*sou eu, não temais*". Numa inimaginável prova de fé, o pescador desafiou:

"Se és tu, Senhor, manda-me ir ter contigo por sobre as águas."

Que discípulo, senão Pedro, ousaria semelhante atitude nesse cenário desesperador? Talvez nenhum outro momento do Evangelho resuma tão perfeitamente a inconstância de Pedro quanto esse incidente no Mar da Galiléia. A mesma impulsividade, que valentemente o impeliu a desafiar a gravidade — calcando as agitadas águas como se fossem solo firme — tornou-se num pavor insustentável, ante o qual o apóstolo, naufragando, fatalmente sucumbiria não fosse o auxílio de seu Senhor (Mt 14.30-31)!

Embora contraditório em várias ocasiões, Pedro era sobretudo um entusiasta de sua vocação cristã. Após um duro discurso de Jesus (narrado em Jo 6), grande parte de seus setenta discípulos, escandalizados com o conteúdo teológico de Suas palavras, O abandonaram. Quando os doze restantes foram indagados se seguiriam os demais em sua dissuasão, Pedro, consciente da autoridade dAquele que o vocacionou, assim como da sublimidade de seu discipulado, adiantou-se aos demais e respondeu (Jo 6.68):

*"Senhor, para quem iremos? Tu tens as **palavras da vida eterna.**"*

Da mesma sorte que a maioria de seus conterrâneos, Pedro ansiava por um Messias vitorioso sobre os inimigos políticos de Israel. Essa concepção messiânica era de alguém cujo poder resgataria a Israel os gloriosos tempos do passado. Em função dessa expectativa, Pedro não pode conter-se ao ouvir de seu Mestre acerca dos dias difíceis que o porvir Lhe reservava (Mt 16.21-22).

"Desde esse tempo, começou Jesus Cristo a mostrar a seus discípulos que Lhe era necessário seguir para Jerusalém e sofrer muitas coisas dos anciões, dos principais sacerdotes e dos escribas, ser morto, e ressuscitado no terceiro dia.

E Pedro, chamando-o à parte, começou a reprová-lo, dizendo: Tem compaixão de ti, Senhor; Isso de modo algum te acontecerá."

O apóstolo, que, pouco antes, falara pelo Espírito declarando ser Jesus o *Cristo*, o

Filho do Deus Vivo (Mt 16.16; Mc 8.29; Lc 9.20), servia agora -em seu zelo humano — de instrumento satânico, ao proferir palavras que furtivamente se opunham aos planos de Deus para Seu Unigênito. O protesto de Pedro era, na verdade, apenas a fachada da sutil reinvestida do Inimigo contra Jesus, prometida ao fim da tentação no deserto, para um futuro *momento oportuno* (Lc4.13). Assim, Pedro foi trazido diante de todos seus discípulos para receber de seu Mestre, talvez, a mais dura repreensão de sua carreira discipular (Mc 8.33).

"Arreda! Satanás, porque não cogitas das cousas de Deus, e, sim, das dos homens."

O verbo aqui traduzido por *cogitar* pode também significar no contexto, segundo Cranfield, *tomar o partido de alguém*. Destarte, Jesus poderia estar repreendendo seu precipitado discípulo por opor-se aos planos de Deus, devido a sua concepção nacionalista de messianismo, segundo a qual apenas a mais gloriosa e triunfante das jornadas se prestaria ao Cristo de Deus.

E provável que a estrutura emocionalmente instável de Pedro tenha se transformado num campo apropriado para algumas investidas do Tentador. Na noite em que foi traído, por exemplo, Jesus advertiu-o acerca da estratégia que as potestades espirituais intentavam contra ele (Lc 22.31-32a).

"Simão, Simão, Satanás vos pediu para vos peneirar como trigo. Mas eu roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça."

Naquele momento, todos os discípulos estavam prestes a ser grandemente provados. Porém Pedro, em particular, demandava cuidados especiais da parte do Mestre. De fato, Jesus podia vê-lo interiormente, para além daquele "invólucro" rústico que o apresentava como um homem valente, decidido e sempre adiantado a seus discípulos nas decisões mais importantes. Sobre esse momento na vida do apóstolo, Everett Harrison registra (*Comentário Bíblico Moody*, Vol.4, p. 168).

"O pronome singular indica que O Senhor se preocupava de maneira especial com Pedro. Ele sabia do fracasso iminente por causa do excesso de confiança em Pedro; mas Ele não o destituiria nem o privaria de sua posição de liderança."

A fé operosa de Pedro, que a todos impressionara em diversas ocasiões, era a mesma que agora necessitava uma intercessão particular para não esmorecer! Como observa Arndt, o verbo grego traduzido por *rogarem* Lc 22.32 significa literalmente *a expressão de uma petição baseada numa necessidade real* (*Chave Lingüística do Novo Testamento*, p. 153). Com efeito, as horas que se seguiram àquele discurso, provaram o quanto Pedro verdadeiramente careceu de tal intercessão.

Contudo, as experiências de Pedro com as astutas artimanhas do Maligno, ao longo de seu ministério apostólico, acabaram contribuindo de modo positivo para inspirá-lo em uma de suas admoestações pastorais encontradas em sua primeira epístola (1 Pe 5-8):

"Sede sóbrios e vigilantes. O diabo, vosso adversário, anda em derredor, como ieão que ruge procurando alguém para devorar."

Sobriedade e vigilância, virtudes que o experiente Pedro exalta em sua carta, eram exatamente aquelas que lhe faltaram na noite do aprisionamento de seu Mestre. Mesmo advertido por Jesus acerca da iminente investida do Diabo, Pedro, estribando-se em suas próprias forças, declara de maneira precipitada (Lc 22.33):

"Senhor, estou pronto a ir contigo, tanto para a prisão, como para a morte."

Na noite da traição, estando todos reunidos à volta do Mestre, este começa a falar-lhes repetidamente acerca de coisas estranhas, sobre as quais poucos deles ousavam questioná-lo. Era como se algo inesperado estivesse prestes a se suceder.

Após a ceia, Pedro assiste inconformado Aquele diante de quem outrora se prostrara, cingir-se duma toalha e, aos pés dos discípulos, iniciar uma cerimônia cuja finalidade não podia compreender (Jo 13.4-15). Como o Mestre ousava, numa atitude típica de escravo, sentar-se diante de seus aprendizes e humildemente lavar-lhes os pés? Qualquer que fosse a razão, Pedro, ao contrário de seus amigos, não estava disposto a consentir com tal disparate (Jo 13.8).

"Disse-lhe Pedro: Nunca me lavarás os pés."

Antes que pudesse apresentar suas razões, o rústico galileu é interrompido pela réplica do Senhor, na qual se torna evidente que aquele ato servil escondia, na verdade,

um significado sumamente espiritual e, portanto, relevante para todos os presentes. Para Pedro, a vergonha de ser servido daquela maneira por seu Senhor não era pior do que estar privado da comunhão com Ele! Daí sua imediata retratação (Jo 13.9):

"Senhor, não apenas os pés, mas também as mãos e a cabeça."

Mais adiante, naquela mesma noite, Pedro, em sua perspicácia, pode captar a estranha atmosfera que impregnara o cenáculo onde ele e seus amigos se reuniam. Sua suspeita confirmou-se diante da inimaginável declaração de um Jesus turbado em Seu íntimo (Mc 14.18).

"Em verdade vos digo que um dentre vós, o que come comigo, me trairá."

Enquanto os atônitos discípulos se entreolhavam confusos com tão terrível vaticínio, Pedro, em sua agitação peculiar, mais uma vez adiantou-se aos demais, agora na tentativa de esclarecer aquilo que a todos deixara em suspenso (Jo 13.23-24).

"Um de seus discípulos, aquele a quem Jesus amava, estava reclinado próximo a Jesus. Simão Pedro fez sinal a este, dizendo: Pergunta de quem o mestre está falando."

Como nenhum dos presentes - incluindo Pedro - pode perceber que a resposta para a indagação estava no bocado de pão entregue ajudas Iscariotes (Jo 13.26-29), a expectativa deflagrada por aquela notícia permanecia aterradora entre os discípulos.

Talvez, naquele instante, o precipitado galileu, numa rápida auto-avaliação, tenha se conscientizado — para seu próprio desespero — que seu comportamento como discípulo foi por vezes inconstante e paradoxal. Seria esse o indício de um traidor? Que outro discípulo havia oscilado tantas vezes entre os limites extremos da coragem e da covardia, da fé e da incredulidade?

Qual deles, senão Pedro, fora repreendido outrora como instrumento satânico, na tentativa de dissuadir o Mestre de Seus propósitos vicários? Quem além desse aprendiz careceu de especial atenção de Cristo, em Sua intercessão a respeito do eminente ataque do Inimigo? Não teria ele o perfil do, até então, misterioso traidor?

Inseguro e agitado em seu interior, Pedro abruptamente interrompe seu Mestre, numa busca frenética por respostas para aquilo que parecia ser o raiar de um pesadelo (Jo 13.36a-37a).

"Senhor, para onde vais?(...) Por que não posso seguir-te agora? Por ti darei a própria vida.(...) Ainda que todos se escandalizem, eu jamais!

Conquanto sincero em suas palavras, Pedro sente seu peito palpitar aceleradamente quando, atônito, ouve de Jesus a profecia sobre algo que nunca pensara se suceder em sua carreira discipular (Mc 14.30).

"Em verdade te digo que hoje, nesta noite, antes que duas vezes cante o galo, tu me negarás três vezes."

Não é difícil imaginar o que se passou no coração de Pedro após essa revelação. Embora tentasse desesperadamente provar a si mesmo e aos demais uma ousada fidelidade, insistindo com maior veemência que nem a morte o separaria do Mestre (Mc 14.31), Pedro estava, na verdade, abalado por grande insegurança. Ciente de que fora, ao longo daqueles três anos, o protagonista de tantas atitudes impensadas, Pedro debatia-se em seu íntimo com a pavorosa possibilidade de tornar-se aquele por quem a medonha profecia se cumpriria. Afinal, alguém capaz de uma tríplice negação de seu Senhor, não estaria igualmente apto para traí-lo?

Seguindo o Mestre, Pedro e seus amigos, silenciados por uma atroz expectativa, deixaram o cenáculo e, atravessando o Vale do Cedrom, chegaram ao Monte das Oliveiras, onde costumeiramente se reuniam. Nem mesmo a serenidade daquele jardim, cenário de tantos ensinamentos preciosos aos pés de Jesus, foi suficiente para relaxar a tensão que se apoderara daqueles corações. Para os discípulos e, particularmente para Pedro, aquela se transformaria na mais longa e aflitiva das noites.

Pedro nega a Jesus

Estressados pela tensão que marcara aquelas últimas horas, Pedro e os filhos de Zebedeu, mesmo a pedido de um Jesus profundamente entristecido, não conseguem atender a necessidade de vigiar e desfalecem diante do cansaço que deles se apoderara (Mt 26.36-46). Ao encontrar arrebatados pelo sono aqueles que necessitavam manter empunhadas suas armas espirituais, Jesus exorta particularmente a Pedro, numa baldada tentativa de prepará-lo para os graves acontecimentos que se seguiriam.

"E, voltando para os discípulos, achou-os dormindo, e disse a Pedro: Então, nem

uma hora pudestes vós vigiar comigo? Vigiai e orai, para que não entreis em tentação."

Ainda entorpecido pelo sono que submetera sua continência, Pedro e seus companheiros são subitamente despertados pelo Mestre, com palavras que traziam à realidade a profecia de que tanto temiam.

"Levantai-vos, vamos! Eis que o traidor se aproxima."

Com os olhos ainda pesados e sem entender exatamente o que se passava, Pedro vê se aproximar uma turba liderada pelo, até ali, insuspeito Judas Iscariotes. O carinhoso beijo do traidor em seu Mestre contrastava com a truculência dos guardas que o acompanhavam e que procuravam por Jesus. A suspeita imediatamente surgida no coração de Pedro se confirma com a palavra de Jesus a Judas (Lc 22.48).

"Judas, com um beijo trais o Filho do Homem?"

Ao se dar conta das circunstâncias, o rude pescador, em novo repente de coragem, despreza o conselho de Jesus - que já havia rejeitado uma ação defensiva sugerida pelos discípulos - lança mão duma espada e golpeia um dos servos que rendiam a Jesus. Everett Harrison comenta (*Comentário Bíblico Moody* p.67) um detalhe interessante acerca dessa intervenção do apóstolo.

"A atitude impetuosa de Pedro, ainda que bem-intencionada, comprometia seriamente a posição de nosso Senhor, e tornou necessário uma cura milagrosa para desfazer os desastrosos efeitos que provocaria no tribunal (conf. Jo18.36). E tão completo foi o milagre que o caso da mutilação nunca foi levantado pelos acusadores de Cristo."

Maniatado, Jesus é brutalmente arrastado pela multidão em direção à cidade. Diante da possibilidade de serem igualmente capturados, todos os discípulos o abandonaram. Pedro e João, ao contrário dos demais, afastaram-se dali apenas o suficiente para seguirem seu Mestre sem serem percebidos pelos que o rendiam. Ao percorrerem ofegantemente as ruas de Jerusalém seguindo a turba à distância, ambos discípulos percebem que seu destino inicial era a casa do sumo-sacerdote. A ligação de João com essa família (Jo 18.15) possibilitou-o a introduzir Pedro no pátio da casa, de

onde os dois discípulos poderiam acompanhar o que se sucederia ao Mestre.

No afã de acompanhar os desdobramentos da prisão de Jesus, Pedro não contava, entretanto, que sua figura como discípulo já se tornara familiar para muitos moradores de Jerusalém. Seu comportamento impetuoso - como o manifestado momentos antes no Getsêmani - o destacava dos demais seguidores de Cristo. É curioso notar, por exemplo, que nenhum dos circunstantes na casa do sumo sacerdote reconheceu a João como um dos doze, embora o discípulo tivesse com aquela família certa proximidade. Simão Pedro, ao contrário, fora imediatamente identificado pela criada ao adentrar o pátio (Jo 18.16b-17).

"O outro discípulo, que era conhecido do sumo sacerdote, falou com a encarregada da porta e levou a Pedro para dentro. Então a criada, encarregada da porta, perguntou a Pedro: Não és tu também um dos discípulos deste homem? Não sou, respondeu ele."

Apreensivo e já sentindo o frio das noites de primavera, Pedro dispôs-se junto a um fogueira acesa no pátio da casa do magistrado, onde alguns servos do sumo sacerdote e guardas do templo também se aqueciam. Enquanto ouvia ao fundo as palavras imprecatórias que os escribas e príncipes dos sacerdotes dirigiam a seu Mestre, o amedrontado discípulo é surpreendido por outra serviçal que o reconhece. Na tentativa de desmascará-lo, esta proclama diante dos presentes sua suspeita (Mt 26.70-72).

"(...) Este também estava com Jesus, o nazareno."

A segunda identificação de Pedro como cúmplice de Jesus, de fato, causa alguma dúvida ao leitor dos Evangelhos. Enquanto Mateus cita o ocorrido como efetuado por *uma outra criada* (Mt 27.71), Marcos diz que a ação deu-se por parte da *mesma criada* que o reconheceu a princípio (Mc 14.69). O evangelista Lucas, por sua vez, escreve que o discípulo fora reconhecido por *um outro homem* dentre os que ali se aqueciam (Lc 22.58). O evangelista João acrescenta a isso o fato de ser o tal delator *um dos servos* do magistrado (Jo 18.26). A aparente contradição dessas narrativas pode ser explicada pelo fato de que a presença do discípulo naquele lugar suscitou tal desconfiança que não um, mas diversos circunstantes, num breve lapso de tempo, o reconheceram como alguém ligado a Cristo. Coube, assim, aos evangelistas que pormenorizaram o acontecimento, enfatizar esse ou aquele dentre os vários que o identificaram.

Lucas comenta que *passada uma hora* da segunda identificação, Pedro é

novamente associado a Jesus, devido a seu sotaque galileu (Lc 22.59).

*"(...) Também este verdadeiramente estava com ele, **porque também é galileu.**"*

E provável que nesse intervalo de tempo, afoito, o apóstolo tenha começado a fazer perguntas no intuito de saber o que poderia sobrevir a Jesus, diante do ocorrido. Ao expor-se dessa maneira, Pedro acabou evidenciando o acento gutural inconfundível dos galileus, tornando-se novamente alvo de suspeita.

Como agravante, o galileu é reconhecido por um dos servos do sumo sacerdote que estivera presente no Getsêmani e que o vira ferir a espada seu parente de nome Malco (Jo 18.26). O discípulo, prestes a ser reconhecido em definitivo como um dos coadjuvantes dAquele que Se declarava Messias, corria o risco de ser detido e imediatamente entregue aos principais dos sacerdotes. Em Mateus e Marcos encontramos registrado o expediente de que Pedro se valeu para safar-se dessa iminente possibilidade (Mc 14.71).

"Ele começou a praguejar e a jurar: Não conheço esse homem de quem falais."

A presença do verbo grego *anatematizo* sugere que Pedro colocou-se sob juramento diante dos presentes, rogando sobre si maldição caso não estivesse dizendo a verdade!

O cantar do galo, que rasgou o silêncio da alta madrugada trouxe ao apóstolo a esmagadora consciência de que a profecia acerca de sua infidelidade se cumprira naquele momento. Lucas acrescenta um detalhe importante no relato dessa triste experiência de Pedro (Lc 22.61):

"Então, voltando-se o Senhor, fixou os olhos em Pedro, e Pedro se lembrou da palavra do Senhor, como lhe disseraí...). Então Pedro, saindo dali, chorou amargamente."

Absolutamente arrasado pelo peso de seu pecado, Pedro não suportou fitar prolongadamente Aquele por quem havia jurado, naquela noite, perseverar até morte. Uma profunda angústia apoderou-se do discípulo e, a fim de não externar suas emoções diante dos presentes o discípulo retira-se prontamente dali. Em algum lugar ermo, sozinho e tentando compreender as contradições que cercavam sua personalidade, o apóstolo derrama-se em lágrimas cujo amargor traduzia a expressão perfeita de sua alma.

Pedro, que durante seu discipulado questionara o Mestre sobre os limites da misericórdia (Mt 18.21-22), estava tão consumido pelo fantasma de sua transgressão que nem mesmo a memória do perdão que alcança *setenta vezes sete* pode confortá-lo na ocasião. Afinal, haveria clemência para essa ignóbil atitude? Que grande diferença separaria a traição cabal empreendida por Judas e os juramentos mentirosos e imprecatórios que o pescador acabara de proferir ante tantas testemunhas?

Pedro havia novamente naufragado nas ondas impetuosas que contra ele se levantaram. Agora, tanto quanto naquela madrugada de tormenta no Mar da Galiléia, somente as mãos do Mestre poderiam trazê-lo à tona e salvá-lo da destruição iminente.

A ressurreição de Cristo: um recomeço para Pedro

Não sabemos onde Pedro esteve durante as horas de opróbrio que marcaram o julgamento e a crucificação de Cristo. A passagem de Lc 23.27 nos diz que *grande multidão* seguia a Jesus em direção ao Monte Calvário. Pedro, pois, como os demais discípulos que haviam se dispersado desde aquela madrugada, poderia estar entre os milhares que se comprimiam para testemunhar o fim daquele que muitos criam ser o Ungido de Deus.

Mesmo que a forte emoção não o tenha permitido assistir ao desenrolar da execução, é certo que Pedro não se distanciou de Jerusalém naquele dia, pois as Escrituras o apresentam refugiando-se junto aos seus condiscípulos, numa dada casa nos limites da cidade.

Não se sabe como Pedro e os demais, uma vez dispersos, conseguiram novamente se reunir naquele refúgio. A casa, que então lhes servia de abrigo contra uma possível investida dos judeus (Jo 20.19), era provavelmente um local onde Jesus costumava reunir seus seguidores, quando em Jerusalém. Se João, como próspero pescador e conhecido da família do sumo sacerdote dispusesse - como sugerem alguns - de uma residência em Jerusalém, talvez essa fosse a casa em questão.

Naquela noite, ao contrário do que lhe era peculiar, Pedro assentou-se junto a seus companheiros, tristemente calado e absorto em seu drama pessoal. Havia nele um amargo sentimento que superava a angústia vivida pelos demais: a dor de ter, não somente perdido, mas repetidamente negado seu Mestre diante de tantas testemunhas.

Ao amanhecer, as piedosas mulheres que há pouco haviam testemunharam a ressurreição, invadiram pasmadas o refúgio dos discípulos na intenção de trazer-lhes as boas novas. Notoriamente assombradas, as devotas atropelavam as narrativas umas das outras ao tentar ordenar a história da qual se diziam testemunhas. O evangelista Marcos

registra um pequeno — porém importante — detalhe na recomendação do anjo àquelas fiéis diante do túmulo vazio (Mc 16.7):

"Mas ide, dizei a seus discípulos, e a Pedro, que ele vai adiante de vós para a Galiléia. Lá o vereis, como ele vos disse."

Alvo particular daquelas insistentes mulheres, Pedro, embora a princípio tenha feito coro com os demais que, céticos, as receberam como delirantes

(Lc 24.11), não resiste à curiosidade e, em companhia de João, decide investigar a razão de tamanha euforia.

Se o sepulcro vazio não incutiu em Pedro a imediata certeza de que o Mestre havia ressurgido, fê-lo sentir que aqueles estranhos acontecimentos demandavam explicações convincentes. Como e com que objetivo alguém ousaria submeter a competente guarda pretoriana e, após mover a pedra que lacrava a tumba, seqüestrar um cadáver? Estariam os príncipes dos sacerdotes e escribas envolvidos nessa suposta fraude? Até que ponto esse fato ainda inexplicável poderia colocá-los, como discípulos, numa situação ainda mais perigosa?

O cair da tarde daquele domingo trouxe para os apóstolos uma ansiedade, que crescia à medida que o tempo passava. Pedro, que visitara o sepulcro pessoalmente naquela manhã, não conseguia propor aos seus companheiros uma explicação que satisfizesse todas as perguntas inerentes àquele mistério. Porém, enquanto os discípulos — longe que estavam dum consenso — tentavam debalde equacionar o assunto, eis que são surpreendidos pela visão esplendorosa do Mestre ressurreto. Nem mesmo a conhecida saudação *paz seja convosco*, com que foram abordados, garantiu-lhes que não estavam sendo vítimas de alguma alucinação (Lc 24.36-40).

Ao tocarem avidamente o Mestre, Pedro e seus amigos foram invadidos por um júbilo que encontrou seu clímax momentos depois, quando Jesus lhes interpretou as Escrituras, abrindo-lhes o entendimento acerca da necessidade daqueles sofrimentos pelos quais passara (Lc 24.44-49). Impressão tal causou aquela palavra no coração de Pedro que, anos mais tarde, em sua primeira epístola, o ex-pescador enfatizou, logo de início, o conteúdo profético do sofrimento vicário de seu Mestre, sobre o qual fora esclarecido naquele domingo (1 Pe 1.10-11):

"Foi a respeito desta salvação que os profetas indagaram e inquiriram, os quais profetizaram acerca da graça a vós outros destinada, investigando atentamente qual a

ocasião ou quais as circunstâncias oportunas indicadas pelo Espírito de Cristo, que neles estava, ao dar de antemão testemunho sobre os sofrimentos referentes a Cristo, e sobre as glórias que o seguiriam."

Após as aparições de Jesus aos discípulos em Jerusalém, Pedro e alguns de seus amigos dirigiram-se à Galiléia, onde ansiavam revê-lo, conforme lhes fora prometido. No entanto, aquelas primeiras teofanias, embora tenham respondido às questões ligadas ao sofrimento, morte e ressurreição do Mestre, fazendo raiar novamente a esperança nos discípulos, trouxeram-lhes também alguma insegurança quanto ao porvir. No caso particular de Pedro, suas perspectivas apostólicas, ainda incertas, se misturavam ao amargo sentimento de culpa não resolvido. Afinal, nas duas vezes em que o Cristo ressurreto se mostrou aos discípulos em Jerusalém, embora a todos tenha censurado pela incredulidade (Mc 16.14), nada disse particularmente a Pedro com respeito ao seu comportamento na noite da traição. Para o discípulo, a tradução daquele silêncio sobre sua negação ainda não estava muito clara. Haveria perdão para aquele que por três vezes mentiu contra o Filho do Homem? Em caso positivo, qual a certeza que ele dispunha de que voltaria a ser o mesmo destacado líder dos doze discípulos?

Sufocado por esse e outros questionamentos e incomodado por uma expectativa cujo peso aumentava dia a dia, Pedro decide retomar suas atividades profissionais no Mar da Galiléia. Sua atitude estimula outros discípulos que também se achavam desorientados quanto ao destino que os aguardava naqueles dias de espera (Jo 21.1-3). A decisão de Pedro juntam-se, Tomé, Natanael (Bartolomeu), Tiago Maior, João e outros dois discípulos.

A primeira noite de retorno ao ofício havia sido frustrante. Fatigados, os pescadores dirigiram-se de volta à praia, onde interromperiam a exaustiva e infrutífera jornada, até que armazenassem forças suficientes para uma nova tentativa. O desânimo de Pedro e seus parceiros foi interrompido por um homem não identificado que da praia sugeria uma solução simples demais para ser produtora (Jo 21.6a).

"disse-lhes ele: lançai a rede à direita do barco, e achareis."

Para Pedro, embora estranho, o palpite daquele desconhecido trouxe à memória o maravilhoso ocorrido que marcou o início de seu discipulado cristão, ali mesmo nas águas do Mar da Galiléia. Assim, ao puxar as redes da banda da direita, Pedro e os demais são surpreendidos pelo peso de mais de uma centena e meia de poludos peixes, pelos quais

em vão procuraram durante toda a noite (Jo 21.6,11). Aqueles segundos de perplexidade nos quais Pedro imergira foram interrompidos pelo jovem João que, adiantando-se aos demais, atestou jubilosamente: *Eo Senhor!* (Jo 21.7). O filho de Zebedeu roubou de Pedro as palavras que já emergiam de seu Coração e que, invariavelmente, eclodiriam nos segundos subseqüentes àquele milagre! Tomado, então, por um entusiasmo irresistível, Pedro veste-se e se lança às águas em direção à praia para encontrar novamente Aquele a quem amava e de quem tanto necessitava ouvir o perdão que lhe resgatasse a esperança para sua caminhada.

Ainda sem saber ao certo como proceder ou o que dizer naquele instante, Pedro apressa-se em atender a solicitação do Mestre por peixes, voltando prontamente ao barco, já abandonado pelos demais nas areias da praia (Jo 21.9-11). Aquela farta refeição se dava sob um silêncio que debalde tentava represar o gozo daqueles homens em rever o Mestre. Mas, antes que Pedro expressasse a aflição que o perseguia desde a noite da traição, Cristo surpreende-o com três perguntas semelhantes, cujo conteúdo, mais do que conceder o almejado perdão divino, visavam confrontar o discípulo com o tipo de sentimento com que vinha servindo o Mestre (Jo 21.15-17).

"Depois de terem comido, perguntou Jesus a Simão Pedro: Simão, filho de João, amas-me mais do que estes outros? Ele respondeu: Sim, Senhor, tu sabes que te amo. Ele lhe disse: Apascenta os meus cordeiros.

Tornou a perguntar-lhe pela segunda vez: Simão, filho de João, tu me amas? Ele lhe respondeu: Sim, Senhor, tu sabes que te amo. Disse-lhe Jesus: Pastoreia as minhas ovelhas.

Pela terceira vez Jesus lhe perguntou: Simão, filho de João, tu me amas? Pedro entristeceu-se por ele lhe ter dito, pela terceira vez: tu me amas? E respondeu-lhe: Senhor, tu sabes todas as cousas, tu sabes que eu te amo. Jesus lhe disse: Apascenta as minhas ovelhas."

Para penetrarmos com mais profundidade naquilo que o que o Mestre tentava mostrar a Simão Pedro naquele momento, é necessário atentarmos para os termos presentes no grego bíblico, os quais lançam luz sobre essa importante narrativa de João.

Dois verbos gregos distintos são traduzidos nas Escrituras por *amar*. *agapao* e *phileo* (correspondentes dos respectivos substantivos *agapecphilos*). O primeiro diz respeito a um sentimento mais profundo e que, por isso, deve ser distinguido do segundo. *Agapao* manifesta, por exemplo, a intensidade do amor de Deus para com seu Filho (Jo

17.26) e para com o homem (Jo 3.16). De modo geral, *agapao* denota a própria essência da natureza divina, como revelado em 1 Jo 4.8. Embora também traduza - se bem que em raras passagens - o amor do Pai para com Seu Filho (Jo 3.35; 5-20) e para com os homens (Jo 14.21; 16.27) *phileo*, antes, representa uma forte amizade ou uma carinhosa afeição. Exceto por 1 Co 16.22, *phileo* nunca é usado nas Escrituras para expressar o sentimento que o homem deve nutrir para com seu Deus. *Agapao* é a perfeita tradução desse sentimento como vemos em Mt 22.37, Lc 10.27, Rm 8.28, 1 Co 8.3, 1 Pe 1.8 e 1 Jo 4.21.

Posto isto, voltemo-nos à conversa de Pedro com seu Mestre. É interessante notarmos que Jesus emprega o termo *agapao* para descrever suas duas primeiras perguntas dirigidas a Pedro. Na terceira, entretanto, o verbo utilizado é *phileo*. Pedro responde a todas as três positivamente, porém sempre com o termo *phileo*. Assim, é como se Jesus estivesse perguntando, nas duas primeiras vezes: *Pedro, tu me amas incondicionalmente?* e o discípulo tivesse respondido: *Sim, Senhor, tu sabes que eu gosto de ti!* A tristeza de Pedro diante da derradeira pergunta de Jesus — feita com o verbo *phileo* (v. 17) — talvez se explique pelo fato de ela revelar ao discípulo o tipo de sentimento que vinha nutrindo para com o Mestre até então. Muito mais do que Seu perdão, Jesus mostrou a Pedro naquele encontro que a imensa responsabilidade que o futuro lhe traria como um dos principais apóstolos do Evangelho, demandava uma devoção assaz mais profunda que a volubilidade característica de sua postura de discípulo. Doravante, não haveria mais espaço para debilidades, instabilidades e dúvidas na entrega daquele que viria a dar a própria vida pelo testemunho de sua fé, como Jesus mesmo vaticinou naquela manhã (Jo 21.18).

"Em verdade, em verdade te digo que quando eras mais moço, tu te cingias a ti mesmo e andavas por onde querias; quando, porém, fores velho, estenderás as mãos e outro te cingirá e te levará para onde não queres."

Como veremos mais adiante, este versículo tornou-se o sustentáculo bíblico para diversas tradições ligadas ao martírio do apóstolo em questão, embora o texto não forneça subsídios que apoiem a veracidade dessa ou daquela lenda sobre o assunto.

A preocupação de Pedro com o destino João, manifesta ao fim daquele encontro (Jo 21.20-21), corrobora aquilo que veremos a seguir em nossa análise de Pedro segundo o texto de Atos dos Apóstolos: estes discípulos eram, ao que parece, amigos muito próximos.

Após o ministério de quarenta dias nos quais apareceu ressurreto a seus discípulos e, em especial, a Pedro, Jesus reuniu-os no Monte das Oliveiras, em Jerusalém (At 1.12), para as instruções finais e para testemunharem Sua gloriosa partida.

Pedro e seus amigos, ainda extasiados pelo esplendor da ascensão de Cristo aos céus, desceram rumo a Jerusalém tomados por grande júbilo e certos de que algo especial os aguardava nos dias subseqüentes (Lc 24.51-53), embora ainda não pudessem vislumbrar a dimensão, tampouco as conseqüências daquilo que estava prestes a acontecer.

Ao investigarmos, a seguir, o perfil petrino sob a perspectiva de Atos, veremos que uma diferença substancial marca o comportamento do ex-pescador em relação ao que conhecemos dele nos Evangelhos.

A ousadia de Pedro em Atos dos Apóstolos

Se os Evangelhos deixam alguma dúvida acerca do senso de liderança apostólica de Pedro, o mesmo não se pode dizer do texto de Atos. Ali, desde os primeiros versículos, Pedro emerge como um dos campeões da causa cristã, destacando-se dos demais líderes da Igreja primitiva, ainda predominantemente judaica. Longe de suas constantes e prejudiciais variações emocionais, o discípulo retratado em Atos apresenta-se, basicamente, como um líder cristão seguro em suas decisões ministeriais, teologicamente bem fundamentado e freqüentemente disposto a sofrer os danos mais penosos pela causa do Evangelho de Cristo (como de fato sofreu desde o início de sua atuação apostólica). William Coleman, autor de *Doze Cristãos Intrépidos*, comenta a nova fase do discípulo (p. 61-62).

"Sejam quais forem os problemas que Pedro tenha enfrentado como discípulo, ele brilha como couraça nova no livro de Atos. No decorrer dos doze primeiros capítulos ele é, indiscutivelmente, o personagem principal na Igreja cristã. Como parteira que atendeu ao nascimento da Igreja, Pedro é responsável pelo parto seguro do cristianismo, pelo aroma saudável e pelas vestes quentes. Ela chegou com faces robustas e um grito tranqüilizador. O pescador encarregou-se dessa parte."

Após reunir aproximadamente cento e vinte pessoas no cenáculo em Jerusalém, Pedro toma a palavra e, citando o Livro de Salmos, interpreta a recente desgraça vivida por Judas à luz das Escrituras Sagradas, concedendo aos circunstantes um entendimento claro acerca do episódio que, na concepção de muitos deles, não poderia sequer constar

dos anais da história messiânica (At 1.15 a-16).

"Naqueles dias, levantou-se Pedro no meio dos irmãos (...), e disse: Irmãos: convinha que se cumprisse a Escritura que o Espírito Santo proferiu anteriormente por boca de Davi, acerca de Judas, que foi o guia daqueles que prenderam a Jesus."

A seguir, Pedro sente-se dirigido a admoestar os presentes sobre a necessidade da reposição da décima segunda dignidade apostólica (At 1.21-26), deixada vaga pelo traidor. O discípulo, apresentando os três critérios básicos para a escolha, lembrou que semelhante posto exigia alguém que houvesse acompanhado Jesus desde o batismo de João até a ascensão, que fosse testemunha de Sua ressurreição e que contasse com a aprovação do próprio Senhor. Como dois dos presentes preenchiam os requisitos apresentados por Pedro, os discípulos lançaram sortes e obtiveram do Senhor o resultado que apontava para Matias.

Torna-se necessário lembrarmos que, embora Pedro tenha suscitado a questão da substituição de Judas — culminada com a eleição de Matias — não há nenhum traço em suas palavras que sugira a perpetuação do apostolado dos doze por meio de sucessores, como acabou se verificando, mais tarde, nos sistemas hierárquicos erigidos na Igreja ao longo dos séculos. Basta ver que não se encontra nas Escrituras semelhante providência sendo tomada após o martírio do apóstolo Tiago Maior, em 44 A.D. O dispositivo da Sucessão Apostólica, que visava a defesa da ortodoxia da fé, face aos ataques heréticos que se multiplicavam na Igreja primitiva, em nada pode ser associado a esse expediente verificado no cenáculo.

A contagiante descida do Espírito Santo no Pentecostes, superou em glória a expectativa dos discípulos e demais presentes no cenáculo. Era a promessa do Pai (At 1.4) que se havia cumprido. Os desdobramentos sobrenaturais verificados com a manifestação do Espírito divino fizeram com que aquela assembléia chamasse a atenção de um grande número de transeuntes — em grande parte peregrinos de distantes regiões do mundo antigo — presentes em Jerusalém para a festividade religiosa (At 2.6-13). Alguns desses espectadores, não podendo compreender aquelas manifestações espirituais, desdenharam os fiéis ali reunidos.

Nesse momento, vemos Pedro mais uma vez empunhar a espada da palavra e partir em defesa de sua fé. Numa linguagem estritamente judaica, o apóstolo, nessa ousada homilia, dirigiu-se a uma grande e atenta multidão, estabelecendo o tema da crucificação de Cristo como centro em torno do qual fez orbitar as demais citações que

compuseram seu sermão. Em sua obra *O Livro de Atos*, Frank Stagg opina sobre a audácia de Pedro em enfatizar o estigma da cruz naquele primeiro sermão evangelístico (p.63):

"A primeira e maior tarefa da pregação apostólica era ocupar-se do 'escândalo da cruz'. (...) A crucificação de Jesus era um escândalo para os judeus e, enquanto não fosse compreendida, ela os impediria de aceitar a Jesus como Cristo. Os judeus haviam sofrido muito sob o jugo estrangeiro, tanto dos assírios, como dos babilônios e dos persas (embora estes lhes fossem um jugo suave), dos egípcios, dos sírios e dos romanos. Alguns dos seus próprios chefes haviam feito aumentar seu sofrimento. Assim, aguardavam ansiosamente a vinda do Messias, que os libertaria e que restauraria o reino davídico. Tinham já experimentado suficiente sofrimento e muita humilhação, e agora esperavam a reivindicação e a recompensa. Um Messias sofredor, portanto, naquele tempo era coisa inconcebível e indesejável."

Contrariando as expectativas judaicas citadas por Stagg, Pedro começa sua exposição da palavra demonstrando a impropriedade das críticas sarcásticas sofridas por aqueles cristãos (At 2.14b-15):

"...Varões judeus e todos os habitantes de Jerusalém, tomai conhecimento disto e atentais nas minhas palavras. Estes homens não estão embriagados, como vindes pensando, sendo esta a terceira hora do dia."

Os judeus não comiam antes da quarta hora da manhã, contada a partir do nascer do Sol. Nos dias de sábado, só ingeriam alimentos após o meio-dia. Este costume, por si só, tornava ridícula a acusação sofrida pelos fiéis no cenáculo.

Mas uma coisa é indiscutível quanto à célebre homilia de Pedro no Pente-costes: sua espontaneidade. Aquele certamente não foi um sermão estrategicamente elaborado, tampouco ornado do ponto de vista da homilética ou da retórica. Foi, antes de mais nada, uma atitude espontânea em resposta a uma situação específica e que demandava uma urgente apologia.

Cheio do Espírito Santo, Pedro abre sua mensagem evangelística trazendo à memória dos curiosos espectadores as palavras de Joel 2.28-32, sustentando pelas Escrituras — procedimento fundamental diante de uma platéia judaica — o que acabara de se suceder em meio àquela pequena comunidade cristã.

Num segundo momento, ainda sob uma perspectiva profética, o apóstolo focaliza os aspectos relativos à morte e ressurreição de Cristo. Donald Guthrie em sua obra *The Apostles* (p. 29), comenta esses detalhes.

"A crucificação não foi vista meramente como um ato criminoso das autoridades judaicas, mas antes como parte do propósito divino. E notável que, em apenas poucas semanas, o profundo choque causado pela crucificação sobre os discípulos tenha sido por eles digerido como parte definitiva dos intentos de Deus.

Na abordagem petrina há uma importante conexão entre o Jesus histórico, cujos poderosos feitos eram conhecidos da audiência, e o Cristo exaltado. O apóstolo insiste que foi Deus quem o levantou dentre os mortos, sustentando sua afirmação a partir do testemunho de Davi, no Salmo 16.8-11. Para Pedro, portanto, a ressurreição de Cristo era a figura central da fé cristã.

Um outro Salmo (110.1) vem a mente do apóstolo quando afirma que Deus fez Senhor e Messias Àquele a quem os espectadores haviam crucificado. A objetividade de sua expressão é provocativa. Pedro não faz distinção entre o público judeu e seus líderes. De fato, ele insiste que o povo como um todo deve assumir a responsabilidade por aquilo que praticaram seus líderes. Este ponto é particularmente impressionante, considerando-se que muitos dos que o ouviam provavelmente não estavam presentes quando do episódio da crucificação."

O primeiro sermão apostólico, levado a cabo por Pedro naquele Pente-costes, deixou marcas importantes para a posteridade por sua abordagem cristológica. Nela, o apóstolo estabeleceu uma clara perspectiva tanto histórica quanto teológica sobre a figura de Jesus. Sua objetividade e ênfase sobre os títulos de "Senhor" e "Cristo", atribuídos a Jesus resumiram aquilo que a Igreja estabeleceu e anunciou acerca da natureza do Salvador, como podemos constatar, por exemplo, na teologia paulina.

Mas o impacto da mensagem de Pedro deve ser lembrada, sobretudo, pelo resultado provocado na multidão. Lucas é claro ao expor a reação da audiência ante a responsabilidade espiritual trazida à tona por Pedro e compartilhada por quase toda a multidão presente:

"E, ouvindo eles isto, compungiram-se em seu coração, e perguntaram a Pedro e aos demais apóstolos: Que faremos, irmãos?"

Como consequência da profunda comoção causada pela palavra do apóstolo quase três mil almas renderam-se ao Evangelho, obedecendo imediatamente às orientações soteriológicas do próprio Pedro. A preocupação da platéia expressada na pergunta "que faremos, irmãos?" traduz a tendência humana de alcançar a salvação por méritos ou obras. A resposta do apóstolo, entretanto, deixa claro aos circunstantes que a fé cristã, a qual abraçavam, estava primeiramente pautada numa atitude de mudança interior ou arrependimento. Portanto, eles deveriam antes de tudo **se arrepender** (atitude interior), a fim de que posteriormente **fossem batizados** (atitude exterior).

Se esse primeiro sermão, com seus indiscutíveis resultados, já transportara nosso apóstolo do anonimato para a proeminência, a miraculosa cura do coxo mendicante às portas do templo (At 3.1-10) ajudou a projetá-lo ainda mais no panorama religioso da cidade. O milagre, que, por sua notoriedade atraiu rapidamente grande número de curiosos, proporcionou-lhe mais um ensejo para a proclamação pública da salvação em Cristo Jesus (At 3.11-26).

Assim como no Pentecostes, Pedro estriba sua mensagem na autoridade das Sagradas Escrituras, primeiramente para explicar a origem daquele feito e, em seguida, para enfatizar a idéia de solidariedade da nação de Israel na responsabilidade sobre a morte de Jesus, a quem o apóstolo apresenta como "Justo", "Santo" e "Autor da Vida". A palavra dos profetas é também usada por Pedro como alicerce para a convocação geral ao arrependimento e como esperança escatológica de melhores dias para Israel.

O resultado da combinação entre aquele milagre e a mensagem evangelística que se seguiu a ele foram o crescimento para cinco mil decisões por Cristo (At 4.4). Para os príncipes dos sacerdotes, tratava-se não mais de um bando de galileus indoutos arrebanhando alguns vacilantes aqui e acolá. Sinais e prodígios incontestáveis começavam a se repetir ante os olhos da população e a autoridade teológica da mensagem dos apóstolos tornava-se cada vez mais clara.

Tal situação mostrava-se embaraçosa para a hierarquia religiosa que maquinara a execução de Cristo. Os discípulos, ao contrário de se dispersarem em função da morte de seu Mestre, encontraram nela grande motivação para a divulgação de sua mensagem. Ante o impacto da proclamação da ressurreição, os falsos testemunhos dos líderes judeus, segundo os quais tudo não passava de uma fraude elaborada pelos discípulos, já não mais surtiam efeito. Tornara-se preciso agir com energia na repressão daquele crescente movimento, antes que escapasse definitivamente do controle.

Assim, sem que pudessem alongar se em sua palavra, Pedro e João foram levados pela guarda do templo e aprisionados a mando dos enciumados saduceus. Estava

lançada a primeira perseguição à Igreja, e Pedro era um de seus alvos principais.

Com efeito, o apóstolo, ao ensinar o povo como se fora um rabi, suscitou a ira dessa aristocrática classe sacerdotal, dirigente do templo, em cujos limites Pedro ousadamente desenvolvia sua pregação.

A ênfase do apóstolo sobre a ressurreição e o reino vindouro e sua exposição de Cristo como soberano deflagraram a perseguição dos sacerdotes. Para os saduceus, profundamente interessados na manutenção de seu *status quo*, semelhante mensagem poderia ser interpretada pelos romanos - com quem mantinham boas relações — como propaganda revolucionária. Pior ainda, o fato de Pedro estar valendo-se dos pátios do templo para anunciá-la poderia sugerir alguma ligação entre essa aristocracia sacerdotal e o discípulo de Cristo. Uma suspeita como essa seria, por certo, desastrosa para a categoria dos saduceus, vivamente interessada em manter sua hegemonia sobre a nação e sobre seu símbolo mais sagrado, o templo. Na verdade, os sacerdotes esforçavam-se ao máximo para agradar aos romanos, mantendo a ordem entre os judeus, uma vez que a insubordinação dos povos dominados era tida por Roma como um crime imperdoável, como explica Frank Stagg (*op. cit.*, p.77).

"Roma era quem nomeava o sumo sacerdote. Até as roupagens do sumo sacerdote eram guardadas por um oficial romano e entregues àquele só quando necessárias para os cultos rituais. Todo aquele grupo aristocrático dependia diariamente de Roma. A menor aparência ou vislumbre de sedição atraía logo a ira de Roma, e os saduceus eram logo apontados como responsáveis pelo barulho."

Detidos, então, pela guarda do templo, Pedro e João são lançados na prisão até o dia seguinte, quando são convocados a comparecer diante da mais excelsa corporação judaica, o Sinédrio (At 4.3). Para os apóstolos, aquele era um momento especial, em que se cumpria fielmente um das profecias de Jesus acerca das tribulações do discipulado (Mc 13.9). Certo de que o Espírito Santo concederia tudo o que fosse necessário ser dito naquela ocasião (Mc 13.11), Pedro mais uma vez toma a palavra e, com autoridade, expõe o testemunho do Evangelho. Quis a sabedoria divina que aquele rude galileu, que por três vezes negara o Mestre na casa de uma daquelas autoridades, fosse o escolhido para dirigir a elas a acusação de terem incitado a população a pedir a crucificação do Ungido de Israel (Mt 27.12,20; At 4.10).

Tudo o que os saduceus e demais membros do Sinédrio queriam, naquele momento, era saber com que autoridade, ou em nome de quem, Pedro e seu condiscípulo

havam realizado o sinal que alvoroçara a população nas cercanias do templo, já que ambos não dispunham de atribuições religiosas oficiais. A polêmica acerca da autoridade espiritual, freqüentemente levantada por esses anciões para garantir seu poder religioso, era algo que Pedro já vira se suceder com seu Mestre (Mt 21.23). Mas, na ocasião, a atenção do apóstolo estava voltada basicamente para a oportunidade de testificar do Evangelho. Como a pergunta levantada pelas autoridades aludisse ao poder de Cristo, Pedro responde a ela de maneira arrojada, trazendo à luz a mesma acusação que enfatizara em seus dois primeiros sermões: a responsabilidade de Israel pela execução de Cristo.

Indiferente às reservas teológicas dos saduceus quanto à ressurreição, Pedro ressalta que embora aqueles líderes tenham efetivamente crucificado o Nazareno, **Deus o ressuscitou dentre os mortos!** Igual impacto causou sua menção da metáfora veterotestamentária da *pedra principal rejeitada pelos edificadores* (Sl 118.22-23), bem conhecida dos doutores da Lei e dos sacerdotes. Com ela Jesus os havia advertido enfaticamente e, por conseguinte, > atraído para si a ira mortal desses religiosos (Mt 21.42-46). Esta figura messiânica do Velho Testamento parece ter encontrado um lugar de destaque no coração do apóstolo, pois o vemos enfatizá-la novamente em sua primeira epístola (1 Pe 2.7).

Se a exposição de Pedro já escandalizara os membros do Sinédrio por lançar-lhes em rosto — com o devido embasamento — a culpa pela morte de

Jesus, aquelas autoridades não puderam se conter em seus assentos ao ouvirem a mais contundente afirmação do galileu (At 4.12):

"E não há salvação em nenhum outro, porque abaixo do céu não existe nenhum outro nome, dado entre os homens, pelo importa que sejamos salvos."

Se a idéia da salvação através da simples fé em um Nome atingia em cheio o sistema religioso judaico - que exaltava o esforço humano no cumprimento da Lei - o que dizer se esse Nome apontasse para alguém tido como impostor e que houvesse sofrido a mais vil de todas as punições capitais?

Basicamente, três coisas impressionaram os anciões do Sinédrio com respeito a Pedro e João: primeiramente, a incômoda certeza de que ambos faziam parte daquele movimento que em vão tentaram sufocar ao crucificar Jesus. Em segundo lugar, a farta sabedoria que demonstravam na interpretação das Escrituras, e que não era procedente de suas escolas rabínicas. E, por último, os inegáveis milagres que se seguiam a sua

pregação (At 4.13-14).

Assim, sem poderem tolerar qualquer palavra adicional à mensagem de Pedro, os líderes judeus, isolando ambos apóstolos, tomaram conselho entre si para buscarem uma solução que pusesse fim àquela doutrina que se tornara definitivamente ameaçadora, quer por seus apelos escriturísticos, quer pelos incontestáveis prodígios que vinham produzindo.

Se, para os líderes religiosos, não era possível desmentir os milagres dos apóstolos, restava-lhes apenas constrangê-los a se calarem, sob pena de futuras punições (4.17,18,21). A resposta de Pedro às autoridades reflete claramente todo o destemor que o marcou até o fim sua carreira ministerial (At 4.19-20).

"Julgai vós se é justo, diante de Deus, obedecer antes a vós do que a Deus? Pois não podemos deixar de falar do que temos visto e ouvido."

Imediatamente à sua soltura, Pedro e João testemunham a alguns fiéis acerca de seu aprisionamento e da pregação do Evangelho aos maiores do povo. Carregadas de emoção e temor, as palavras dos apóstolos imprimiram grande júbilo naqueles que atentamente os ouviam (At 4.23-31), os quais, inspirados pela experiência dos apóstolos, derramam-se diante de Deus em oração, supli" cando por semelhante arrojo e determinação na pregação do Evangelho.

"Agora, Senhor, olha para as suas ameaças, e concede aos teus servos que anunciem com toda a intrepidez a tua palavra, enquanto estendes a mão para fazer curas, sinais e prodígios, por intermédio do nome do teu santo Servo Jesus."

A partir de At 4.32-5.16, vemos que a Igreja de Jerusalém-impulsionada pelo destemor de Pedro e João - experimentou, meio a seu rápido crescimento, uma espécie de "comunismo espontâneo", originário do amor fraternal e da ardente necessidade de se comungar a nova fé. Aquela experiência nada mais era do que a expressão social da espiritualidade que marcava aqueles primeiros cristãos. Para Stagg, o "comunismo" dos judeus-cristãos de Jerusalém, ao contrário do sistema teorizado por Karl Marx, era sobretudo voluntário e admitia a posse de propriedades. A partilha da renda, fruto da venda de tais propriedades, visava o socorro das necessidades da comunidade e não o nivelamento socioeconômico de seus fiéis.

Abruptamente tomados pela guarda sacerdotal e confinados na prisão, para uma

audiência no Sinédrio pela manhã, Pedro e seus amigos foram, antes da alvorada, divinamente livres do cárcere e enviados pelo anjo de volta ao pátio do templo, visando finalizarem a mensagem que fora interrompida no dia anterior (5.17-21). Atônitos diante do ocorrido, os saduceus foram informados de que os discípulos de Jesus, liderados por Pedro, novamente ocupavam os limites sagrados do templo para difundir a palavra do Nazareno. Desta vez, amparados pela simpatia do povo, os apóstolos foram levados pacificamente ao encontro dos sacerdotes para uma nova audiência.

O senso de liderança de Pedro fica mais uma vez claro quando, diante de seus inquisidores, adianta-se aos demais apóstolos na defesa do ministério que ousadamente exerciam. Sua resposta àqueles líderes diante da acusação de desobediência civil constituiu um verdadeiro desafio ao sumo sacerdote, cuja casta, embora corrompida por longos conluíus políticos, ainda era considerada a portadora da voz divina em Israel. Aqui, tanto quanto nas ocasiões anteriores, Pedro sustenta seu testemunho sobre quatro pilares teológicos, que se firmaram como verdades inseparáveis da fé cristã: a solidariedade da nação israelita na morte do Messias, Sua posterior ressurreição dentre os mortos, Sua condição de soberano divinamente exaltado e o perdão dos pecados mediante Seu sacrifício.

Como diz a narrativa lucana, Pedro desempenhou um papel importante na administração dessa comunidade peculiar, cujo crescimento permanecia em curva ascendente já que seus membros eram vistos com grande simpatia pela população de Jerusalém, que a eles recorria em suas diversas necessidades físicas e espirituais. Foi precisamente na direção dessa comunidade que Pedro aparece como instrumento de uma das mais severas punições de que se tem conhecimento no Novo Testamento, o caso de Ananias e Safira

(At 5.1-11). A sentença contra o casal, acusado de "mentir contra o Espírito Santo", tem suscitado ainda hoje complexas discussões e diversas propostas exegéticas que justifiquem seu impressionante desfecho, como a apresentada por Stagg (*op. cit.*, p.84-85).

"O caso acusativo, e não o dativo usual, segue ao verbo no infinitivo comumente traduzido por 'mentir'. É possível traduzir então assim: 'Ananias, como é que Satanás encheu teu coração para falsificar o Espírito Santo?' A acusação consistia não só em ter mentido ao Espírito Santo, mas em ter falsificado o Espírito, buscando representar a sua fraudulenta ação como de certa forma inspirada pelo Espírito. Assim, procurara ele fazer com que o Espírito Santo participasse de seu nefando crime."

William Coleman propõe outra alternativa para o trágico desfecho que envolveu o casal cristão {*op. cit.*, p.67-68).

"De algum modo, Pedro soube de imediato o que havia acontecido. Em sua mente não podia haver concessões aqui. Não se poderia permitir que a Igreja começasse baseada em premissas enganosas como esta.

Pedro confrontou Ananias e certificou-se de que todos entendessem a situação. Ninguém tinha de dar sua propriedade (At 5.4) - competia a eles guardar ou dar. Mas não tinham o direito de enganar. Procuravam mentir a seus companheiros. Em realidade, haviam mentido a Deus.(...)

Possivelmente a cena toda pareça cruel e destituída de amor, mas para Pedro a questão era crucial. Ele não podia permitir que a Igreja emergente crescesse em corrupção. Se o permitisse, ela estaria em pé de igualdade com as religiões pagas locais."

Operando sinais e divulgando a mensagem do Evangelho nas proximidades do pórtico de Salomão (15.12), na área do templo, Pedro volta a se inserir perigosamente nos limites guardados pelos saduceus. Lucas não deixa explícito (At 5-15) se os muitos enfermos deixados pela multidão sob a sombra de Pedro, eram efetivamente curados de suas doenças ou se tudo não passava de mais uma superstição popular. Em todo caso, o quadro narrado pelo autor nos dá uma idéia da alta estima com que Pedro estava sendo acolhido pela população de Jerusalém.

O grande alvoroço causado pela presença dos apóstolos, com todo carisma que exerciam sobre a multidão, detonou mais uma represália da parte dos sacerdotes (At 5.17-18). Esta, que se tornou a segunda perseguição contra a Igreja, envolveu não apenas Pedro e João, mas também outros fiéis, cujos nomes não são explicitados por Lucas.

Obviamente, qualquer dos pontos enfatizados por Pedro em seu sermão afetava sensivelmente a autoridade e o interesse dos anciões do Sinédrio. Malogrados os esforços iniciais de calar os discípulos de Jesus, aqueles magistrados decidem, a partir de então, liquidar não só a Pedro, como a todos os demais envolvidos na divulgação do Evangelho. A decisão parecia consensual, não fosse a sábia intervenção de Gamaliel, um dos sete maiores rabis de Israel, que, mediante discurso fundamentado em exemplos históricos, apelou para a circunspeção, naquele momento de impasse (At 5.34-39).

Se a retórica de Gamaliel poupou ávida de Pedro e dos demais discípulos da fúria dos anciões do povo, não pode livrá-los da dolorosa — mas gratificante - experiência das trinta e nove chibatadas com que glorificaram o nome de Cristo. Anos mais tarde, exortando seus fiéis em sua primeira epístola, Pedro notoriamente enfatiza a honra de sofrer por amor do Evangelho (1 Pc2.19,21;3.13-17;4.12-16).

Embora não produzissem arrefecimento no zelo evangélico dos apóstolos — que continuaram a usar o templo para suas exposições — as perseguições contra a Igreja cresciam, enquanto esta ganhava adeptos cada vez mais fervorosos e capacitados. Várias conversões entre os membros do sacerdócio judaico - talvez resultado da pregação de Pedro no Sinédrio - e os milagres do judeu grego Estevão começavam a respingar agora nos ardorosos fariseus, que não tardaram em levantar oposição ao trabalho missionário dos apóstolos.

Com a execução, pelo Sinédrio, do piedoso Estevão (At 7.54-60) ficou claro para aqueles primeiros cristãos que a tormenta da perseguição se aproximava, cada vez mais ameaçadora. Essa perspectiva fez com que grande parte dos crentes que habitavam Jerusalém se dispersassem, levando consigo a semente do Evangelho às regiões circunvizinhas, como a Samaria (At 8.1,5) e, mais tarde, às terras distantes da Síria, da Fenícia e das ilhas mediterrâneas (At 11.19).

Pedro, João e outros dentre os doze, conquanto seriamente ameaçados pela intolerância que permeava Jerusalém, relutavam em alargar seu ministério para muito além daquela cidade (At 8.1). Como já frisamos antes, urna concepção messiânica ainda restrita por fortes valores nacionalistas (At 10.28; At 11.1-3) aliada à estreita ligação com o sistema de culto judaico (At 3.1; At 5.42), representado pelo templo e pela própria cidade que abrigava, colaboraram para a insistente permanência dos apóstolos em Jerusalém.

Contudo, as notícias de numerosas conversões nas regiões adjacentes -atingidas com o Evangelho pelos que se dispersaram (At 8.4) — exigiam dos apóstolos uma posição mais dinâmica, que endossasse o fluxo que a Palavra começava a encontrar naqueles lugares. Essa demanda por um envolvimento mais íntimo dos líderes de Jerusalém com o que se sucedia fora da cidade sagrada foi verificada especialmente no ministério do diácono Filipe, em Samaria. De fato, foi naquela discriminada região, durante a confirmação do trabalho de Filipe, que Pedro e João — para lá enviados pela Igreja de Jerusalém — começaram a perceber que seu apostolado tornara-se incompatível com alguns de seus velhos valores culturais.

Ciente de que o momento era de ruptura com concepções estranhas ao Evangelho

que pregavam, Pedro supera o tradicional desprezo pelos samaritanos e, impondo as mãos, intercede em favor daqueles novos fiéis, para que recebessem o dom do Espírito.

A ministração petrina em Samaria, embora enfatizasse a graça e a misericórdia de Cristo, conheceu também momentos de ação enérgica, como durante a repreensão sobre um certo Simão Mago. Esse personagem, que teólogos como Bengt Hagglund consideram um dos pioneiros do gnosticismo judaico, era um líder esotérico, cuja suposta conversão tornara-se um trunfo à pregação do Evangelho na Samaria. Perscrutando a alma do manifesto impostor — que externara sua torpeza ao tentar comprar dos apóstolos o poder do Espírito que neles abundava — Pedro, após amaldiçoar o intento de Simão, assegura-lhe que não poderia exercer o ministério que desejava, visto que seu coração estava distante da retidão e sua alma imersa em fel de amargura e iniquidade.

Após anunciar a Palavra em várias cidades samaritanas, Pedro retorna a Jerusalém, mas ali já não se detém ali como antes. Lucas nos informa em At 9.31-32 que as comunidades cristãs espalhadas pela Judéia, Samaria e Galiléia se fortaleciam numa atmosfera tranqüila. Como crescessem sobremodo, demandavam norteamo apostólico. A paz que reinava nas igrejas da região devia-se ao fato de os líderes judeus terem desviado sua atenção para a perseguição que seus compatriotas sofriam em Alexandria, no Egito (38 A.D.) e para os distúrbios causados pelo insensato Calígula que exigia sua estátua no templo de Jerusalém (39 A.D.).

Envolvido na assistência às igrejas da região da Judéia, Pedro opera um milagre em Lida, curando o paraplético Enéias e fazendo o Evangelho triunfar na cidade, bem como na vizinha Saroná (At 9.32-35). Dali, parte em direção a Jope (atual Yaffa), distante dezoito quilômetros, na costa mediterrânea, em atenção à solicitação dos irmãos, que há pouco haviam perdido uma de suas mais piedosas companheiras, Tabita. Lucas não nos deixa claro se o insistente pedido dos cristãos de Jope para o comparecimento de Pedro visava uma operação miraculosa sobre a falecida, ou apenas a mera participação do apóstolo no funeral. De qualquer modo, ao ser usado pelo Espírito Santo na ressurreição de Tabita, Pedro torna-se conhecido na cidade e estende sua permanência ali por tempo indeterminado.

Num dado dia, enquanto ainda exercia seu ministério em Jope, hospedado por um certo Simão curtidor, Pedro é arrebatado por uma visão que, a princípio, não compreendera (At 10.9-17). Na verdade, o êxtase do apóstolo em Jope era parte de uma intervenção do Espírito que visava romper suas densas barreiras sectárias, como mais tarde ele próprio reconhece (At 10.34-35)- Assim, devidamente alertado pelo Espírito, Pedro não se opôs a seguir com os três desconhecidos que, vieram a seu encontro desde

Cesaréia, a pedido do centurião romano Cornélio, que muito desejava vê-lo (At 10.23).

Várias cidades da Palestina certamente estavam nos planos evangelísticos do célebre apóstolo, mas não a "pequena Roma", como era conhecida a pomposa Cesaréia. Construída por Herodes, o Grande, a partir de 25 a.O, a cidade, cujo nome honrava a César Augusto, tornou-se, desde 12 a.C, a capital romana da Palestina e residência oficial do procurador para lá destinado. Por seu estilo de vida gentílico, Cesaréia, embora próspera, não era bem vista pelos judeus palestinos mais devotados, como Pedro. Acerca do conflito interior vivido pelo apóstolo nessa que se tornou sua primeira missão aos gentios, Frank Stagg comenta (*op. cit.*, p. 116).

"O profeta Jonas fugira para Jope, buscando escapar da missão para Nínive, cuja destruição ele desejava. Ele não tomou nenhuma iniciativa no sentido de pregar aos gentios, mas foi forçado a fazê-lo. Pedro se achou em Jope quase na mesma situação. Pela atividade missionária de outros e por causa do progresso do movimento cristão, viu-se forçado a dar atenção aos gentios.

(...)

Foi dito a Pedro que 'parasse de chamar de comum' (esta é a força do original grego) aquilo que Deus purificara (At 10.15). Embora a visão se repetisse por três vezes, Pedro ainda ficou perplexo quanto ao que ela podia significar. Havia tido grandes oportunidades como seguidor de Jesus e conhecia a obra pioneira de homens como Estevão e Filipe. Não obstante, Pedro só se deu por vencido e somente cedeu à luz depois de fortemente premido. Seu progresso foi penosamente vagaroso e lento."

Embora soe um pouco severo em sua análise, Stagg pode estar próximo daquilo que se passou no íntimo do apóstolo naquele momento inusitado

A medida que a bela silhueta de Cesaréia se desenhava no horizonte, Pedro tornava-se ainda mais inquieto, diante da perspectiva de "manchar-se" em função do contato com os gentios que ali viviam. Mais preocupante ainda era o fato de aquele que o solicitara ser um oficial integrante das odiadas forças de ocupação romanas. Contudo, para Pedro, o desenrolar dos acontecimentos dos últimos dois dias não deixava dúvidas de que a visão que tivera em Jope era, de fato, da parte de Deus, assim com a revelação do tal centurião que o mandara buscar. Essa certeza tornava-se tanto mais inquietante quanto mais confrontava os austeros valores que Pedro, como judeu, aprendera desde menino.

Ao chegarem à residência de Cornélio, o constrangimento do apóstolo ao ver-se

compartilhando o mesmo teto com vários gentios aos quais fora enviado, é observado por Stagg (*ibidem*, p.l 18).

"A ansiedade de Cornélio e a relutância de Pedro são aqui contrastadas de modo assaz chocante. Cornélio teve sua visão cerca da hora nona (três da tarde) e enviou logo seus mensageiros. Viajaram de Cesaréia a Jope (cerca de trinta milhas) até o meio-dia do dia seguinte. Cornélio deixou de parte todos os outros negócios e por quatro dias esperou a chegada de Pedro (At 10.30). Estava tão interessado que reuniu em sua casa seus parentes e amigos íntimos (At 10.24). Ao contrário, Pedro parecia movimentar-se como que empurrado por um dever. A demora inicial até o dia seguinte pode ser justificada, pois os enviados de Cornélio necessitavam repousar e Pedro precisava aprontar-se para a viagem do dia seguinte. Mas levava quase dois dias a viagem de Jope a Cesaréia. Enquanto Cornélio ansiosamente buscava congregar outras pessoas para ouvir o Evangelho, Pedro ocupava-se em arranjar testemunhas de defesa, a fim de proteger sua reputação, levando-as consigo a Cesaréia e mais tarde a Jerusalém."

Após deter-se em justificações que denunciavam seu embaraço (At 10.2/-29) e, tomando ciência daquilo que se sucedera dias atrás a Cornélio (At 10.30-33), Pedro expõe o Evangelho a sua platéia gentia, sob os olhares observadores dos seis cristãos judeus que o seguiram.

Antes que pudesse concluir sua preleção, o apóstolo e os da circuncisa que o acompanhavam, foram tomados de grande espanto ao constatarem que o dom de Deus se manifestara poderosamente naqueles desprezados gentios. Se Deus não os recusou Seu Espírito, como poderia Pedro recusar-lhes a água, com a qual deveriam ser batizados?

Reconhecendo a direção divina no sucedido, Pedro cedeu ao convite daqueles novos irmãos para que permanecesse em Cesaréia por alguns dias. A essa altura, não é difícil imaginarmos que uma notória mudança se iniciava na visão do apóstolo em relação aos gentios. Afinal, Pedro passara dias ali mantendo íntima comunhão com homens incircuncisos; essa atitude, inimaginável a um judeu, exigiria sérias explicações do apóstolo aos anciões da Igreja em Jerusalém, ainda zelosos das tradições judaicas. De fato, Lucas dedica mais da metade do capítulo onze de Atos na descrição desse interrogatório enfrentado mais adiante pelo apóstolo.

O testemunho de Pedro acerca do ocorrido em Jope e Cesaréia abalou as estruturas da enclausurada Igreja de Jerusalém, e revelou àqueles líderes judaizantes

uma dimensão do Evangelho que até então não conheciam. Doravante, não mais caberia uma concepção messiânica que adotasse Israel por limite. Afinal, todos ali, concordemente, reconheceram que *até aos gentios Deus concedeu o arrependimento para a vida* (At 11.18).

Decorria o ano 44 quando o inominável Herodes Agripa decidiu lançar-se contra a liderança da Igreja em Jerusalém, visando amenizar a antipatia que sua origem iduméia suscitava na cúpula religiosa judaica. Segundo Stagg, a oportunidade de Agripa fortalecer-se junto aos judeus aconteceu com a aprovação dos líderes cristãos à conduta de Pedro em Cesaréia, já que os apóstolos haviam escapado às perseguições judaicas dos dias de Estevão justamente por permanecerem fiéis à observância da Lei. Assim, a deferência — pela Igreja de Jerusalém — do precedente aberto por Pedro com os gentios tornara-se uma postura imperdoável para os líderes judaicos. O impasse gerou a ocasião que Agripa esperava para adular as lideranças rabínicas que, a princípio, não o toleravam. Após passar ao fio da espada Tiago Maior, irmão de João, o tirano — sentindo a boa repercussão entre os religiosos de Israel — encarcerou Pedro que, como se vê, ainda mantinha seu ministério estabelecido em Jerusalém, após todos esses anos (At 12.1-3).

Repleta de peregrinos vindos de vários cantos do mundo antigo, Jerusalém respirava, então, ameaças contra a Igreja. A violenta ação de Agripa tornara-se conhecida das multidões que lotavam as ruas da cidade. Para autores como Donald Guthrie, o encarceramento de Pedro — ao contrário da execução sumária de Tiago Maior — se explicaria pelos desígnios politíqueiros de Herodes Agripa de apresentá-lo à multidão durante a Páscoa, antes de executá-lo, à semelhança do que ocorrera com Jesus. Ciente da inexplicável libertação de Pedro durante seu encarceramento pelos saduceus (At 5.17-20), Agripa, além de destacar uma guarda mais competente e numerosa, prende o apóstolo em duas correntes, como garantia de que nenhuma surpresa se faria dessa vez (At 12.4-7).

Demonstrando grande confiança nos propósitos de Deus, Pedro entregou-se a um sono repousante na noite que precedia sua planejada execução. Enquanto a Igreja incessantemente intercedia por ele, o anjo do Senhor, pondo-se no interior da cela, despertou-o do pesado sono e, rompendo as algemas que o prendiam, fê-lo passar despercebido pelas sentinelas e, por fim, pelo portão de ferro que faceava a rua. Coleman comenta a cena (*op. cit.*, p.71):

"Neste incidente da prisão, Pedro dormia tão profundamente que a luz brilhante do

anjo nem chegou a despertá-lo. O anjo teve de cutucá-lo. Pedro dormia em paz, muito embora Herodes pudesse tê-lo executado."

E interessante citarmos que a sombria tradição medieval fez brotar a veneração das algemas de Pedro, aqui citadas por Lucas. Abençoados pelo contato com o corpo do santo prisioneiro, aqueles artefatos teriam sido achados, guardados e passados sucessivamente pelos cristãos primitivos que — segundo a crendice — viam neles propriedades terapêuticas que podiam libertar os cativos dos mais diversos males. A tradição bizantina afirma que, séculos depois, as supostas correntes de Pedro foram levadas a Constantinopla por reis piedosos e expostas à veneração pública.

De volta à narrativa de Lucas, vemos que aquela intervenção tão extraordinária fora aos olhos de Pedro que custou alguns minutos para que ele — mesmo acostumado aos milagres divinos — se certificasse de que tudo não se tratava de um delírio, mas de uma ação real de Deus em seu socorro (At 12.9).

Cheio de júbilo, Pedro decide dirigir-se a uma das congregações cristãs de Jerusalém, a casa da mãe de Marcos, a fim de testemunhar sobre como Deus operou graciosamente em seu favor. Como era de se esperar, a súbita presença do apóstolo ali causou um misto de espanto e alegria entre os irmãos que por ele intercediam naquela madrugada.

Misteriosamente, Lucas relata que, após o encontro com aqueles fieis, Pedro decide *partir para outro lugar* (At 12.17). Doravante, a atenção do autor de Atos volta-se para as missões de Paulo e seus companheiros, em seu crescente avanço missionário entre os gentios. Pedro sai de cena, tornando a ser mencionado apenas no capítulo 15, quando de seu testemunho no Concílio de Jerusalém. A partir daí não mais é citado no Livro de Atos. Esse silêncio de Lucas sobre os feitos posteriores de Pedro é tanto mais relevante quanto maiores foram os clamores da tradição medieval com respeito a sua primazia na Igreja, como veremos mais adiante, ao tratarmos do tema.

Qual seria, pois, esse *outro lugar* para onde Pedro se dirigiu após aquela miraculosa libertação? Teria o apóstolo, naquele momento de intervenção divina, recebido instruções acerca de alguma missão fora de Jerusalém (ou de Israel)? Por onde teria andado Pedro entre o lapso que separou sua libertação das mãos de Agripa e o Concílio de Jerusalém, ou seja, entre 44 e 50 A-D-? Na tentativa de responder a questões como estas, relevantes para a investigação do ministério do apóstolo, estaremos a seguir nos detendo em alguns relatos tradicionais que enfocam as missões de Pedro posteriores àquelas descritas por Lucas em Atos. Com efeito, a porção da história eclesiástica sobre

as narrativas pós-bíblicas de Pedro, embora permeada pela fantasia em alguns momentos, tem muito a esclarecer sobre seu longo ministério fora de Israel.

As missões de Pedro no mundo gentílico

A tradição católica enfatizou o ministério petrino em Roma, para onde diz ter o apóstolo transferido sua autoridade espiritual, e de onde teria dirigido a Igreja primitiva, após cumprir seu tempo em terras palestinas. A impropriedade tanto histórica como teológica desse argumento será tratada, com a devida acuidade, mais adiante.

A julgar pelas citações dos Pais da Igreja, não há dúvidas de que Pedro realmente viveu e exerceu ministério em Roma. Entretanto, a questão mais relevante aqui é saber por onde andou o apóstolo entre sua partida de Jerusalém e sua chegada a Roma, já que alguns anos devem ter separado uma da outra.

A tradição, tanto primitiva como medieval, propõe diversas possibilidades para o episcopado pós-bíblico do apóstolo, como constataremos a seguir. Talvez um bom começo para o rastreamento de seus passos após sua obscura partida da Palestina, seria considerarmos as adjacências da Ásia Menor, para cujos crentes Pedro endereça sua primeira epístola, escrita — segundo alguns — em Roma, por volta de 64 A. D. (1 Pe 1.1).

"Pedro, apóstolo de Jesus Cristo, aos eleitos que são forasteiros da Dispersão, no Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia e Bitínia."

Têm-se dito que a referência do apóstolo a essas províncias — que hoje mpõem o norte da Turquia — seria um indício seguro de sua passagem por ali. De sua passagem talvez, mas de um ministério prolongado, é pouco provável. Por que, então, Pedro as citaria de forma tão destacada em sua epístola? Esta é uma questão difícil de ser resolvida, já que a tradição posterior nada acrescenta sobre um suposto ministério petrino naquelas regiões Certo é que esses territórios romanos ficavam a meio caminho entre Antioquia da Síria e cidades como Corinto e Roma, locais onde Pedro esteve mais demoradamente. Eram também regiões prósperas, de cultura predominantemente grega, cheias de cidades populosas e muito bem servidas por estradas e portos. Foram, ademais, abrigo de numerosas colônias de judeus da Dispersão, alvo dos missionários que priorizavam seus patrícios nas evangelizações, como parece ter sido o caso de Pedro (Gl 2.8,9).

A Ásia Menor e sua circunvizinhança, com todos seus atrativos, hospedou diversos vultos do cristianismo primitivo. Já citamos anteriormente os casos de João, Filipe,

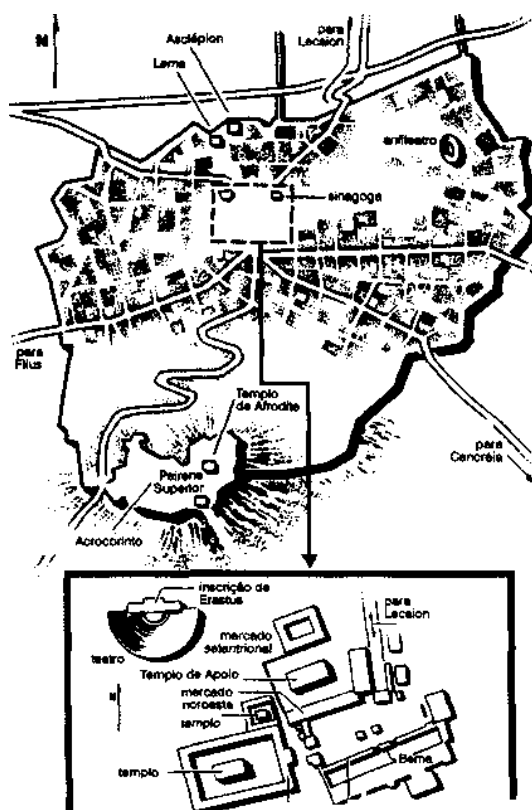
Bartolomeu, Paulo, Papias, Irineu, Poltcarpo e outros. Foi, por isso, uma das regiões do Império onde a fé cristã se desenvolveu com maior rapidez. Com tudo isso, não há razões para se descrever da passagem do velho apóstolo por ali. No entanto, se tomarmos apenas sua primeira epístola como base para imaginarmos um longo ministério em alguma daquelas províncias, devemos ser cuidadosos. Isto porque logo adiante no texto, o apóstolo lembra seus destinatários acerca daqueles *"que vos preparam o Evangelho"* sem propriamente se identificar com eles. Deve-se considerar também que a notoriedade que Pedro alcançara na Igreja decerto permitia que dirigisse cartas semelhantes a comunidades onde nunca havia estado. Este é presumivelmente o caso das regiões citadas em 1 Pe 1.1. De qualquer modo, deve-se ter em mente que, se Pedro alguma vez rumou por terra ao ocidente, teria estado invariavelmente em algumas daquelas províncias.

Outra boa razão para cremos numa passagem - ainda que breve - de Pedro pela Ásia Menor são as tradições que ligam seu ministério a uma cidade próxima dali, se bem que do outro lado do Mar Egeu: Corinto. A pujante capital da província romana da Acaia está entre os mais prováveis campos de trabalho pastoral de Pedro antes de sua chegada a Roma.

Maior e mais próspero porto comercial da Grécia romana, Corinto era uma bela cidade de quase quinhentos mil habitantes — também notabilizada por sua licenciosidade - logo transformada num ponto estratégico para as missões cristãs da época. Floyd Filson, em sua obra *Opening the New Testament*, descreve as características culturais de Corinto, quando da chegada dos primeiros missionários cristãos (p.112).

"Neste ativo centro encontravam-se não apenas gregos, mas também visitantes de muitos países e raças diferentes. Alguns se estabeleciam ali, enquanto outros permaneciam apenas por pouco tempo. Os mercadores itinerantes, os caçadores de emoção e os nativos ávidos por dinheiro desempenharam, todos, importante papel no rebaixamento moral da cidade."

A forte presença judaica em Corinto - confirmada pela arqueologia moderna - constituiu



outro fator que a transformou num alvo atraente para aqueles missionários judeus-cristãos. Paulo foi um dos que viram na localidade excelentes perspectivas para uma promissora expansão do Evangelho na região da Acaia. Ali chegando em cerca de 52 A.D., o apóstolo - ao lado de Aquila, Priscila, Timóteo e Silas - permaneceu na cidade por dezoito meses ministrando para judeus e gentios (At 18.1-11) e ganhando para Cristo até mesmo alguns de seus magistrados como Erastus, o tesoureiro da cidade (Rm 16.23), que escavações recentes descobriram ser também comissário e administrador local.

Em sua primeira carta aos coríntios, escrita em Éfeso por volta de 56 A.D., Paulo nos fornece algumas pistas que ligam o ministério de Pedro à grande cidade de Corinto. Como vemos no texto paulino, com o passar do tempo, alguns cristãos penderam excessivamente para as orientações dos vários pregadores que ali estiveram, a ponto de produzirem grande dissidência na Igreja da cidade. Pedro, como pode-se deduzir a partir de 1 Co 1.12 e 3.22, estava entre aqueles que ali ministraram. Mais ainda, o fato de Pedro fazer-se acompanhar de sua família em Corinto - como lembra Paulo em 1 Co 9.5 — sugere que a presença do apóstolo ali não se limitou a uma breve visita pastoral, mas a um ministério mais prolongado.

Os escassos fragmentos de uma certa *Epístola aos Romanos*, escrita em fim do segundo século por Dionísio, bispo de Corinto (c. 170 A.D.), embora sem acrescentar muitos detalhes, confirma o ministério petrino naquele lugar [*in*: Eusébio, *História Eclesiástica*, II, XXVII).

"Portanto, vós também, por semelhante admoestação, estais ligados em estreita união às igrejas plantadas por Pedro e Paulo, como a dos romanos e dos coríntios. Porquanto ambos vieram a nossa Corinto e nos ensinaram da mesma forma que vos ensinaram quando estavam na Itália."

A tradição da Igreja, infelizmente, não conservou documentos que permitissem à posteridade elucidar os detalhes da permanência de Pedro em Corinto. Assim, não sabemos exatamente quando o apóstolo chegou ali, tampouco quanto tempo se demorou na cidade. Entretanto, tomando-se como referência a partida de Paulo dali e o posterior envio de sua primeira epístola aos coríntios — onde Pedro é citado — é provável que o ex-pescador tenha permanecido em Corinto por um dado tempo entre 53 e 57 A.D.

Ora, se Pedro desembarcou em solo coríntio para dar prosseguimento ao trabalho de cristianização iniciado por Paulo — como fizera, por exemplo, com o trabalho de Filipe na Samaria (At 8.14-25) - é certo que já se demonstrava aberto, àquela altura, para o

envolvimento pastoral com uma congregação heterogênea como a coríntia, como podemos deduzir de seu próprio testemunho no concílio de Jerusalém, pouco antes, em 50 A.D. (At 15.7-9).

"Havendo grande debate, Pedro tomou a palavra e lhes disse: Irmãos, vós sabeis que desde há muito tempo Deus me escolheu dentre vós para que, por meu intermédio, ouvissem os gentios a palavra do Evangelho e cressem. Ora, Deus que conhece os corações, lhes deu testemunho, concedendo o Espírito Santo a eles, como também a nós nos concedera. E não estabeleceu distinção alguma entre nós e eles, purificando-lhes pela fé os corações."

Porém, mais significativo ainda do que o trabalho missionário de Pedro em Corinto, foi aquele que provavelmente o precedeu, isto é, sua estada na importante cidade de Antioquia da Síria.

Nenhum centro gentílico manteve vínculos tão estreitos com a história da Igreja, em suas primeiras décadas, como Antioquia. Fundada três séculos antes de Cristo pelos reis gregos da Síria, Antioquia foi, desde o princípio¹⁰ muito povoada por judeus, os quais gozavam ali de ampla liberdade e *ú*° mesmos direitos dos cidadãos gregos. No período apostólico, a cidade — Já ampliada e adornada pelos romanos com aquedutos, termas, pontes e um fiteatro — abrigava cerca de duzentos mil habitantes, tendo se tornado um dos cinco maiores centros urbanos do império e a residência oficial do governador romano na Síria.

Esse conjunto de fatores, adicionado a sua proximidade com Israel, fez de Antioquia uma cidade extremamente importante nas primeiras campanhas missionárias para o mundo gentílico. Sua posição estratégica transformou-a na "Igreja mãe" da evangelização da Ásia Menor e da Europa.

Lucas narra, em At 11.19-30, detalhes importantes que envolvem o surgimento e o desenvolvimento da congregação cristã de Antioquia. Fundada por judeus cristãos foragidos das primeiras perseguições em Jerusalém, aquela recém implantada Igreja viu o número de seus fiéis florescer vertiginosamente, em parte, porque a evangelização daquele lugar não se restringiu à população judaica. Tal foi a rapidez com que o Evangelho se espalhou entre judeus e gentios antioquanos que, em pouco tempo, esses , crentes foram identificados, pela primeira vez na história, pelo nome que os distinguiria para sempre: cristãos.

Com as notícias da expansão da fé em Antioquia, a liderança da Igreja em

Jerusalém decide enviar para lá homens que, por sua maior experiência ministerial, auxiliariam o desenvolvimento da jovem congregação. O piedoso Barnabé foi o primeiro deles, seguido mais tarde por Paulo e alguns profetas de Jerusalém, entre os quais Agabo, que previu a fome que em alguns anos afetaria toda aquela região.

A intimidade que se estabeleceu, desde o princípio, entre as comunidades de Antioquia e Jerusalém, acabou imprimindo um traço particular na teologia da Igreja síria, que a acompanhou ao longo de toda sua longa história. A influência do pensamento judaico-cristão pautado na historicidade do homem Jesus e na relevância das escrituras veterotestamentárias fez de Antioquia um notável centro de defesa da ortodoxia do Evangelho, nos muitos momentos em que novas e perigosas correntes doutrinárias pipocavam pela Igreja.

Segundo alguns autores de biografia apostólica, Pedro esteve entre as autoridades que cuidaram do treinamento e do desenvolvimento da Igreja de Antioquia em seus primórdios. Sobre esse tema, a figura de Inácio, bispo de Antioquia, assume grande importância, já que esse famoso autor e mártir patristico foi contemporâneo dos apóstolos.

Profundamente envolvido com a Igreja antioquina, Inácio fora seu bispo ao longo de quase toda a segunda metade do primeiro século. Sob sua direção, aquela congregação — um dos celeiros do cristianismo primitivo no mundo gentílico — perseverou fielmente nos momentos mais difíceis, como nos dias da perseguição de Domitianus em 95 A.D. Seu pastorado na cidade só foi interrompido no início do segundo século, após seu aprisionamento durante o reinado de Trajano, que mandou executá-lo por volta de 107 A.D., entregando-o às feras durante os saturnais em Roma. Escrevendo acerca do ministério de Inácio em Antioquia, o historiador Eusébio de Cesaréia acabou acrescentando algo interessante sobre a passagem de Pedro na cidade síria (*op. cit.*, p.120).

"Por este tempo floresceu Policarpo na Ásia, um íntimo discípulo dos apóstolos, que recebeu das mãos de testemunhas e servos do Senhor o epis-copado da Igreja que está em Esmirna. Na mesma época, Papias foi reconhecido como bispo da Igreja de Hierápolis; homem deveras capacitado em todo conhecimento e muito familiarizado com as Escrituras. Da mesma sorte, Inácio, que é celebrado por muitos até o presente dia como sucessor de Pedro em Antioquia, tornou-se o segundo a exercer o ofício episcopal naquele lugar."

Se o historiador patrístico estiver correto, Pedro foi o primeiro bispo de Antioquia, tendo legado sua primazia para Inácio, que conduziu a congregação até o início do segundo século (embora outros autores primitivos mencionem um certo Evodrius como o verdadeiro sucessor petrino). Essa possibilidade histórica que - se confirmada - traria ainda maiores embaraços à doutrina romana da sucessão apostólica, encontra no historiador Jean Danielou outro defensor (*The Christian Centuries*, p.50).

"Permanece verdadeiro o fato de que, se a Igreja de Antioquia não é realmente petrina, tem muitos laços com este apóstolo. Sabemos que ele lá esteve numa data muito remota. Os escritos apócrifos petrinus eram muito populares em Antioquia, como informam Teófilo e Serápion. A 'Ascensão de Isaías' é o primeiro trabalho a mencionar o martírio de Pedro. Portanto, o cristianismo judaico de Antioquia aparece sempre representando a posição petrina. Percebemos igualmente os vínculos dessa comunidade com o setor fenício da Igreja, que era particularmente dependente de Pedro. Os mesmos laços foram encontrados em outras regiões que vieram a estar sob a influência do apóstolo, as quais estavam em comunicação com Antioquia.

Eusébio nos conta que a região do Ponto, e as vizinhas Bitínia, Capadóciae Calácia dependiam diretamente de Pedro. Outros fatos confirmam esta posição. A primeira epístola de Pedro foi endereçada aos cristãos dessa região.(...) O Ponto e a Capadócia constituíam extensões geográficas do norte da Síria, e foi exatamente nessa direção que a província se expandiu."

Eruditos católicos, como Hugo Hoever, em seu livro *Lives of the Saints*, "ambém atestam o ministério do apóstolo Pedro em Antioquia (p. 82):

"Historiadores cristãos afirmam positivamente que São Pedro fundou a Sé de Antioquia, antes de dirigir-se a Roma. Antioquia era, então, a capital do Oriente. São Gregório, o Grande, atesta que o príncipe dos apóstolos foi bispo daquela cidade por sete anos."

A mesma posição é defendida por historiadores da Igreja copta, como ziz Atyia {*A History of Eastern Christianity*, p.172):

"Ademais, Eusébio confirma que a Igreja de Antioquia foi fundada por São Pedro, o qual se tornou seu primeiro bispo, antes de sua transferência para a sé romana. De

acordo com a tradição, ele presidiu ali por sete anos, de 33 a 40 A.D., quando nomeou São Evódio como seu vigário antes de partir em direção oeste. Enquanto o círculo da pregação do Evangelho se expandia no sentido leste para Edessa, Nisibis e para a distante Malabar, com os apóstolos Tomé e Mar Addai (São Tadeu), a queda de Jerusalém em 70 A.D., apenas contribuiu para o aumentado número de cristãos que se dirigiam para Antioquia."

Certamente as datas apresentadas por Aziz Atyia para a presença de Pedro em Antioquia não podem ser consideradas dignas de crédito, já que Lucas deixa bem claro, ao longo dos doze primeiros capítulos de Atos, que Pedro permaneceu ministrando a Palavra nas imediações da Judéia e Samaria até a perseguição infligida por Agripa em 44 A.D., após a qual - e só então - deixou a Palestina visando outras regiões (At 12.17). Além do que, a origem da Igreja antioquina, tratada pelo evangelista em At 11.19-30, é por ele atribuída aos judeus *dispersos pela perseguição suscitada por causa de Estevão*, entre os quais Pedro não se encontrava. Nenhuma menção ao ministério de Pedro em Antioquia antes que lá chegassem Barnabé, Paulo e outros profetas de Jerusalém é, portanto, digna de crédito.

Mesmo que perdida na penumbra da história, a ocasião precisa do estabelecimento de Pedro em Antioquia deve ter se dado ainda no princípio de seu mistério fora de Israel, portanto, a partir de 44 A.D. Paulo, que lá chegou ^s primeiros anos daquela congregação (At 11.25-26), escrevendo aos gaiatas, idêntica não apenas o ministério de Pedro naquela cidade, como também a *nstrangedora* — porém necessária — repreensão que teve então de exercer brevemente o apóstolo (Gl 2.11-14).

"Quando, porém, Cefas veio a Antioquia, resisti-lhe face a face, porque se tornara repreensível. Com efeito antes de chegarem alguns da parte de Tiago, comia com os gentios; quando, porém, chegaram afastou-se e, por fim, veio a apartar-se temendo os da circuncisão. E também os demais judeus dissimularam com ele, ao ponto de o próprio Barnabé ter se deixado levar pela dissimulação deles. Quando, porém, vi que não procediam corretamente segundo a verdade do Evangelho, disse a Cefas na presença de todos: Se, sendo tu judeu, vives como os gentios, e não como judeu, por que obrigas os gentios a viverem como judeus?"

Levando-se em consideração a possibilidade da Epístola aos Gaiatas ter sido escrita pouco antes do Concílio de Jerusalém (49-50 A.D.), podemos sugerir uma data

para a presença de Pedro na sé antioquina entre os anos 44 e 50 A.D. Comentando acerca do deslize de Pedro em Antioquia, Everett Harisson completa (*pp. cit.*, Vol.5, p.147).

*"Esta é a terceira ocasião na qual Paulo entrou em contato com Pedro. A primeira vez ele simplesmente ficou conhecendo Pedro; na outra ele descobriu a unidade e igualdade que havia entre eles; desta vez ele foi levado a discordar dele e repreendê-lo.(...) Pedro **afastou-se** (dos irmãos gentios) gradualmente, conforme sugere o original, talvez se ausentando em uma refeição do dia, em duas no outro, e finalmente excluindo-se inteiramente.*

*O exemplo de Pedro influenciava os outros. O verbo **dissimularam** (disfarçaram), geralmente traduzido para **hipocrisia**, significa uma falta de correspondência entre os atos externos ou o comportamento e o estado do coração.(...) No caso de Pedro, suas convicções internas eram perfeitas, pois ele endossava a igualdade dos judeus na Igreja, mas sua conduta não correspondia às suas convicções."*

Pode-se questionar as tradições acerca da fundação da Igreja antioquina por Pedro, ou ainda de ter sido ele o primeiro bispo ali, como antecessor de Inácio. Contudo, devemos ter como certa a influente presença do apóstolo naquela comunidade, ainda em seus primórdios. Experiências vividas por Pedro naquela Igreja — como a referida oposição de Paulo — possivelmente resultaram no maior amadurecimento de sua posição quanto ao trato com os gentios, influenciando positivamente suas posteriores missões entre eles.

Outra importante tradição relativa à vida pós-bíblica de Pedro diz respeito a sua campanha missionária a Babilônia, na Mesopotâmia. A breve menção à cidade aparece no encerramento de sua primeira epístola, nas saudações finais a seus destinatários (1 Pe 5.13).

A controvérsia acerca da viagem de Pedro a Babilônia, onde o apóstolo teria pregado especialmente entre os judeus, merece uma abordagem m¹ cuidadosa. Muitos eruditos têm asseverado que o termo *Babilônia* present na epístola não passa de uma figura de linguagem usada pelo apóstolo para referir-se à cidade de Roma, já que a capital imperial ficou assim conhecida entre os cristãos primitivos. Os que pensam assim, citam como confirmação as menções posteriores de João também atribuídas a Roma, em Apocalipse 14.8;16.19;17.5;18.2,10. Em oposição a esse raciocínio, outros têm dito que João, como prisioneiro romano durante a escrita do Apocalipse, tinha razões para

elaborar sua mensagem de maneira figurada, a fim de que esta passasse despercebida da censura romana. Os defensores do ministério petrino em Babilônia, sustentam que, como esse não era o caso de Pedro em Roma durante a composição da epístola, não haveria razões para o autor referir-se figuradamente ao local de origem de sua epístola.

O fato de Babilônia ter se tornado atraente aos apóstolos, por abrigar uma considerável colônia judaica desde 36 A.D., é questionado por aqueles que destacam a intervenção de Calígula em cerca de 41 A.D., quando teriam sido dispersos os judeus babilônios, após hediondo massacre. Como até essa data Pedro provavelmente não havia deixado a Palestina, argumenta-se que Babilônia teria perdido sua atratividade como alvo evangelístico por ter sua colônia judaica aniquilada. Por outro lado, a não ser que saibamos qual a amplitude da repressão infligida por Calígula em Babilônia ou até que ponto os judeus dispersos não mais retornaram para lá após a morte do déspota (que se deu no mesmo ano), não podemos afirmar que a colônia judaica da cidade tenha realmente sido abolida naquela ocasião.

Outros ainda argumentam que Pedro poderia estar se referindo à comunidade de Babilônia no Egito, uma antiga colônia de refugiados assírios localizada onde se encontra atualmente a grande metrópole do Cairo. Contra essa possibilidade, entretanto, está o fato de que tal localidade, em tempos apostólicos, havia sido reduzida a um pequeno posto militar. Ademais, não há qualquer apoio na tradição cristã de que Pedro algum dia tenha realizado campanhas missionárias por aquela região.

Talvez o mais forte argumento contra a presença de Pedro em Babilônia seja o próprio teor de sua primeira carta. São muitas as referências do autor às vicissitudes em função das perseguições contra os cristãos. E certo que a situação referida pelo apóstolo não diz respeito aos levantes que os judeus suscitaram contra a Igreja, mas às primeiras perseguições do estado romano, que começava a ver no cristianismo uma ameaça aos seus interesses. Como as datas da segunda perseguição, sob Domitianus e da terceira, sob Trajanus — respectivamente em 96 e 111 A.D. — são incompatíveis com a autoria da epístola, resta-nos a oposição suscitada pelo doentio Nero, em 64 A.D. O problema que temos nesse caso é que o autor dirige seu consolo e encorajamento às comunidades cristãs espalhadas pelas regiões da Ásia Menor, Ponto, Capadócia, Bitínia e Galácia (1 Pe 1.1), onde a perseguição de Nero — pelo menos oficialmente — não se fez sentir.

Existe ainda a hipótese de Pedro estar se referindo a algum possível levante localizado e de menor porte — sobre o qual a história silenciou — que teria atribulado os cristãos nessas partes do império, anteriormente à perseguição de Nero em Roma. Nesse caso, a presença de Pedro em Babilônia, quando da composição desta carta, não seria

de todo improvável. De qualquer modo, a tradição das igrejas orientais não deixa dúvidas quanto à presença ministerial do apóstolo em Babilônia sobre o Eufrates.

Embora incomparavelmente mais humilde do que a suntuosa cidade dos dias de Nabucodonosor (séc. VII a.C), a Babilônia dos tempos apostólicos permanecia como um grande centro urbano e um importante entreposto nas rotas comerciais para o oriente. A Babilônia era uma das grandes cidades localizadas imediatamente ao oriente de Antioquia, perfeitamente acessível àqueles que seguiam pela rota comercial romana. Esse é um detalhe importante, na medida em que Antioquia da Síria pode ter sido a cidade a partir da qual Pedro rumou no sentido leste.

Mesmo que a colônia judaica de Babilônia - suposto alvo de Pedro - tenha sido reduzida durante o massacre de Calígula, esse quadro pode ter sido facilmente revertido, já que outras regiões próximas da cidade, como Elão, Partia e Média - com as quais a Babilônia mantinha laços comerciais - também possuíam significativa presença de judeus e de prosélitos seus (At 2.9), o que poderia facilitar o repovoamento judaico da cidade. E digno de nota o fato de que ainda hoje existem colônias primitivas de judeus no Iraque, onde se situava a antiga Babilônia.

Portanto, se Pedro orientou seu apostolado para alcançar primeiramente os da circuncisão (Gl 2.9) e as regiões a leste da Palestina estavam povoadas de colônias judaicas, é aceitável que o apóstolo tenha exercido, por algum tempo, ministério em Babilônia e de lá tenha dirigido sua epístola aos cristãos da Ásia Menor e adjacências. Não seria seguro tentar definir datas para o suposto ministério petrino em Babilônia. Entretanto, as menções que o autor faz às perseguições em sua primeira epístola, nos sugerem um período próximo de sua partida para Roma, ou seja, algo em torno de 50-60 A-D-

Antes de focalizarmos o extenso trabalho de Pedro em Roma, devemos considerar, ainda, outro lendário paradeiro do apóstolo em suas jornadas^s evangelísticas: a Britânia, ou Inglaterra.

Quando tratarmos da biografia de Simão Zelote, comentamos as condições vigentes na Britânia dos tempos apostólicos. Embora a narrativa de úlio César tenha pintado um quadro primitivo dos povos daquela região, sabemos hoje que essa não era senão a visão tendenciosa de seus conquistadores. Afinal, como um povo tão selvagem poderia oferecer a mais longa e tenaz resistência jamais encontrada pelos romanos? Alguns afirmam que as famosas civilizações britânicas já existiam desde os tempos dos fenícios, com os quais, segundo se crê, mantiveram intercâmbio comercial.

Já devidamente colonizada pelos romanos nos dias apostólicos, o sul da Britânia

era, sem dúvida, uma região que poderia ter despertado interesse por parte de muitos missionários cristãos, entre os quais os próprios apóstolos. Os muitos relatos tradicionais sobre as missões de Simão Zelote e José de Arimatéia são prova disso.

George Jowett, em sua obra *The Drama of the Lost Disciples*, sugere que Pedro encontrava-se em Roma durante o edicto de Cláudio que expulsou os judeus da capital imperial em 50 A.D. Como outros conterrâneos seus que de lá foram banidos, Pedro teria se refugiado, por algum tempo na distante Britânia, onde estabelecera seu apostolado. Isso explicaria — segundo Jowett - a omissão de Paulo ao nome do apóstolo em sua Epístola aos Romanos, escrita em mais ou menos 56 A.D.

Para Jowett, Pedro teria evangelizado a Britânia durante o turbulento período das guerras de resistência contra Roma, chefiadas pelo rei bretão Caratacus. Com a derrota para o general romano Ostorius Scapula, em 51 v.D., Caratacus tentou debalde refugiar-se entre os nativos do norte do Ipaís, os quais acabaram por entregá-lo aos romanos, por ordem da rainha -artimandua, aliada dos conquistadores.

Segundo o historiador Tacitus, após sua captura, Caratacus foi conduzido como prisioneiro a Roma, onde acabou atraindo a simpatia do imperador Claudius, que lhe concedeu clemência e lhe permitiu terminar em paz seus dias na capital imperial.

Lembrando a tradição, Jowett afirma que o apóstolo, durante seu suposto período de exílio na Britânia, teria se aproximado da família real de Caratacus. Anos depois, ao retornar a Roma teria tido, então, livre acesso ao *Palatium Britannicum*, onde a nobre família britânica dos Pudens terminou seus dias. Segundo as mesmas fontes citadas pelo autor, os filhos de Cláudia e Rufus Pudens foram criados aos pés de Pedro e Paulo em Roma, nos anteriores à execução dos apóstolos sob Nero.

Uma possível prova arqueológica da estada de Pedro na Britânia pode ser a pequena lápide de pedra bruta descoberta em Whithom, que traz a inscrição *Locvs Sancti Petri Apvstoli*, ou seja, o *local de São Pedro, o apóstolo*. Para comentaristas petrinos como Dean Stanley, a lápide teria sido produzida em alusão ao sítio onde o apóstolo teria sido divinamente avisado sobre seu iminente martírio, conforme 2 Pe 1.14. A citada revelação teria ocorrido — segundo Stanley -durante a última visita de Pedro à Britânia, pouco antes de seu retorno a Roma no local onde mais tarde foi erigida a antiga Igreja de Lamberdr.

De fato, as lendas falam de igrejas britânicas dedicadas ao apóstolo quase tão antigas quanto o próprio cristianismo. Diz-se que o primeiro rei bretão a consagrar a Pedro uma Igreja foi Lucius, descendente de Arviragus (identificado por alguns com Caratacus), que também teria decretado o cristianismo como religião oficial da região de

Winchester em 156 A.D. O santuário teria sido terminado em 176 A.D.

Em suas viagens com destino à Britânia, Pedro, segundo outras lendas, teria também ministrado na antiga Gália (atual França), que se situava a meio caminho. Contamos Jowett que, naquela região, Pedro pregou o Evangelho no templo rochoso dos druidas gauleses, conhecido como *Le Grotte des Druides*, sobre o qual foi construída posteriormente a mais antiga catedral da França.

Mas não são apenas os autores mais recentes que relacionam o apostolado de Pedro às regiões da Britânia e da Gália. O conteúdo da *O Ensino dos Apóstolos* nos mostra que essa tradição já era cultivada em fins do segundo século.

"A cidade de Roma, assim como toda a Itália, a Espanha, a Britânia e a Gália e todos os demais termos ao redor delas, receberam a ordenação apostólica do sacerdócio de Simão Cefas, que para lá se dirigiu desde Antioquia, sendo o líder e guia da Igreja que fundou naquelas regiões."

Conquanto as versões sobre o apostolado pós-bíblico de Pedro na Gália e na Britânia careçam de maior historicidade, não há - como vimos - razões suficientemente fortes para duvidarmos da presença de algum dos apóstolos como Simão Pedro, Simão Zelote e Filipe nessas localidades, sobretudo em função dos vínculos comerciais e culturais que elas mantinham com o restante do império durante os primórdios da era cristã.

O ministério e a execução de Pedro em Roma

Não há dúvida quanto a permanência de Pedro na capital imperial, durante os últimos anos de sua vida. Embora o Novo Testamento não deixe qualquer indício que prove essa possibilidade, muitos autores da chamada era patrística registram que o apóstolo não apenas passou ali a derradeira etapa de seu ministério, como também ali entregou sua vida em testemunho de sua fé.

Estes são alguns exemplos dos testemunhos históricos que atestam a presença do apóstolo em Roma.

"Mateus, pois, lançou entre os hebreus um Evangelho escrito em sua própria língua, enquanto Pedro e Paulo evangelizavam em Roma, estabelecendo os fundamentos da Igreja."

Irineu de Lyon (189A.D.), *Contra Heresias* 3,1-1

"Está registrado que Paulo foi decapitado na própria Roma e Pedro, da mesma sorte, foi crucificado durante o reino [do imperador Nero]. A narrativa é confirmada pela presença dos nomes de Pedro e Paulo nos cemitérios daquele lugar, os quais permanecem até os dias de hoje. E também confirmada pelo intrépido Gaius, que viveu nos dias de Zefirinus, bispo de Roma."

Eusébio de Cesaréia (312 A.D.), *História Eclesiástica* 2.25.5

"As circunstâncias que ocasionaram... [a escrita] do Evangelho de Marcos são estas: Quando Pedro pregou, pelo Espírito, o Evangelho publicamente em Roma, muitos dos presentes requisitaram que Marcos, que havia sido por muito tempo seu seguidor e que se recordava de seus dizeres, escrevesse tudo aquilo que o apóstolo havia proclamado."

Clemente de Alexandria (200 A. D. - citado em *História Eclesiástica* 6,14.1)

"Pedro, o primeiro escolhido dentre os apóstolos, tendo sido freqüentemente arrestado, lançado em prisões e tratado com ignomínia, foi, por fim, crucificado em Roma."

Pedro de Alexandria (306 A.D.), *Penitências, Cânon 9*

Poderíamos, ainda, acrescentar a esses relatos nomes como os de Tertuliano de Cartago, Cirilo de Jerusalém, Epifânio de Salamina, Ambrósio de Milão, Jerônimo de Belém, Agostinho de Hipona e outros tantos vultos do cristianismo primitivo. Mas apenas seria uma longa e cansativa lista de citações.

Se os textos resultantes desses autores patrísticos não respondem a muitas perguntas ligadas ao estabelecimento do episcopado de Pedro em Roma, eixam-nos, ao menos, a certeza de que a presença do apóstolo na capital constituía um ponto pacífico entre os teólogos mais expressivos do período pós-apostólico.

Por outro lado, atribuir a Pedro o pioneirismo na evangelização da cidade, como fizeram alguns desses Pais da Igreja (dentre os quais Irineu de Lyon) é uma afirmação assaz improvável, tanto histórica como bíblica. Isso porque é impossível precisarmos como e quando o Evangelho atingiu Roma. Sabemos apenas que o fez ainda muito cedo no período apostólico quando muitos dos doze ainda permaneciam na Judéia.

Como capital e maior centro urbano daquela época, para Roma fluíam miríades de viajantes e mercadores vindos das mais distantes regiões do império, entre as quais a

própria Palestina. Em At 2.10 somos informados que *forasteiros romanos* estavam entre aqueles que presenciaram as maravilhas do derramamento do Espírito sobre os apóstolos durante o Pentecostes. Muitos deles certamente se contavam entre os milhares que receberam a Cristo nas pregações de Pedro e dos demais apóstolos em Jerusalém naquele momento. Não é, portanto, crível que vários desses judeus habitantes de Roma, presentes em Jerusalém no Pentecostes, tenham levado consigo a semente do Evangelho ao retornarem à capital, tendo lá imediatamente disseminado a Palavra da Fé?

Caius Suetonius nos informa que, em cerca de 50 A.D., o imperador Claudius promulgou um édito que bania os judeus da capital do império. A causa era — segundo o historiador — os crescentes distúrbios entre eles, em função de alguns proclamarem a doutrina de um certo *Chrestos*. Os judeus-cris-tãos Áquila e Priscila, banidos de Roma nessa data e que se associaram a Paulo em Corinto (At 18.1-2), são uma evidência de que o historiador se referia não a *Chrestos*, mas sim a *Christus*, e tratava de algum possível tumulto causado pela reação dos judeus tradicionais à pregação de seus conterrâneos cristãos. Pela magnitude da providência tomada pelo imperador é presumível que o tumulto tenha sido de grande proporção, daí crermos na existência de um bom número de judeus cristãos na cidade já em 50 A.D.

Eusébio de Cesaréia escreveu em sua *História Eclesiástica* (11,14,61) que Pedro esteve em Roma entre 44 e 50 A.D., antes da expulsão decretada por Claudius. A data coincide com o silêncio de Atos sobre o apóstolo, após a morte de Tiago Maior em Jerusalém. Entretanto, é pouco provável que Lucas omitisse, em sua narrativa de Atos, a missão petrina na maior cidade do mundo, se ela realmente tivesse ocorrido naquele momento da Igreja. Além disso, como explicar o silêncio de Paulo no tocante a Pedro, em sua epístola aos romanos escrita por volta de 57 A.D.?

A tentativa feita por Eusébio de ligar o nome de Pedro à fundação da se romana é, para historiadores como Justo González, fruto da capitulação desse erudito - tido por muitos como débil - diante da pompa imperial de Constantino, chamado por ele de *bispo dos bispos*. A conversão do imperador de quem Eusébio era amigo — foi para o escritor um milagre semelhante aos do Livro de Êxodo. Portanto, não é de se admirar que o historiador tenha sido tendencioso em sua análise das origens do bispado romano.

Para McBirnie, os anos entre a saída de Pedro de Jerusalém (44 A.D.) e a expulsão dos judeus de Roma (50 A.D.) são a única data provável para o trabalho do apóstolo em Babilônia, se é que ele chegou a acontecer. Devemos considerar ainda esse período de tempo para encaixarmos seu episcopado em Antioquia que, pela proximidade com a Palestina, deve ter sido o primeiro do apóstolo em suas missões fora de Israel.

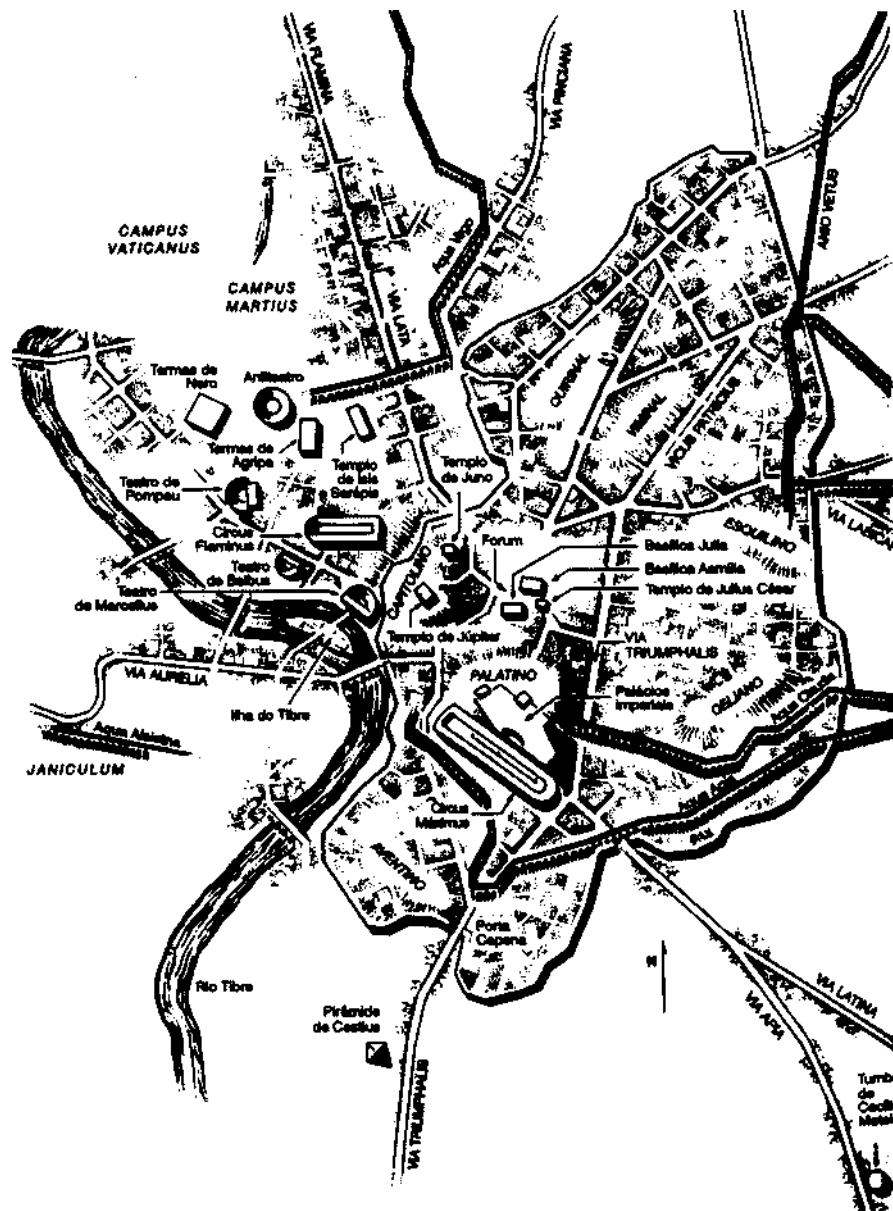
Seria mais razoável, portanto, considerarmos uma data posterior para a chegada de Pedro à capital do império. Talvez algo próximo de 60 A.D. fosse uma boa sugestão. Essa data, pelo menos, deixaria um espaço de tempo razoável para muitas das tradições ligando o apóstolo a lugares distantes como Antioquia, Babilônia, Corinto, Gália e Britânia.

William Smith, em *seu. A Dictionary of the Bible* (p.504) sugere que Pedro não chegou a Roma senão no último ano de sua vida, ou seja, entre 65 e 67 A.D. Doug Goins por sua vez, propõe em seu artigo *Salvation and Suffering* que o velho apóstolo teria atingido a capital imperial em cerca de 63 A.D., vindo da Ásia Menor. A esses cristãos da Ásia ele, anos depois, dirigiria de Roma sua primeira epístola. A data sugerida por Goins coloca Pedro atingindo Roma praticamente às vésperas da perseguição infligida por Nero.

Não é difícil entender porque Roma foi alvo das missões de Pedro. Como dissemos, a cidade era a capital do mundo ocidental. Segundo William Smith, sua população nos tempos apostólicos passava de um milhão de habitantes, dos quais quase a metade formada por escravos. Parte da outra metade era formada por miseráveis que habitavam os arredores do centro, onde se concentrava a elite local, conhecida por seus hábitos extravagantes e libertinos.

A população judaica de Roma já estava presente na cidade pelo menos desde os tempos da conquista da Palestina por Pompeu em 63 a.C., quando Muitos judeus foram para lá levados como escravos. Pouco depois Júlio César, ;tium rompante de misericórdia, tornou livres muitos deles. Semelhante benevolência foi também apresentada pelos imperadores Augusto e Tibério, este especialmente no final de seu reinado.

A tolerância para com os judeus favoreceu o rápido crescimento dessa colônia na cidade. Ao tempo dos apóstolos, a presença judaica na capital imperial já somava cerca de cinqüenta mil pessoas, além de um grande número de prosélitos dentre os gentios. Isso tornava a cidade atraente para Pedro uma vez que seu apostolado é apresentado no Novo Testamento como orientado particularmente aos da circuncisão (Gl 2.8-9). Da mesma sorte, talvez a maciça presença judaica em Roma explique porque naquela congregação, a princípio, predominava o uso da língua grega e não latina, como mostra a literatura da Igreja romana primitiva.



Roma nos tempos apostólicos.

Não se sabe muito sobre o ministério de Pedro em Roma, exceto algumas lendas, muitas das quais fantasiosas. Dentre as mais curiosas, sem dúvida está a que narra a oposição do apóstolo aos encantos de Simão Mago (At 8.9,13,18-f 24) que, de acordo com o relato, teria partido da Samaria para a capital imperial, onde lograra com seus feitiços a graça dos imperadores Claudius e Nero. Segundo o relato, Pedro seguiu seu rastro até Roma, onde — junto de Paulo — confrontou o místico em vários desafios públicos diante do imperador. Como a última tentativa para reconquistar a graça do soberano, o feiticeiro propôs lançar-se ao espaço e voar diante dos olhos de uma grande multidão. O bruxo teria conseguido levar adiante seu prodígio, até o momento em que Pedro teria caído de joelhos e clamado pelo fim daquele engodo satânico. Respondida, a súplica do apóstolo fez com que o mágico fosse precipitado desde as alturas,

esfacelando-se diante da estupefata multidão.

Os relatos de uma suposta viagem de Simão, o Mago, a Roma encontram-se também registrados nos escritos de vultos do cristianismo primitivo como Justino Mártir, cuja competência não pode ser questionada. O autor patrístico, escrevendo ao imperador Antoninus Pius, assim comenta a passagem do feiticeiro pela capital do império (*Primeira Apologia*, XXVI):

"(...) após a ascensão de Cristo aos céus, os demônios enviaram alguns homens que se chamavam a si mesmos deuses. Os tais eram não apenas disputados entre vós, como também tidos como dignos de toda honra. Havia um samaritano, Simão, nativo da aldeia de Citta, o qual durante o reino de Claudius César, em vossa cidade real de Roma, realizou sinais poderosos de magia, pela virtude da arte demoníaca que nele operava. Foi considerado um deus e como tal foi honrado entre vós com uma estátua, erigida sobre o rio Tibre, entre as duas pontes, e que trazia a seguinte inscrição na língua romana: 'Simoni Deo Sancto'."

O testemunho de Justino sobre a presença de Simão Mago em Roma pode ser um indício de que as lendas posteriores que relatam as disputas entre Pedro e o mago na cidade são apenas distorções de um episódio verdadeiro que envolveu ambos personagens bíblicos.

Alguns textos antigos revelam outra possível atividade de Pedro durante seu pastorado em Roma: a preparação e o envio de missionários. Segundo ^aalguns desses relatos, o velho apóstolo exerceu esse importante ministério durante seus últimos anos de vida na capital romana, de onde teria efetivamente enviado discípulos a várias regiões do império, no intuito de disseminar a mensagem do Evangelho.

Numa dessas narrativas encontramos a interessante história de três jovens cristãos — Eucarius, Valerius e Maternus — pupilos de Pedro em Roma, de onde foram enviados em missão evangelística à Germânia (atual Alemanha). Segundo a lenda, Eucarius foi sagrado bispo, enquanto Valerius e Maternus seus assistentes. A nota mais curiosa desse relato é o fato de Maternus ser apresentado como o filho único da viúva de Naim na Galiléia (Lc 7.11-17), que fora ressuscitado por Cristo. Ele teria se convertido e, mais tarde, seguido para Roma onde amadurecera aos pés do velho apóstolo. A lenda é bem clara ao frisar que, embora tenha tido tão destacada experiência com o Senhor, Maternus (como o mancebo era chamado em latim) não gozava de qualquer privilégio dentre os outros missionários enviados por Pedro àquela região. Os nomes desses santos são

ligados ao surgimento das igrejas de *Treverorum Augusta* (Trier) e *Colônia Claudia Ara Agrippinensium* (Colônia), na antiga Germânia, região conquistada por Roma cinco décadas antes de Cristo. Segundo a lenda, Maternus decidiu embrenhar-se sozinho território adentro, levando o Evangelho até a distante região de Tongern, ao norte da Germânia.

Conquanto enobreça a causa apostólica, a tradição sobre os três enviados de Pedro à Germânia merece uma abordagem mais cuidadosa. Isso porque em 313 A.D. os anais da história eclesiástica registram que um bispo de nome Maternus foi enviado pelo imperador Constantino às mesmas cidades germânicas, com o propósito de fundar ali congregações cristãs e combater a idolatria local.

Mas, se por um lado, a lenda que associa o nome do missionário Maternus a Pedro pode representar a corrupção de um evento evangelístico só ocorrido duzentos e cinquenta anos após o período apostólico, sob Constantino, e também difícil imaginarmos que o cristianismo tenha sido tão lento em atingir aquela importante região do império. Colônia, por exemplo, já existia como cidade — embora muito pequena — desde pelo menos 38 a.O, quando fora conquistada aos ubiers e rebatizada *Opidum Ubiorum*. Por influência de Agripina, esposa de Claudius César - que ali nascera - a cidade passou a se chamar *Colônia Claudia Ara Agrippinensium* em 50 A.D. Dezenove anos depois, Colônia tornou-se o centro administrativo das províncias imperiais da Germânia, Gália, Hispânia e Britânia, permanecendo assim por quase duzentos anos. *Treverorum Augusta* (Trier), por sua vez, também se destacou, desde os tempos apostólicos, como centro estratégico setentrional do império. Residência oficial do *praefectus pretorio*, a cidade abrigava vários oficiais da corte imperial, com suas respectivas famílias. Em 326 A.D., Constantino mandou construir ali um complexo santuário cristão, sobre o qual mais tarde foi erigida a catedral gótica de Nossa Senhora (*Liebfrauenkirche*). Trier, com sua importante escola teológica imperial, foi o berço do grande líder eclesiástico Ambrósio de Milão e o local onde se refugiaram, por algum tempo, grandes vultos da era patrística como Atanásio de Alexandria e Jerônimo de Belém.

Ambas cidades, como importantes centros culturais do império, acabaram celebrizando-se também pela idolatria e pelo culto pagão, tradicionais aos romanos. É pouco provável, portanto, que os apóstolos — ou seus discípulos imediatos — tenham negligenciado, em suas campanhas evangelísticas, uma região de tamanho peso estratégico para o cristianismo. Ademais, sabe-se que a fé cristã — embora proscrita — alcançou grande número de legionários ainda no primeiro século. Esses soldados serviam em diversas regiões do império, por onde - quais missionários infiltrados no

exército romano -espalhavam a semente da fé, muitas vezes sob pena da própria vida. Havia legiões estacionadas na Germânia, da qual Colônia tornara-se o principal posto militar. Por tudo isso, soa um tanto tardio o ano de 210 A.D. — proposto por alguns historiadores — como data da fundação da primeira congregação cristã em Colônia. Talvez o relato sobre o envio, por Pedro, do missionário Maternus à Germânia não passe de mera ficção, como insistem alguns. Mesmo assim, é possível que essa lenda represente a corruptela de algum evento envolvendo outros missionários para lá enviados pelo apóstolo, cujos nomes se perderam na História.

Segundo a tradição primitiva, o ministério de Pedro em Roma destacou-se também por sua colaboração literária. Além de suas duas epístolas gerais (a segunda das quais de autoria questionada pelos estudiosos), Pedro pode ter sido também o mentor do Evangelho de Marcos. O argumento mais significativo sobre essa possibilidade vem de Papias, bispo de Hierápolis (c. 130 A.D.). Eusébio de Cesaréia, em sua *História Eclesiástica* (3-39.15), registra o comentário do autor patrístico quanto a origem do Evangelho de Marcos.

"E o presbítero (João) costumava dizer isto: 'Marcos tornou-se intérprete de Pedro e escreveu com exatidão tudo aquilo de que se lembrava sobre as coisas ditas ou feitas pelo Senhor, embora não de modo ordenado. Pois ele não tinha ouvido o Senhor nem o havia seguido. Porém, mais tarde -como eu disse - seguiu a Pedro, que costumava ensinar os pronunciamentos do Senhor, conforme se tornava necessário. Assim, Marcos nada fez de errado ao colocar por escrito esses fatos isolados à medida que lembrava deles. De uma coisa ele cuidou: não deixar de fora nada do que ouvira e não fazer nenhuma afirmação falsa'."

O registro de Papias assume maior relevância na medida em que o apóstolo João é citado como fonte do relato. Irineu de Lyon, por sua vez, afirma que Marcos escreveu seu Evangelho logo após o martírio de Pedro em Roma, entre 67 e 69 A.D. Os autores alexandrinos Clemente e Orígenes, entretanto, dizem que o evangelista produziu o texto enquanto Pedro ainda vivia e com a devida ratificação do apóstolo, talvez entre 64 e 68 A.D. É possível que ambas as narrativas sejam complementares, ou seja, Marcos poderia ter começado seu texto enquanto Pedro ainda vivia e tê-lo terminado após a morte do apóstolo em Roma. Mas, é difícil crer que o escrito seja posterior a 70 A.D., já que não encontramos nele qualquer indício sobre a destruição de Jerusalém, ocorrida naquele ano. De qualquer modo, faz sentido pensarmos no jovem Marcos, um cristão romano,

servindo como tradutor para os sermões de Pedro em Roma, pois o apóstolo — ao contrário de Paulo — não devia dominar o latim, necessário para uma efetiva comunicação do Evangelho na cidade.

Outros autores patrísticos também atestam a participação de Pedro na elaboração do Evangelho de Marcos. É o caso de Pseudo-Barnabé, Hermas, Justino Mártir, Tertuliano de Cartago, Cirilo de Jerusalém, Jerônimo de Belém e Agostinho de Hipona. Assim também comentaristas modernos como Ashbury Smith, que enfatiza o teor petrino do Evangelho de Marcos (*The Twelve Christ Chose*, p.21,22).

"Crê-se que Marcos serviu como tradutor de Pedro quando este pregou em Roma. Enquanto Pedro repetidamente pregava acerca de suas experiências com Jesus, Marcos interpretava-o, vez após vez, para vários grupos de cristãos. Essa freqüente repetição conferiu a Marcos uma memória literal das reminiscências de Pedro. Após a morte do apóstolo, Marcos, conscientizando-se do valor dos relatos colhidos de Pedro, registrou tudo de que se lembrava, no documento que se tornou conhecido como o primeiro dos Evangelhos. Mateus e Lucas obviamente serviram-se do Evangelho de Marcos em seus escritos sobre a vida de Jesus. Destarte, Pedro é a fonte de nosso mais antigo Evangelho, tendo largamente suprido o primeiro registro escrito de nosso Senhor. Se essa reconstrução de eventos estiver certa, então o Evangelho de Marcos pode ser considerado a lembrança pessoal de Pedro sobre sua vida com Jesus e, como tal, seria uma das maiores contribuições de Pedro à Igreja."

Mas o que nos garante que o autor do primeiro Evangelho, que Papias diz ser o intérprete (gr. *hermeneutes*) de Pedro é o mesmo João Marcos de Atos

(At 12.12-25, 13.5,13, 15.37) e das epístolas (Cl 4.10, 2 Tm 4.11, Fm 24, IPe 5.13)? Bem, de fato, esse é um tema que suscita outro exaustivo debate histórico, que desviaria nossa atenção do tema principal. De qualquer modo, é importante lembrarmos que, se a autoria da obra se devesse a qualquer outro escritor homônimo de Marcos, sua menção na abertura do Evangelho não ocorreria sem uma identificação mais detalhada. Além disso, Pedro, ao encerrar sua primeira epístola, também menciona o personagem neotestamentário, chamando-o de filho, o que poderia sugerir inclusive a participação do apóstolo na conversão de Marcos.

Por fim, D. A. Carson em sua *Introdução ao Novo Testamento* (p.106), apresenta alguns vestígios literários que poderiam consolidar a suspeita sobre a influência petrina no texto de Marcos.

"Por outro lado, existem fatores que apontam para o relacionamento de Pedro com o Evangelho [de Marcos]. Afirma-se que as descrições intensas e detalhadas do segundo Evangelho são indícios de uma testemunha ocular. Outro aspecto particular desse Evangelho é a forma especialmente crítica como os Doze são apresentados. Embora seja encontrada em todos os quatro Evangelhos, a descrição dos discípulos como covardes, espiritualmente cegos e duros de coração é particularmente vivida em Marcos. Sustenta-se que isso indique um ponto de vista eminentemente apostólico, pois apenas um apóstolo teria autoridade para criticar tão duramente os doze. Dois outros fatores sugerem que esse testemunho tenha sido de Pedro. Em primeiro lugar, Pedro aparece com destaque em Marcos e a maneira mais natural de explicar algumas dessas referências é creditá-las ao próprio Pedro (e.g., as referências a Pedro 'lembrar-se' [Mc 11.21 ;14.72]). Em segundo lugar, C. H. Dodd assinala que o Evangelho de Marcos segue um esquema muito parecido com o encontrado no querigma apresentado por Pedro, que recordava os acontecimentos principais da vida de Jesus para fins evangelísticos, encontrado em At 10.36-41."

Não se sabe com clareza quanto tempo Pedro esteve ministrando em Roma. Mas, como vimos, é pouco provável que sua chegada ali tenha se dado antes de 55 A.D. Isto provavelmente o situaria na cidade durante o caos que se instaurou nos últimos anos do reinado de Nero. A tradição sugere fortemente que, em Roma, o apóstolo foi vítima de dura perseguição por parte das autoridades locais, durante o regime daquele imperador. Essa perseguição teria se dado, primeiramente, com seu aprisionamento e, algum tempo depois, com sua crucificação, como veremos mais adiante. McBirnie reconhece a procedência da tradição que vê Roma como o local do martírio de Pedro (*op. cit.*, p.64).

"Por fim, é importante registrar que em toda a narrativa da antiga literatura cristã há um completo silêncio acerca da morte de Pedro. Certamente não dispomos de qualquer referência que aponte outro lugar além de Roma que pudesse ser considerado como palco de sua morte. A favor dessa cidade, existem importantes tradições que afirmam que o apóstolo realmente expirou ali. Nos séculos dois e três, quando algumas igrejas começaram sua rivalidade com Roma, nunca ocorreu a qualquer uma delas contestar o clamor romano de ter sido o palco do martírio de Pedro."

Durante o período de 64 a 68 A.D., Roma tornou-se um local particularmente difícil

para se expressar a fé cristã. Ali, sob as ordens de Nero, estourou a primeira perseguição do estado romano contra o cristianismo, justamente aquela que, segundo a tradição, ceifaria a vida de Pedro.

Nascido em Antium em 37 A.D., Lucius Domitius Nero Claudius subiu ao trono em 54 A.D., sucedendo a Claudius César. Filho de Domitius Ahenobarbus e Agripina (irmã de Calígula), Nero foi adotado pelo imperador Claudius quando este casou-se com Agripina, sua sobrinha, após eliminar Messalina, sua terceira esposa.

Como outros imperadores, o inteligente e bem instruído Nero marcou seus primeiros anos de reinado com sábias medidas. Reconhecidamente bom administrador, o jovem César tornou-se popular por algumas decisões humanitárias, como as que suavizaram a sorte dos escravos e introduziram mais justiça aos libertos e devedores. No entanto, poucos anos foram necessários para que seus maus instintos — favorecidos por uma personalidade complexa e por um incontrolável sentimento de onipotência — afluíssem na mais abjeta crueldade. Sua extensa lista de assassínios começa já em 55 A.D., quando o déspota, preocupado com os direitos de seu meio-irmão Britannicus, envenena-o. Em 59 A.D., farto das intrigas de sua mãe, Agripina II, manda executá-la, sendo por isso felicitado pelo débil senado. Burrus, o chefe da guarda pretoriana, é morto em 62 A.D., mesmo ano em que Nero manda executar sua primeira esposa Otávia, filha de Claudius. Seus assassinatos são incrementados a partir de 65 A.D., quando um complô contra seu governo é desbaratado. Nero elimina, induzindo ao suicídio, vários senadores e figuras públicas como o general Gnaeus Corbulo e seu antigo tutor, o pensador Sêneca. A insanidade, que começava a minar seu prestígio, parecia se apoderar definitivamente do jovem monarca e os cristãos e judeus de Roma, em breve, pagariam um alto preço por isso.

Em 18 de julho de 64 A.D., a capital do Império arde em chamas. O incêndio prolongou-se por quase uma semana, voltando a se acender em alguns pontos da cidade durante três outros dias. Dos quatorze bairros de Roma, dez foram devastados pelo fogo. Aparentemente, o imperador se encontrava em sua residência em Antium, no momento em que a tragédia se principiou. Porém, nem mesmo essa evidência foi suficiente para aplacar a desconfiança da população romana, que via em seu soberano alguém há muito desprovido da sanidade mental. Diante desse quadro, surgiram rumores de que, enquanto a cidade se consumia, Nero encontrava-se no cimo do Monte Palatino, entoando com sua lira o hino da destruição de Tróia. Tal testemunho evoluiu rapidamente para a suspeita de que o próprio imperador engendrara o incêndio, numa louca tentativa de buscar inspiração para suas medíocres poesias ou, ainda, para a execução de seus planos de

reconstrução da área central de Roma, cuja arquitetura considerava artisticamente pobre.

A fim de apaziguar a fúria de uma população que clamava por justiça, Nero astutamente fez recair a culpa da tragédia sobre cristãos e judeus que, curiosamente, habitavam dois dos quatro bairros não atingidos pelas chamas. A calúnia de Nero contra os cristãos, somada aos rumores maliciosos que já havia contra eles, compuseram a atmosfera perfeita para a deflagração de um período de terror para a numerosa Igreja da capital romana. É compreensível o fato de cristãos e judeus serem associados em situações como essa. Até aquele momento da história, a maior parte dos pagãos ainda considerava o cristianismo apenas uma variante do judaísmo e não uma religião em separado.

O historiador romano Tacitus, que parecia crer no caráter accidental do incêndio e que provavelmente estava em Roma durante o sinistro, comenta a fama dos cristãos e o desenrolar daquela terrível perseguição encabeçada por Nero (*Anais* 15.44).

"(...) Nero fez aparecer como culpados os cristãos, uma gente odiada por todos por suas abominações, e os castigou com mui refinada crueldade. Cristo, de quem tomam o nome, foi executado por Pôncio Pilatos durante o reinado de Tibério. Detida por um instante, essa superstição daninha apareceu de novo, não somente najudéia, onde estava a raiz do mal, mas também em Roma, esse lugar onde se narra e encontram seguidores de todas as coisas atrozes e abomináveis que chegam de todos os rincões do mundo. Portanto, primeiro foram presos os que confessavam [ser cristãos] e, com base nas provas que eles deram, foi condenada uma grande multidão, ainda que não os condenaram tanto pelo incêndio, mas sim pelo seu ódio à raça humana.(...) Além de matá-los, fê-los servir de diversão para o público. Vestiu-os em peles de animais para que os cachorros os matassem a dentadas. Outros foram crucificados. E a outros acendeu-lhes fogo ao cair da noite, para que a iluminassem."

É possível, contudo, que Nero não tenha concebido sozinho o plano de supliciar os numerosos cristãos da capital. O professor de direito e historiador Emanuel de Moraes conta-nos sobre a suposta influência que a segunda esposa do monarca, Popéia Sabina, teria tido nessa decisão que tanto fez sofrer a Igreja romana (*A Origem e as Transformações do Estado*, livro 2, p. 194):

"Como se sabe, Nero repudiou-a [Otávia] sob pretexto de esterilidade, insuflado por Popéia Sabina, a quem - com o apoio do historiador judeu Flavius Josefo, que

freqüentou a corte nessa época - alguns apontam como uma prosélita do judaísmo, (sendo também anotado, como um dos prováveis motivos da perseguição que sofriram os cristãos [de Roma], o ódio que Popéia Sabina manifestava por S. Paulo.)"

A possibilidade da persuasão de Popéia sobre Nero no que tange à perseguição aos cristãos de Roma não deve ser desconsiderada, dado tanto o caráter pusilânime do jovem César como a forte influência que ela demonstrava ter sobre ele desde o tempo em que era apenas sua amante. Se Popéia de fato convertera-se ao judaísmo (o que pode ser questionado pela dissolução em que, supostamente, permaneceu até sua morte em 66 A.D.), tinha razões suficientes para desgostar do crescimento vertiginoso que o Evangelho alcançava em Roma, fomentado em especial pela pregação de homens como Pedro e Paulo.

Mas deixemos de lado as raízes da perseguição à Igreja romana e voltemos ao martírio de Pedro. Por razões que desconhecemos, o apóstolo parece não ter sofrido execução sumária como muitos outros fiéis, sobre cuja aflição escreveu Tacitus. Ao contrário, várias tradições dão conta de que o apóstolo foi aprisionado por algum tempo na terrível masmorra de Mamertina, um das mais abjetas construções concebidas pela bestialidade de Roma. Ali, segundo historiadores, centenas de prisioneiros perderam suas vidas sob as mais desumanas e execráveis condições já imaginadas.



A prisão de Mamertina é descrita como uma cela composta de duas câmaras superpostas, cortadas na rocha maciça, nas quais só se podia entrar através de uma abertura no teto. A câmara inferior era chamada "a câmara da morte", por ser absolutamente fétida e imersa na mais intensa escuridão. Diz-se que os gases oriundos dos detritos ali acumulados eram fatais à maior parte dos prisioneiros. Os poucos que a eles resistiam normalmente pereciam ante o frio atroz que reinava no calabouço. As profundezas aterradoras de Mamertina não puderam ser suportadas nem mesmo por seus mais valentes prisioneiros, como o chefe gaulês Vercingetorix e o africano Jugurta. Conta a lenda que, nesse poço mortal, onde inúmeros cristãos conheceram o martírio, Pedro sobreviveu miraculosamente por cerca de nove meses. George Jowett acrescenta (*op. cit.*, p. 176):

"Como Pedro pode sobreviver àqueles nove longos e terríveis meses, é algo que vai além da imaginação humana. Durante todo seu encarceramento, ele esteve algemado em posição vertical e acorrentado a uma coluna, o que o tornava incapaz de deitar-se para repousar. Ainda assim, esse espírito magnífico permaneceu intrépido e cheio de fervor imortal na proclamação da glória de Deus em Seu Filho Jesus Cristo. A história nos conta que, a despeito de todo sofrimento ao qual estava sujeito, Pedro converteu ali seus carcereiros Processus e Martinianus, além de outros quarenta e sete prisioneiros."

Escrevendo sua primeira epístola aos Coríntios (cap. V), em fins do primeiro século, Clemente de Roma, ao citar o martírio de Pedro, endossa a idéia de que o velho apóstolo foi submetido a um período de sofrimento, anteriormente a sua tradicional execução por crucificação.

"Retenhamos os exemplos fornecidos em nossa própria geração. Em função da inveja e do ciúme, os maiores e mais justos pilares [da Igreja] foram perseguidos e sentenciados à morte. (...) Pedro, vítima da inveja iníqua, padeceu não apenas uma ou duas, senão numerosas aflições antes de ser, por fim, martirizado, partindo para o glorioso lugar para ele preparado."

Dentre as mais curiosas lendas sobre seu martírio na capital imperial, estão as que narram a visão que o apóstolo teria tido ao partir da cidade, durante o princípio do terror contra os cristãos empreendido por Nero. Pedro, na pressa de fugir da perseguição, teria se encontrado com Jesus, a quem surpreso, perguntara: *Quo vadis, Domine?* ("Onde

vais, Senhor?"). Ante a enfática resposta de Jesus, *Venio Romam iterum crucifigi* ("Vou a Roma para ser novamente crucificado") o apóstolo compreendeu que chegara a hora de pagar com seu sangue o testemunho da fé que intrepidamente e por tantos anos proclamara. Retornou, então, à cidade, foi capturado e, posteriormente, crucificado conforme nos conta a tradição. O sítio dessa lendária aparição foi eternizado com um pequeno templo em cujo piso se encontra aquilo que a tradição diz serem as marcas dos pés do Senhor.

Uma vez capturado e, possivelmente após o sofrimento em Mamertina, o apóstolo teve um fim não menos doloroso que o de outros tantos mártires cristãos que, naqueles dias trabalhosos, preferiram entregar-se ao martírio a negar o senhorio dAquele que os resgatou. Eusébio de Cesaréia retratou assim o martírio de Pedro em Roma, sob a crueldade de Nero (*op. cit*, p.80):

"Assim, Nero, publicamente apresentando-se como principal inimigo de Deus, prosseguiu em sua fúria para massacrar os apóstolos. Paulo é citado como tendo sido decapitado em Roma, e Pedro crucificado próximo dele. Este relato é confirmado pelo fato de os nomes de Pedro e Paulo permanecerem no cemitério daquela cidade até os dias de hoje."

Algumas das mais antigas tradições rezam que Pedro foi conduzido ao alto da colina do Vaticano onde, a seu pedido, os executores inverteram a cruz em que estava preso, deixando-o lentamente expirar de cabeça para baixo, por não ser — como ele mesmo teria frisado — digno de morrer como seu mestre. Esse relato é corroborado por Jerônimo de Belém (*Vidas de Homens Ilustres*, I).

"Pedro foi levado a Roma durante o segundo ano (do reinado) de Cláudio para destronar Simão Mago, e ocupar ali a cadeira sacerdotal por vinte e cinco anos, até o décimo quarto ano de Nero. Das mãos deste ele recebeu a coroa do martírio, tendo sido cravado numa cruz com sua cabeça virada para a terra e seus pés levantados para o alto, ao afirmar que era indigno de ser crucificado semelhantemente ao seu Senhor."

Este relato, embora tradicional, encontra eco histórico no testemunho do escritor Sêneca, tutor e conselheiro de Nero. Sêneca alega, em uma de suas cartas, ter visto muitos criminosos serem crucificados de cabeça para baixo, durante um período de tempo próximo ao da morte de Pedro. Certamente, a maioria dos tais *criminosos* referidos

pelo célebre erudito, era composta por cristãos, posto que essa era a exata perspectiva com que o pagão romano os via. Diz-se que durante as ocasiões onde se registraram grande número de execuções por crucificação (como na revolta de Espartacus, na guerra dos judeus e nas perseguições aos cristãos), os soldados romanos procuravam escapar da monotonia daquela execução divertindo-se ao variar as posições com que os condenados eram cravados à cruz. A atitude de escárnio dos executores romanos para com o condenado à crucificação não constitui novidade, como vemos no próprio caso de Cristo.

Conquanto a maior parte das tradições atribua a execução de Pedro ao inominável Nero, encontramos no apócrifo *Atos de Pedro* uma descrição alternativa do seu martírio. Segundo esse texto, Pedro, difundindo prosperamente a fé cristã em Roma, teria alcançado com o Evangelho quatro influentes mulheres da corte imperial: Agripina, Nicária, Eufêmia e Doris, todas concubinas do prefeito Agripa. A mensagem do apóstolo, norteadas pela pureza e castidade teria lhes causado — em face dos pecados que até então cometiam — tamanha contrição que, conjuntamente, decidiram não mais se corromper com Agripa. O magistrado, descobrindo através de enviados secretos, a origem daquele comportamento, irou-se profundamente contra o apóstolo e contra suas quatro mulheres, as quais mandou castigar com grande furor. O ódio incontido de Agripa juntou-se ao de outro magistrado, Ajbínus, um certo amigo de César, cuja mulher, Xantipa, também fora influenciada a uma vida de santidade. Tomando conselho entre si, Agripa e Ajbínus decidiram matar Pedro, a fim de reconquistarem a normalidade de suas vidas conjugais.

Tomando ciência da mancomunação contra Pedro, Xantipa alerta os irmãos que, vendo o iminente perigo que corria o ancião, suplicaram-lhe que deixasse imediatamente a cidade, a fim de que escapasse daquela investida. Convencido, o apóstolo teria mudado sua aparência e partido sozinho de Roma em direção a algum lugar seguro. Conta a lenda que, em sua jornada de fuga, Pedro havia encontrado com Jesus e, em função do testemunho deste, desistido de sua idéia inicial (aqui, a narrativa dos *Atos de Pedro* assemelha-se a já citada lenda *Quo Vadis?*).

De volta a Roma, Pedro apresenta-se a sua congregação e testemunha acerca da visão divina que mudara sua decisão. Enquanto ainda falava aos irmãos, quatro soldados irromperam com truculência, lançando mão do ancião e conduzindo-o até a presença do inexorável Agripa. A lenda termina narrando que numerosa multidão de fiéis seguiu a Pedro, na expectativa de acompanhar o que se sucederia ao velho apóstolo. Mesmo suplicando com grande insistência, aqueles numerosos cristãos não conseguiram con-

quitar a clemência do magistrado que, sob a acusação de ateísmo, manda crucificar a Pedro. Diante do sofrimento que se aproximava, o apóstolo teria serenamente exclamado {cap. XXXVII).

"Ó cruz, tu que és mistério oculto! Ó graça inefável que é pronunciada em o nome da cruz! O natureza humana, que não pode permanecer separada de Deus! O doce comunhão, indizível e inseparável, que não pode ser manifestada por lábios impuros! Apodero-me de ti, agora que estou ao fim de minha jornada. Declararei aquilo que tu és, e não mantereis silêncio diante do mistério da cruz, o qual desde muito foi coberto e oculto da minh'alma.

Não permitais, ó vós que esperais em Cristo, que a cruz vos seja aquilo que parece. Pelo que, é algo distinto daquilo que aparenta ser; ela é a própria paixão conforme experimentada por Cristo."

Por fim, a obra apócrifa afirma que Nero, ao contrário do que dizem as demais tradições, não comandou a execução do apóstolo, vindo por isso a indispor-se grandemente com o prefeito Agripa (cap. XLI).

"Mas Nero, sabendo que Pedro havia partido dessa vida, culpou o prefeito Agripa, por tê-lo feito expirar sem seu consentimento. Pois o soberano ansiava punir o apóstolo com mais severidade e com maior tormento. Isso porque Pedro fizera discípulos a alguns daqueles que serviam o soberano, impelindo-os a deixarem sua companhia. Em função disto, Nero irou-se profundamente e, por um longo período não dirigiu a palavra a Agripa. Pelo que, buscava destruir todos aqueles que tornaram-se discípulos de Pedro."

O teor gnóstico e fantasioso de grande parte do apócrifo *Atos de Pedro* é facilmente perceptível. Contudo, a menção da participação do *praefectus* Agripa na morte do apóstolo pode ser o indício de que o ministério petrino em Roma despertou a animosidade de outros magistrados além do próprio imperador. Ademais, a possibilidade de Pedro ter convertido muitas mulheres da alta sociedade romana - e com isso ter despertado a oposição de seus maridos pagãos - também não é nem um pouco remota. Algumas lendas envolvendo outros nomes apostólicos também narram fatos semelhantes. Lembremos, por exemplo, do caso de Filipe, em Hierápolis, na Frígia, condenado à crucificação pela conversão da esposa do procônsul local. Na Britânia, pouco antes ou talvez durante a presença do apóstolo Simão Zelote na ilha, houve grande agitação pela

suposta conversão da esposa do general romano Aulus Plautius ao cristianismo. A reação enérgica dos pagãos — especialmente daqueles ligados a cargos públicos — cujas mulheres se convertiam à fé cristã é compreensível pelo caráter proscrito imposto ao cristianismo. Muitos boatos difamatórios relacionavam os cristãos a várias práticas execráveis e ao ateísmo. Para um membro do governo romano, ter uma esposa suspeita de associar-se aos cristãos era algo que poderia gerar terríveis conseqüências. Em Roma, onde Pedro acabou seus dias, sabemos pelos escritos de Paulo que, durante os tempos de sua prisão na cidade, já havia convertidos entre os da corte imperial (Fl 4.22):

"Todos os santos vos saúdam, especialmente os da casa de César."

Há razões para crermos que Pedro teve, de fato, acesso aos escalões mais altos da sociedade romana, onde - segundo as lendas - teria conquistado muitos seguidores para Cristo. O fato de ser um remanescente dos discípulos do Senhor fazia de Pedro alvo da curiosidade de todo aquele que se interessasse pelo cristianismo na cidade, fosse um simples escravo ou um nobre da corte. Uma vez que - segundo Paulo - havia convertidos na *casa de César*, é provável que muitos deles buscaram o contato com Pedro, a fim de ouvirem a experiente ministração do apóstolo.

Como já vimos, o nome de Pedro — assim como o de Paulo — está tradicionalmente ligado à evangelização da família de Cláudia e Rufus Pudens no *Palatium Britannicum*, onde esses bretões descendentes da família real de Arviragus viveram tranqüilamente seus dias em Roma, após a clemência do imperador Claudius.

Lembremos também que as lendas sobre o confronto de Pedro com o mago Simão em Roma colocam o apóstolo em contato direto com a nobreza da cidade. Diz-se que ali, diante do olhar atônito de muitas autoridades e ilustres cidadãos, o velho apóstolo teria desmascarado as imposturas de Simão, adorado pelos romanos como mais um de seus vários deuses.

Jean Danielou, em seu livro *The Christian Centuries*, registra um detalhe que confirma a suspeita de que Pedro teve acesso ao topo da pirâmide social romana (p.166).

"Um certo Paron colocou à disposição de São Pedro sua casa, assim como seus jardins internos, que podiam abrigar quinhentas pessoas."

Ademais, a tradição católica, baseada em autores patrísticos como Irineu, Hipólito e Eusébio, afirma que o sucessor de Pedro na direção da Igreja romana - se é que o

apóstolo algum dia exerceu este ofício - foi um nobre de nome Linus, possivelmente o mesmo citado por Paulo em 2Tm4.21. Filho de Herculanus, Linus era oriundo da região de Toscana e de ascendência etrusca, marca comum a muitos nobres romanos. Não se sabe ao certo se esse ilustre cristão, cujo episcopado diz-se ter durado doze anos e meio, é fruto direto da pregação de Pedro. De qualquer forma, sua amizade com o velho pescador torna evidente o acesso do apóstolo à nobreza romana. Linus é, portanto, mais um exemplo de como a pregação apostólica atingiu os altos escalões da estratificada sociedade romana ainda na primeira metade do século I.

Petronila, a lendária filha de Pedro

Sabemos, por dedução bíblica, que Pedro era casado (Mt 8.14-15, 1 Co 9-5), embora não haja nas Escrituras qualquer menção sobre sua esposa ou seus possíveis descendentes. A tradição, entretanto, fala acerca da mulher de Pedro e de sua fidelidade na obra missionária, ao lado do apóstolo. Edgar Goodspeed lembra o relato que encerra seu martírio em companhia do marido (*The Twelve*, p.157).

"As palavras finais de Pedro a sua mulher, quando esta estava sendo conduzida ao martírio foram registradas por Clemente de Alexandria em sua obra 'Miscelâneas' e repetidas por Eusébio na 'História Eclesiástica': 'Diz-se que, quando o bendito Pedro viu sua própria esposa sendo conduzida para a morte, regozijou-se por aquela convocação que a chamava de volta ao lar. Pedro, chamando-a pelo nome, dirigiu-lhe estas palavras de encorajamento e conforto: O, tu, lembra-te do Senhor!'"

Mais numerosas e significativas do que as tradições sobre a esposa de Pedro são aquelas que enfocam sua filha, sobre a qual o texto bíblico silencia. De fato, muitas lendas primitivas dão conta de que o apóstolo teve uma filha, Petronila, que teria seguido ainda jovem para Roma, em companhia de seus pais. É curioso notarmos que a maior parte das tradições acerca de Petronila relatam que a jovem sofria de algum tipo de problema físico. Anna Jamerson resume as narrativas acerca da personagem (*op. cit.*, p.215):

"O apóstolo Pedro teve uma filha nascida de núpcias lícitas, que o acompanhou em suas jornadas para o Oeste. Estando em Roma junto a ele, foi acometida de aflitiva enfermidade, que a privou do uso de seus membros. E sucedeu-se que, estando os

discípulos com Pedro à mesa, um deles interpelou-o: 'Mestre, como é isto, que tu, que curas as enfermidades de outros, não curas tua própria filha Petronila? E respondeu-lhe São Pedro: 'E proveitoso para ela permanecer enferma'. Mas, para que pudessem atestar o poder da Palavra de Deus, Pedro ordenou à menina que se levantasse e que os servisse à mesa, e ela assim o fez. Após ter assim procedido, Petronila voltou a jazer, impotente como dantes.

Muitos anos depois, tendo sido aperfeiçoada por seu sofrimento e orando com grande fervor, foi curada. Petronila tornou-se maravilhosamente bela, de sorte que Valerius Flacus, um nobre romano, pagão, enamorou-se de sua formosura, desejando-a por esposa. Sendo ele muito poderoso, Petronila temeu recusá-lo. Pedindo, entretanto, que o jovem retornasse em três dias, ela prometeu-lhe que a levaria para sua casa. Porém, Petronila orou fervorosamente a fim de ser liberta desse perigo e, quando Flacus retornou após os três dias, com grande pompa para celebrar o casamento, encontrou-a morta. A companhia de nobres que o seguiam carregou o corpo até o sepulcro no qual a depositaram, coroada por rosas. Assim, Flacus levantou grande lamentação.

A lenda data o falecimento de Petronila no ano 98, ou seja 34 anos após a morte de São Pedro."

Grande parte das lendas sobre a personagem estão conectadas com o fragmento copta do apócrifo *Atos de Pedro*, que sugere uma considerável influência gnóstica, especialmente por sua ênfase celibatária. Nessa obra há uma lenda semelhante à registrada por Anna Jamerson (cap. I):



Pedro e Paulo ouvem com serenidade a condenação diante de Nem. A arte paleocristã geralmente retrata Pedro com cabelos espessos e barba curta. Paulo, como uma figura de testa grande, rosto alongado e barba pontuda.

"Pedro, eis que em nossa presença tu tens feito muitos cegos verem, muitos surdos ouvirem e muitos paralíticos andarem. Tens socorrido os fracos e dado-lhes força. Contudo, como não socorres tua filha, a virgem, que formosamente cresceu e tem crido no nome de Deus? Pelo que, um de seus lados permanece completamente paralisado e, eis que ela, impotentemente, jaz estendida num canto. Eis que vemos aqueles aos quais tu curaste, entretanto tua própria filha tu tens negligenciado.

Pedro, entretanto, sorrindo disse-lhe: Meu filho, cabe apenas a Deus a razão por que seu corpo não foi tornado são. Sabe, porém, que Deus não é fraco nem impotente para conceder Seu dom a minha filha. Portanto, para que tua alma se convença e para que aqueles que aqui estão creiam ainda mais (olhando, então, ele para a menina), disse a sua filha: Levanta-te onde tu estás, sem ajuda de ninguém, exceto de Jesus, anda perfeitamente diante destes e chega-te a mim. E ela levantou-se e veio a ele, e a multidão regozijou-se diante do que se sucedera. Alegraram-se todos ainda mais e louvaram a Deus. Entretanto, Pedro disse a sua filha: Vai-te para teu lugar, e deita-te novamente em tua enfermidade, pois assim é necessário para mim e para ti. E a virgem foi-se e se recostou como antes. A multidão, entretanto, chorou e suplicou a Pedro que a curasse. O apóstolo, porém, disse-lhes: Assim como vive o Senhor, tal é necessário para ela e para mim. Pelo que, no dia em que ela me foi dada por filha, tive uma visão na qual o Senhor me disse: 'Pedro, neste dia uma grande provação nasce para ti, porquanto tua filha trará dores a muitas almas se seu corpo permanecer são'. Eu, porém, pensava comigo que aquela visão me ludibriava. Então, quando a virgem completou seus dez anos, uma pedra de tropeço foi posta diante de muitos por causa dela. Um certo homem, excessivamente rico e de nome Ptolomeu, ao vê-la banhar-se ao lado de sua mãe, mandou buscá-la para tê-la como esposa. Entretanto, sua mãe não o permitiu. Ele porém, freqüentemente mandava-a buscar, pois já não podia mais esperar.'"

A seqüência do sucedido a Petronila é momentaneamente interrompida no texto original pela ausência de alguns de seus fragmentos. Entretanto, Agostinho de Hipona, citando a mesma obra, diz que a virgem foi raptada pelo nobre, diante do que Pedro teria pedido a Deus que a protegesse. A prece do apóstolo - segundo Agostinho - é respondida e metade do corpo da jovem é afetado por uma mirradora paralisia. O texto apócrifo

retoma a narrativa mencionando que os servos de Ptolomeu devolveram, então, a virgem, deitando-a à porta da casa de seus pais. Pedro e sua esposa, ao verem a menina paralisada, com um de seus lados mirrados, regozijaram-se por ela não ter sido defraudada pelo raptor pagão.

Sem dúvida, a narrativa dos *Atos de Pedro* apresenta situações — como essas ligadas a Petronila - que dificilmente seriam aceitáveis mesmo para o mais ingênuo leitor. Entretanto, é surpreendente que outras lendas registrem alguns paralelismos com essa obra apócrifa, no que tange à vida de Petronila, como quanto a sua enfermidade e à proposta de casamento que recebeu por parte de um nobre pagão. Não seria possível que relatos fantasiosos como *Atos de Pedro* fossem o resultado de ampliações e acréscimos posteriores a fatos realmente ocorridos com a filha de Pedro?

Os restos mortais de Pedro

Dorman Newman, em *The Lives and Deaths of the Holy Apostles* (p.20), comenta acerca da tradição segundo a qual, após a execução de Pedro num sítio próximo à colina do Vaticano, seu corpo foi tomado pelo presbítero Marcellinus, um de seus discípulos, que o teria preparado de acordo com rituais judaicos e sepultado na mesma colina, próximo à Via Triunfal, onde erigiu-se mais tarde um pequeno santuário. O próprio Newman esclarece o sucedido ao corpo do apóstolo nos anos seguintes (p.21):

"O corpo de Pedro foi removido para o cemitério da Via Ápia, a duas milhas de Roma, onde descansou na obscuridade até o reinado de Constantino, o qual reconstruiu e alargou o Vaticano, em honra ao apóstolo."

Sabe-se que uma das principais obras eclesiásticas de Constantino foi a construção da Igreja dos Santos Apóstolos em Constantinopla, inaugurada na Páscoa de 337 A.D. Para esse pomposo santuário o imperador — alegadamente convertido ao cristianismo — tentou enviar e depositar tantas relíquias apostólicas quantas pudesse encontrar. Teria ele feito o mesmo com os restos mortais de Pedro? McBirnie esclarece {pp. cit., p. 18).

"Grande empreendimento foi realizado em busca das relíquias dos apóstolos. O imperador Constantino planejou construir em Constantinopla o que ele chamou 'A Igreja dos Santos Apóstolos'. Em suas dependências ele desejava preservar os restos (ossadas ou fragmentos de ossos) dos apóstolos. De fato, ele foi bem sucedido na preservação das

reliquias de Santo André, de São Lucas e de São Timóteo (os dois últimos, conquanto não fizessem parte dos doze, eram próximos deles). Aparentemente Constantino sentiu que deveria manter os ossos de São Paulo e São Pedro em Roma, embora tivesse seus próprios planos para os restos de São Pedro. De bom grado, o imperador erigiu a Basílica de São Paulo em Roma. Mas, como se especula, a Igreja romana relutou em permitir a partida dos ossos de Pedro [para Constantinopla]. O imperador aparentemente não forçou a questão, mandando então construir uma Igreja sobre o local de repouso de São Pedro, esperando talvez que mais tarde pudesse removê-los para Constantinopla."

A referência de Newman à construção, por Constantino, de um santuário dedicado ao apóstolo na colina do Vaticano, foi confirmada pela arqueologia moderna. Em 1971, a renomada *National Geographic Magazine* (Vol. 10, nº 6, p. 872), publicou, em sua edição de dezembro, uma extensa reportagem sobre as descobertas arqueológicas relativas aos restos de Pedro, apenas três anos após o anúncio oficial pelo papa Paulo VI. Recentemente, o Dr. John Curran da *Queens University* de Belfast, comentou em seu artigo *The Bones of Saint Peter?* alguns detalhes importantes de como se processou o achado das relíquias do apóstolo. De acordo com o catedrático irlandês, em 1939, quando, a pedido de Pio XII, fazia-se uma escavação para reestruturar a Gruta do Vaticano, onde estava a tumba de Pio XI — e de outros papas — o pontífice se viu forçado a ordenar o aprofundamento das escavações, em face de algumas descobertas relevantes ali realizadas. A menos de um metro abaixo do piso, encontrou-se algo inesperado: um cercado, cheio de terra, cujo teto havia sido violentamente partido. Intrigados pelo achado, os trabalhadores cavaram a terra que enchia a construção até a profundidade de uns quatro metros e meio, onde encontraram a porta daquilo que foi identificado como um antigo mausoléu romano. As quatro inscrições que marcavam os túmulos sugeriam que os achados pertenciam a uma certa família Caetenii. Mas logo se percebeu que aqueles túmulos não eram solitários. Devidamente avisado, o papa Pio XII mudou seus planos originais de construir ali a capela subterrânea e enviou uma equipe de oficiais do Vaticano, composta pelos arqueólogos jesuítas Antônio Ferrua e Engelbert Kirchbaum, pelo arquiteto Bruno Apolloni-Ghetti e pelo professor e inspetor das catacumbas Enrico Josi. A equipe responsável pelos trabalhos de escavação estava sob a autoridade do Monsenhor Ludwig Kaas, Administrador da Catedral de São Pedro, que respondia pelo próprio papa. Recomeçados em 1941, os trabalhos de escavação logo deixaram patente que um grande achado arqueológico havia sido alcançado: uma rua de quase dez metros de comprimento repleta de tumbas de ambos os lados. Alguns desses

sarcófagos eram simples estruturas, privadas de qualquer adorno. Outros, entretanto, formavam suntuosas construções, decoradas com pinturas e mosaicos ricamente detalhados, muitos dos quais traziam os nomes de seus respectivos proprietários. Através da cuidadosa análise desses nomes descobriu-se que muitos deles pertenciam a libertos romanos e suas famílias, os quais normalmente tomavam emprestados os nomes de seus antigos senhores. Descobriu-se, a seguir, por algumas inscrições e desenhos nas tumbas que muitos cristãos também haviam sido sepultados naquele lugar.

Segundo Curran, duas coisas intrigaram os escavadores na época. Primeiramente, a maneira como aquela rua de túmulos havia sido destruída. Os tetos dos mausoléus, que se dispunham no sentido leste do Vaticano, haviam sido cortados e muitos outros tinham recebido sobre si paredes estruturais, que percorriam o lugar de norte a sul e que encerravam uma vastidão de terra, calculada em aproximadamente um milhão de pés cúbicos. Investigações posteriores mostraram que tais paredes eram, na verdade, a plataforma de um complexo religioso construído por Constantino sobre a colina do Vaticano por volta de 320 A.D. A rua de tumbas que fora por ele destruída para dar lugar à obra, conduzia exatamente ao subsolo daquilo que seria o altar da catedral.

O segundo detalhe que impressionou a equipe de pesquisadores e que os convenceu de estarem diante de uma grande descoberta foi um grafito em carvão encontrado na parede de uma das tumbas e que rezava *Petrus roga Christus Iesus pro sanctis hominibus Chrestianis ad corpus tuum sepultis*, ou seja, *Pedro, rogue a Jesus Cristo pelo santo homem sepultado próximo a você*. Alertado sobre a descoberta e ciente de sua importância, Pio XII mudou o escopo das escavações, permitindo que elas penetrassem pela região imediatamente abaixo do altar da Basílica de São Pedro, o que, até então, não havia sido autorizado. Após três anos de cuidadosa prospecção os arqueólogos encontraram um átrio contendo quatro tumbas, cuja construção foi datada da segunda metade do segundo século. Embora esta evidência indicasse uma data excepcionalmente antiga para os túmulos, ainda representava um achado de pelo menos três gerações posteriores à data atribuída à morte de Pedro. A equipe do Vaticano decidiu, então, continuar a escavação sob a laje de mármore do átrio, onde descobriram aquilo que passou a ser conhecido como o verdadeiro local do descanso de São Pedro. Trata-se de uma pequena cova de 74 cm de lado por 1,40 m de profundidade, cujas paredes apresentavam sérias avarias. A presença de inúmeras moedas primitivas espalhadas ao redor da laje e oriundas das mais diversas regiões da Europa, indicava que ali havia sido um significativo ponto de peregrinação. Na verdade, as moedas em si não serviam como evidência conclusiva ao achado, já que dentre elas havia algumas

cunhadas ao tempo de César Augusto, morto em 14 A.D., quando Pedro era ainda muito jovem. Mas a tumba escavada ao lado da cova, trazia tijolos com data de manufatura da época do reinado de Vespasianus, ou seja, algo entre 69 e 79 A.D. Ao redor daquele local várias ossadas foram encontradas, algumas delas pertencentes — segundo cientistas — a um homem robusto entre sessenta e setenta anos. Essas relíquias estavam misturadas a restos de um distinto traje púrpura, tecido com fios de ouro.

A ausência do crânio entre os achados não causou espanto entre os arqueólogos, tampouco desapontou o próprio pontífice, pois todos — como fiéis católicos - criam que a cabeça de Pedro estava devidamente guardada na Catedral de São João Latrão, segundo algumas lendas que remontam ao século IX. Estavam, assim, descobertas — segundo John Curran — as relíquias de Pedro, que só viriam a ser oficialmente reveladas ao mundo em 26 de junho de 1968, pelo papa Paulo VI, quase trinta anos após o início das escavações.

Essas importantes descobertas arqueológicas conduzidas pela equipe do Vaticano indicam que o intento do imperador Constantino de conduzir os ossos de Pedro para sua suntuosa Igreja em Constantinopla — como sugere McBirnie — foi trocado pela construção de um santuário dedicado ao apóstolo na Colina do Vaticano em Roma.

A possibilidade dos restos mortais de Pedro terem permanecido na capital ocidental do Império, a despeito dos planos de Constantino, é também defendida por John Holland Smith, em seu livro *Constantine The Great* (p.286).

"Constantino celebrou o trigésimo aniversário de sua ascensão no verão de 335 A.D. Provavelmente as mais significativas cerimônias realizadas em Roma naquele ano foram as que acompanharam o solene traslado dos ossos venerados como relíquias de São Pedro e São Paulo das catacumbas de São Sebastião, onde eram venerados desde 258 A.D., até as basílicas construídas em sua honra no local tradicional de seus martírios, sobre o Vaticano e a Via Óstia."

Não há, portanto, razões históricas para descremos que a colina do Vaticano tenha sido - como reza a tradição - o lugar do martírio e do sepultamento de Pedro até os dias de hoje. Além dos vários testemunhos contidos nos anais da Igreja antiga, a própria origem do Vaticano corrobora essa possibilidade. O bairro que envolvia a famosa colina ficou assim conhecido - segundo antigos escritores romanos — por abrigar, em tempos remotos, muitos prognosticadores ou vaticinadores (lat. *vaticinia*), os quais tornaram-se notórios por suas consultas espirituais aos moradores de Roma. Mais tarde, com a

expansão da cidade, os imperadores Calígula e Nero embelezaram o lugar, transformando-o em esplendorosos jardins. Foi justamente sobre essa colina que Nero, amante dos jogos públicos, mandou construir o *Circus Vaticanus*, onde, em meio à solene *pompa circensis* e às várias atividades atléticas que divertiam a população romana, inúmeros cristãos cruelmente perderam a vida, entre os quais — como dizem as lendas — o próprio Pedro.

O biógrafo apostólico Dorman Newman registrou em sua obra *The Lives and Deaths of the Holy Apostles*, de 1685, uma curiosa descrição do retrato do príncipe dos apóstolos, durante o tempo de seu martírio em Roma (p.21).

"A aparência de São Pedro era a seguinte: seu corpo era esbelto, de estatura mediana para alta. Sua pele clara ou quase branca. A barba encaracolada e espessa, porém curta. Seus olhos eram negros, mas manchados de vermelho pelos freqüentes choros e as sobrancelhas ralas e quase inexistentes."

A controvertida primazia de Pedro e sua suposta relação com o papado

Talvez nenhum outro tema relacionado aos apóstolos seja tão polêmico quanto a questão da primazia de Pedro sobre a Igreja. Arduamente defendida por católicos e veementemente repudiada por protestantes, a primazia petrina é um tema que, ao longo dos séculos, vem despertando discussões acaloradas em muitos segmentos do cristianismo.

Uma vez que nosso propósito aqui não é nos embrenharmos nos detalhes teológicos de controvérsias como essa, desejamos traçar apenas algumas considerações que tragam esclarecimento sobre o tema e que nos permitam analisá-lo em suas linhas gerais, porém com a imparcialidade que ele merece.

Olhando para os Evangelhos e para o Livro de Atos, não temos dúvidas de que Pedro realmente possuía uma inclinação natural para a liderança, e que essa inclinação foi corroborada pelo próprio Senhor Jesus. Como vimos anteriormente, seu nome aparece invariavelmente liderando todas as citações que envolvem a lista dos apóstolos. Muitas vezes o vemos funcionando como uma espécie de porta-voz dos doze. Sua postura no cenáculo nos dias que antecederam o derramar do Espírito e sua ousadia na divulgação da Palavra, logo após o Pente-costes, não deixam dúvidas de que Pedro despontou como um grande líder e um dos que ocuparam a vanguarda do cristianismo em seus primeiros anos.

Entretanto, as mesmas Escrituras que evidenciam sua liderança, mostram também

que ela não era absoluta ou universal, como se pretende nos meios teológicos católicos. Após seu primeiro contato evangelístico com gentios em Cesaréia, por exemplo, Pedro teve de explicar-se diante dos anciões da Igreja de Jerusalém, sobre seu relacionamento com incircuncisos (At 11.1-18). O fato de Pedro e João terem sido *enviados* por esses mesmos anciões em missão à Samaria (At 8.14), para orientar os trabalhos de Filipe, demonstra que ambos apóstolos estavam sujeitos às deliberações desse conselho. Não somente a Bíblia, mas também a tradição eclesiástica sugere que o líder da Igreja de Jerusalém - a primeira a se organizar - foi Tiago, chamado o Justo, meio-irmão de Jesus, e não Pedro. É a esse Tiago que Pedro manda satisfações sobre sua partida de Jerusalém em 44 A. D. (At 12.17). O mesmo Tiago é quem dirige o primeiro concílio da Igreja, em Jerusalém, e dá a palavra final sobre ele (At 15-6-22). Rui Barbosa, em sua obra *O Papa e o Concílio* (p.53-54), comenta o tema:

"Os que buscam vincular a Pedro a soberania do papa começam esquecendo a primeira manifestação coletiva da Igreja Cristã, o concílio de Jerusalém, tipo necessário de todos os outros, no qual a preponderância na definição do ponto controvertido coube, não ao apelidado 'príncipe dos apóstolos', mas a Tiago, bispo da cidade, irmão do Senhor.(...)"

Essa primeira decisão conciliar da cristandade transmitiu-se às igrejas da Síria, Antioquia e Cilícia em nome dos 'apóstolos, anciões e irmãos (apostoli, sêniores, frates), sem que a individualidade particular de Pedro fosse ao menos mencionada ali."

Ademais, adiante nas Escrituras, vemos que a incoerência da postura de Pedro em relação aos gentios de Antioquia deu-se imediatamente à chegada de *alguns da parte de Tiago* (Gl 2.12-14), o que sugere que o apóstolo nutria, até então, receios sobre como repercutia sua posição ante os anciões de Jerusalém, dos quais Tiago era o líder. Além disso, é importante notarmos que, ao comentar sobre o desconcertante episódio de Antioquia, o apóstolo Paulo menciona o nome de Tiago, como coluna da Igreja, anteriormente ao de Pedro e João em Gl 2.9. Para escritores de mente oriental como Paulo, a ordem na menção de nomes geralmente obedece a relação direta do grau de importância ou representatividade de cada um deles.

Outro ponto relevante que não pode ser esquecido na análise da primazia de Pedro é que, em nenhum momento nas Escrituras, vemos a supremacia da autoridade petrina sobre o trabalho de Paulo. Muito pelo contrário, Paulo deixa claro que da mesma fonte donde emana a autoridade apostólica de Pedro, também procede a sua (Gl 2.8).

"Pois aquele que operou eficazmente em Pedro para o apostolado da circuncisão, também operou eficazmente em mim para com os gentios."

Escrevendo aos crentes coríntios que, àquela altura, encontravam-se imersos em grande divisão, Paulo não faz qualquer alusão diferenciada ao grupo que tomara a posição petrina, em detrimento dos demais, como vemos claramente em 1 Co 10-13- Rui Barbosa acrescenta (*op. cit.*, p.54).

"As epístolas de Paulo testemunham que esse principado (o petrino) nunca teve realidade entre os primeiros seguidores de Cristo, e que a fé do apóstolo dos judeus não era menos frágil que a dos outros pregadores da boa nova."

Basicamente, a autoridade bíblica para a doutrina da primazia de Pedro decorre, segundo a teologia romanista, das passagens de Mt 16.13-19 e paralelas, dentre as quais se destaca o episódio narrado por Mateus, onde após as palavras de Pedro que confessam Jesus como o *Cristo, Filho do Deus Vivo*, Jesus replicou:

"Bem-aventurado és, Simão Barjonas, porque não foi carne e sangue quem to revelou, mas meu Pai que está nos céus.

Também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela.

Dar-te-ei as chaves do reino dos céus: o que ligares na terra, terá sido ligado nos céus; e o que desligares na terra, terá sido desligado nos céus."

A interpretação católica desse texto insiste que a pedra sobre a qual Jesus edifica Sua Igreja é o próprio Pedro, o que o tornaria o primaz dos apóstolos e, portanto, bispo monárquico de toda a Igreja. Esquecem-se, entretanto, os teólogos romanistas que há aqui um evidente jogo de palavras no grego original. Jesus chama a Simão *petros*, ou seja, um "pedregulho" ou uma "pe-drinha". Porém diz que sobre *umz petra*, isto é, um "rochedo" ou uma "penha", edificaria Sua Igreja. E mais razoável entendermos, a partir desse texto (e considerando todo o contexto bíblico), que *z.petra* ou o "rochedo" sobre o qual Cristo constrói Sua Igreja é a fé ou certeza divinamente revelada de que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, certeza que, aliás, foi naquele momento revelada ao apóstolo em questão. Em sua primeira epístola Pedro, após chamar a suas ovelhas de *pedras vivas* (2

Pe 2.5), deixa bem claro quem é Aquele sobre o qual o edifício da Igreja está fundamentado.

"Pois isso está na Escritura: Eis que ponho em Sião uma pedra angular, eleita e preciosa; e quem nela crer não será de modo algum envergonhado".

*Para vós outros, portando, os que credes, é a preciosidade; mas para os descrentes, a pedra que os construtores rejeitaram, **essa veio a ser a principal pedra angular.**"*

A mesma idéia aparece também nos ensinamentos epistolares de Paulo, como vemos em 1 Co 3.11.

*"Pois ninguém pode lançar outro fundamento, além do que foi posto, **o qual é Jesus Cristo.**"*

Podemos imaginar, da mesma sorte, que as *chaves do reino dos céus* prometidas por Cristo a Pedro (Mt 16.19) referem-se especificamente ao sinal de poder ou autoridade para "abrir" ou iniciar a propagação da mensagem salvífica entre as nações. Por sinal, vemos o cumprimento desse vaticínio durante o Pentecostes quando Pedro, cheio do Espírito, abriu a porta de ingresso no reino de Deus, ao ministrar com sucesso a Palavra para as multidões que se comprimiam nas ruas de Jerusalém. De fato, após o estabelecimento da Igreja, a honra de ser o primeiro a apregoar a mensagem do Evangelho — abrindo as portas do reino dos céus — coube àquele que, dentre os doze apóstolos, foi o primeiro a reconhecer Jesus como Filho do Deus Vivo.

A primazia de Pedro, como alicerce da estrutura religiosa do papado, representa a personificação do próprio sistema eclesiástico católico e remonta a tempos imemoriais do cristianismo. Firmada como doutrina pelo Concílio de Florença em 1439, a primazia de Pedro tornou-se artigo de fé durante o Concílio Vaticano I em 1870, vindo a ser confirmada pela segunda edição do mesmo concílio, em 1964. Embora não expressasse claramente a supremacia petrina, foi o mestre patrístico Cipriano de Cartago (200-258 A.D.) quem primeiro formulou a doutrina da sucessão apostólica, naquilo em que se aplica a primazia do bispo romano.

Embora a primazia petrina seja alvo de muitas tradições (e contradições) da Igreja pós-apostólica, algumas perguntas importantes devem ser consideradas quando se tem em mente uma análise acurada do assunto. Por exemplo: haveria alguma base bíblica ou histórica realmente sustentável para crer-se que Si-mão Pedro foi o primeiro papa? Teria

ele recebido ou reclamado para si o título de bispo universal *ou pontifex maximus*, exercendo assim a autoridade eclesiástica suprema sobre todo o planeta? Ou ainda, teriam os bispos da sé romana — dele sucessores — gozado de autoridade superior aos líderes das demais comunidades cristãs espalhadas pelo mundo? E o que dizer da própria Roma, teria sua congregação sido fundada por Pedro, ou ainda, teria o apóstolo para lá transferido seu trono, estabelecendo naquela cidade sua primazia sobre a Igreja universal (ou católica)? Respostas adequadas e desapaixonadas para questões como estas são cruciais para a abordagem equilibrada da controvérsia da primazia petrina e sua relação com o papado.

"Petrus Apostoli Potestatem Accipiens", isto é, *aquele que recebe autoridade do apóstolo Pedro*, é o significado atribuído pelos católicos, ao termo "papa", assim como também *Pater Pastor*, ou seja, *o pai dos pastores*. A luz da hermenêutica católica de Mt 16.18-19, ambos significados fazem, realmente, muito sentido. Entretanto, documentos históricos primitivos tornam claro que o termo "papa", inicialmente, não possuía qualquer relação com os significados acima mencionados. "Papa" (ou "papai") era apenas uma expressão carinhosa e reverente dirigida a diversos bispos da Igreja primitiva — e não apenas ao líder romano — celebrizados por sua piedade, devoção e genialidade. É possível encontrar em alguns escritos antigos o termo "papa" dirigido, por exemplo, a Cipriano, bispo de Cartago, ou a Atanásio de Alexandria. Com o passar do tempo, o termo ganhou exclusividade no ocidente, passando a ser empregado apenas para o líder eclesiástico romano, ao contrário do oriente, onde os bispos de várias comunidades cristãs continuaram, por algum tempo, a ser chamados por esse afável tratamento. Emanuel de Moraes acrescenta com muita procedência {*op. cit*, p.240):

"Aproximadamente em dez séculos de cristianismo, tomando-se como marco final o concílio de Roma, promovido por Gregório VII, em 1081, o título de papa - que não se distinguia do nome de bispo - podia ser empregado com relação a todos os chefes das províncias eclesiásticas; só nesse momento passou a ser de uso exclusivo do pontífice da sé romana, e então adquiriu o significado de bispo universal, politicamente equivalente ao do monarca absoluto."

Até a ascensão do imperador Constantino, em 313 A.D., a Igreja primitiva era representada por bispos iguais entre si, tanto em autoridade quanto em função. A partir desta data, entretanto, em razão de várias circunstâncias políticas, o bispo (ou papa) de Roma começou a ser considerado o primeiro entre iguais. Com a transferência da capital

para Constantinopla em 330 A.D., Roma, que sempre fora o centro da autoridade do império, viu seu líder episcopal crescer não apenas em poder espiritual, mas também em influência temporal. Isto aconteceu particularmente em função das invasões bárbaras que começavam a assolar e enfraquecer a autoridade do imperador do Ocidente, que permanecia na cidade. Justo González comenta um dos primeiros fatos que marcaram o surgimento do bispo romano como importante mediador de assuntos seculares (*op. cit.*, Vol. III, p.64).

"Porém, enquanto que no Oriente se duvidava de sua autoridade, em Roma e vizinhanças esta autoridade se estendia até além dos assuntos tradicionalmente religiosos. Em 452 os hunos, sob o comando de Atila, invadiram a Itália e tomaram e saquearam Aquileia. Depois desta vitória, o caminho para Roma estava aberto, pois em toda Itália não existia nenhum exército capaz de barrar-lhes o caminho até a velha capital. O imperador do Ocidente era um personagem débil e sem recursos, e o Oriente [Constantinopla] tinha dado a entender que não prestaria nenhum socorro. Nestas circunstâncias [o papa] Leão partiu de Roma e foi até o acampamento de Átila, para falar com o chefe bárbaro que todos temiam como 'o flagelo de Deus'. Não sabemos o que Leão disse a Átila. Conta a lenda que quando o papa se aproximou, junto dele apareceram São Pedro e São Paulo, ameaçando Átila com uma espada. Em todo caso, fato é que Átila, depois deste encontro com Leão, abandonou sua intenção de atacar Roma, e rumou com seus exércitos para o norte, onde morreu pouco depois."

O papa Leão I volta a intervir em favor de Roma em 455 A.D., tentando salvar a cidade da invasão vândala. Embora não tenha efetivamente conseguido impedi-la, foi ele que, intercedendo junto ao líder vândalo Genserico, obteve uma considerável amenização da violência na tomada da velha capital. O precedente aberto por Leão I de interferir em assuntos de caráter político foi seguido por seus sucessores que, freqüentemente, encontravam-se solitários na condução de uma região tomada pelo caos das invasões bárbaras e pela ausência de um poder político forte, como explica González (*Ibidem*, p.63).

"Quando os bárbaros invadiram o Império, a Igreja do Ocidente começou a seguir um rumo bem diferente da do Oriente. No Oriente o Império continuou existindo, e os patriarcas continuaram subordinados a ele. (...) No Ocidente, entretanto, o Império desapareceu, e a Igreja veio a ser a guardiã do que restava da velha civilização. Por isto

o patriarca de Roma, o papa, chegou a ter grande prestígio e autoridade."

Com Leão I (440 A.D.) começava o discurso de supremacia universal do bispo romano. Pare ele, a autoridade absoluta do líder romano não advinha apenas do fato de Roma ser a antiga capital do Império, mas era parte do plano divino para o avanço do Evangelho no mundo. Esse poder com tentáculos temporais principiado por Leão I foi gradativamente se firmando com seus sucessores, até encontrar no notável Gregório I (590 A.D.) seu apogeu. Gregório I estendeu ainda mais os limites do poder do bispado romano, ao qual enriquecera sensivelmente através de seus hábeis dotes administrativos. Conquanto não reivindicasse explicitamente para si o título de bispo universal, Gregório I deu prosseguimento a expansão do domínio eclesiástico exercido por seus antecessores no trono de Roma.

Algumas importantes questões ligadas à plausibilidade da supremacia do bispo de Roma permanecem sem o devido esclarecimento da parte daqueles que o defendem. Primeiramente, se a sé romana era de fato o centro do cristianismo desde os tempos de Pedro, por que não se sabe quase nada sobre ela até fins do primeiro século? Por que, então, a historicidade das sés de Antioquia, Alexandria e até mesmo Cartago suplantam a da velha capital romana? Se Pedro outorgou suas prerrogativas de líder da Igreja a seus sucessores em Roma, por que as listas dos primeiros bispos locais não são coincidentes ou não tão fidedignas quanto as de outras igrejas contemporâneas suas? Se o bispo romano era realmente o líder absoluto da Igreja desde os primórdios, por que sua opinião não era decisiva nas controvérsias teológicas que marcaram o cristianismo a partir do quarto século?

O bispo de Roma e o título de "Pontífice Máximo"

Com efeito, o fortalecimento temporal dos bispos romanos, a partir do quarto século, fê-los arrogarem para si o título de *Pontificex Maximus* da Igreja. Essa prerrogativa, estranha às Escrituras — tanto quanto o próprio título de papa - não apresenta qualquer relação com a postura ministerial do humilde pescador galileu, mesmo que este tenha exercido — como reza a tradição - o importante bispado de Roma. Embora a Vulgata, a tradução latina de Jerônimo (388 A.D.), tenha tentado "cristianizar" o termo ao empregá-lo, por exemplo, em Hb 9.11 em referência a Cristo, tal título continua associado às suas origens pagas, como reconhece a própria *Catholic Encyclopedia* (p.549):

'Este termo, emprestado do vocabulário da religião paga romana, ainda cedo

encontrou seu caminho no discurso cristão. Lexicógrafos o derivam, ainda que com claras dúvidas, das palavras latinas 'pons' (ponte) e 'facere' (fazer, construir). Se esta derivação for aceita, é fácil vê-la como prontamente aplicável àqueles que fazem uma ponte ou um caminho dos homens a Deus. De qualquer modo, o termo designava, para a religião romana, os membros do concílio de sacerdotes, os quais formavam o Colégio Pontifício, que era considerado a mais alta organização sacerdotal de Roma, e que era presidida pelo '*Pontifex Maximus*'. "



Não se sabe ao certo quando se estabeleceu essa presunçosa aspiração do bispo de Roma. Entretanto, já em 220 A.D., Tertuliano em sua obra *De Pudicitia*, emprega o termo de maneira sarcástica — como era seu estilo — ao referir-se a vários bispos da Igreja primitiva, com a qual rompera anos antes.

Entretanto, o título de *Pontifex Maximus* não foi invenção de líderes episcopais sedentos pela ampliação de seu poder. Na verdade, essa era a prerrogativa do chefe da antiga religião paga romana, desde os tempos da velha república. Os pontífices eram os sacerdotes que supervisionavam o culto, fixavam o calendário e interpretavam a vontade dos deuses, através de sua observação dos acontecimentos diários. Dentre eles, destacava-se o *Pontifex Maximus*, o verdadeiro líder da religião paga romana. Dentre outras funções, o *Pontifex Maximus* era o responsável pela escolha das virgens vestais, sacerdotisas escolhidas dentre nobres donzelas, filhas de importantes famílias romanas. As vestais eram responsáveis pela importante tarefa de manter constantemente acesa a chama sagrada no templo.

E curioso notarmos que o título de *Pontifex Maximus* era também mais uma das várias honras oficiais concedidas aos imperadores romanos. Júlio César foi assim

declarado em 45 a.C. Sua estátua foi colocada nos templos e passou, então, a ser honrado como um deus, Júpiter Julius. Logo depois, em 27 a.C. seu sobrinho, Caius Otavius (César Augusto) ao iniciar o Império, não se satisfiz apenas com as distinções tradicionais dadas pelo senado romano; além de *Pontifex Maximus*, foi também declarado "Augusto", ou seja, uma personalidade divina, inaugurando assim o culto ao imperador, muito comum nos dias apostólicos, especialmente na Ásia Menor.

A ligação entre essa prerrogativa paga herdada pelos imperadores e os futuros bispos de Roma aconteceu com a subida ao trono de Flavius Valerius Constantinus, ou apenas Constantino, o Grande. Muitos historiadores protestantes crêem que Constantino foi o primeiro a contextualizar o antigo título de *Pontifex Maximus*, fazendo-se supremo líder, não do decadente paganismo romano, mas da crescente Igreja cristã. Abriu-se, assim, um precedente aos bispos romanos que o sucederam, especialmente quando, mais tarde, o poder do imperador do Ocidente enfraqueceu e o bispo da velha capital ocupou seu lugar nas ações político-administrativas.

Mas vejamos o que a história desse audacioso imperador do séc. IV tem a elucidar sobre a origem do papado.

Dotado de rara visão e grande arrojo político, Constantino viu no cristianismo uma oportunidade de aglutinação do Império, que já demonstrava sérios sinais de decadência no princípio do quarto século. Nascido em Naissus, na atual Iugoslávia, em cerca de 280 A.D., Constantino era filho de Constantius I, que tornara-se César em 293 A.D., na tetrarquia estabelecida pelo imperador Diocleciano, um dos maiores perseguidores do cristianismo em todos os tempos.

Segundo conta a lenda, Constantino converteu-se à fé cristã durante a batalha em que liquidou seu oponente ao trono, Maxêncio, que a si mesmo se fizera César, controlando a África e a Itália. O imperador, dirigindo-se com suas legiões a Roma, teria vislumbrado nos céus uma cruz com os dizeres *in hoc signo vinces*, ou seja, "sob este signo vencerás". Constantino teria, então, tecido uma cruz com alguns gravetos (o *labarum*) e colocado em sua armadura. Saiu vencedor da peleja que travara contra seu rival naquele dia 28 de outubro de 312 A.D. na ponte sobre o rio Mílvio, tornando-se César do Ocidente ao lado de Licinius. Com a morte de Galerius, soberano no Oriente (311 A.D.) e de seu sucessor Maximinus Daza (313 A.D.), Constantino e Licinius viram-se sozinhos no domínio do império. Logo, ambos soberanos travaram nova guerra na tentativa de herdar o totalidade do império. Constantino venceu Licinius em Crisópolis, no ano 324 A.D., numa guerra tida por muitos como a cruzada do cristianismo — ostentado por Constantino — contra o paganismo de Licinius. A partir de então, Constantino, como

senhor absoluto do Império, passou a envolver-se mais profundamente com os assuntos ligados à fé cristã — da qual se dizia seguidor — convocando e custeando, já no ano seguinte, o famoso Concílio de Nicéia.

Ao longo da história, muito se tem discutido e questionado acerca da conversão desse controverso soberano. É interessante observarmos que, enquanto alguns de seus contemporâneos — como o historiador Eusébio de Cesaréia — exaltaram sua experiência cristã, considerando-a o ponto culminante de toda a história da Igreja, outros a limitaram ao plano da mera manobra política. Mesmo que ambas posições reflitam extremos inverídicos, devemos reconhecer que, se o imperador algum dia de fato tornou-se cristão, é provável que o tenha feito entendendo muito pouco ou quase nada acerca daquilo que professava crer. Pelo menos é o que sugere o fato de ele nunca ter se submetido a uma doutrinação sistemática na fé cristã ou, ainda, ter mantido a observância de alguns rituais pagãos.

Numa carta de sua mãe Helena — a qual parece ter realmente se convertido — vemos que o imperador manteve algumas práticas idolátricas como o culto ao Sol Invicto, mesmo após sua suposta conversão. Outros costumes nada comuns à vida piedosa, porém típicos do paganismo romano, como as sangüinolentas lutas de gladiadores, também foram mantidas pelo imperador dito cristão, vindo a ser extintas apenas no século seguinte.

Outra posição de Constantino que dificilmente se adequaria a um cristão autêntico foi sua recusa em se submeter ao batismo. Na verdade, o imperador chegou a ser batizado, mas apenas em seu leito de morte, pelas mãos de Eusébio de Nicomédia, um herege ariano, a quem Constantino perseguiu por vários anos. Talvez por sua posição politicamente confortável de não estar "oficialmente" unido à Igreja pelo batismo, Constantino tenha sido visto por muitos crentes da época apenas como um simpatizante do cristianismo, de quem não se podia exigir uma postura de maior compromisso com o Evangelho. Assim, seus deslizes éticos podiam ser tolerados — como de fato foram — por muitos dos líderes eclesiásticos de seu tempo, aos quais, aliás, o soberano nunca se submeteu.

Paradoxalmente, se quanto à prática e ao compromisso Constantino demonstrava não estar muito próximo do cristianismo verdadeiro, quanto ao exercício do poder eclesiástico, o imperador tornou-se um exemplo a ser copiado por muitos futuros líderes episcopais de Roma, já há algum tempo ávidos pela absolutização de sua autoridade.

Constantino, o imperador dito cristão mas não batizado, declarou-se o "bispo dos bispos", ou o *Pontifex Maximus* da Igreja! Sob esta ousada prerrogativa, convocou e

custeou o Concílio de Nicéia, em 325 A.D., a fim de equalizar as posições da Igreja diante da controvérsia suscitada pelo herege Ário de Alexandria, que conturbava os meios teológicos da época. Constantino, como *Pontifex Maximus*, não apenas presidiu aquele encontro, como também impôs a decisão acerca da cristologia considerada ortodoxa, defendida pelo célebre Atanásio. Pela primeira vez na história, o cristianismo via o poder secular deliberar sobre suas questões internas. Mas, seus líderes episcopais estavam demasiadamente preocupados em agradar ao imperador supostamente convertido, para perceberem as conseqüências negativas que isso mais adiante traria para a fé cristã. Rui Barbosa acrescenta (*op. cit.*, p.24).

"Estreou-se aí o sacrifício do cristianismo ao engrandecimento da hierarquia. O imperador não batizado recebe o título de 'bispo exterior'; julga e depõe bispos; convoca e preside concílios; resolve sobre dogmas. Já não era mais esta, certo, a Igreja dos primeiros cristãos. Estes repeliriam como sacrilégio as monstruosas concessões ao odioso absolutismo dos imperadores, as homenagens ao déspota que se ensangüentou com a morte de dois sobrinhos, do cunhado, do filho e da mulher, e que, enquanto recebia reverência nas basílicas cristãs, aceitava adoração como Deus nos templos do paganismo. Adquiriu a Igreja a influência temporal; mas a sua autoridade moral decresceu na mesma proporção; de perseguida tornou-se perseguidora; buscou riquezas, e corrompeu-se; derramou sangue para impor silêncio à heterodoxia."

A noção de um líder universal divinamente levantado para reger a Igreja em todo o mundo contagiou grande parte dos cristãos na época, e encontrou no sagaz Constantino sua primeira grande expressão. Seu exemplo inspirou profundamente os futuros bispos de Roma que, à semelhança do imperador, também declaram-se *Pontifex Maximus* da Igreja e passaram a ingerir-se cada vez mais no poder temporal.

De fato, a subida de um imperador dito cristão ao trono romano mudou muita coisa nos rumos da Igreja. Um dos primeiros efeitos foi a interrupção das terríveis perseguições que o estado vinha esporadicamente lançando contra os cristãos. Agora, sob Constantino, podia-se confessar a fé sem se ter a vida ameaçada por isso. Outra importante conseqüência se fez sentir na própria capital do Império, onde o bispo local teve, em função da importância política — e agora religiosa — da cidade, seu prestígio elevado. Por toda a parte a Igreja começou a se estruturar segundo os padrões estabelecidos pelo estado romano. As cidades que tinham jurisdição política sobre outras, logo começaram a ter também jurisdição eclesiástica.

Enquanto a Igreja se romanizava, Constantino colhia os dividendos da religião da qual se fizera líder universal. Como dissemos, o imperador mandou construir em sua nova capital, Constantinopla, a Igreja dos Santos Apóstolos, onde esperava reunir as relíquias dos doze discípulos do Senhor. Vale dizer que esse intento gerou uma busca frenética por restos apostólicos, que estimulou — pelas fantasias que produziu — o misticismo medieval e prejudicou enorme-mente a abordagem científica do paradeiro dos doze discípulos, com a misce-lânea de informações que propagou. Curiosamente, Constantino mandou erigir nessa catedral os túmulos dos doze santos dispostos num semicírculo, ao redor do seu próprio jazigo, num modo soberano de passar para a história como o décimo terceiro apóstolo da cristandade!

Muitas manifestações artísticas da época, como os mosaicos por exemplo, passaram a celebrar a obra de Constantino, identificando-a com a labuta de grandes apóstolos, especialmente Pedro, cujo ministério esteve — de algum modo — ligado à velha capital.

Num desses antigos mosaicos, pode-se ver Jesus Cristo entregando as chaves do reino a Pedro e o estandarte imperial a Constantino! A relação religiosa entre ambos os personagens foi gradativamente se consolidando. Daí ao estabelecimento de Pedro como fundador do pontificado de Constantino — já adotado pelos bispos de Roma — seria uma mera questão de tempo.

O título de *Pontifex Maximus*, de fato, adequou-se às pretensões políti-co-eclesiásticas de Constantino e ao desejo de supremacia nutrido pelos bispos romanos que lhe seguiram. Contudo estabelecer qualquer relação entre essa dignidade e o ministério exercido por Pedro é ignorar um processo histórico irrefutável.

A abordagem sobre o papado, além da análise sobre as conseqüências da ascensão de Constantino, exige ainda outra reflexão histórica importante: a origem da Sucessão Apostólica, uma antiga doutrina que, há muito, é usada para sustentar as aspirações dos bispos romanos.

Para a teologia católica, a sucessão apostólica é a doutrina segundo a qual o apóstolo Pedro, como detentor das chaves do reino e fundador da sé romana, passou adiante sua autoridade universal sobre a Igreja para os bispos (ou papas) que o sucederam naquela cidade, já que ali - segundo a tradição — teria findado seus dias, morrendo como testemunha do Evangelho. Entretanto, o desenvolvimento da sucessão apostólica — levado a cabo pelo bispo Cipriano de Cartago (200-258 A.D.) - não corresponde às origens dessa importante prática adotada pela Igreja primitiva. O que exatamente pretendiam os primeiros cristãos ao pregarem a sucessão apostólica?

Nos primeiros três séculos as ameaças externas à Igreja, como as perseguições infligidas pelo estado, estavam sendo fielmente respondidas pelos crentes com o sangue de seus mártires, vertido nas arenas dos estádios romanos. No entanto, as crescentes ameaças internas, especialmente as heresias, eram assaz mais difíceis de serem solucionadas, pois tratava-se de um inimigo sutil, infiltrado nos intestinos das comunidades cristãs. Uma dessas heresias, o gnosticismo, por sua complexidade doutrinária, esteve - segundo alguns historiadores - muito próxima de prevalecer sobre a ortodoxia cristã.

Não se sabe precisamente quando o gnosticismo penetrou os meios cristãos, entretanto é certo que o tenha feito antes mesmo da entrada do segundo século. As epístolas de João, Judas e do próprio Pedro (especialmente o segundo capítulo de sua segunda epístola), refletem passagens nitidamente *anti-gnósticas*, e constituem prova de que ainda cedo a Igreja teve de lidar com essa doutrina sincretista. Ao tratarmos da biografia de João comentamos sobre aquilo que pensavam e pregavam os gnósticos. Aqui, importa apenas trazermos à luz o fato de que esses hereges clamavam possuir a *gnosis* ou o conhecimento espiritual, secretamente passado por Jesus a algum discípulo, do qual diziam derivar. Assim, ao se outorgarem o título de verdadeiros depositários dos segredos de Jesus, os gnósticos questionavam a própria autoridade da Igreja estabelecida. Foi justamente contra essa posição teológica que a sucessão apostólica foi implementada. Através dela procurou-se assegurar que, se Jesus tinha realmente algum ensinamento secreto, o mais razoável seria crer que o confiaria aos próprios apóstolos, aos quais entregou a direção da Igreja. Os apóstolos, por sua vez, se possuíssem qualquer doutrina secreta, também entregariam àqueles aos quais treinaram para lhes suceder nas comunidades que iam fundando em suas missões, semelhantemente ao que vemos nos escritos de Paulo a Timóteo (2 Tm 2.1-2).

Para provar a inexistência desses ensinamentos secretos que os gnósticos clamavam ter recebido dos apóstolos e desmascará-los em suas pretensões, a liderança cristã daquele período tratou de estabelecer uma cadeia sucessória que ligasse seus bispos aos discípulos de Cristo e aos seus sucessores. Isto não foi, de todo, uma tarefa muito difícil, já que várias igrejas primitivas, entre as quais Éfeso, Antioquia e Roma, possuíam suas próprias listas episcopais. Embora muitas delas não fossem historicamente exatas em sua descrição, conseguiam —*grosso modo*— provar a conexão de seus respectivos bispos com o passado apostólico, conferindo a eles a necessária autoridade para se oporem aos arrogas dos gnósticos que, subitamente surgiam trazendo sua novidade nas igrejas. Tal foi a origem da chamada sucessão apostólica.

No século III, entretanto, por razões basicamente políticas, esse importante mecanismo de defesa da ortodoxia cristã começou a ser transformado num meio de se garantir a supremacia do bispo romano sobre os demais, através de uma ligação documental deste com o apóstolo Pedro, supostamente fundador da Igreja romana e — como diziam — detentor do poder universal sobre a Igreja.

Além de corromper a origem da sucessão apostólica, a teologia romana esquece-se de que mesmo suas listas episcopais — sagradas para a manutenção da sucessão da cátedra petrina — apresentam notórias contradições. Enquanto algumas delas afirmam que Clemente sucedeu a Pedro, outras o apontam como o terceiro da lista, seguindo os nomes dos bispos Linus e Anacletus. Embora isto pareça um detalhe de pouca importância, Justo González acrescenta, de modo pertinente, que *isto é tanto mais digno de nota por termos listas relativamente fidedignas de outras igrejas (op. cit., Vol.III, p.62)*. Além de denotar uma séria fissura na doutrina da sucessão petrina, essa contradição pode ainda significar o indício de que a Igreja de Roma, em seus primórdios, era regida não apenas por um bispo, mas por uma liderança plural ou um colegiado de anciões, tal como outras igrejas primitivas. Essa possibilidade nos parece tanto mais convidativa quanto mais atentamente consideramos a população de Roma que, com seus mais de um milhão de habitantes, por certo abrigou desde cedo numerosas congregações.

Outra questão a ser considerada quando avaliamos a sucessão apostólica como base para a supremacia do bispo romano é a fundação da Igreja de Antioquia da Síria, a primeira fora das terras palestinas. Em At 11.19-26, vemos que a congregação cristã daquela cidade foi iniciada por judeus convertidos foragidos de Jerusalém, em função da perseguição que martirizou Estevão. Barnabé e Paulo estabeleceram-se em Antioquia ainda cedo e ministraram ali pelo espaço de um ano. Antioquia tornou-se, se não o principal, um dos principais centros do cristianismo no primeiro século, sendo a cidade onde os cristãos foram assim denominados pela primeira vez.

Como já vimos, Pedro deve ter partido para lá logo depois de sua saída de Israel, em 44 A.D. Conquanto não haja qualquer prova que garanta a origem petrina dessa comunidade — como querem as igrejas orientais — são muito antigas as tradições que apontam o apóstolo como o primeiro bispo de Antioquia. Antes de deixar a cidade, Pedro teria — segundo as mesmas lendas — entregue o encargo episcopal ao célebre Inácio de Antioquia. Essa possibilidade nos convida às seguintes perguntas: Por que, então, a cadeira sucessória de Pedro não se estabeleceu nesse grande pólo do cristianismo primitivo, onde o apóstolo tradicionalmente exerceu seu bispado, anos antes de aportar em Roma? Se Pedro realmente tivesse a autoridade universal sobre a Igreja não deveria

a sucessão apostólica valer também para os descendentes de seu episcopado em Antioquia, bem mais antigo que o de Roma? Estas questões tornam-se relevantes na medida em que tanto o ministério petrino de Roma como de Antioquia não podem ser provados bibli-camente, tendo apenas a tradição cristã como base de sustentação.

Se a doutrina da sucessão apostólica que acabamos de ver não credencia os arrogos papais, muito menos o histórico da evangelização de Roma, cujo bispado sagrado pela presença de Pedro teria se tornado preponderante ao das demais cidades. Já vimos as incoerências das tradições que atribuem a Pedro o surgimento da sé romana. Na verdade, ao receber a visita do velho apóstolo - em cerca de 60 A.D. - Roma já contava com uma congregação bem desenvolvida e presumivelmente liderada por um colegiado de anciões, e não por um bispo único. Portanto, o ministério de Pedro na capital imperial não diz respeito à fundação de sua sé mas ao seu desenvolvimento e aperfeiçoamento, tal como o apóstolo antes fizera em outras cidades, como Jerusalém, Antioquia e Corinto.

Ademais, quase nada se sabe acerca da Igreja romana até a virada do primeiro século, quando Clemente, bispo local, escreveu sua Epístola aos Coríntios. Se a liderança eclesiástica romana fosse, de fato, dotada da tão propalada primazia universal, a história de suas primeiras décadas certamente não seria marcada por tão grande silêncio. Essa relativa indiferença da história eclesiástica com os primórdios da sé romana explica-se pelo fato de que o centro do cristianismo primitivo estava no Oriente, em cidades como Jerusalém, Antioquia e Alexandria e não na parte ocidental do Império. Mesmo no Ocidente, de fala latina, o bispado de maior importância não era Roma, embora fosse a cidade mais importante do mundo, mas sua rival histórica Cartago, na África.

A estranheza de que o possível martírio de Pedro em Roma tornasse essa cidade — marcadamente paga — o centro do cristianismo no mundo, é comentado por Rui Barbosa (*op. cit.*, p.55).

"Roma nem pela Antigüidade, sequer, podia prevalecer sobre as outras sés. Antecedem-na as de Jerusalém, Éfeso, Antioquia e Corinto. O título de apostólica, reservado hoje exclusivamente à daquela cidade, Tertuliano atesta-nos que se aplicava a todas as igrejas, quer instituídas pelos apóstolos, quer ramificações dessas. Pode-se até dizer que chegou a tocar indistintamente a todas as metrópoles episcopais; e, ainda no século IV, os bispos orientais denominavam a Igreja de Jerusalém 'mãe de todas as igrejas'."

De fato, se a Igreja cristã como um todo, necessitasse de uma capital terrena, seria biblicamente lógico se supor que este título se atribuiria a Jerusalém, onde se cumpriram os oráculos do Senhor e de onde a fé cristã irradiou para todo o mundo, como mostram as Escrituras (Is 2.3b).

"Porque de Sião sairá a lei, e a palavra do Senhor de Jerusalém. "

Rui Barbosa continua sua demolição da tese de que a Igreja de Roma reinava soberana sobre a cristandade, nos primórdios do cristianismo (*op. cit.*, p.55,57).

"Sob a unidade moral de uma adesão comum à fé cristã, cada Igreja nacional vivia e desenvolvia-se com autonomia completa. A par de Roma, floresciam, com uma exuberância de seiva, com uma abundância de personalidades notáveis, com uma influência moral e real incomparavelmente maiores, as igrejas do Oriente, a da África, a das Cárias, a de Espanha. Nenhuma tributava preito de vassalagem aos bispos romanos. O título de 'papa', simples honraria então, dirigia-se indiferentemente a todos os diocesanos, como ainda no século III, o endereçou o clero romano mesmo a São Cipriano, bispo de Cartago.

Nenhuma preeminência, portanto, de jurisdição, quanto mais de doutrina, lograva a capital da Itália; porque todos os distritos eclesiásticos eram membros independentes e iguais de uma comunhão superior, onde todos os chefes espirituais desvaneciam-se de 'vigários de Cristo'.(...)

Não só Roma não exercia então superioridade alguma, como, em mais de um sucesso, a vemos em manifesta inferioridade para com outras igrejas, nomeadamente a de África. Haja vista a escandalosa competência entre Cornélio e Novaciano, em meados do século III. Nessa luta, que dividiu o mundo cristão entre dous rivais, ambos pontífices em Roma, a resolução do sínodo romano, que deliberara em favor de Cornélio, excomungando o outro, não teve aceitação definitiva na cristandade, enquanto o sínodo cartaginês, mediante demorado exame e audiência dos bispos africanos testemunhas e co-participantes na eleição do papa, a não apurou e termi-nantemente admitiu. Pela mesma época, mais ou menos 253, os dous bispos espanhóis de Mérida e Leão, Marcial e Basilídio, depostos por um sínodo provincial, sob a imputação de haverem traído a fé durante a perseguição de Gallo, tinham sido reintegrados pelo papa Estevão, para quem apelaram. Mas um sínodo, reunido por Cipriano na metrópole de África, anulou o ato de Estevão, confirmando o sínodo espanhol."

Como se vê, claro está que a alegada primazia de Pedro e a conseqüente preeminência do episcopado de Roma nada tem de genuinamente histórico e muito menos de apostólico. Trata-se de uma aspiração estranha aos princípios neotestamentários, e que acabou por perpetuar a ânsia de dominação universal dos cézares romanos, agora sob uma roupagem cristã. Com efeito, a doutrina da supremacia petrina, com as circunstâncias propiciadas pela ascensão de Constantino, tornou-se um trunfo nas mãos de uma cúpula religiosa que, favorecida por sua localização geopolítica, tomou emprestado o nome de um dos mais importantes apóstolos da cristandade para cancelar seus planos temporais de hegemonia.

Pedro, o príncipe dos apóstolos

E necessário ressaltar que a impropriedade histórica da primazia de Pedro — e de seus sucessores em Roma — em nada diminuiu o mérito deste galileu que foi, sem dúvida alguma, o mais destacado dos doze apóstolos.

Talvez Pedro não tivesse o preparo intelectual do contabilista Mateus, nem o ímpeto revolucionário do valente Simão Zelote; é provável que lhe faltasse também a capacidade reflexiva de João Zebedeu, o arrojo de Tiago Maior e a perspicácia de Tomé. Mas, por certo, sobejava-lhe um desejo incontido de investir sua vida na causa de Cristo, ainda que isso custasse seu próprio sangue. Como, de fato, custou.

Pedro não foi, nem jamais pretendeu ser, o *Pontifex Maximus* da Igreja; mas se pode dizer seguramente que ele foi o primeiro dentre os apóstolos. Ninguém que tenha diante de si as páginas do Novo Testamento pode negar isso, pois os Evangelhos e Atos estão repletos da presença desse ex-pescador, assim como de suas afirmações, suas contradições, seu entusiasmo e sua paixão pelo Senhor.

Por vezes, encontramos nele o perfil de alguém forte, inspirado, um visionário sensível à voz de Deus. Diante do milagre da multiplicação dos peixes, nenhum dos presentes foi tão tocado pelo senso de majestade e santidade de Cristo, senão aquele que, prostrado diante do Mestre, confessou "*Senhor, retira-te de mim, porque que sou pecador*" (Lc 5.8). Quando, após duro sermão, muitos se escandalizaram e se afastaram de Jesus, Pedro foi quem traduziu em palavras o sentimento dos remanescentes: "*Senhor, para quem iremos? Tu tens as palavras da vida eterna*" (Jo 6.68). Qual dos doze, senão Pedro, reuniria coragem e fé suficientes para propor àquele que se aproximava caminhando sobre o mar tempestuoso: "*Se és tu, Senhor, manda-me ir ter contigo, por sobre as águas*" (Mt 14.28)? Quando, certa vez, os doze foram inquiridos sobre o que

pensavam de seu Mestre, foi a Pedro que o Pai revelou aquilo que a mente humana não pode alcançar: *"Tu és o Cristo, o Filho do Deus Vivo"* (Mt 16.16). Haveria dentre os discípulos alguém mais auto-confiante e impulsivo que aquele que garantiu: *"...Senhor, estou pronto a ir contigo, tanto para a prisão, como para a morte"* (Lc 22.33)? Quem, senão o rude galileu, seria o primeiro a romper com o medo e o silêncio de várias semanas e bradar aos judeus durante a celebração do Pentecostes: *"Arrependei-vos..."* (At 2.38)? Como não nos impressionarmos com o destemor com que ele retrucou às autoridades religiosas que, pouco antes, levaram seu Mestre à cruz: *"...Antes importa obedecer a Deus do que aos homens"* (At 5.29)?

Mas, qualquer perfil que tentemos traçar de Pedro, por certo, não estaria completo sem considerarmos suas fraquezas e suas contradições. Pouco depois da maravilhosa confissão em Cesaréia de Filipe, lá estava ele recebendo do Mestre dura reprimenda por deixar-se ser usado pelo diabo (Mt 16.23).

No jardim do Getsêmani, tomado pelo sono, não consegue sequer compartilhar os momentos de aflição com Aquele por quem garantia seguir até a morte (Mt 26.40). Por fim, lançado em grande vitupério por sua própria fraqueza, nega repetidamente seu Senhor diante de várias testemunhas (Mt 26.74).

Quantos contrastes estão presentes em Pedro! Em nenhum outro personagem neotestamentário há tanto o que se admirar e, ao mesmo tempo, tanto o que se repudiar. Nenhum outro reúne tantas virtudes e tantos defeitos, tanta valentia e tanto temor; a nenhum deles Cristo dirigiu tantos louvores, nem tantas palavras de repreensão.

Talvez a razão maior de nossa atração por esse ex-pescador não seja tanto sua inegável capacidade de liderança e sua iniciativa, atestadas nos Evangelhos. Tampouco seus feitos e conquistas para a Igreja, também registradas na tradição posterior. Tudo isso é, obviamente, assaz admirável em Pedro. Mas, talvez o que mais nos apaixone nele seja o fato de sua personalidade ambígua, contrastante e — por vezes — chocante retratar fielmente as oscilações da natureza humana. Cada um de nós encontra muito de si mesmo em Simão Pedro. Às vezes — é verdade — nos assemelhamos ao Pedro das águas tempestuosas; ante o menor sinal do Mestre, aceitamos desafiar até mesmo o impossível pelo reino de Deus! Outras vezes, submetidos por nossas faltas e nossos pecados, somos como o medroso e perjuro galileu nos átrios de Caifás. Pedro é, pois, antes de tudo, um retrato fiel de todo cristão.

Há, por certo, muito o que se aprender com a experiência desse apóstolo. Poder-se-ia escrever muitos livros sobre ela sem jamais esgotá-la, tal a sua riqueza e profundidade. Contudo, três de seus aspectos vale a pena ser destacar, ao concluirmos a

abordagem desse campeão da cristandade. Primeiramente, vemos em Pedro como Deus realmente *"...escolheu as coisas loucas do mundo para envergonha os sábios; e (...) as coisas fracas do mundo para envergonhar os fortes"* (1 Co 1.27). Pois, quem jamais pensaria que este rude pescador seria um dos principais ministros de uma fé que nem a poderosa Roma conteria? Quem imaginaria que seus feitos e seus ensinoss ecoariam por todo o mundo, transformando mentes e corações quase dois milênios após sua morte?

Em segundo lugar, ávida do discípulo Pedro nos ensina o quanto erramos quando nos estribamos em nossa própria virtude ou coragem ao tentarmos servir o Senhor. Os altos e baixos de sua vida discipular são prova disso. Por mais virtuosos que sejamos ou por mais dispostos e sinceros que estejamos em nossa devoção, não iremos muito longe sem a unção celestial, sem a capacitação que vem do alto. Quando, após a ressurreição de Cristo, o velho apóstolo certificou-se dessa realidade, tornou-se irresistível na obra do Senhor!

Mas, acima de tudo, Pedro nos ensina sobre as riquezas da misericórdia de Deus para conosco e sobre a possibilidade de sermos plenamente restaurados, quando arrependidos de nossas falhas. As lágrimas amargas que derramou após a tríplice negação de seu Mestre na casa de Caifás expressaram justamente seu desespero por temer jamais ser recuperado para o serviço de Cristo. Afinal, qual é a diferença essencial entre o delator e o perjuro? Pedro sabia sobre o fim de Judas e temia que semelhante amargura o vencesse. Mas ele estava enganado, afinal *"...se o nosso coração nos acusar, certamente Deus é maior do que o nosso coração, e conhece todas as cousas"* (1 Jo 3.20). A imensurável clemência de Deus encontrou no coração despedaçado de Pedro aquilo não encontrara em Judas Iscariotes.

Um dos aspectos que marcaram o ministério do apóstolo foi, sem dúvida, a questão dos convertidos dentre os gentios. Essa era uma controvérsia muito séria para um judeu como Pedro. Pode-se ver sinais desse conflito interior tanto em Atos como nas epístolas paulinas. Coleman explica a dimensão do problema para o velho apóstolo (*op. cit.*, p.71-72).

"Pedro, longe de ser um cristão inconstante, sofreu grandes tormentos de consciência. No decorrer da vida ele meditou continuamente no problema dos convertidos gentios. Perante o concílio de Jerusalém (At 15) o apóstolo defendeu o pleno direito deles. Mas, outras vezes ele tinha pensamentos diferentes que o faziam sofrer.

As faces sorridentes dos cristãos gentios faziam-no disposto a aceitá-los. Por certo a visão que recebeu de Deus o impulsionava (At 10.9-16). Não obstante, seus fortes

escrúpulos continuavam a remorder.

Em algum ponto ao longo do ministério de Pedro, ele e Paulo desavieram-se por causa do problema. O pescador havia regressado e agora rejeitava a aceitação plena dos gentios. Paulo diz-nos que lhe resistiu face a face em virtude do problema (Cl 2.11-14)."

A despeito desse conflito, Pedro prosseguiu vigoroso em toda sua vida como mensageiro do Evangelho, exercendo uma das lideranças mais pujantes da história da Igreja. Os relatos que a tradição preservou de suas jornadas missionárias por certo não refletem senão uma ínfima parcela de seus empreendimentos pelo reino de Deus. Provavelmente nunca saberemos se Pedro, de fato, realizou a tradicional missão à Britânia, se evangelizou os judeus da Babilônia ou se enviou missionários à Germânia. Talvez nunca cheguemos a conhecer a extensão de seu trabalho em Antioquia e Corinto ou se participou da evangelização da Ásia Menor, onde outros apóstolos já trabalhavam. Teve ele, realmente, acesso às autoridades romanas durante seu ministério na capital imperial? Ou, ainda, teria o apóstolo alcançado outras regiões mais distantes, ignoradas pela tradição? Talvez os esforços arqueológicos venham, um dia, responder algumas dessas perguntas. Enquanto isso, nos confortamos em saber — quer pelas Escrituras, quer pela tradição crista — que este pescador tornou-se certamente um dos maiores exemplos a serem seguidos por aqueles que professam o nome de Cristo.

A Deus — e somente a Ele — seja toda a glória!

BIBLIOGRAFIA

ABRAHAM, Rev.T.P., *TheMarThoma Church:AnHistoricalSketch*.

ANTRESSIAN, Assadour, *Jerusalém andtheArmenians*, Jerusalém: St. James Press, 1969.

ARCHER, Gleason L., *EncyclopediaofBibleDifficulties*, Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1982.

ARRUDA, José Jobson de A., *História Antiga e Medieval*, São Paulo: Editora Ática.

ATIYA, Aziz S., *A History ofEastern Christianity*, Londres: Mathuen & Co. Ltd., 1968.

Atlas da História do Mundo, São Paulo: Empresa Folha da Manhã, 1995-

BARCLAY, William, *The Masters Men*, Londres: SCM Press Ltd, 1970.

Bíblia Anotada por Scofield, A, Sociedade Bíblica do Brasil e Imprensa Batista Regular do Brasil.

Brief Notes on The Armenian Patriarchate ofjerusalem, Patriarcado Armênio de Jerusalém, Jerusalém: St. James Press, 1971.

BUCKLAND, A.R., *Dicionário Bíblico Universal*, Miami: Editora Vida, 1987, 2ª edição.

CASELLI, Giovanni, *o Império Romano e a Idade Média*, São Paulo: Ed. Melhoramentos, 1992.

CAIRNS, Earle E., *o Cristianismo Através dos Séculos*, São Paulo: Ed. Vida Nova, 1988, 2ª edição.

CARSON, D.A./ MOO, D.J./ MORRIS, Leon, *Introdução ao Novo Testamento*, São Paulo: Edições Vida Nova, 1992.

COLEMAN, William L., *Doze Cristãos Intrépidos*, Deerfield: Editora Vida, 1991, 3ª edição.

COLEMAN, William L., *Manual dos Tempos e Costumes Bíblicos*, Venda Nova: Editora Betânia, 1991.

CONDE, Emílio, *Tesouro de Conhecimentos Bíblicos*, Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 1987.

COTTRELL, Leonard, *SeeingRoman Britain*, Londres: Pan Books Ltd., 1967.

CURRAN, John, *The Bonés ofSaint Peter?* Belfast.

DANIELOU, Jean/ MARROU, Henri, *The Christian Centuries*, Londres: Datton, Longman &Todd, 1964.

Encyclopedia eDiccionario Internacional, Rio de Janeiro-Nova York:, WM, Jackson,

Inc.Editors

EUSEBIO, *Eusebius' Ecclesiastical History*, Grand Rapids: Baker Book House, 1962.

FILSON, Floyd V, *Opening the New Testament*, Philadelphia: The Westminster Press.

FRANK, *Harns Thomas, Atlas of the Bible Lands*, Maplewood: Hammond Inc, 1984.

GHIBERTTI, Giuseppe/ LÀCONI, Mauro/ MAGGIONI, Bruno/ SEGALLA, Giuseppe, *Jesus*, Rio de Janeiro: Sistema Jornal do Brasil, 1986, vol. I, lie III.

GOODSPEED, Edgard J., *The Twelve*, Philadelphia: The John C. Wiston Co., 1967.

GONZALEZ, Justo L., *Uma História Ilustrada do Cristianismo*, São Paulo: Edições Vida Nova, 1986, 3ª edição, Vol. I, II e III.

GUNDRY, Robert H., *Panorama do Novo Testamento*, São Paulo: Edições Vida Nova, 1985, 3ª edição.

GUTHRIE, Donald, *The Apostles*, Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1992.

HELL, Verae Hellmut, *The Great Pilgrimage of the Middle Ages*, Nova York: Clarkson N. Potter, Inc., 1964.

HOEVER, Hugo, *Pifes of the Saints*, Nova York: Catholic Book Publishing Co., 1967.

HOPHAN, Otto, *The Apostles*, Londres: Sands & Co., 1962.

JAMERSON, Anna, *Sacred and Legendary Art*, Boston e Nova York: Houghton, Mifflin & Co., 1967, terceira edição, Volume I.

JANUS, o *Papa e o Concílio*, Rio de Janeiro: Elos, 3ª edição.

JONES, John D., *The Apostles of Jesus*, Grand Rapids: Kregel Publications, 1992.

JOWETT, George F., *The Drama of the Lost Disciples*, Londres: Covenant Publishing Co., Ltd., 1970.

KESKIN, Naci, *Ephesus*, Istanbul: Keskin Color Ltd. Co. Printing House.

KNIGHT, A./ ANGLIN, W., *Historiando o Cristianismo*, Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 1983, 2ª edição.

LOCKYER, Herbert, *Ali Men of the Bible*, Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1995.

McBIRNIE, William S., *What Became of the Twelve Apostles*, Upland: 1963.

McBIRNIE, William S., *The Search of the Twelve Apostles*, Wheaton: Living Books, 1973, 9ª edição.

MOO, Douglas J., *Tiago — Introdução e Comentário*, São Paulo: Edições Vida Nova e Editora Mundo Cristão, 1990.

MORAES, Emanuel de, *A Origem e as Transformações do Estado*, Rio de Janeiro: Imago Ed., 1996, vol. II.

MUNDADAN, A. Mathias, *Sixteenth Century Traditions of St. Thomas Christians*, Bangalore: Dharmaram College, 1970.

NEWMAN, Dorman, *The Lives and Deaths of the Holy Apostles*, Londres: Kings Arms in the Poultry, 1685.

NIV Study Bible, The, Grand Rapids: Zondervan Bible Publishers, 1985.

PAPADOULOS, S., *Patmos*, Atenas: Mosteiro de São João Teólogo, 1962.

PFEIFFER, Charles F./ HARRISON, Everett E, *Comentário Bíblico Moody*, São Paulo: Imprensa Batista Regular: 1983, vol. IV e V.

PNEUMATIKAKIS, Hariton, *The First-Called Apostle Andrew*, Atenas: Alexander Matsoukis, Inc., 1971.

RIENECKER, Fritz/ ROGERS, Cleon, *Chave Lingüística do Novo Testamento Grego*, São Paulo: Edições Vida Nova, 1985.

SCOTT, Benjamin, *As Catacumbas de Roma*, Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 1982, 4ª edição.

SHARP, Mary, *Traveller's Guide to Saints in Europe*, Londres: The Trinity Press, 1964.

SHEDD, Russell P, *o Mundo, a Carne e o Diabo*, São Paulo: Edições Vida Nova, 1995, 2ª edição.

SMITH, Ashbury, *The Twelve Christ Chose*, Nova York: Harper & Bros, 1958.

SMITH, William, *A Dictionary of the Bible*, Nashville: Thomas Nelson Publishers.

STAGG, Frank, *o Livro de Atos*, Rio de Janeiro: JUERP, 1982.

TASKER, R.V.G., *Mateus — Introdução e Comentário*, São Paulo: Edições Vida Nova e Editora Mundo Cristão, 1990.

TAYLOR, J.W., *The Coming of the Saints*, Londres: The Covenant Publishing Co., Ltd., 1969.

TENNEY, Merrill CV PACKER, J. I./WHITE Jr., William, *Vida Cotidianos Tempos Bíblicos*, Deerfield: Editora Vida, 1990, 4ª edição.

THEODORET Jerome/GENNADIUS. Pufinus, *The Nicene and Post-Nicene Fathers, Wm. B. Grand Rapids: Eerdmans Publishing Co., 1969, Volume III.*

Thompson Chain-Reference Bible, The, Indianapolis: B.B. Kirkbride Bible Co., 1964.

TOKSOZ, Cemil, *The Glories of Ephesus*, Istanbul: Basildigi Tarih: Nisan, Apa O Eset Basimevi, 1967.

CONTRACAPA

Finalmente, o livro que faltava! "Doze Homens, Uma Missão" é uma obra oportuna que certamente vai preencher um hiato na literatura cristã brasileira. O autor é meu amigo pessoal. Aramis DeBarros, com muita percepção, critério e seriedade, desvenda - através de uma linguagem acessível e uma narrativa cativante - muitos dos mistérios relacionados à vida de cada um dos doze escolhidos de Cristo. Ao ler sobre o zelo, a fidelidade e o sacrifício dos apóstolos do Senhor - tratados com tanta acuidade nessa obra - creio que a vida do leitor não será mais a mesma.

Pr. James Victor Cardoo

Diretor da Missão SCM (Scripture Gifted Mission) no Brasil

Recentemente, retirei-me a fim de compor as músicas para meu próximo CD. Normalmente, tomo comigo apenas o violão, um gravador e minha Bíblia. Jesta vez, porém, levei também uma cópia original de "Doze Homens, Uma Missão", de meu caro amigo Aramis DeBarros. Tive a honra de ser um dos primeiros a conhecer essa interessante obra literária.

A princípio, cuidei estar diante de mais um livro corriqueiro sobre a biografia de heróis bíblicos. Mas, à medida que lia sobre a vida dos apóstolos de Jesus - aqui focalizada com toda; clareza - minha própria vida ia sendo tocada sensivelmente. O resultado disso foi a inspiração para uma das músicas que compus na ocasião: "Marcas de Valor".

Penso que experiências semelhantes ocorrerão com muitos outros que, ao lerem "Doze Homens, Uma Missão" poderão conhecer, de modo mais íntimo, o testemunho de homens que andaram com Deus e que se constituíram num referencial ímpar de fé para todos nós.

Pr. Paulo Cezar

Grupo Logos

Enfim, parablenzo ao amigo Aramis DeBarros e recomendo a leitura atenta de seu trabalho. Não encontrei praticamente nenhum motivo para discordar de suas posições aqui representadas. Penso que esta obra literária será recebida com muito sucesso, tanto dentro como fora dos meios cristãos. Isso deve, inclusive, encorajar o autor a escolher

outro tema interessante para dirigir suas futuras pesquisas. Baseado neste primeiro livro, acredito que seus leitores aguardarão ansiosamente outras obras neste estilo. A Deus toda a glória!

Russell P. Shedd, Ph.D.